

ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

VOLUME X
1985



BELO HORIZONTE



ANUAL

ARQUIVOS DO MUSEU HIST. NAT. UFMG

BELO HORIZONTE

VOL.10

1985/86

ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL
DA UFMG

VOLUME X - 1985

Universidade Federal de Minas Gerais
Museu de História Natural



BELO HORIZONTE

ANUAL

ISSN - 0102-4272

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Indexado por/Indexed by

- Biological Abstracts
- Bulletin Signalétique. Part 525 : Préhistoire et Protohistoire

Toda correspondência sobre assuntos ligados aos "Arquivos do Museu de História Natural da UFMG" deverá ser endereçada à Comissão Editorial/All correspondences about editorial matters, subscriptions, changes of address and claims for missing issues should be sent to the Edit.

Arquivos do Museu de História Natural da UFMG
Rua Gustavo da Silveira, 1035
Caixa postal 2475 (CEP. 30000)
CEP. 31080 - Belo Horizonte - MG - Brasil
Fones: (031) 4617830 e (031) 4617666

CORPO EDITORIAL

André Prous

José Luiz Pedersoli

Ronaldo Teixeira

Sérgio Ypiranga de Souza Pinto

Arquivos do Museu de História Natural da UFMG. Belo Horizonte, UFMG, 1974-

v. 11. 27cm

Periodicidade: anual

Título anterior: Arquivo do Museu de História Natural, 1974-1984

ISSN 0102-4272

1.Ciências Naturais - Periódicos. 2 Antropologia-Periódicos. 3.Arqueologia - Periódicos. I.UFMG. Museu de História Natural.

CDU - 502

572

930.26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, por Wolney Lobato.....	7
APRESENTAÇÃO, por André Prous.....	9

PRIMEIRA PARTE

BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

Análise bibliométrica da literatura de Arqueologia brasileira, por Alfredo Mendonça de Souza.....	13
Arqueologia Brasileira: Bibliografia Geral - II, por André Prous & Heliane Aparecida Diniz Ribeiro.....	46
Contribuição de P. W. Lund à Arqueologia europeia e brasileira, por Ella Hoch & André Prous.....	170

SEGUNDA PARTE

ARTE RUPESTRE DE MINAS GERAIS

INTRODUÇÃO	180
Exemplos do aproveitamento de dados de prospecção numa perspectiva de análise espacial, por Maria Elisa Castellanos Solá	181
Exemplos de análises rupestres punctuais, por André Prous...	196
Os "péss" gravados das grutas e abrigos da região de Montalvânia, por Nívea Leite.....	225
Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG, Belo Horizonte. 10:	

Comentários sobre as experiências de análise, por André Prouse... 246

TÉRCEIRA PARTE

ARTIGOS DIVERSOS

- Uma coleção de vestígios da cultura Kon'duri, por Carlos Magno Guimarães..... 252
- O fabrico artesanal de telha colonial, por Paulo Alvarenga Junqueira..... 289
- Novas informações sobre os sambaquis fluviais do Estado de São Paulo, por Guy Collet..... 311

QUARTA PARTE

ZOOLOGIA

- Gobiesociformes brasileiros, por Victoria Brant..... 326
- Anguilliformes brasileiros, por Victoria Brant..... 339

RESENHAS

- C. Dubelaar: *The petroglyphs in the guianas*
- C. Dubelaar: *South American & Caribbean Petroglyphs*, por André Prouse..... 373

Com a presente publicação o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, depois de um grande esforço, atualiza a sua série "ARQUIVOS".

No período de 1983 à 1986 os volumes publicados reuniram resultados da pesquisa científica desenvolvida durante dois anos. Esta foi a maneira mais rápida encontrada para colocar em dia a série. Agora "ARQUIVOS" pretende lançar anualmente os resultados da pesquisa científica desenvolvida no âmbito deste Museu.

Temos a convicção de que a série atualizada estimulará o intercâmbio Técnico-Científico.

Foi fundamental, para alcançar essa atualização, o apoio recebido da Reitoria da UFMG, através do Magnífico Reitor Cid Velloso, das suas pró-Reitorias e da Imprensa Universitária.

PROF. WOLNEY LOBATO

Diretor do Museu de História Natural da UFMG

A revista é resultado da iniciativa de pesquisadores do Museu de História Natural. A edição é realizada, ao custo de R\$ 100,00 (R\$ 100,00), com o apoio da Diretoria de Pesquisas e Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta edição, intitulada "Revista de Arqueologia e Etnologia da UFMG", é composta por artigos científicos e teóricos desenvolvidos por pesquisadores da comunidade científica.

Este é o resultado da iniciativa de pesquisadores da UFMG que desejam divulgar suas pesquisas dentro da comunidade científica. É com este objetivo que os autores da revista se comprometem a fornecer contribuições de alta qualidade para a comunidade científica (como se reflete na introdução da revista), da qual fazem parte os pesquisadores da UFMG, bem como os estudantes de pós-graduação da UFMG, que é a base da revista.

APRESENTAÇÃO

Com a publicação do número X dos Arquivos do Museu de História Natural, consideramos que esta revista tenha-se consolidado esperando que continue merecendo o apoio das autoridades da UFMG e o reconhecimento da comunidade científica.

Prosegue assim, a divulgação dos trabalhos realizados por pesquisadores da UFMG ou por correspondentes e colaboradores.

Iniciamos com um levantamento da bibliografia recente sobre a Arqueologia brasileira, (o qual complementa a lista publicada nos Arquivos IV/V) acompanhado por uma análise quantitativa das citações e de uma avaliação bibliométrica das principais revistas.

Documentos inéditos no Brasil sobre a atuação de P. Lund, no início do século XIX, trazem uma contribuição ao conhecimento dos primórdios da literatura arqueológica no Brasil.

Em seguida, vem uma série de ensaios sobre arte rupestre mineira, preparados para serem apresentados na ocasião de duas reuniões científicas.

Uma terceira parte é formada por artigos que tratam da pré-história de outros estados ou de cultura popular: estudos de cerâmica arqueológica (Konduri) e neobrasileira (Alto Médio São Francisco) foram realizados por pesquisadores da UFMG, enquanto abrimos esta revista a correspondentes de outras instituições. É assim que novas informações sobre os sambaquis fluviais paulistas, (incluindo as primeiras datações sobre este tipo de sítio) completam os artigos publicados nos Arquivos nº 2, aproveitando as prospecções da Sociedade Brasileira de Espeleologia.

Na última parte, retoma-se a divulgação interrompida desde o volume I dos Arquivos, das pesquisas realizadas no campo da Zool-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10.

ologia pelo Setor de Ictiologia do Museu de História Natural. A partir do próximo número (nº XI, ano 1986), os Arquivos, serão normalizados, seguindo orientação da Biblioteca Central. Para tanto, realizamos algumas modificações e fornecemos aos futuros colaboradores da Revista as instruções para apresentar os manuscritos.

É com a satisfação de ter contribuido a tornar os Arquivos um instrumento de trabalho reconhecido pesquisadores (como se verifica pela leitura do artigo de A. de Souza), que entregamos este volume à gráfica da UFMG, agradecendo particularmente ao Prof. Wolney Lobato, Diretor do Museu de História Natural, pelo total apoio e incentivo, sem o qual esta publicação nunca teria sido realizada.

Coordenador da publicação

I^a PARTE

BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

BIBLIOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

I - PARTE

ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

Alfredo A. C. Mendonça de Souza*

I - INTRODUÇÃO

Muito embora alguns cientistas tenham-se manifestado publicamente contra aquilo que classificam como *um abuso* do uso de citações na avaliação da produção de dada comunidade científica, é fato incontestável que não há ciência aonde não existe literatura científica, pois o processo de comunicação dos resultados é vital para o seu desenvolvimento. Conquanto se possa, até, argumentar em favor da posição de mestre, orientador, ou disseminador informal, que este-aquele pesquisador possa deter, o fato é que sem divulgação formal dos resultados, estes passam a ser *propriedades* daqueles que ocupam posições destacadas na estrutura da comunidade científica, e estas informações tornam-se impossíveis de serem recuperadas. Quando isto ocorre, a ciência está em crise, não há renovação de pesquisadores, a estagnação é geral. Portanto, publicar é um imperativo de todo cientista, e é esta, ainda, a melhor forma de analisar-se a produção científica, daí porque os estudos bibliométricos virem adquirindo, a cada dia, mais relevância, servindo de base, inclusive, à formulações dos planos nacionais de desenvolvimento científico e tecnológico.

No que diz respeito às análises de citações, no entanto, outras críticas podem, ainda, ser formuladas. Como observa GARFIELD (1979:359), em geral, os adversários destes estudos argumentam que a contagem de citações incluem um número excessivo de citações ne-

* Arqueólogo no RA/ISCB, mestrandando em Ciéncia de Informação, IBICT/CNPq/UFRJ.

gativas ou refutações, auto-citações, e citações a textos metodológicos ou de apoio, além do problema ainda não claramente equacionado de como avaliar artigos com mais de um autor. GARFIELD (op. cit: 372) refuta tais questionamentos, reafirmando que quanto maior e mais complexa torna-se a empresa científica, e sua importância para a sociedade torna-se mais crítica, mais difícil, caro e necessário torna-se avaliar os principais pesquisadores. E esta é uma tarefa que a análise de citações pode resolver adequadamente e a baixo custo.

De fato, tais objeções não resistem a uma análise criteriosa. Se as citações são negativas ou refutações, tal fato, na linha de FAIRTHORNE e de POPPER, não tem a menor importância, pois o objetivo não é os experimentos ajustarem-se às leis, mas sim, refutá-las. Aí está o propulsor do desenvolvimento científico. Assim, se o autor, ainda que por oposição, provocar o debate científico, ele está contribuindo tão efetivamente quanto qualquer outro. Quanto às demais críticas, tais problemas podem ser facilmente contornados pelo uso de metodologias adequadas.

Assim sendo, pretende-se neste trabalho, utilizar, análise de citações aplicada à literatura de arqueologia brasileira, com os seguintes objetivos:

1. Determinar quanto esta área depende de literatura estrangeira;
2. Avaliar sua exentricidade e dependência de seriados de outras áreas;
3. Estabelecer a vida média da corrente literatura ativa;
4. Estudar sua dispersão, com recurso a Lei de Bradford.

Ao mapear a produção literária de tal comunidade científica, pretende-se, ainda, indiretamente, colher subsídios quanto ao seu marco conceitual ou teórico, e sobre a própria comunidade como um todo.

Esta comunidade científica, a despeito de alguns pioneiros do século XIX, é muito recente e ainda em vias de organização. Os primeiros cursos livres visando conferir um mínimo de uniformidade à formação dos arqueólogos datam de 1960, com os esforços de Paulo Duarte (USP) e Loureiro Fernandes (UFPr), os quais convidaram eminentes arqueólogos estrangeiros para lecionar no Brasil.

número de citações recebidas por um seriado e a sua idade média, obtendo-se um valor de $r = 0,04$. Portanto, não há correlação entre as variáveis consideradas.

No que diz respeito a análise de Bradford, os resultados obtidos são bastante elucidativos, e, de certo modo, confirmam numerosas informações descritas anteriormente. Na Tabela 4, os seriados brasileiros registrados estão ordenados por seqüência decrescente de citações. Um único obteve 198 citações. A divisão por Zonas de Máxima Citação, apresentada na Tabela 5, teve como única restrição a necessidade de, no núcleo, estarem presentes 15,5 ou mais citações, não tendo sido necessário efetuar nenhum *split* nas classes (quantidade de periódicos com o mesmo número de citações) previamente definidas. A distribuição da literatura arqueológica brasileira não concorda com a Lei de Bradford, pelo contrário tem conformação tipicamente *zipfiana*, ou seja, tende para revelar uma correlação retilínea entre os valores ΣPC e $\ln \Sigma P$, com $r = 0,99$, e descrição geral na forma:

$$Y = 201,66 + 165,64X$$

$$\Sigma PC = 201,66 + 165,64 \Sigma \ln P$$

Tal equação demonstra que seria de esperar-se um número maior de citações no núcleo, cerca de 251 conta as 198 computadas, e, de fato, a distribuição assinalada não comporta sequer a restrição de Bradford, o que significa que não há um núcleo significativo de seriados, muito embora ele obedeça, de forma aproximada, a relação 80/20, ou seja, 20% dos periódicos correspondem a 80% das citações. Esta relação, nos dados empíricos obtidos, é de 28,71% para 82,92%, ou seja, 28,71% dos periódicos considerados respondem por 82,92% do marco teórico da arqueologia brasileira neste momento.

Apesar dos valores obtidos para o multiplicador de Bradford divergirem pouco da média (\bar{X}_{MB}) que é a base da série empírica, a taxa de crescimento dos coeficientes demonstra que está é uma literatura pouco dispersa nas primeiras zonas. Como se sabe, os coeficientes de Bradford crescem em progressão aritmética de razão +1 (0; 1; 2; 3; 4; ... n) o que também ocorre nesta distribuição em particular, com razão média pouco superior à unidade.

Ainda em 1970 os pesquisadores nacionais ativos tinham graduações em uma vintena de áreas, onde destacavam-se a História, a Antropologia, a Sociologia, a Museologia e a História Natural, os quais atuavam em pouco mais de dez instituições de pesquisas. Foi, também, na década de 60 que o patrimônio arqueológico passou a ser protegido por legislação federal (Lei 3.924/61) cabendo a sua defesa e preservação ao então Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/MEC. O currículo mínimo do curso de graduação em arqueologia, no entanto, só viria a ser fixado pelo CFE/MEC em 1972, dando oportunidade ao surgimento da primeira (e ainda única) faculdade de arqueologia, em 1975. Quanto a pós-graduação, alguns raros mestrados e doutorados em antropologia ou história admitem, desde meados dos anos 60, que alguns alunos adotem a arqueologia como área de concentração. Por fim, apenas em 1979 os arqueólogos organizam-se a nível nacional, com a criação da Sociedade de Arqueologia Brasileira.

De acordo com o documento *Avaliação e Perspectivas - Arqueologia*, elaborado pelo CNPq (SCHMITZ, 1982), e cobrindo o período de 1978 a 1980 a situação atual da arqueologia é a seguinte:

1. Instituições de Pesquisas e Formação	21
2. Comunidade Científica (Docentes e/ou Professores)	132
3. Estudantes de Pós-graduação	81
4. Estudantes de graduação	125
5. Setores de Atividades	20
6. Artigos Publicados (1978-1980)	206
7. Livros Publicados (1978-1980)	14
8. Tese Concluídas (1978-1980)	16

Se a estes dados adicionarmos cerca de 80 bacharéis em arqueologia, ainda fora de mercado de trabalho, e, aproximadamente 60 profissionais de outras áreas que buscam uma oportunidade nessa área, os quais são designados, usualmente, *arqueólogos amadores*, ter-se-á uma clara idéia desta comunidade científica, esmagada, literalmente, pela magnitude de tarefa que lhe compete: proteger e pesquisar o patrimônio arqueológico brasileiro, podendo-se afirmar que, em tese, a cada um, compete estudar cerca de

de 85.000 km² de território nacional.

II - METODOLOGIA DA PESQUISA

Na medida em que não existe, até o momento, nenhuma Bibliografia Brasileira de Arqueologia (nem esta área de conhecimento é adequadamente coberta pela Bibliografia Brasileira de Ciências Sociais), e muito menos um índice de Citações, o primeiro passo, na realização do presente estudo, consistiu em gerar uma base de dados adequada e confiável. Para tanto, consultou-se o documento *Avaliação e Perspectiva*, o qual resultou de um amplo levantamento desenvolvido pelo CNPq, registrando-se as dez principais instituições brasileiras que, no período entre 1975 e 1980, editaram periódicos ou publicações seriadas. Tal amostragem propiciou a seleção de 44 ítems, a saber:

1. Anuário de Divulgação Científica

Publicação do Instituto Goiano de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Goiás, 7 números (2 a 9) publicados entre 1975 a 1980, com periodicidade irregular;

2. Arquivos do Museu de História Natural

Publicação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2 números (2 e 3) publicados em 1977 e 1979, com periodicidade irregular;

3. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira

Publicação do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 3 números (7 e 8, e especial 1) publicados em 1975 a 1979, com periodicidade irregular;

4. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi

Publicação do Museu Paraense Emílio Goeldi, CNPq, Belém, 1 número (62) sobre a arqueologia, publicado em 1976, com periodicidade irregular.

5. Clio

Revista do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2 números (2 e 3) publicados em 1978 e 1980,

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

com periodicidade irregular;

6. Coleção Museu Paulista - Série Arqueologia

Edição do Fundo de Pesquisa do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 6 números (1 a 6) publicados entre 1975 e 1977, com periodicidade irregular;

7. Nheengatu - Cadernos de Arqueologia e Indigenismo

Publicações do Instituto Superior de Cultura Brasileira, Rio de Janeiro, 4 números (1, 2 e 3/4) publicados em 1977, com periodicidade irregular;

8. Pesquisas - Série Antropologia

Publicação do Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 4 números (28, 29, 30 e 31) publicados entre 1975 e 1980, com periodicidade irregular;

9. Publicações Avulsas do Museu Goeldi

Publicação do Museu Paraense Emílio Goeldi, CNPq, Belém, Pará, 1 número (30) sobre arqueologia, publicado em 1978, com periodicidade irregular;

10. Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas

Publicação da Associação Pró-ensino de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 7 números (3 a 9), publicados entre 1976 e 1980, periodicidade irregular;

11. Revista do Museu Paulista

Publicação do Museu Paulista, Universidade de São Paulo, 5 números (22 a 28) publicados entre 1975 e 1979, periodicidade regular;

12. Revista de Pré-história

Publicação do Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, 2 números (1 e 2) publicados em 1979 e 1980, periodicidade regular.

É importante registrar que as instituições mencionadas representam 71% daquelas consideradas pelo mencionado documento A-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

valiação e Perspectiva, do CNPq, responsáveis pela maior parte das publicações especializadas.

A partir da coleção assim constituída, bastante representativa, portanto, procedeu-se à coleta dos dados necessários à análise de citações pretendida, retirando-se de todos os artigos versando sobre arqueologia brasileira as referências feitas a periódicos ou publicações seriadas. Assim sendo, não foram computadas as citações a livros, monografias, relatórios, comunicações pessoais, e outros tipos de documentos não seriados. Também não se desenvolveu nenhuma análise crítica das citações ou suas funções. Tais informações foram ordenadas e sumarizadas com recurso ao uso de fichas contendo os títulos citados, ordenadas alfabeticamente, transportando-se, posteriormente, tais dados, para um rol adequado, onde se registraram os títulos ainda em ordem alfabética, relacionando-os com editor e local, número de citações e volumes (anos) citados.

Partindo-se da premissa de que as referências contidas em um artigo científico constituem-se no seu *marco teórico* ou conceitual procedeu-se a um estudo da nacionalidade dos periódicos citados, com o objetivo de determinar quanto a arqueologia brasileira depende das publicações estrangeiras. Da mesma forma, investigou-se os assuntos nucleares de cada periódico brasileiro citado, de modo a estabelecer a dependência da arqueologia brasileira às publicações de outras áreas para a divulgação dos seus resultados, abandonando-se, neste estudo, as citações a seriados estrangeiros. Periódicos claramente multidisciplinares foram classificados em todas as áreas que cobrem, resultando que o total de periódicos por área é maior do que o total de periódicos. Assim, por exemplo, o periódico *Arquivos de Anatomia e Antropologia* (Universidade Souza Marques, Rio de Janeiro), foi classificado em Medicina e em Antropologia. Por outro lado, periódicos francamente multidisciplinares foram incluídos na categoria Geral, como, por exemplo, a revista *Ciência e Cultura* da SBPC.

Ainda no intuito de mapear extensivamente a área, procedeu-se ao cálculo da antiguidade média dos periódicos brasileiros citados, a qual corresponde, *grosso modo*, à idade do marco teórico empregado pelos arqueólogos brasileiros, e que nada mais é do que a média da idade dos periódicos citados. Esta antiguidade vem a

ser a mesma *vida média* proposta por BURTON & KEBLER (1960), os quais a definiram como sendo "o tempo durante o qual metade de toda a corrente literatura foi publicada".

Por último, foi desenvolvida uma análise de dispersão das citações de periódicos brasileiros, com base na metodologia desenvolvida por BRADFORD (1934, 1948), a qual consiste em plotar o número cumulativo de periódicos citados contra o número cumulativo de citações. A curva assim descrita tem a forma de um *S* alongado e inclinado (NARIN & MOLL, 1977:44). Com base nos resultados obtidos, Bradford formulou a Lei Bibliométrica que lhe recebeu o nome, a qual pode ser particularizada, no estudo de citações, da seguinte forma:

Se periódicos científicos forem ordenados em seqüência decrescente de citações recebidas, em dada área de conhecimento, estes periódicos poderão ser divididos em um núcleo mais freqüentemente citado, e em vários grupos ou zonas contendo o mesmo número de citações que o núcleo, enquanto o número de periódicos existentes no núcleo e nas zonas sucessivas crescerá exponencialmente de acordo com a série $n^0, n^1, n^2, n^3, \dots, n^n$.

Conquanto tendo sido considerada, por muito tempo, como uma curiosidade estatística (BROOKES, 1969:515), a Lei de Bradford, na sua versão original, é uma das poucas que desde o início tem sido aplicada em estudos da literatura (BRAÇA, et alii, 1975:248), e destina-se a relacionar dois conjuntos de variáveis - um conjunto produtor (periódicos, termos, autores) e um conjunto produzido (artigos publicados, citações, etc.). De regra, a raiz quadrada do conjunto produtor corresponde à metade do conjunto produzido (de acordo c/BRAGA, op. cit.). Atualmente, esta lei é considerada um precioso instrumento de bibliometria, com numerosas aplicações práticas, inclusive na avaliação de coleções, no estabelecimento de políticas de descarte de periódicos obsoletos, e em análises e avaliações cientométricas (da produção científica).

Para o presente estudo, organizou-se uma tabela de dupla entrada, de forma usualmente empregada, fazendo-se uma ordenação decrescente do número de Citações (C) que foi relacionada ao número de Periódicos (P) de cada patamar. Em seguida, e ainda na mesma tabela foram obtidos os valores Produção Total de Citações (PC), o número cumulativo de Periódicos (ΣP) e o número cumulativo de

Citações (ΣPC), valores necessários à construção da curva de Bradford, e à sua interpretação. O número mínimo de citações (An) no núcleo ou primeira zona da série foi calculado pela fórmula:

$$An > \frac{Z}{2}$$

Onde Z é o número de periódicos citados só uma vez.

Estabelecido o número de citações no núcleo, a série foi dividida em zonas de Divisão Máxima de Citações, nas quais o número total de citações (PC) mantém-se aproximadamente constante, admitindo-se uma variação $\pm 10\%$ em torno do valor do núcleo. Estas zonas e os dados percentuais necessários à sua interpretação foram, então, listados em uma outra tabela.

Os valores do multiplicador de Bradford (MB), cuja média aritmética consiste na base da série de Bradford para esta literatura específica, foram calculados pela fórmula:

$$MB_i = \frac{P_i}{P_{i-1}}$$

Onde P_i é o número de periódicos da mesma zona desejada e P_{i-1} , da zona imediatamente anterior.

A base da série foi então calculada pela fórmula:

$$\bar{X}_{(MB)} = \frac{\sum_{i=1}^n MB_i}{n - 1}$$

Os coeficientes, por sua vez, foram obtidos por

$$C_i = \frac{\ln P_i}{\ln \bar{X}_{(MB)}}$$

Obtendo-se, assim, a distribuição de Bradford para esta literatura.

Tendo-se constatação, no entanto, que a literatura arqueológica brasileira padece de altas taxas de mortalidade e é quase sempre de circulação extremamente irregular, e tendo-se observado

que periódicos que se apresentavam muito citados só o eram por terem-se mantido por muitos anos em circulação, optou-se por introduzir o conceito de Citação Relativa, uma espécie de fator de impacto modificado, e que nada mais é do que a média de citações, por volume publicado, por período analisado. Estes dados foram incluídos na matriz de dados original, e sobre eles aplicou-se o mesmo estudo de dispersão baseado na Lei de Bradford, confrontando-se os dados assim obtidos com a curva anteriormente definida.

Por último, com os dados quantitativos já definidos, procedeu-se a uma análise e descrição dos periódicos mais citados, tendo-se utilizado, para ordenar e sumarizar os dados, estatísticos de amplo uso, como média, desvio padrão, e análise de regressão e correlação, deduzindo-se as expressões matemáticas das curvas obtidas.

III - RESULTADOS E CONCLUSÕES

As análises ora desenvolvidas propiciaram um número bastante elevado de informações, as quais permitem uma descrição preliminar desta literatura, e, indiretamente, da própria comunidade científica.

Das 1.197 citações registradas, às quais correspondem 154 seriados, 241 (20,22%) são citações a 53 (34,42%) periódicos estrangeiros. Em outras palavras, as citações a seriados estrangeiros, correspondem a 1/5 do total de citações, embora a proporção de periódicos, atinja a proporção de 1/3. Conquanto significativos, tais resultados demonstram claramente que a arqueologia brasileira já logrou obter considerável autonomia, sendo tais dados compatíveis com o necessário e desejável intercâmbio de idéias entre cientistas de países diferentes. Esta conclusão fica ainda mais destacada se considerarmos que das citações tomadas como a publicações estrangeira, 58 referem-se a artigos de autores brasileiros ou de autores estrangeiros que trabalharam no Brasil.

Por nacionalidade, tais citações distribuem-se da forma que se segue na Tabela 1.

Percebe-se claramente uma supremacia de citações a periódicos norte-americano, muito embora, em número de periódicos,

Tabela 1 - Nacionalidade dos Periódicos Citados

Nacionalidade	Citações	%	Periódicos	%
Alemã	6	2,48	3	5,66
Argentina	48	19,83	18	33,96
Espanhola	3	1,24	2	3,77
Francesa	71	29,34	5	9,43
Inglesa	6	2,48	2	3,77
Norte-americana	97	40,08	17	32,08
Outros (latino-americanos)	11	4,55	6	11,33
Totais	242	100,00	53	100,00

Argentina ocupa o primeiro lugar. Os dez periódicos mais citados são:

American Antiquity	43	citações
Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud	32	citações
Bulletin, Bureau of American Ethnology		
Smithsonian Institution	29	citações
Journal de la Soc. des Américanistes	24	citações
Gallia Préhistoire	13	citações
Anales de Arqueología y Etnología (Argentina)	8	citações
American Anthropologist	7	citações
Rev. del Museo de La Plata	7	citações
Science of Man	6	citações

Registre-se que os seriados franceses mais citados nas publicações do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

No que diz respeito à excentricidade da área, ou seja, quanto a arqueologia brasileira depende dos seriados dedicados a outras disciplinas para disseminação de seus resultados, conforme se demonstra a seguir, ressaltando, mais uma vez, que os periódicos voltados para dois para dois assuntos distintos foram classificados duas vezes, independentemente, ficou claro ser esta uma área que padece de dificuldades crônicas, neste aspecto (ver Tabela 2).

Tabela 2 - Excentricidade da Área

Assunto	Número periódicos	Número		
		%	citações	%
Anatomia/Medicina	1	0,81	3	0,30
Antropologia	19	15,32	493	48,96
Arqueologia	16	12,90	171	16,98
(Antropologia/Arqueologia)	(31)	-	(613)	-
Biologia/Hist. Natural	4	3,23	44	4,37
Ciência (em geral)	9	7,26	91	9,07
Ciências Humanas (em geral)	19	15,32	34	3,38
Engenharia/Tecnologia	2	1,61	24	2,38
Farmácia	1	0,81	3	0,30
Folclore	1	0,81	1	0,10
Geologia/Mineralogia	6	4,84	15	1,49
Geografia/Geomorfologia	15	12,10	55	5,46
Geral	4	3,23	17	1,69
História	11	8,87	28	2,78
Museologia	3	2,42	4	0,40
Oceanografia	2	1,61	3	0,30
Odontologia	8	6,43	12	1,14
Paleontologia/Paleoclimas	1	0,81	7	0,70
Psicologia	1	0,81	1	0,10
Sociologia	1	0,81	1	0,10
Total	124	100,00	1.007	100,00

Constata-se, facilmente, que a excentricidade desta área é

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

muito grande, e, conquanto faltem dados comparativos, deve ser uma das mais altas no âmbito da ciência brasileira. Considerando-se tanto os seriados exclusivamente voltados para a arqueologia, como aqueles que, explicitamente, também se dedicam a este assunto, foi possível identificar-se 16, apenas 12,90% do total da amostra considerada, um valor extremamente baixo. Mesmo levando-se em conta a opinião de grande parte dos arqueólogos brasileiros, os quais julgam a arqueologia apenas uma parte da antropologia, e considerando-se a soma dos seriados de arqueologia e antropologia, obtendo-se apenas 31, ou seja, 25,00% do total, Nenhuma área de conhecimento pode ser considerada razoavelmente cêntrica, se apenas 1/4 dos periódicos que utiliza, e, portanto, constituem seu marco teórico, são especializados. Avulta, neste contexto, a contribuição dos seriados de Ciências Humanas em geral (19) que constituem 15,32% da amostra, mas do que os especificamente voltados para a arqueologia, o mesmo se dando com os dedicados às geociências (geologia + mineralogia + geografia + geomorfologia), em número de 21, ou seja, 16,94% do total, devendo-se destacar os voltados para a história (11) e para a odontologia (8), respectivamente, 8,87% e 6,43% da amostra considerada. De um modo geral, foi possível identificar 18 áreas de assunto que, de forma mais ou menos episódica, também dissemiram informações arqueológicas.

Com respeito às citações, no seu todo, a situação altera-se um pouco, com maior concentração aos seriados de arqueologia e antropologia (613), 60,87% do total, distribuindo-se os restantes 39,13% das citações, de modo aproximadamente constante pelos seriados das demais áreas, o que lhes confere caráter eminentemente episódico.

Todos estes resultados, tomados em seu conjunto, no entanto, demonstram de forma inequívoca a grave excentricidade da arqueologia brasileira, que depende, em grande parte, dos seriados de outras áreas de conhecimento para a divulgação de seus resultados, os quais permanecem pouco citados pelas dificuldades de recuperação inerentes a tal situação. Tal fato deve ser creditado principalmente, à ausência de recursos financeiros e à falta de apoio dos organismos nacionais incumbidos da formulação da política científica, os quais, tradicionalmente, relegam a arqueologia a segundo plano, forçando os pesquisadores a buscar apoio nas

áreas tidas como mais importantes, e que apresentem algum tipo de afinidade, como a antropologia, a geografia e a história.

Constata-se com facilidade que a literatura arqueológica é feita em pequenas tiragens, pulverizada por um número infinito de editoras, disseminada fora dos canais usuais e com periodicidade irregular.

Quanto a vida média desta literatura, entendida como o "tempo durante o qual metade de toda a corrente literatura ativa foi publicada" (BURTON & KEBLER, 1960), é de $21,87 \pm 1,16$ anos, ou seja, de 1958 até o presente, 50% da atual literatura ativa foi publicada.

Estes resultados são perfeitamente compatíveis com outros obtidos anteriormente (MENDONÇA DE SOUZA et al., 1982:27) com base em 20 documentos antropológicos brasileiros que produziram 984 citações, e em 1062 citações procedentes de semelhante conjunto estrangeiro, obtendo-se uma vida média de 14,92 anos para o primeiro, e de 13,53 anos para o segundo conjunto. A diferença de 5,79 (21,87-1,16-14,92) anos, constatada, deve ser atribuída à inclusão no estudo de 1982, de monografias e documentos mimeografados, e à possibilidade desta literatura antropológica, no seu conjunto, ter vida média realmente inferior a da arqueológica. Na Tabela 3 são reproduzidos os dados obtidos por BURTON & KEBLER, para fins de comparação:

Parece correta a conclusão de que as áreas técnicas ou de *Ciências aplicadas* apresentam menor vida média, o que pode ser explicado pelas próprias pressões geradas pelo processo produtivo e pela concorrência no mercado consumidor, enquanto as *ciências puras* têm movimento aparente menor, mudam menos, o que acarreta em maior vida média da literatura. Neste contexto, o resultado obtido anteriormente (MENDONÇA DE SOUZA, et alii, 1982:27) para a literatura antropológica estrangeira 13,53 anos, é perfeitamente compatível, o que vem demonstrar que a vida média agora calculada para a literatura arqueológica reflete uma grave estagnação, ausência de recurso humanos e financeiros, ou dificuldade na disseminação formal dos resultados obtidos, visto que, quando foram considerados monografias e textos reprografados, este valor reduziu-se, ainda que mantendo-se bastante elevado.

Foi desenvolvida análise de correlação e regressão entre o

disciplina	disciplina	anos existentes	disciplina	disciplina
anterior	atual	média	anterior	atual
0,9	0,9	0,9	0,9	0,9
0,9	1	0,9	0,9	0,9
0,9	2	1,0	0,9	0,9
0,9	3	1,0	0,9	0,9
0,9	4	0,9	0,9	0,9

Tabela 3 - Vida média da literatura (USA)*

L i t e r a t u r a	Vida média
Engenharia Química	4,8
Engenharia Mecânica	5,2
Engenharia Metalúrgica	3,9
Matemática	10,5
Física	4,6
Química	8,1
Geologia	11,8
Fisiologia	7,2
Botânica	10,0

* Fonte: BURTON & KEBLER, 1060:20

Tabela 4 - Distribuição das Citações

<u>Periódicos</u>	<u>Citações</u>	<u>Produção total de citações</u>	<u>Nº cumulativo de periódicos</u>	<u>Nº cumulativo de citações</u>
P	C	P.C	ΣP	$\Sigma P.C$
1	198	198	1	198
1	134	134	2	332
1	68	68	3	400
1	38	38	4	438
1	33	33	5	471
1	28	28	6	499
1	27	27	7	526
2	23	46	9	572
1	22	22	10	594
1	19	19	11	613
1	18	18	12	631
1	15	15	13	646
2	13	26	15	672
2	12	24	17	696
2	10	20	19	716
3	9	27	22	743
7	7	49	29	792
1	6	6	30	798
8	5	40	38	838
7	4	28	45	866
0	3	30	55	896
3	2	26	68	922
3	1	33	101	955

$$An \geq \frac{Z}{2}$$

Onde: Número de Citações no núcleo

Z = Número de periódicos citados só uma vez

$$An \geq \frac{33}{2} = 15,5$$

Tabela 5 - Zonas de Divisão Máxima de Citações

Zona	Citações Totais (PC)				Periódicos (P)				Multiplicador de BRADFORD
	PC	ΣPC	%PC	$\Sigma \%PC$	P	ΣP	%P	$\Sigma \%P$	
1	198	198	20,73	20,73	1	1	0,99	0,99	-
2	202	400	21,15	41,88	2	3	1,98	2,97	2,0
3	194	594	20,31	62,19	7	10	6,93	9,90	3,5
4	198	792	20,73	82,92	19	29	18,81	28,71	2,7
5	163	955	17,08	100,00	72	101	71,29	100,00	3,8

Base da série

$$MB = 2,0; 3,5; 2,7; 3,8$$

$$\bar{x}_{(MB)} = \frac{MB}{n-1} = 3,0$$

- Coeficientes

$$C_i = \frac{\ln P_i}{\ln \bar{x}_{(MB)}}$$

$$0,63; 1,77; 2,68; 3,89$$

Distribuição teórica de Bradford derivada dos dados empíricos

$$3^0; 3^{0,63}; 3^{1,77}; 3^{2,68}; 3^{3,89}$$

1 ; 2 ; 7 ; 19 ; 72 (valores arredondados até a unidade)

Se esta distribuição acompanhasse a de Bradford, fato iria implicar num número muito grande de periódicos somente para as zonas muito afastadas do núcleo.

No seu conjunto, estes dados levam às seguintes conclusões todas compatíveis com os resultados obtidos por FIGUEIREDO (1973) para a literatura geológica brasileira:

1. A bibliografia possivelmente inclui assuntos que ultrapassam o escopo da arqueologia propriamente dita, como, por exemplo, as citações feitas a trabalhos sobre paleoclima ou sobre características antropofísicas das populações pré-históricas;

2. Não há núcleo de periódicos especializados mais citados, no sentido estrito da Lei de Bradford. A média de citações por periódicos é de 9,36 com desvio padrão de 24,74. Os valores extremos, portanto, não se afastam exageradamente da média. No entanto, não há como negar que alguns periódicos são mais citados do que outros, sendo que as zonas 1 (núcleo), 2, 3, e 4, somadas, são integradas por apenas 19 periódicos (18,81% da amostra), os quais respondem por 792 citações (82,92% da amostra). Considerando-se, grosso modo, os periódicos das três primeiras zonas, como os que mais significativamente contribuem na fixação do marco teórico da arqueologia brasileira (7, no total), verifica-se que apenas um (Coleção Museu Paulista - série arqueologia) dedica-se especificamente ao assunto, assim mesmo, por ser uma *série*, dentro de uma coleção mais ampla, e não terem sido consideradas as demais séries. Por outro lado, todos os sete são dedicados à antropologia de um modo geral;

3. A melhor explicação para todos estes dados, é o de que a arqueologia brasileira está em estado latente de desenvolvimento. Como observa FIGUEIREDO (1973:3/) referindo-se à geologia, "a produção literária, o fluxo da informação escrita e o controle bibliográfico não estão ainda sistematizados e unificados, formando um todo coerente".

Os sete seriados mais citados foram:

ZONA 1 - *Publicações Avulsas do Museu Paraense (núcleo) Emílio Goeldi*

198 citações

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

ZONA 2 - <i>Pesquisas</i> (série antropologia), Instituto Anchietano de Pesquisas	134 citações
<i>Revista do Museu Paulista, USP</i>	68 citações
ZONA 3 - <i>Coleção Museu Paulista</i> (série arqueologia), USP	38 citações
<i>Anuário de Divulgação Científica, Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, Universidade Católica</i>	33 citações
<i>Anais do Museu de Antropologia, Universidade Federal Santa Catarina</i>	28 citações
<i>Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba</i>	27 citações
<i>Boletim do Museu Nacional</i>	23 citações
<i>Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Santa Cruz do Sul (RS)</i>	23 citações
<i>Arquivos do Museu de História Natural, UFMG</i>	22 citações

Algumas observações devem ser feitas em torno destes resultados:

1. Seis destas publicações são da região Sul (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), a qual parece deter a maior produtividade no âmbito da literatura arqueológica;
2. A única publicação do Centro-Oeste está intimamente ligada ao Rio Grande do Sul. Ambas as instituições pertencem a mesma ordem religiosa (jesuitas), e há permanente intercâmbio de pesquisadores e orientadores;
3. A região Leste se faz representar por dois seriados, e a região Nordeste não apresenta nenhum seriado nestas primeiras zonas;
4. A única publicação da região Norte, tem características que a tornam um seriado de âmbito nacional. De fato, os números 6 (1967); 10, 12 e 13 (1969); 15 (1971); 18 (1972) e 26 (1974), referem-se ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA - e são responsáveis por 192 das 196 citações recebidas por este seriado (97,96%);

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

5. Tais números (do PRONAPA), que se constituem no núcleo desta distribuição, respondendo sózinhos por 20,73% das citações, divulgam os resultados obtidos por tal programa, patrocinados pela Smithsonian Institution, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico/MEC e pelo Museu Goeldi, e marcam o momento em que a arqueologia brasileira afasta-se dos modelos franceses e aproxima-se dos norte-americanos. Muito embora encerrado em 1970, os resultados ora apresentados demonstram cabalmente sua importância para a arqueologia brasileira contemporânea;

6. Com relação ao seriado *Pesquisas*, os volumes mais citados (1963 a 1969), com 73 das 134 citações recebidas, também são de âmbito nacional, divulgando os Anais dos II e III Encontros para a Arqueologia da Área do Prata e adjacências;

7. Com respeito às publicações do Museu Paulista da USP, zonas 3 e 4, na medida em que foram também utilizadas na geração do banco de dados, e em que há uma prática extremamente forte da *auto-citação*, é possível que estejam ocupando uma posição artificial, por distorções nos cálculos introduzidas por tal hábito. De modo menos grave, todo os demais periódicos praticam a auto-citação.

Tendo se observado que a circulação de todos os seriados era extremamente irregular, com altas taxas de *mortalidade* e *ressurreição*, decidiu-se considerar o fator de impacto, introduzindo-se o conceito de citação relativa. Aos dados gerados foi aplicada a mesma análise de Bradford (Tabelas 6 e 7).

Constataram-se algumas mudanças bastante significativas, passando as três primeiras zonas a ser integradas por apenas 6 seriados.

ZONA 1 - <i>Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio (núcleo) Goeldi</i>	22 CR
ZONA 2 - <i>Arquivos do Museu de História Natural</i> , UFMG <i>Pesquisas</i> (série antropologia), Instituto Anchieta de Pesquisas	11 CR 10 CR
ZONA 3 - <i>Anuário de Divulgação Científica</i> , Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia, Universidade Católica	8 CR

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

<i>Coleção Museu Paulista (série arqueologia), USP</i>	8 CR
<i>Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná</i>	7 CR
<i>Revista de Pré-história, Instituto de Pré-história - USP</i>	7 CR

Este último seriado, por questões metodológicas (a necessidade de realizar um *split* na seqüência), foi incluído na primeira posição da quarta zona, mas como empata, em termos de citações relativas, com o último colocado da terceira zona, deve ser avaliado, também, aqui.

As mudanças registradas da 1^a para a 2^a lista devem ser entendidas da seguinte forma:

1. A primeira lista é de citações *em bruto*, enquanto a segunda é baseada no *fator de impacto*. Logo, esta última é aquela que melhor identifica os seriados que constituem o centro do marco teórico da arqueologia brasileira, embora também apresente distorções;

2. Periódicos publicados por longo intervalo de tempo obtiveram melhores resultados na primeira lista, desaparecendo na segunda, caso seus volumes, individualmente, tivessem tido pouco significado;

3. Seriados dos quais só foi editado um número, mas que foram muito importantes, como a *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas* da Universidade do Paraná, ou que começaram a ser editados recentemente, como a *Revista de Pré-história*, que por isto mesmo não lograram aparecer na primeira lista, tiveram suas contribuições reconhecidas na segunda.

Visando afastar as distorções, atribuiu-se uma nota variando de 0 (para os que estão fora de uma das listas) até 1,0 (para os que se encontram em primeiro lugar), extraiendo-se a média e elaborando-se uma lista única dos 10 mais importantes seriados da arqueologia brasileira, de acordo com o número de citações recebidas, e com o fator de impacto:

Tabela 6 - Distribuição das Citações Relativas

<u>Periódicos</u>	<u>Citações</u>	<u>Produção total de citações</u>	<u>Nº cumulativo de periódicos</u>	<u>Nº cumulativo de citações</u>
P	C	P.C	ΣP	ΣP.C
1	22	22	1	22
1	11	11	2	33
1	10	10	3	43
2	8	16	5	59
2	7	14	7	73
2	5	10	9	83
7	4	28	16	111
14	3	42	30	153
27	2	54	57	207
44	1	44	101	251

Onde: An = Número de Citações no núcleo;

Z = Número de periódicos citados só uma vez

$$An \geq \frac{Z}{2}$$

Tabela 7 - Zonas de Divisão Máxima de Citações Relativas

ZONA	Citações relativas				Periódicos				Multiplicador de BRADFORD
	PC	ΣPC	%PC	$\Sigma \%PC$	P	ΣP	%P	$\Sigma \%P$	
1	22	22	8,76	8,76	1	1	0,90	0,99	-
2	21	43	8,36	17,12	2	3	1,98	2,97	2,0
3	23	66	9,16	26,28	3	6	2,97	5,94	1,5
4	21	87	8,36	34,61	4	10	3,96	9,90	1,3
5	24	111	9,56	44,20	6	16	5,94	15,84	1,5
6	21	132	8,36	52,56	7	23	6,93	22,77	1,2
7	23	155	9,16	61,72	8	31	7,92	30,69	1,1
8	22	177	8,76	70,48	11	42	10,98	41,67	1,4
9	24	201	9,56	80,04	12	54	11,88	53,55	1,1
10	22	223	8,76	88,80	19	73	18,81	72,36	1,6
11	28	251	11,20	100,00	28	101	27,64	100,00	1,5

Base da série

$$MB = 2,0; 1,5; 1,3; 1,5; 1,2; 1,1; 1,4; 1,1; 1,6; 1,5$$

$$\bar{X}_{(MB)} = \frac{MB}{n - 1} =$$

Coeficientes

$$C_i = \frac{\ln P_i}{\ln \bar{X}_{(MB)}}$$

$$2,06; 3,26; 4,12; 5,32; 6,04; 6,18; 7,13; 7,38; 8,75; 9,90$$

Distribuição de Bradford para as Citações Relativas

$$1,4^0; 1,4^{2,05}; 1,4^{3,26}; 1,4^{4,12}; 1,4^{5,32}; 1,4^{6,04}; 1,4^{6,18}; 1,4^{7,13}; 1,4^{7,38}; 1,4^{8,75}; 1,4^{9,90}$$

$$1; 2; 3; 4; 6; 7; 8; 11; 12; 19; 28$$

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Colocação em função de média

- | | |
|-----|--|
| 1º | <i>Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi</i> |
| 2º | <i>Pesquisas</i> |
| 3º | <i>Anuário de Divulgação Científica</i> |
| 4º | <i>Coleção Museu Paulista</i> |
| 5º | <i>Arquivos do Museu de História Natural</i> |
| 6º | <i>Revista do Museu Paulista</i> |
| 7º | <i>Anais do Museu de Antropologia</i> |
| 8º | <i>Revista do Centro de Ensino e Pesq. Arqueológica-UFPB</i> |
| 9º | <i>Arquivos do Museu Paranaense</i> |
| 10º | <i>Revista de Pré-história</i> |

Deve-se registrar, por fim, que a distribuição das citações relativas, como seria de esperar, não segue, também, a Lei de Bradford, não comportando, sequer, a restrição bradfordiana, aproximando-se mais, de uma distribuição tipo Zipf com equação geral do tipo:

$$\Sigma PC = 19,50 + 37,16 \ln \Sigma p \quad (\text{para } r = 0,71)$$

Foram necessários *splits múltiplos* para organizar as zonas 4 e 5, e constatou-se que, por se haver *normatizado* a distribuição, dividindo-se o número de citações pelo número de volumes de cada seriado, a curva sofreu um *achatamento*, obtendo-se valores bem menores de P para os mesmos valores de PC, o que se deve ao fato de a Lei de Bradford só aderir a fato de distribuição não normatizadas, tendo-se adotado este procedimento apenas com o intuito de minimizar as possíveis distorções introduzidas na primeira listagem de seriados mais importantes.

Sumarizando as conclusões obtidas, pode-se dizer que:

1. Foram consideradas 1.197 citações, as quais correspondem a 154 seriados, produzidas por 44 números de 12 seriados nacionais;
2. Desta amostragem, 242 (20,22%) das citações correspondem

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

a 53 (34,42%) seriados estrangeiros, o que demonstra estar a arqueologia brasileira em estágio de considerável autonomia, sendo tais números compatíveis com o necessário e desejável intercâmbio de idéias entre cientistas de países distintos;

3. Pode-se portanto, dizer, *grosso modo*, que apenas 20,22% do marco teórico ou conceitual da arqueologia brasileira contemporânea é estrangeiro, fato que é ressaltado por 23,97% desta literatura estrangeira constituir-se de artigos produzidos por autores brasileiros ou que obtiveram seus resultados no Brasil;

4. Por frequência de citações, a literatura mais citada é a norte-americana, seguindo-se a francesa, a argentina, a de outros países latino-americanos e a de outros países europeus;

5. Por número de periódicos citados há uma pequena alteração nesta seqüência, que passa a ser: argentina, norte-americana, de outros países latino-americanos, francesa, de outros países europeus;

6. Os seriados franceses são mais citados nas publicações do Museu Paulista, USP;

7. A arqueologia brasileira padece de dificuldades crônicas para disseminação de seus resultados, o que a força utilizar-se dos seriados de outras áreas de conhecimento, provocando séria excentricidade que irá refletir-se na excentricidade desta literatura científica;

8. Apenas 12,90% da amostra de seriados considerada, dedicam-se exclusiva ou explicitamente à arqueologia, taxa que cresce para 25,00% se considerar-se arqueologia e antropologia indistintamente;

9. Tais valores são considerados muito baixos, face aos percentuais de uso dos seriados de outras áreas: 15,32% aos de Ciências Humanas, 16,94% aos de Geociências, 8,67% aos de História e 6,43% aos de Odontologia, entre outros;

10. A situação altera-se, obviamente, ao considerar-se as citações, das quais 60,87% referem-se aos 25,00% de seriados de arqueologia e antropologia, valores que aproximam-se da relação 80/20;

11. Tal situação, que deve ser creditada à ausência de recur-

sos financeiros e à falta de apoio dos organismos nacionais incumbidos da formulação da política científica, leva a uma disseminação por atração, através de seriados mais generalistas ou de áreas mais fortes; ~~colocaríam mais em evidência os resultados obtidos~~

12. Uma literatura assim pulverizada por um número infinito de editoras e seriados, feita em pequenas tiragens, disseminada fora dos canais usuais (dos arqueólogos ou comerciais) e com periodicidade irregular e até episódica, é de dificílima recuperação, resultando, dai, que trabalhos importantes, eventualmente publicados em seriados de outras áreas, permanecem praticamente ignorados, só acessíveis àqueles pesquisadores que receberam separatas diretamente dos autores;

13. Quanto à vida média da literatura arqueológica brasileira esta é de $21,87 + 1,16$ anos, período no qual 50% da atual literatura ativa foi publicada;

14. Tais valores são tidos como muito altos, parecendo refletir uma grave estagnação, ausência de recursos e financeiros, ou espelhar a dificuldade de disseminação dos resultados obtidos, conforme anteriormente descrito;

15. Seria de esperar-se que os periódicos mais novos fossem mais citados, mas nem essa correlação existe ($r = 0,04$), parecendo indicar que os autores citam aquelas fontes de que podem dispor, aleatoriamente recuperadas;

16. A grosso modo, pode-se, portanto, afirmar que o marco conceitual da arqueologia brasileira é velho de 22 anos;

17. A pequena dispersão da literatura arqueológica brasileira é claramente demonstrada pela Lei de Bradford. Dividindo-se as citações organizadas em ordem decrescente, em zonas com número de citações aproximadamente contante ($198 \pm 10\%$), o número de periódicos correspondentes para cada zona, tomando-se por base o valor médio do multiplicador de Bradford (3), deveria ser teoricamente:

$$3^0: 3^1: 3^2: 3^3: 3^4: \dots$$

$$1 : 3 : 9 : 27 : 81 : \dots$$

No entanto, a série empírica é:

$3^0: 3^{0,63}: 3^{1,77}: 3^{2,68}: 3^{3,69}: \dots$

1 : 3 : 7 : 19 : 72 : ...

Logo, para estas cinco primeiras zonas, a dispersão é menor do que aquela admitida pela Lei de Bradford, no entanto, considerando-se que os coeficientes da série empírica crescem em progressão aritmética com razão pouco superior à unidade, é de admitir-se que nas zonas mais afastadas do núcleo a dispersão será maior do que a prevista pela Lei de Bradford;

18. De qualquer forma, o fato do valor de $\bar{X}_{(MB)}$ ser 3, demonstra que esta literatura é mais dispersa do que qualquer outra em que a base da série seja menor do que 3;

19. No entanto, a ausência da restrição de Bradford, e a pouca adesão entre a série empírica e a teórica, demonstram, claramente, que esta distribuição não segue a Lei de Bradford, pelo contrário, conforma-se à de Zipf, ou seja, revela uma correlação retilínea entre os valores PC e Ln P, com $r = 0,99$, de descrição geral:

$$\Sigma PC = 201,66 + 165,64 \ln \Sigma P$$

20. Deve-se assinalar, no entanto, que a relação 80/20 é respeitada. De fato, 28,7% dos periódicos correspondem a 82,92% das citações, podendo-se admitir que estes 19 periódicos são os principais responsáveis pela disseminação desta literatura e que registram grande parte do marco teórico da arqueologia brasileira.

21. A introdução do conceito de Citação Relativa alterou a posição individual dos seriados considerados, mas a distribuição assim obtida permaneceu aderindo à Lei de Zipf, e afastando-se da de Bradford, com expressão (para $r = 0,71$): $\Sigma PC = 19,50 + 37,16 \ln \Sigma P$;

21. Esta nova distribuição, no entanto, é a que melhor identifica os seriados que constituem o centro do marco teórico da arqueologia brasileira contemporânea, embora também apresente distorções, por incluir periódicos muito importantes que só circularam uma vez;

23. Reunindo-se as duas distribuições em uma só, os 10 seriados mais importantes (e suas respectivas posições relativas) para a arqueologia brasileira em função do número de citações e do fa-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

tor de impacto, são:

Publicações Avulsas do Museu Goeldi

Pesquisas

Anuário de Divulgação Científica

Coleção Museu Paulista

Arquivos do Museu de História Natural

Revista do Museu Paulista

Rev. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, UFPR

Arquivos do Museu Paranaense

Revista de Pré-história

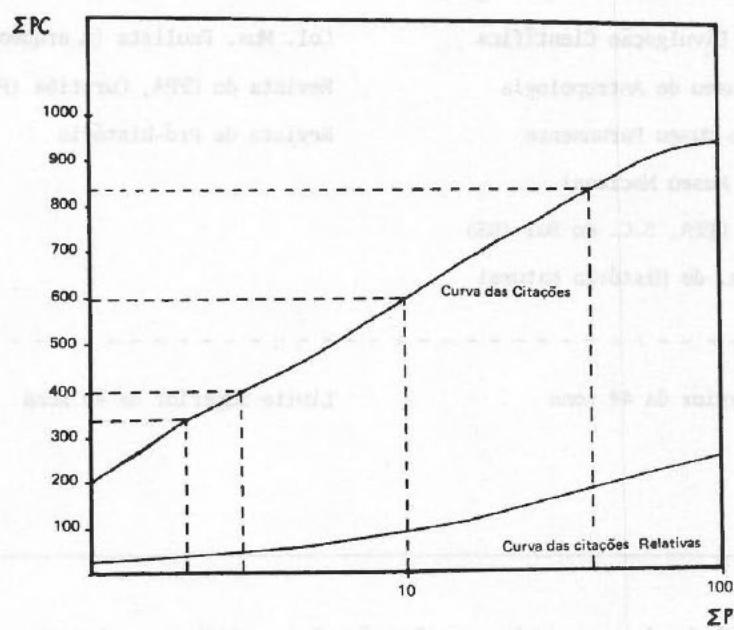
A Figura 2, demonstra as diferenças encontradas em função da mudança de critérios e a mobilidade daí decorrente;

24. Tais resultados devem refletir a inclusão de assuntos que ultrapassam o escopo da arqueologia propriamente dita, a não sistematização da produção literária nem do fluxo da informação, escrita, e a falta de possibilidade de controle bibliográfico, estando a arqueologia brasileira em estado latente de desenvolvimento.

Face tais resultados, mais uma vez forçoso é recorrer às conclusões de FIGUEIREDO (1973:32). Realmente, faz-se necessário que mais e mais estudos de literatura brasileira, especialmente no campo das ciências básicas, sejam desenvolvidos, para que se possa estabelecer se os resultados já conhecidos constituem-se em exceções à regra, ou se refletem um padrão generalizado que pode ser a própria expressão das condições precárias com que se constrói a ciência brasileira.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

FIG. 1 – CURVA DE BRADFORD PARA AS CITAÇÕES E AS CITAÇÕES RELATIVAS



Pubs. Avulsas do Museu Goeldi	Pubs. Avulsas do Museu Goeldi
Pesquisas	Arq. do Mus. de História Natural
Revista do Museu Paulista	Pesquisas
Col. Mus. Paulista (s. arqueologia)	Anuário de Divulgação Científica
Anuário de Divulgação Científica	Col. Mus. Paulista (s. arqueologia)
Anais do Museu de Antropologia	Revista do CEPA, Curitiba (PR)
Arquivos do Museu Paranaense	Revista de Pré-história
Boletim do Museu Nacional	
Revista do CEPA, S.C. do Sul (RS)	
Arq. do Mus. de História Natural	

Limite Superior da 4ª zona	Limite Superior da 4ª zona

2: Mobilidade dos seriados em função dos critérios adotados

IV - PÓS-ESCRITO

Este artigo foi encaminhado para publicação em fins de 1983. Após esta data, as pesquisas prosseguiram, utilizando-se intervalo cronológico bem maior (1975 - 1985). Isto permitiu identificar 60 títulos de periódicos ou seriados, os quais produziram 463 artigos e 254 comunicações a congressos. O tratamento bibliométrico e cientométrico destes dados será objeto de dissertação de mestrado, mas pode-se afirmar, preliminarmente, que confirma na sua quase totalidade as conclusões aqui apresentadas. Ocorre, apenas, um deslocamento das posições relativas ocupadas pelas publicações, percebendo-se, grosso modo, uma ascenção de periódicos mais recentes, como os *Arquivos do Museu de História Natural*, *Anuário de Divulgação Científica*, *Clio* e *Revista de Pré-História*. Aparentemente, tal mobilidade deriva da inclusão de anais de congressos e de artigos de múltipla procedência geográfica, o que confere caráter nacional a estas publicações, mas esta opinião não deve, por enquanto, ser tomada como definitiva. Na Tabela Suplementar apresentam-se as modificações ocorridas, para comparação com os resultados apresentados no corpo do trabalho.

V - AGRADECIMENTOS

A Profª Drª Gilda Braga, pela orientação e comentários.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, G.M.; FIGUEIREDO, L.M. & BRAGA, H.M.P.

1975. *Produtividade de Autores, periódicos e termos da bibliografia brasileira de direito*. Trabalho apresentado à 1ª Reunião Brasileira de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, ms.

BROOKES, B.C.

1969. Bradford's Law and the bibliography of Science. *Nature*, 224: 515-520, dec.

BURTON, R.F. & KEBLER, R.W.

1960. The half-life of some scientific and technical literatures.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

FIGUEIREDO, L.M.

1973. Distribuição da literatura geológica brasileira: estudo bibliométrico. *Ciência da Informação*, 2(1):27-40.

GARFIELD, E.

1979. Is citation analysis a legitimate evaluation tool? *Scientometrics*, 1:359-375.

GARFIELD, E. & SHER, I.H.

1963. New factors in the Evaluation of scientific literature through Citation Indexing. *American Documentation*, 195-201, jul.

LIJERPPE, R.

1978. *An outline of bibliometrics and citation analysis*. The Royal Institute of Technology, Estocolmo, 1978.

MENDONÇA DE SOUZA, A.A.C.; CAMPOLLO, M.L. & LIMA, N.A.

1982. Apontamentos para um Sistema brasileiro de informações antropológicas. Rio de Janeiro, ms.

NARIN, F. & MOLL, J.K.

1977. *Bibliometrics*. Computer Horizons, pp. 35-58.

SCHMITZ, P.I. (Coordenador)

1981. *Avaliação e Perspectivas - Arqueologia*. CNPq, Brasília, ms.

TABELA SUPLEMENTAR: PERIÓDICOS BRASILEIROS COM MAIOR PRODUTIVIDADE

Citação bruta	Citação relativa	Produtividade bruta
<i>Publs. Avulsas Museu Goeldi Pesquisas</i>	<i>Anuário de Divulgação Científica</i>	<i>Arqvs. Museu de História Natural</i>
<i>Rev. Museu Paulista</i>	<i>Publs. Avulsas Museu Goeldi</i>	<i>Rev. de Pré-História</i>
<i>Anuário de Divulgação Científica</i>	<i>Arqvs. Museu de História Natural</i>	<i>Anuário de Divulgação Científica</i>
<i>Anais Museu de Antropologia</i>	<i>Anais de Antropologia</i>	<i>Rev. Museu Paulista</i>
<i>Col. Museu Paulista</i>	<i>Col. Museu Paulista</i>	<i>Clio</i>
<i>Arqvs. Museu de História Natural</i>	<i>Pesquisas</i>	<i>Pesquisas</i>
<i>Arqvs. Museu Paranaense</i>	<i>Clio</i>	<i>Rev. Centro Ens. Pesq. Arqueol. (CEPA/RS)</i>
<i>Rev. de Pré-História</i>	<i>Rev. de Pré-História</i>	<i>Col. Museu Paulista</i>
<i>Clio</i>	<i>Rev. Museu Paulista</i>	<i>Bol. Inst. Arq. Brasileira/RJ</i>
	<i>Arq. Museu Paranaense</i>	<i>Rev. de Arqueologia (CNPq)</i>

BIBLIOGRAFIA GERAL - II

André Prous*

Heliane Aparecida Diniz Ribeiro*

Em 1980, publicamos uma primeira bibliografia geral sobre arqueologia brasileira, com 2017 títulos.

Desde então, sairam centenas de artigos novos, e também encontramos referências antigas que tinham passado desapercebidas. Era portanto necessário atualizar o nosso primeiro levantamento.

A coordenação geral do trabalho ficou, de novo, a cargo de A. Prous, mas contou com preciosas colaborações. Destacaremos as de A. Mendonça de Souza, que nos remeteu as referências de mais de duzentos títulos antigos; de A. Boomert, autor de exaustiva bibliografia sobre petróglifos¹, que nos enviou numerosas referências, particularmente em língua alemã, de autoria dos naturalistas do século XIX e do início do século XX. Devemos também agradecer a colaboração de Estela Maris Borges, da Biblioteca Central da UFMG, que realizou uma cuidadosa revisão das citações e normalizou as abreviações.

Decidimos numerar de novo as referências, colocando antes do número, a letra "A", para diferenciar esta lista da anterior. A próxima lista complementar terá um "B" acrescentado ao número, etc.

* Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. UFMG.

¹ An inventory of the Petroglyphs in the Guianas and Adjacente Areas of Brazil and Venezuela. (no prelo).

ERRATUM DA BIBLIOGRAFIA PUBLICADA NOS ARQUIVOS IV/V

A. Boomert nos remeteu uma extensa lista de retificações, que pensamos utilizar numa futura publicação em microfichas, da bibliografia brasileira de arqueologia.

Decidimos, pois limitar o presente *erratum* a umas poucas referências cujas referências estavam erradas a ponto de prejudicar a localização das mesmas, deixando de mencionar os erros menores.

Ficha nº	Onde se lê	Leia-se
0005	31:8-50	32:8-51
0010	17(1):3-48	17(1):3-45
0027	1952	1922
0034	Memórias históricas da Ilha do Cardoso	Memória Histórica do Cardoso
0086	Catetano	Caetano
0095	2(2):141-211	2(2):175-87
0186	Aldeamentos e acampamentos	Acampamentos e aldeamentos
0191	Gravuras e pinturas	Pinturas e gravuras
0224	1:75-113	1:747-79
0241	1941	1947
0311	(1973) Palcoenvironments and cultural mound Science of Man, Mentone, Diversity in Late Pleistocene South America	(1973) Paleoenvironments and cultural diversity in Late Pleistocene South America. <i>Quaternary Research</i> , Washington, 3:237-56

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

0556	O abrigo funerário do Canavial Cordeiro	O abrigo funerário do Canavial - Breves notas
0935	Lapa do Caetano	Ossadas humanas fósseis encontradas numa caverna calcária das vizinhanças do Mocambo
1365	No tempo da pré-história	No campo da pré-história
1889	Fluor	Fluorine

RIBEIRO, P. A. MENTZ 1532 (nº da ficha) ficha nº 1552
1753-B não existe

TRANSCRIÇÕES E TRADUÇÕES DA BIBLIOGRAFIA DOS ARQUIVOS IV/V

Algumas obras antigas, citadas na bibliografia dos Arquivos IV/V foram transcritas ou traduzidas posteriormente. Para facilitar o acesso dos pesquisadores a esses textos, citamos a seguir as referências desses:

BACKEUSER, Everardo Adolfo

1979. Os sambaquis do Distrito Federal, I. *Bol. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 8:4-13. (transcrição do nº 116).

BACKEUSER, Everardo Adolfo

1980. Os sambaquis do Distrito Federal: Final. *Bol. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 903-11. (transcrição do nº 117).

GRUHN, R.

1983. Projections of Gê social structure in the rock art of Northern Minas Gerais, Brazil: an hypothesis. *Reu Arqueol.*, Belém, 1:40-5, bibl., 5 fig. (reproduz o nº 737).

LACERDA FILHO

1977. Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil; nota sobre a conformação dos dentes. *Bol. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 5:15-20. (transcrição do nº 905).

MARTIN, Gabriele

1983. A coleção arqueológica do museu de Mossoró (RN). Mossoró, Ed. Facsimile de Clio, 3, 1980. 20 p., 9 pranc. (Coleção Mossoroense, série B, nº 235). (reproduz o nº 1043).

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

PENNA, Domingos S. FERREIRA

1976. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. *Bol. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 5(2):16-26. (reproduz o nº 1330).

Ficha nº 482 traduzida para o Português:

Viagem ao Xingu. Belo Horizonte, Itatiaia. (Coleção Reconquista do Brasil. Nova Série).

Ficha nº 483 traduzida para o Português:

Viagem ao Tapajós. Belo Horizonte, Itatiaia. (Coleção Reconquista do Brasil. Nova Série).

1959 Ver, também, A 0795

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte, 10:

LISTA DAS ABREVIATURAS

- Acta Amaz.* - Acta Amazônica, Manaus.
- Allg. Vergleich. Archäol.* - Allgemeine und Vergleichende Archäologie.
- Am. Antiq.* - American Antiquity, Washington.
- An. Acad. Bras. Cienc.* - Anais da Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro.
- An. Arqueol. y Etnol.* - Anales de Arqueología y Etnología, Mendonça. Universidad Nacional de Cuyo.
- An. Bibl. Pública Pelot.* - Anais da Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas.
- An. Biol. Tecnol.* - Anais de Biologia e Tecnologia, Curitiba.
- An. Inst. Antropol.* - Anais do Instituto de Antropologia, Florianópolis.
- An. Mus. Antropol.* - Anais do Museu de Antropologia - Florianópolis.
- An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina* - Anais do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Anc. Skies.* - Ancien Skies, Illinois.
- Ann. Esc. Minas de Ouro Preto.* - Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto.
- Anu. Divulg. Cient.* - Annuário de Divulgação Científica, Goiânia (Universidade Federal de Goiás).
- Anu. Divulg. Cient.* - Anuário de Divulgação Científica, Goiânia (Universidade Católica de Goiás).
- Arch. Völkerkde.* - Archiv für Völkerkunde, Wien.
- Archeol. Antropol.* - Archeology and Anthropology, Georgetown.
- Arq. Anat. Antropol. Inst. Antropol. Prod. Souza Marques.* - Arquivos de Anatomia e Antropologia do Instituto de Antropologia Professor Souza Marques.
- Arq. Flum. Odontol.* - Arquivos Fluminense de Odontologia, Niterói (Universidade Federal Fluminense).
- Arq. Mus. Hist. Nat.* - Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte (Universidade Federal de Minas Gerais).
- Arq. Mus. Nac.* - Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG.* Belo Horizonte.10:

- Arqueol. Trôp.* - Arqueologia e Trópico, Recife (Universidade Federal de Pernambuco).
- Aval. & Perspect.* - Avaliação & Perspectivas, Brasília (CNPq).
- Bol. IG.* - Boletim IG, São Paulo (Instituto Geociências da USP).
- Bol. Geogr.* - Boletim Geográfico, Rio de Janeiro.
- Bol. Cent. Brasil. Arqueol.* - Boletim do Centro Brasileiro de Arqueologia, Rio de Janeiro.
- Bol. Inst. Arqueol. Brasil.* - Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileiro, Rio de Janeiro.
- Bol. Inst. Hist. e Geogr. Paranaen.* - Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, Curitiba.
- Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.* - Boletim Informativo do Centro Brasileiro de Arqueologia, Rio de Janeiro.
- Bol. Inf. Soc. Brasil. Espeleol.* - Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), São Paulo.
- Bol. MARSUL.* - Boletim do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, Taquara.
- Bol. Mus. Arte e Hist., Sér. Antropol.* - Boletim Museu Arte e História, Série Antropologia, Vitória (UFES).
- Bol. Mus. Homb. Domin.* - Boletin del Museo del Hombre Dominicano , República Dominicana.
- Bol. Mus. Nac.* - Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Bol. Mus. Nac. Nova Sér.* - Boletim do Museu Nacional Nova Série, Rio de Janeiro.
- Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Geologia.* - Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Nova Sér. Antropol.* - Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia, Belém.
- Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.* - Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, Belém.
- Bol. Soc. Brasil. Geogr.* - Boletim da Sociedade Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro.
- Boll. Cent. Cam. Stud. Preist.* - Bollettino del Centro Camuno di Studi Préistoria, Capo de Ponti (Bréscia) Itália.
- Boll. Soc. Geogr. Ital.* - Bollettino della Societá Geografica Italiana, Roma.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- Bol. Sér. Ensaios* - Boletim, Série Ensaios, Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro.
- Bull. Geogr. Soc. Philadelphia* - Bulletin of the Geographical Society of Philadelphia, Philadelphia.
- Bur. Am. Ethnol. Bull.* - Bureau American Ethnological Bulletin, Washington.
- C. R. Acad. Sc.* - Compte Rendus de l'Academie de Sciences, Paris.
- C. Porto Alegre* - Correio de Porto Alegre, Porto Alegre.
- C. Filatéл. Brasília* - Correio Filatélico, Brasília.
- C. Povo* - Correio do Povo.
- Cad. Arqueol.* - Cadernos de Arqueologia, Paranaguá (Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá).
- Cad. Pesq. Sér. Antropol. 2* - Cadernos de Pesquisa, Série Antropologia 2, Teresina (MFPI).
- Ciênc. e Cult.* - Ciência e Cultura, (SBPC), São Paulo.
- Ciênc. Hoje.* - Ciência Hoje, São Paulo.
- Col. Mus. Paul. Arqueol.* - Coleção Museu Paulista, Arqueologia, São Paulo (Ed. Fundo de Pesquisa do MP da USP).
- Cuad. CENDIA.* - Cuadernos del CENDIA, Santo Domingo (Centro Dominicano de Investigaciones Antropológicas, Universidad Autonoma).
- Cult. Indig.* - Cultura Indígena, Belém (Museu Paraense Emílio Goeldi).
- Dados Hist. & Lei Orçament.* Coração de Jesus. - Dados Históricos & Lei Orçamentária, Coração de Jesus, Coração de Jesus (MG).
- D. Pernambuco.* - Diário de Pernambuco, Recife.
- D. Tarde.* - Diário da Tarde, Belo Horizonte.
- Destaq. Amaz.* - Destaque Amazônia, Belém.
- Est. Minas.* - Estado de Minas, Belo Horizonte.
- O Est. São Paulo.* - O Estado de São Paulo.
- Estud. Brasil.* - Estudos Brasileiros, Curitiba.
- Estud. Iberoam.* - Estudos Iberos-Americanos, Porto Alegre.
- Ethnol. Stud.* - Ethnological Studies, Gothenburg Ethnographical Museum.
- Etnol. Stud.* - Etnologiska Studier, Göteborg (Etnografiska Muscet).
- Fund. Brasil. Conserv. Nat.* - Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, Rio de Janeiro.
- Gal. Arte. Mod.* - Galeria de Arte Moderna.
- Globus. Ilust. Ztg. Lænder. Völkerk.* - Globus, Illustrirte Zeitung für Länder - und - Völkerkunde, Braunschweig.
- Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG.* Belo Horizonte. 10:

- A Gruta, Bol. Inf. Espeleol.* - A Gruta Boletim Informativo Espeleológico.
- Halbmonatschr. über Fortschr. Wiss. Tech.* - Habbmonatschrift über die Fortschritte in Wissenschaft und Technik, Frankfurt.
- Hist. Cad.* - História em Cadernos, Rio de Janeiro (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ).
- Inst. Arq. Brasil. Sér. Especial.* - Instituto de Arqueologia Brasileira, Série Especial, Rio de Janeiro.
- Inst. Paul. Arqueol.* - Instituto Paulista de Arqueologia, São Paulo.
- J. Am. Geogr. Soc.* - Journal of the American Geographical Society, New York.
- J. Com.* - Jornal do Comércio, Manaus.
- J. Com.* - Jornal do Comércio, Rio de Janeiro.
- J. Parasitol.* - Journal Parasitoly, Lawrence.
- J. R. Anthropol. Inst. Great. Britain. Island.* - The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Island London.
- J. Soc. Améric.* - Journal de la Societé des Américanistes, Nouvelle Série, Paris.
- J. Tour.* - Jornal do Touring, Rio de Janeiro.
- J. Walter. Roth Mus. Archaeol. Anthropol.* - Journal of the Walter Roth Museum of Archaeology and Anthropology, Georgetown.
- Mitt. Anthropol. Ges. Wien* - Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, Horn.
- Opúsc. Ethnol. Mom. Ludovici Biro. Sacra.* - Opúscula Ethnológica Memoriae Ludovici Biro Sacra, Roma.
- Paleopathol. Newslet.* - Paleopathology Newsletter.
- Prov. Pará* - A Província do Pará, Belém.
- Publ. Mus. Munic. Paulínia.* - Publicações do Museu Municipal de Paulínia, Paulínia, SP.
- Rev. Arqueol.* - Revista de Arqueologia, Belém (Museu Paraense E-mílio Goeldi).
- Rev. Arq. Munic. São Paulo.* - Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo.
- Rev. Brasil. Geogr.* - Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro.
- Rev. Brasil. Med.* - Revista Brasileira de Medicina, São Paulo.
- Rev. Brasil. Rem.* - Revista do Brasil Remoto.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG, Belo Horizonte. 10:

- Rev. Caça e Pesca Brasil* - Revista de Caça e Pesca do Brasil, Rio de Janeiro.
- Rev. CEPA.* - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Santa Cruz do Sul (RS) (Faculdade de Ciências e Letras).
- Rev. Ciênc. Illust.* - Revista Ciência Ilustrada.
- Rev. Esc. Minas.* - Revista da Escola de Minas, Ouro Preto.
- Rev. Exped. Antropol. Brasil.* - Revista da Expedição Antropológica Brasileira, Rio de Janeiro.
- Rev. Fac. Odontol.* - Revista da Faculdade de Odontologia, São Paulo.
- Rev. FAFILE* - Revista da Faculdade de Filosofia e Letras, Juiz de Fora.
- Rev. Geogr. Univ.* - Revista Geográfica Universal, Rio de Janeiro.
- Rev. Inst. Arqueol. Geogr. Alag.* - Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, Maceió.
- Rev. Inst. Arqueol. Hist. Geogr. Pernam.* Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife.
- Rev. Inst. Ceará.* - Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza.
- Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum.* - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro.
- Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum. Univ. Fed. Pernambuco.* - Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Rev. Inst. Hist. e Geogr. Bahia* - Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Salvador.
- Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasil.* - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.
- Rev. Inst. Hist. Geogr. Espírito Santo.* - Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Vitória.
- Rev. Inst. Hist. Geogr. Goiás.* - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Goiânia.
- Rev. Inst. Hist. Geogr. Minas Gerais.* - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Rev. Inst. Hist. Geogr. Pará.* - Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Belém.
- Rev. Mus. Júlio de Castilho. Arq. Hist. Rio Grande do Sul.* - Revista do Museu Júlio de Castilho e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rev. Mus. Paul.* - Revista do Museu Paulista, São Paulo.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- Rev. Mus. Paul. Nova Sér.* - Revista do Museu Paulista, Nova Série, São Paulo.
- Rev. Palis Découv.* - Revue Palis de la Découverte.
- Rev. Patr. Hist. Art. Nac.* - Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro.
- Rev. Paul. Arqueol.* - Revista Paulista de Arqueologia, São Paulo (Instituto Paulista de Arqueologia).
- Rev. Préhist.* - Revista de Pré-História, São Paulo.
- Rev. Sind. Odontol.* - Revista do Sindicato dos Odontologistas, Rio de Janeiro.
- Rev. Soc. Geogr. Hist.* - Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História, Fortaleza.
- Rev. Trim. Hist. Geogr.* - Revista Trimestral de História e Geografia, Rio de Janeiro.
- Rev. Univ. Fed. Est. Rio de Janeiro* - Revista da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SPHAN. Pró-mem.* - Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Pró-Memória, Brasília.
- Sudam. Drei. Montaschr. Dtsch. Sprach.* - Sudamerika, Drei - Montaschrift in Deutscher Sprache.
- Temas. Mus. Paul. Antropol.* - Temas, Museu Paulista de Antropologia, São Paulo.
- Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg.* - Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene, London.
- Verh. Berliner. Ges. Antrhpol. Ethnol. Urgesch.* - Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, Berlim.
- Veröff. Königlich Mus. Völkerk.* - Veröffentlidningens an dem Königlichen Museum für Volkerkunde, Berlim.
- Z. Ethnol.* - Zeitschrift für Ethnologie, Berlim.

A 0001

ABREU, Aurélio M.G.
1973. Brasil. In: *civilizações perdidas das Américas.*
São Paulo, Nossa Brasil.
p.206-24.

A 0002

ABREU, Aurélio M.G.
1983. A pré-história de Vinhedo. *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 2(2):6-10; 3. fig., mapa, prancha.

A 0003

ABREU, Aurélio M.G.
1984. Em busca do Paititi. As ruínas do Vale do Guaporé. *Planeta*, São Paulo, 139-B:46-51, 7 fot., (abril).

ABREU, Eurípedes B.F.

Ver BARBOSA, Altair Sales

A 0004

ABREU, Sílvio FROES.
1944. O problema dos Sambaquis. II. Sambaquis de Imbituba e Laguna (Santa Catarina). *Bol. Geogr.*, Rio de Janeiro, 2(21):1298-1309.

A 0005

AB'SABER, Aziz N.
1984. Paleoclimas e migrações pré-históricas na América do Sul. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:127.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0006

AB'SABER, Aziz N.
1984. Tipos de habitat do homem do sambaqui. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 120-2.

A 0007

1983. Geoarqueologia da região de Serra Azul e São Simão, E. de S. Paulo, Brasil. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 5(5):179-84, 1 fig. bibl.

AGUIAR, Alice

Ver: MARTIN, Gabriela &

A 0008

AGUIAR, Alice

1982. Tradições e estilos na Arte Rupestre no Nordeste Brasileiro. *Clio*, Recife, 5:91-104, 4 fig., bibl.

A 0009

AGUIAR, Alice; VICTOR, Plínio; TADEU, Paulo.
1981. Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco. *Clio*, Recife, 4:39-42, 1 mapa.

A 0010

ALBANO, Rosângela.
1979/80. Bibliografia sobre arte rupestre. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. M.G.*, Belo Horizonte, 4-5:185-7.

A 0011

ALBANO, Rosângela

1979/80. Mapeamento dos sítios rupestres brasileiros mencionados na Bibliografia. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 4-5:188-99.*

A 0012

ALBUQUERQUE, Marcos.

1970. Considerações acerca do paléo-ameríndio no Nordeste do Brasil. In: VASCONCELOS SOBRINHO, J., ed. *As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização.* Recife, Conselho do Desenvolvimento de Pernambuco. p.275-9, il.

A 0013

ALBUQUERQUE, Marcos.

1970. Nota sobre a ocorrência de sambaquis históricos e de contato interétnico no litoral de Pernambuco. *Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum. Univ. Fed. Pernambuco, Recife, 1:153-8.*

A 0014

ALBUQUERQUE, Marcos.

1982. Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contatos entre os portugueses e os indígenas da tradição Tupiguarani no

Nordeste do Brasil. *Clio, Recife, 5:105-16, 1 map. 5 fig., bibl.*

A 0015

ALBUQUERQUE, Marcos.

1983/84. Horticultores pré-históricos do nordeste. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 8-9:131-4.*

A 0016

ALBUQUERQUE, Marcos.

1984. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. *Clio, Recife, 6:109-22, bibl.*

A 0017

ALBUQUERQUE, Marcos.

1984. Utilização da radiologia em cerâmica arqueológica. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5., Rio de Janeiro, 1984. *Resumos. Rio de Janeiro, ISCB.*

A 0018

ALBUQUERQUE, Marcos.

1985. Utilização da radiologia em cerâmica arqueológica. *Clio, Recife, 7:145-55, bibl.*

A 0019

ALBUQUERQUE, Marcos & ALVES,
Claristella.

1983. O sítio arqueológico de
Quipapá (PE 79-Pjm)-Con-
tribuição ao estudo da
tradição Tupiguarani no
nordeste do Brasil. *Ar-
queologia I*, Recife, 1
(1):1-24, 4 fig., bibl.

A 0020

ALEMANY, Fernando PAVIA.

1983. Estudio de la insolación
del abrigo arqueológico
Sarandi. *Rev. Préhist.*,
São Paulo, 5(5):125-43.

ALVES, Claristella.

Ver: ALBUQUERQUE, Marcos.

A 0021

ALVES, J. Jerônimo ALENCAR &
LOURENÇO, J. S.

1981. Métodos geofísicos apli-
cados à arqueologia no
Estado do Pará. *Bol. Mus.
Para. Emílio Goeldi*, Geo-
logia, Belém, 26:1-52,
21 fig., bibl.

A 0022

ALVES, Márcia Angelina

1983/84. Estudo do sítio Pra-
do, um sítio lito-cerâ-
mico colinar. RMP, São
Paulo, 29:169-99, 2 pranc.
3 quad., 4 fot., 5 map.,
bibl.

ALVIM, M. C.

Ver também:

ALVIM, M. C. M.

ALVIM, M. M.

E ver:

BERTOLAZZO, Wuher.

PEREIRA, C. B. & -

A 0023

ALVIM, Marília C. MELLO; DIAS
Júnior, Ondemar F.; TORÍBIO,
Maria Teresa.

1973-74. Relações culturais e
fisiológicas de grupos
indígenas da Fase Mucu-
ri. Os sítios arqueoló-
gicos do município de
Santo Maria Madalena, RJ.
Delfos, Rio de Janeiro,
13-14:55-62.

A 0024

ALVIM, M. C. de M. & FERREIRA,
F. J.L. da C. F.

1985. Os esqueletos do abrigo
Toca do Paraguaio, munici-
ípio de São Raimundo
Nonato, Piauí, estudo an-
tropofísico. *Cadernos de
Pesquisa*, 4, Terezina,
UFPI, série Antropologia,
3: 239-261, bibl. resumos.

A 0024

ALVIM, M. C. de M. & FERREIRA,
F. JL da C. F.

1985. Os esqueletos do abrigo
Toca do Paraguaio, munici-
ípio de São Raimundo

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Nonato, Piauí, estudo antropofísico. *Cadernos de Pesquisa*, 4, Terezina, UFPPI, série Antropologia, 3:239-261, bibl. resumos.

A 0025

ALVIM, M.C.M. & SOARES, Margaret CARVALHO.
1981/82. Incidência de traços não-métricos em material de sambaqui do acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Arq. Anat. e Antropol., Inst. Antropol. Prof. Souza Marques*, Rio de Janeiro, 6-7:315-33, 7 fot. bibl.

A 0026

ALVIM, M. C. M. & SOARES Margaret CARVALHO.
1983. Estudo comparativo de traços não-métricos em populações pré-históricas do Brasil. *Bol. Mus. Nac. Nova Ser.*, Rio de Janeiro, 38:14, 3 fot, 2 tab.

A 0027

ALVIM, Marília MELLO & SOARES, Margareth de CARVALHO.
1984. Incidência de traços não-métricos em material de Sambaqui do acervo do Museu Nacional da Universidade do Rio de Janei-

ro. *Rev. Arqueol. Para. Emílio Goeldi*, Belém, 2 (1):3-12.

A 0028

ALVIM, Marília CARVALHO; SOARES, Margaret de CARVALHO & CUNHA, Paulo Sérgio PRINGSHEIM.
1983/84. Traços não-métricos craniais e distância biológica em grupos indígenas interioranos e do litoral do Brasil - "Homem de Lagoa Santa", Índios Botucudos e construtores de sambaquis. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*. Belo Horizonte, 8-9:323-38, 3 tab.

A 0029

ALVIM, Marília C. de MELLO e, SOARES, Margaret C.; & CUNHA, Paulo Sérgio P.
1984. Traços não-métricos craniais e distâncias biológicas em grupos indígenas do Brasil: botocudos e construtores de sambaquis. *Rev. Pré-hist.*, São Paulo, 6:107-17, bibl.

A 0030

ALVIM, Marília CARVALHO MELLO & SOUZA, Sheila Maria FERRAZ MENDONÇA.
1983-84. Os esqueletos humanos da furna do Estrago-Pernambuco, Brasil. *Arq. Mus.*

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais., Belo Horizonte, 8-9:349-63 bibl.
(Nota prévia).

A 0031

ALVIM, Marília CARVALHO de MELO & SOUZA, Sheila M. FERRAZ MENDONÇA.

1984. Os esqueletos humanos da furna do Estrago-Pernambuco. *Symposium*, Recife, 26(1):61-86, bibli.

A 0032

ALVIM, Marília MELLO & SOUZA, Sheila MENDONÇA.

1984. Os esqueletos humanos na furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. *Clio*, Recife, 6: 95-8, 1 grav.

A 0033

ALVIM, Marília CARVALHO de MELO & SOUZA, Sheila M. FERRAZ MENDONÇA.

1984. Os índios Kaingang e a população do forte Marechal Luz. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5. Rio de Janeiro, 1984. *Resumos*, Rio de Janeiro, ISCB.

A 0034

AMADOR, Elmo da Silva.

1980. Sítios arqueológicos. In: AMADOR, E.S. Unidades sedimentares cenozóicas do

do recôncavo da Baía de Guanabara (Folhas Petrópolis e Itaboraí). *An. Acad. Bras. Cien.*, Rio de Janeiro, 52(4):743-62, il, bibl.

A 0035

AMARAL, Luiz.

1946. *As Américas antes dos europeus*. São Paulo, Nacional. (Biblioteca do Espírito Moderno, 43).

ANDRADE, Amaro BASCIA e.

Ver FRANCISCO, Benedicto H.R. &.

A 0036

ANDRADE, Edil Reis.

1977. Introdução à arqueologia brasileira: sambaquis. *Pesquisa*. Brasília, 1 (1):4-7.

ANDRADE, João CORRÊA.

Ver CUNHA, Ernesto de MELLO SALES &.

ANDRADE LIMA, T.

Ver LIMA, T.A.

A 0037

ANDREATTA, Margarida Davina.

1978. Projeto arqueológico Anhangüera-Estado de Goiás-Missão 1977. RMP, nova série, São Paulo, 25:47-64.

A 0038

ANDREATTA, Margarida Davina
1981/1982. 'Arqueologia histórica no
município de São Paulo'. RUP,
Nova série, São Paulo, 28:174-6.

ANTHONIOZ, S.

Ver ANTHONIOZ-RUSSEL, S.

A 0039

ANTHONIOZ, S.; CLEMENT, G.;
MONZON, S.
1978. Les œuvres rupestres du
massif de Caetano, ré-
gion de Lagoa Santa, Mi-
nas Gerais, Brésil. Pa-
ris, 1974.
Inst. d'Ethnologie, Pa-
ris. Microficha 74 039 176.

A 0040

ANTHONIOZ-RUSSEL, S.; MONZON,
S.
1985. L'Abri de Sucupira: un
site d'art rupestre de la
région de la Serra do
Cipó, Minas Gerais, Brésil:
Inst. d'Ethnologie, Pa-
ris. R84039375 (micro-
ficha).

ARAÚJO, Adauto J.G.

Ver FERREIRA, Luiz Fer-
nando. CHAME, M. CONFA-
LONIERI, Uliisses E. C.
MACHADO, Lilia M. CHEMI-
CHE &.

A 0041

ARAÚJO, Adauto J.G.; CONFALONIERI,
Uliisses E.C. & FERREIRA, Luiz F.
1980. Oxyurid infestations in small
animals from 9.000 B.P. in Bra-
zil. *Paleopathol. Newslet.*,
31:13-4.

A 0042

ARAÚJO, A.J.G.; CONFALONIERI,
U.E.C.; FERREIRA, L.F.
1982. Oxyurid (Nematoda) eggs
from Coprolites from
Brazil. *J. Parasitol.*,
Lawrence, 68(3):511-2.

A 0043

ARNAUD, M.B.

1983. Un exemple de prospec-
tion régionale: São Rai-
mundo Nonato. Contri-
butions méthodologiques
en préhistoire. II- La-
boratoire d'Anthropolo-
gie Préhistorique d'A-
mérique de l'École des
Hautes Études en Scien-
ces Sociales. *Éstud.*
American. Interdiscipl.
Paris, 2:58-74.

A 0044

1982. ARQUEOLOGIA: reaberto o
. Museu de Itaipu, em Ni-
terói (RJ). *SPHAN. Pró-
mem.*, Brasília, 27:5-7.
5 fot.

A 0045

1982. A arte rupestre no Estado de Minas Gerais. A região de Lagoa Santa. Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC), Belo Horizonte, 21 p., bibl. 9 Pranchas a cores. (Séries de Publicações Técnicas).

ARTUSI, L.

Ver MASI, Marco Aurélio.

A 0046

ÁVILA, J. Bastos de.

1934. Medidas tomadas sobre o crânio offerecido por LUND ao Instituto Histórico e Geographico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, dezembro, 2p, (datil.).

AYTAI, Desidério

Ver também:

PEREIRA, Maria Augusta & alli.

A 0047

AZEVEDO, José Antônio Alves.

1981/1982. Análise preliminar da arqueofauna do RJ-JC-64, Corondó Fauna de Cordados. *Arq. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:157-60.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

BACELLAR, Fernando PEREIRA.

Ver PASSOS, Gervazio de BRITO &.

A 0048

BAILEY, James.

1937. *The god-kings and titans. The New world ascendancy in ancient times.* London.

A 0049

BAIOCCHI, Mari Nazaré.

1972. *Inventário arqueológico do Estado de Goiás.* Goiânia, Museu da Universidade Católica de Goiás, Oriente, 32p. il.

A 0050

BARATA, Frederico.

1968. A cerâmica tupi-guarani. In: _____. *As artes plásticas no Brasil.* Rio de Janeiro, Ed. Brasileira de Ouro. (Série Arqueologia) p.101-6. bibl.

A 0051

BARATA, Mário.

1979. Problemas de arqueologia cearense. *Rev. Soc. Cear. Geog. Hist., Fortaleza*, Ano 44, 8(1): 79-84.

BARBOSA, Altair Sales.

Ver SCHMITZ, Pedro Ignácio & -

A 0052

BARBOSA, Altair SALES.
1981/1982. O arcaico em Goiás.
Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 6/7: 47-68, gráf., pranc., bibl.

A 0053

BARBOSA, Altair SALES.
1981/1984. Balanço da arqueologia brasileira. Goiás.
Anu. Divulg. Cient. Univ. Cat. Goiás, Goiânia, 10: 25-42.

A 0054

BARBOSA, Altair SALES
1981/1984. O período arqueológico "arcaico" em Goiás.
Anu. Divulg. Cient. Univ. Cat. Goiás, Goiânia, 10: 85-97, bibl.

A 0055

BARBOSA, Altair SALES.
1983/1984. Balanço da arqueologia brasileira. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9/261-76.

A 0056

BARBOSA, Altair SALES
1983/1984. Modelo arqueológico no projeto Serra General, tentativa de correlações sistêmicas e eco-

lógicas. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:229-42, bibl.

A 0057

BARBOSA, Altair SALES; MIRANDA, A.F.; PEDROSO, D. Dulce, M.R.; ABREU, Eurípedes B. F.; RIBEIRO, M. BARBERI.

1984. Audiovisual: Projeto Serra Geral. Estudo de modelos em arqueologia. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 14. Belém, 1984. *Resumos... Rev. Arqueol.*, Belém, 2(1) : 73.

A 0058

BARBOSA, Altair SALES; MIRANDA, A. Fernandes & SCHMITZ, Pedro Ignácio.

1981/1982. Sítios pré-cerâmicos de superfície no Programa Arqueológico de Goiás; alguns elementos para discussão dos fenômenos adaptativos. *Arq. Mus. Hist. Nat. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:35-46, bibl.

A 0059

BARBOSA, Altair SALES; MIRANDA, A.F. de SCHMITZ, Pedro IGNÁCIO.

1981/1984. Sítios pré-cerâmicos

Arq. Mus. Hist. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- cos de superfície no Programa Arqueológico de Goiás, alguns elementos para discussão dos fenômenos adaptativos. *Anu. Divul. Cient. Univ. Cat. Goiás*, Goiânia, 10: 43-60. 4 quad. 4 pranc, bibl.
- A 0060
 BARBOSA, Altair SALES & OLIVEIRA, Acary P.
 1983/1984. Projeto Ilha do Bananal. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:242-60, 1 map. 1 quad., bibl.
- A 0061
 BARBOSA, Altair SALES; RIBEIRO, M. BARBERI; SCHMITZ, Pedro I.
 1984. Cultura e ambiente na pré-história do sudeste de Goiás. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 14. Belém, 1984. *Resumos. Rev. Arqueol. Mus. Belém*, 2(1):73.
- A 0062
 BARBOSA, Altair SALES; SCHMITZ, Pedro Ignácio; STOBAUS, Angélica; MIRANDA, Avelino Fernandes de.
 1982. Projeto Médio-Tocantins:
- Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama. *Pesquisas. Ser. Antropol.*, São Leopoldo, 34:48-92, fig. 3 il., bibl.
- A 0063
 BARRETO, Cristiana N.G. de BARROS; DE BLASILIS, Paulo A. DANTAS; DIAS NETO, Coriolano de MARINS; KARMANN, Ivo; LINO Clayton FERREIRA & ROBRAHN, Erika MARION.
1982. Abismo Ponta de Flecha: um projeto arqueológico paleontológico e geológico no Médio Ribeira de Iguape, São Paulo. *Rev. Préhist.*, São Paulo 3 (4):195-215, bibl.
- A 0064
 BECK, Anamaria.
 1970. Os sambaquis da região do litoral de Laguna - Santa Catarina. *An. Mus. Antropol. Univ. Fed., Santa Catarina, Florianópolis*, 3(3):5-22.
- A 0065
 BECKER-DONNER, E.
 1956. Archäologische Funde am Mittleren Guaporé (Brasilien). *Arch. Völkerk.* 22:202-49.

Arq. Mus. Hist. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0066

BECKER-DONNER, Etta.

1970. Geriefte Keramik des Rio-Negro-Gebietes aus den Jahzen 1830-1831 (Chemische Daten: W.P. (Bauer). Arch. Volkerk. Wien, 24:1-19, 5 fig., bibl. (Sumário em inglês).

BEEK, Gus W. Van.

Ver FONWLER, Dou D. &.

BECKER, Itala Irene.

Ver também:

SCHMITZ, Pedro Ignácio &.

A 0067

BECKER, Itala Irene BASILE.

1983/1984. Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai. Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 8-9:277-84. map. bibl.

A 0068

BELIK, Hélio.

1982. Um tesouro arqueológico ameaça a velha teoria do Homo Sapiens. Planeta, São Paulo, 116:28-33, 6 fot.

A 0069

BELIK, Hélio.

1986. Vida e arte dos antigos povos da Amazônia. [The Life and the Art of An-

cient Amazonian Civilizations]. p.14-16. Icaro, São Paulo, ano III, 19: 11-13/14-16, 10 fotos a cores.

BELTRÃO, Maria da Conceição M. C.

Ver também:

HEREDIA, Osvaldo R. &.

MEIS, M. Regina Mousinho &.

E ver:

MOUSINHO, M.R. e Mets &.

BIGARELLA, João José.

MARQUES, & F.C. &.

A 0071

BELTRÃO, M.C.M.; CUNHA, L.M. da; DANON, J.; ENRÍQUEZ, C.R. POUPEAU, G.; ZULETA, E.

1983. Datations par thermoluminescence de sites archéologiques du sud-est brésilien. REUNIÃO ANIMAL DA SBPC, 35, Belém, 1983. Resumos... Cienc. Cult., São Paulo, 843: 117.

A 0072

BELTRÃO, M.C.; DANON, J.; ENRÍQUEZ, Carlos Raul; POUPEAU, Gérard; ZULETA, Emílio.

Arq. Mus. Hist. UFMG. Belo Horizonte. 70:

1982. Sur l' arrivée de l'homme en Amérique: datations par thermoluminescence des silex brûlés du site archéologique Alice Boer (Brésil). *C.R. Acad. Sc. Sér. II*, Paris, L 295 : 629.

A 0073

BELTRÃO, Maria da Conceição; DÓRIA, Margareth RUBIN, PINHO & DÓRIA, Francisco Antonio.

1985. A catástrofe e o arqueótipo. *Rev. Brasil*, Rio de Janeiro, 1(3):90-7.

A 0074

BELTRÃO, M.M.C.; ENRIQUEZ, C. R.; DANON, J.; ZULETA, E.; POUPEAU, G.

1981. Thermoluminescence studies of archaeological heated cherts from the Alice Boer site. In: CONGRESSO UISPP 10. México-1981.

Comisión 12: El poblamiento de América. Colóquio: *Evidência arqueológica de ocupación humana en América anterior a 11.500 años a.p.* México, UISPP.

A 0075

BELTRÃO, M.M.C.; ENRIQUEZ, C. R.; DANON, J.; ZULETA, E.; POUPEAU, G.

1983. *Thermoluminescence dating*

Arq. Mus. Hist. UFMG. Belo Horizonte. 10:

of burnt cherts from the Alice Boer Site (Brazil). Rio de Janeiro. Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), 31p., 5 fig. 2 quad., bibl.

A 0076

BELTRÃO, M.C. de M.C.; ENRIQUEZ C.R.; DANON, J.; ZULETA E. & POUPEAU G.

1986. Thermoluminescence dating of burnt cherts from the Alice Boer Site (Brasil). A. Bryan ed. In: *New Evidence for the Pleistocene Peopling of the Americas*; Univ. of Maine, Orono, 203-14, 5 fig., bibl.

A 0077

BELTRÃO, M.C. de M.C.; HEREDITA, O.R.; RABELLO, Angela M. CAMARDELLA & PEREZ, Rhoneds A.

1981/1982. Pesquisas arqueológicas no sambaqui de Sernambetiba. *Arq. Mus. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:145-55, bibl.

A 0078

BELTRÃO, Maria da Conceição de M.C. & LIMA, Tânia ANDRADE.

1983. O Projeto Central. In: *REUNIÃO ANUAL DA SBPC*,

- 35, Belém, 1983. Resumos...
Cien. Cult., São Paulo, 843:115.
- A 0079
- BELTRÃO, M.C. M.C.; MOURA, J. R.S.; VASCONCELOS, W.S. & NEME, S.M.N.
1986. Sítio arqueológico pleistocênico em ambiente de encosta: Itaboraí, RJ, Brasil. A. Bryan ed., In: *New Evidence for the Pleistocene Peopling of the Americas*, Univ. of Maine, Orono, 195-202, e fig., bibl.
- A 0080
- BELTRÃO, M.C. & TOHT, E.M.
1984. Perspectivas arqueo-geológicas do projeto Central. *Clio*, Recife, 6:15-26, bibl. (Nota prévia).
- A 0081
- BERTOLAZZO, Walter & ALVIM, Marília CARVALHO DE MELLO.
- 1983/1984. Os seios frontais em grupos indígenas brasileiros-construtores de sambaquis e Botucudos. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:339-48.
- A 0082
- BERTOLAZZO, Walter & ALVIM, Marília CARVALHO DE MELLO:
1984. Os seios frontais em grupos indígenas brasileiros construtores de sambaquis e botucudos. *Rev. Arqueol.*, Belém, 2(2): 41-5, bibl.
- A 0083
- BERTOLAZZO, Walter & ALVIM, Maria C. de Mello.
1985. Os seios frontais em grupos indígenas brasileiros, Homem de Lagoa Santa, construtores de sambaquis e botucudos. *Clio*, sér. arqueol. 2, UFPE, Recife, 7:113-30, 1 fot. bibl.
- BEZERRA, Francisco Otávio da Silva.
- Ver FALCÃO, Alfredo Coutinho de Medeiros.
- A 0084
1972. Relatório da viagem à Montalvania. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 1(4):7-29.
- A 0085
- BEZERRA, Francisco Octávio da SILVA.
1973. Expedição à Paraíba- I. *Bol. Inf. Centro Brasil. Arqueol.* Rio de Janeiro, 2(2):7-15.
- Arq. Mus. Hist. UFMG*. Belo Horizonte. 10:

A 0086

BEZERRA, F.O. SILVA
1973. Expedição à Paraíba. II.
Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol., Rio de Janeiro, 2(3):16-9.

A 0087

1973. Expedição à Paraíba. III.
Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol., Rio de Janeiro, 2(4):25-8.

A 0088

BEZERRA, Francisco Otávio da Silva.
1974. Expedição à Paraíba. IV.
Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol., Rio de Janeiro, 3(1):

A 0089

BEZERRA, Francisco Otávio da Silva.
1974. Expedição à Paraíba. V.
Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol., Rio de Janeiro, 3(2):24-8.

A 0090

BEZERRA, Francisco Otávio da Silva & FALCÃO, Alfredo Coutinho de Medeiros.
1974. Expedição à Paraíba. Final.
Bol. Inf. Cent. Brasil, Rio de Janeiro, 3 (3):13-29.

A 0091

1979/1980. BIBLIOGRAFIA Geral da Arqueologia Brasileira. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4/5:25-183 (A. Prous. Coord.).

A 0092

BIGARELLA, João José, BELTRÃO, Ma da Conceição de M.C. & TOTH, Elba MORAES REGO.

1984. Registro de fauna na arte rupestre: possíveis implicações geológicas. *Rev. Arqueol.*, Belém, 2 (1):31-7; 2 fig., bibl.

A 0093

BLASI, Oldemar.
1966. Investigações arqueológicas nas ruínas da redução Jesuística de Santo Inácio do Ipaumbucu ou Mini Paraná, Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 36. (Nota prévia), 1966. Atas... l: 143-480.

A 0094

BOGGIANI, Guido.
1985. Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. Roma (Trad. portuguêsa: OS CADUVEOS, Itatiaia/USP, São Paulo, 1975).

A 0095

BOGLÁR, L.
1958. Urns burial of the brasilian indians *Acta Ethnogr. Acad. Sci. Hung.* Budapest, 6(3-4): 347-55.

A 0096

BOGLÁR, L.
1959. Some notes to burial forms of the Brazilian Indians. In: _____. *Opuscula ethnologica memoriae ludovici biro sacra*. Academic Nyomda Budapest, p.159-63.

A 0097

BOOMERT, Aad.
1981. The Taruma phase of Southern Suriname. *Archael. Anthropol.*, Georgetown, 4 (1/2):104-59; 13 fig. 3 quad. bibl.

A 0098

BORBA, Nestor
1898. Excursão ao salto de Guayra ou Sete Quedas pelo capitão Nestor Borba. Notas e considerações gerais pelo engenheiro André Rebouças. *Rev. Inst. Hist. Geog. Brasil*, Rio de Janeiro, 61(1):65-87.

A 0099

BOSCH-GIMPERA, Pedro.
1967. *L'Amérique avant Christophe Colomb*. Paris, Payot. 237p il, bibl.

A 0100

BRANCO, R.C.
1971. Foi descoberto importante centro megalítico na Bahia. *C. Povo*, Porto Alegre, 13 Jun., 1971.

A 0101

BRANCO, Renato CASTELO
1971. *Pré-história brasileira - fatos e lendas*. São Paulo, 4 Ases. 191 p., bibl.

BRASIL, Gilberto ROCHA.

Ver: PERET, João Américo
OLIVEIRA, Anete MENEZES &.

BRITO, Emilson TAVARES.

Ver: MOREIRA, Luiz Eurico.

BROCHADO, José Proenza.

Ver: SCHMITZ, Pedro Ignácio.

A 0102

1878. *Fifteen thousand miles on the Amazon and its tributaries*. London.

BRUM, Iva N. SILVA

Ver: CORRÊA, M. Magarida GOMES &.

BRUNO, M. Cristiana O.

Ver: CALDARELLI, S.B.

- A 0103
 BRUNO, M^a Cristina Oliveira
 1983. Projeto do museu do Instituto de Pré-História / USP. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 5(5):163-75.
- A 0104
 BRUNO, Maria Cristina de OLIVEIRA.
 1984. A museologia a serviço da preservação do patrimônio arqueológico. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 301-23, 8 fig. 6 anex, bibl.
- A 0105
 BRYAN, A.L.
 1983. Carnivores, human scavengers & predators: A question of bone technology. In: ANNUAL CONFERENCE THE ARCHAEOLOGICAL ASSOCIATION OF THE UNIVERSITY OF CALGARY, 15. 1983. *Proceedings...* 1983. p. 193-217. 7 fig. bibl.
- A 0106
 BRYAN, A.L.
 1986. Paleomerican prehistory as Seen from South America. A. Bryan ed. In: *New Evidence for the Pleistocene Peopling of the Americas*. Univ. of Maine, Orono, 1-14, Bibl.
- BUARQUE, Ângela M. GONÇALVES.
 Ver: HEREDIA, Oswaldo R.
- A 0107
 1948. Sobre a compatibilidade química entre o hexaclore de benzeno (BHC) e o carbonato de cálcio (sambqui moido). *An. Biol. Tec.*, Curitiba, 3:61-65.
- A 0108
 CABRAL, João Francisco Dias
 1875. Relatório dos trabalhos no ano de 1874. *Rev. Inst. Arqueol. Geog. Alag.*, Maceió, 1(6):53-60.
- A 0109
 CABRAL, O. R. coord.
 1976. Notas históricas sobre a fundação da Póvoa de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. In: *Santo Antônio dos Anjos da Laguna*. Publicação do tricentenário de Laguna, coordenada por Oswaldo Cabral. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. p.51-158.
- A 0110
 CABRAL, Oswaldo RODRIGUES
 1984. Relação dos trabalhos publicados por Pe. João Alfredo Rohr, S.J. *An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina*, Florianópolis, 17:169-74.

- A 0111
 CAGGIANO, Maria Amanda.
 1983/1984. Cronología y ocupación prehispánica en el N.E. Argentino. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9 : 305-22, bibli., map.
- A 0112
 CAGGIANO, Maria Amanda
 1984. Prehistoria del N.E. Argentino sus vinculaciones con la Republica Oriental del Uruguay y sur de Brasil. *Pesquisas Ser. Antropol.*, São Leopoldo, 38:109-31, lâmin. bibl.
- A 0113
 CALDARELLI, Solange BEZERRA.
 1980. Pesquisas no interior do Estado de São Paulo. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 2 (2):85-92.
- A 0114
 CALDARELLI, Solange BEZERRA.
 1983. Lições da pedra. (*Aspectos da ocupação préhistórica no vale médio do Rio Tietê*). São Paulo, 355p., 128 fig. bibl. (Tese, Doutoramento).
- A 0115
 CALDARELLI, Solange BEZERRA.
 1983. Aldeias Tupi-guarani no vale do rio Mogi-Guaçu, São Paulo, Brasil. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 5 (5):37-124, 4 tab., 56 fig., bibl.
- A 0116
 CALDARELLI, Solange BEZERRA
 1984. A contribuição da remontagem de peças líticas para a compreensão espácia-temporal de sítios arqueológicos. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:292-7, 2 fig., bibl.
- A 0117
 CALDARELLI, Solange BEZERRA
 1984. O Abrigo Sarandi, São Paulo: uma tentativa de reconstrução paleoetnográfica. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:281-3, bibl.
- A 0118
 CALDARELLI, Solange BEZERRA
 1984. Evidenciação de estruturas em níveis arqueológicos contidos em sedimentos arenosos ou areno-argilosos. *Rev. Pré-hist.*, São Paulo, 6:208-12, 2 fig., bibl.
- A 0119
 CALDARELLI, Solange BEZERRA, coord.
 1984. Problemas de terminologia lítica no Brasil. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 258.

Arq. Mus. Hist. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0120

CALDARELLI, Solange BEZERRA.
1984. Sugestões para se atacar os problemas de terminologia lítica na arqueologia brasileira. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6:262-7, 2 tab., 1 fig., bibl.

A 0121

CALDARELLI, Solange BEZERRA.
1984. Ultrapassagem intencional em artefatos plano-convexos da tradição Humaitá no Estado de São Paulo. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6:251-5, 3 fig., bibl.

A 0122

CALDARELLI, Solange B & BRUNO, M. Cristina, O.
1982. Arqueologia e museologia: experiências de um trabalho integrado. Pesquisas e exposições do Instituto de Pré-História / USP. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 3(4):143-9, bibl.

A 0123

CALDARELLI, Solange B & NEVES, Walter Alves.
1981. Programa de pesquisas arqueológicas no vale do rio Pardo, Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 3(3) : 13-49. 15 fig. bibl.

Arq. Mus. Hist. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0124

CALDARELLI, Solange B. & NEVES , Walter, A.
1981/1982. Estado atual das Pesquisas arqueológicas nos vales dos rios Pardo e Tietê, São Paulo. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:89-97, bibl.

A 0125

CALDARELLI, Solange BEZERRA & NEVES, Walter ALVES.
1982. Programa de pesquisa arqueológica no vale médio do rio Tietê, E. de São Paulo, 1980/82. *Rev. Prehist.*, 3(4):19-81, 35 fig., bibl.

A 0126

CALDERÓN, Valentin.
1983. *Estudos de arqueologia e Imunologia*. Salvador, Universidade Federal da Bahia. 52p. (Coleção Valentin Calderón).

A 0127

CALDERÓN, Valentin.
1983. As tradições líticas de uma região do baixo médio São Francisco (Bahia). In: ___. *Estudos de arqueologia e Etnologia*. Salvador, Universidade Federal da Bahia. p.37-51, bibl. (Coleção Valentin Calderón).

CALDERÓN, Valentin.
Ver: NASSER, NÁSSARO Antonio
de SOUZA &.

A 0128

CALIXTO, José.

1986. Rastros milenares . E-
quipe franco-brasileira
pesquisa os monumentais
sítios arqueológicos de
Rondonópolis, em Mato
Grosso. *Isto É*; 3 set.,
p.34-7, 7 fot.

A 0129

CAMPELO, S.M. & EMPERAIRE, L.
1985. Tiponymie de la région
sud-est du Piaui. *Étud.
American. Interdisciplin.*,
Paris, 4:1-32, bibl., 2
anexes.

A 0130

CAMPOS, Leonardo ALVARES DA
SILVA.
1983. *O homem na pré-história.*
Belo Horizonte. Imprensa
Oficial de Minas Gerais,
227p., map., fig., 25
fot., bibl.

A 0131

1947. CAPANEMA e os sambaquis.
Bol. Geogr., Rio de Ja-
neiro, 5(51).

A 0132

CARDOSO, Ciro Flamarión S.
1981. *América pré-colombiana.*

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

São Paulo, Brasiliense.
120p. il. bibl. (Coleção
Tudo é História, 16).

CARVALHO, Eliana.

Ver: DIAS JUNIOR, O.F.

A 0133

CARVALHO, Eliana TEIXEIRA.

1984. *Estudo arqueológico do
Sítio Corondô-Missão 1978.*
São Paulo, USP, 243p., 2
map. 47 pranc.. 5 graf.,
17 quad., 23 fot., bibl.
(IAB, série monografias,
2). Tese mestrado.

A 0134

CARVALHO, Eliana & SEDA, Paulo
1982. Os sítios com sinalizações
pesquisados pelo IAB: um
guia para cadastramento.
*Bol. Inst. Arqueol. Bra-
sil*, Rio de Janeiro, 9:
23-68, bibl.

CARVALHO, José Antonio.

Ver: PASSOS, Gervazio de BRITO & .

CASTELLANOS, M. Elisa SOLÁ
Ver também:

SOLÁ, M. Elisa CASTELLANOS.

CASTRO, João Paulo CAMPEIRO de
Ver FILHO, Joaquim Martins da SILVA

A 0135

CASCUDO, Lúiz Camara.

1967. O segredo dos Itacoatiaras. In:
_____. *Em memória de Stradelli.*
Manaus, Governo do Estado do
Amazonas, P. 67-73 (Série Eu-

- clídes da Cunha, 10).
- A 0136
- CASCUDO, Luiz Camara.
1979. Pedra de letreiro. In: *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 4. ed. rev. e aum. São Paulo, Melhoramentos. p. 599-602.
- CASTELLANOS, M. Elisa SOLÁ.
- Ver: SOLÁ, M. Elisa CASTELLANOS.
- CASTRO, João Paulo CAMPELLO de.
- Ver: FILHO, Joaquim Martins da SILVA
- A 0137
- CATHOUD, Arnaldo.
1940. *A raça de Lagoa Santa e o pleistoceno americano*. Belo Horizonte, Apollo, 122 p. il (Biblioteca Mineira de Cultura).
- A 0138
- CAVALCANTE, P.B.
1983. *Revisão taxonômica do gênero Simabla Aubl. (Simaroubaceae) na América do Sul.*, Belém, Museu Emílio Goeldi (Publicações avulsas do Museu Goeldi, 37).
- A 0139
1985. Premières observations sur la faune de la Serra da Capivara sud-est du Piaui-Brésil. *Étud. American. Interdisciplin.*, 4:33-40, bibl.
- A 0140
- CHAUDON, Gilberto Emílio.
1974. O sambaqui, importante sítio arqueológico brasileiro. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 3(3):2-7.
- A 0141
- CHAUDON, Gilberto Emílio.
1976. Os mitos da arqueologia brasileira. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 5(1):20-2 (Resenha de MARTIN, Gabriela: Estudo para uma desmistificação dos petróglifos brasileiros).
- A 0142
- CHAUSSON, Yvon.
1985. Datação pelo carbono quatorze do sambaqui fluvial de Capelinha. *Começar Novo; Reunião Anual SBPC*, 37, Belo Horizonte (Resumos). 10/17 jul.
- CHEUICHE, Lilia.
- Ver: DIAS, Jr. Ondemar &.
- CHEUICHE, Lilia.
- Ver: DIAS Jr. Ondemar.
- CHIARA, Philomena.
- Ver: KNEIP, Maria Lina &. PALLESTRINI, Luciana &.

- CHMYZ, Igor.
Ver: NASSER, Nássaro Antonio de
Souza &.
SCHMITT, Ariete Alice &.
- A 0143
- CHMYZ, Igor.
1973. Algumas considerações sobre a arqueologia no Estado do Paraná. In: ENCONTRO DE GOVERNADORES, 2. 1973. *Anais...* Brasília, Ministério da Educação e Cultura, p.322-31. Publicações do IPHAN.
- A 0144
- CHMYZ, Igor.
1976. Arqueologia e história da vida espanhola de Ciudad Real do Guairá. *Cad. Arqueol. Paranaú*, 1(1):7-104, il. bibl.
- A 0145
- CHMYZ, Igor.
1979. *Projeto arqueológico Itaipu: 4º Relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu, 1978 - 1979*. Curitiba, ITAIPU-IPHAN. 109p.
- A 0146
- CHMYZ, Igor.
1980. *Projeto arqueológico Itaipu: 5º Relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu, 1979/1980*.
- Curitiba, ITAIPU-IPHAN, 102 p., 9 fig., 6 quad., bibl.
- A 0147
- CHMYZ, Igor.
1981. *Projeto arqueológico Itaipu: 6º Relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu, 1980-1981*. Curitiba, ITAIPU-IPHAN, 69 p., 9 fig., bibl.
- A 0148
- CHMYZ, Igor.
1981. *Relatório das pesquisas arqueológicas realizadas na área de usina hidrelétrica de Salto Santiago, 1979-1980*. Florianópolis, Eletrosul. 101p., 6 pranc., 8 fig., 6 quad., bibl.
- A 0149
1982. Estado atual das pesquisas arqueológicas na margem esquerda do rio Paraná (Projeto arqueológico Itaipu). *Est. Brasil*. Curitiba, 8(13):5-39 3 mapas.
- A 0150
- CHMYZ, Igor.
1983. *Projeto arqueológico Itaipu: 7º Relatório das pesquisas realizadas na área de Itaipu, 1981-1983*. Curitiba, ITAIPU-IPHAN. 106 p., 12 fig., bibl.

- A 0151 getti. p. 97-153, il.
- CHMYZ, Igor.
 1984. *Projeto arqueológico Rosana-Taquaraçu; convênio da Fundação da UFPR-CESP*. São Paulo. Companhia Energética de São Paulo. 80p., 21 fig., bibl.
- A 0152
- CHMYZ, Igor.
 1985. Pesquisas de arqueologia e histórica no Paraná. *Dédalo*, São Paulo, Rev. Mus. Arq. Etnol., 24:171-97, 3 fig., 2 fotos, bibl.
- A 0153
- CID, Pablo (Pseudônimo de Moacyr Rosas).
 1971. *As Amazonas amerígenas*. Rio de Janeiro, Bruno Buccini. 104p.
- A 0154
1983. CIVILIZAÇÃO, uma história sem fim. *Interior*, Brasília, 51:5-7, 3 fot.
- CLEMENT, G.
 Ver: ANTHONIOZ, S. & -
- A 0155
- CLEROT, León F.R.
 1969. Arqueologia da Paraíba. In: *Trinta anos na Paraíba (Memórias coreográficas e outras memórias)*. Rio de Janeiro, Pon-
- A 0156
- CLÉROT, L.F.R.
 1969. *Trinta anos na Paraíba (memórias coreográficas e outras memórias)*. Rio Janeiro.
- A 0157
1977. COBIÇADA coleção arqueológica tapajônica adquirida pelo Basa. A Prov. Pará, Belém, 19 ago, cad. 1, p.7.
- COELHO, Arnaldo C. Santos.
 Ver: KNEIP, Lina Maria MELLO, Elisa Maria Botelho.
- A 0158
- COLLET, Guy Christian.
 1976. Notas complementares sobre observações a respeito dos sambaquis da região da Ribeira. *Bol. Inf. Soc. Brasil. Espeleol.* São Paulo, 9:1-5.
- A 0159
- COLLET, Guy Christian.
 1976. Notas preliminares sobre as primeiras sondagens num sambaqui fluvial em Itaoca, a fim de avaliar o seu conteúdo e orientar posteriormente uma pesquisa sistemática

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- mais extensa. *Bol. Inf. Soc. Brasil. Espeleol.*, São Paulo, 9:4-22, map., fig., pranc.
- A 0160
COLLET, Guy Christian
1978. Pré-história e espeleologia. *Espeleo-Tema. Bol. Inf. Soc. Brasil. Espeliot.* São Paulo, 11:6-8.
- A 0161
COLLET, Guy Christian.
1980. Material lítico de Itao-ca (Apiaí - SP), Notas Prévias. Sociedade Brasileira de Espeleologia. 20p. il. (mimeo).
- A 0162
COLLET, Guy Christian.
1982. Grupo espeleológico Bagrus. Atividades 1981 . Município de Analândia. Grupo Bagrus de Espeleologia, São Paulo. I.P.A. 17p., 3 map., 2 quad., 2 fig., bibl.
- A 0163
COLLET, Guy Christian.
1982. Abrigo Roncador, Analândia, S.P.; relatório de sondagem, São Paulo, Grupo Bagrus de espeleologia; I.P.A., 25p., 3 map., 2 quad., 2 fig., bibl.
- A 0164
COLLET, Guy Christian.
1982. Prospecção sistemática espeleo-arqueológica no Estado de São Paulo. *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 1(1):18-20, 1 fot.
- A 0165
COLLET, Guy Christian.
1982. Prospecção sistemática arqueológica no Estado de São Paulo - Região de Analândia. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4. Rio de Janeiro, 1982. Resumos. p. (mimeo).
- A 0166
COLLET, Guy Christian.
1983. A oficina lítica da caverna Itambé, São Paulo. Grupo Bagrus de Espeleologia - Altinópolis. 23p., 2 map., 8 pranc.
- A 0167
COLLET, Guy Christian.
1983. Retrospectivas. *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 2; não paginado.
- A 0168
COLLET, Guy Christian & GUIMARÃES, Carlos M.
1976. Resultado de sondagem do

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

sambaqui Januário. *Bol. Inf. Soc. Brasil. Espeleol.*, 6(9):36-47.

A 0169

COLOMBEL, Pierre.
1978. A arte forjada sobre a pedra. *Arte Hoje*, São Paulo, 13:12-3, 4 fot.

A 0170

COLTRINARI, Lylian.
1984. Proposta metodológica para pesquisa integrada de meio ambiente e pré-história na alta bacia do Rio Guareí, SP. *Rev. Prehist.* São Paulo, 6:185-7.

A 0171

COMAS, Juan.
1966. El hombre fósil en América. In: _____. *Manual de antropología física*. 2 ed., México, Universidad Autónoma de México. p.484-95.

A 0172

COMAS, Juan.
1974. Origenes. In: _____. *Antropología de los pueblos iberoamericanos*. Madrid, Labor. p.11-28.

A 0173

1981. COMO construir uma usina sem derrotar a natureza. *Interior*, Brasília, 40:17, 1fot.

CONFALONIERI, Ulisses E.C.
Ver: ARAÚJO, Adauto J.G. & FERREIRA, Luiz Fernando &

A 0174

CONFALONIEIRI, Ulisses E.C., FERREIRA, Luiz Fernando e ARAÚJO, Adauto J.G. de.
1984. Sobre o encontro de ovos de *Trichuris trichiura* em material arqueológico da América do Sul. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5. Rio de Janeiro, 1984. *Resumos*. Rio de Janeiro, ISCB.

A 0175

CONSENS, M.
1981-1982. Arte rupestre no Piauí - guns problemas prévios à sua análise morfológica. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7: 365-77, bibl., 2 fig.

A 0176

CONSENS, M.
1985. La Arqueología como fundamento de la utilizacion de tecnicas y metodos en los procesos de investigacion del arte rupestre. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 12(14) : 47, bibl.

COPE, Sílvia Moehlecke.
Ver: SCHMITZ, Pedro &. MOEHLECKE, S.C.

- CORRÉA, Conceição G.
Ver: SIMÕES, Mario F. &.
- A 0177
- CORRÉA, M. Margarida GOMES; BRUM, Iva N. SILVA & ZWINK, Walter.
1984. Ocorrência de crustáceos no sambaqui da Embratel, Guaratiba, Campo Grande, RJ. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6:361-70, 5 fig., bibl.
- A 0178
- CORRÉA, Maria Margarida GOMES & ZWINK, Walter.
1983. Ocorrência de crustáceos Decápodes no sambaqui da Embratel, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 10. Belo Horizonte. 1983. *Resumos*. Belo Horizonte, Imprensa Universitária, p.91-2.
- CORRÉA, Paulo Cezar.
Ver: CUNHA, Ernesto de Mello Salles &.
- COSTA, A.
Ver: COSTA, João Angyone.
- A 0179
- COSTA, A.
1936. *Archeologia geral; civilizações da América pré-colombiana*. São Paulo, Nacional (Biblioteca Pe-
- dagógica. Sér. 4. Iniciação Científica, 13).
- A 0180
- COSTA, Angyone.
1954. As aculturações oleiras e a técnica da cerâmica na arqueologia do Brasil. In: ___, *Esplírito e nervo do mundo latino*. Rio de Janeiro, Organização Simões. p. 194-218.
- COSTA, João Angyone.
Ver: COSTA, A.
- A 0181
- COSTA, João Angyone.
1934. A Ilha da Páscoa no caminho das migrações americanas. *Rev. Brasileira*, Rio.
- A 0182
- COSTA, João Frank da.
1978. *A evolução cultural da América pré-colombiana*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura. 230p. il, bibl.
- A 0183
- COUTO, Carlos de Paula.
1953. Os primeiros homens americanos. O homem de Lagoa Santa. In: ___, *Paleontologia brasileira - Mamíferos*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, p.414-28.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0184
 COUTO, Carlos de Paula.
 1979. Lagoa Santa. In: ___, *Treatado de paleomastozoologia*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciências, 590p. il, bibl.
- A 0185
 CREVAUX, Jules Nicolas.
 1883. *Voyages dans l'Amérique du sud*. Paris, s.ed.
- A 0186
 CROSS, JR. F.M.
 1968. The phoenician inscription from Brazil; a nineteenth-century forgery. *Orientalia*, Roma, 37:437-460.
- A 0187
 CRULS, Gastão.
 1976. Arqueologia indígena. In: ___, *História Amazônica*. Rio de Janeiro, J. Olympio, p. 205-60, il.
- A 0188
 CRUZ, Olga.
 1984. A compartimentação topomorfológica no litoral norte do Estado de São Paulo e a localização de sítios pré-cerâmicos baseada em fotografias aéreas. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6:148-50, bibl.
- A 0189
 CUNHA, Ernesto de Mello Salles.
 1960. Afecções alvéolo-dentárias em mandíbula de aborigene na Ilha do Governador (Guanabara). *Rev. Sind. Odontol.*, Rio de Janeiro, 6(17):13-9, il, bibl.
- A 0190
 CUNHA, Ernesto de Mello Salles.
 1966. Polidores neolíticos. *Rev. Univ. Fed. Est. Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2(4):83-93.
- A 0191
 CUNHA, Ernesto de Mello Salles.
 1968. Contribuição da aeroftogrametria na pesquisa de sambaquis de Vitória (Espírito Santo). *Rev. Brasil. Geogr.*, Rio de Janeiro, 30(2):117-9, abr./jun.
- A 0192
 CUNHA, Ernesto de Mello Salles.
 1971. Nótulas de arqueologia baiana. *Arq. Flum. Odontol. Niterói*, 4(2):20-2, bibl.
- A 0193
 CUNHA, Ernesto de Mello Salles.
 1973. Sobre um caso particular de abrasão dentária em homem dos sambaquis.

- Arq. Flum. Odontol.* Niterói, 6(4):107-12, il, bibl.
- A 0194
- CUNHA, Ernesto de Mello Salles. 1973. A guisa de reportagem (Restos humanos das dunas de Itaipu). *Arq. Flum. Odontol.*, Niterói, 6(1) : 25-8, il, bibl.
- A 0195
- CUNHA, Ernesto de Mello Salles. 1973. O dente do escravo da baixada fluminense. *Arq. Flum. Odontol.*, Niterói, 6(1):14-9, bibl.
- A 0196
- CUNHA, Ernesto, de Mello Salles; CORRÉA, Paulo Cesar Rafael; VIEIRA, Marcus Infante & ANDRADE, João Corrêa. 1970. Os dentes do indígena de Niterói; alguns aspectos. In: JORNADA FLUMINENSE DE ODONTOLOGIA "PROF. COELHO E SOUZA", 8., Niterói, 1970. *Anais...* Niterói, Universidade Federal Fluminense. p. 27-49, il, bibl.
- CUNHA, Fausto Luiz de Souza. Ver: FRANCISCO, Benedicto H.P. & KNEIP, Lina Maria &.
- A 0197
- CUNHA, Fausto Luiz de SOUZA & GUIMARÃES, Martha LOCKS. 1981/1982. A fauna sub-recente *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*. Belo Horizonte. 20:
- de vertebrados do Grande Abrigo da Lapa Vermelha; Emperaire (P.L.), Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, *RUP Nova Sér.*, São Paulo, 28 : 235-72, bibl. 18 fig.
- CUNHA, L.M.
- Ver: BELTRÃO, M.C. M. &.
- CUNHA, Paulo Sérgio P. da. Ver: ALVIM, Marília Carvalho de Mello & -
- A 0198
- CURT, Nimuendajú. 1956. Os Apinayé. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém, 12:1-150.
- A 0199
1985. DADOS BIOGRÁFICOS do Pe. João Alfredo Rohr, S. J. *Pesquisas, Antropologia*, 40:1-31 (biografia, projetos e bibliografia).
- DALCIN, Roberto F.
- Ver: SOUZA, Sheila M.F. &.
- DANON, J.
- Ver: BELTRÃO, M.C.M. & MARQUES, J.F.C. &.
- DE BLASIIS, Paulo A. DANTAS. Ver: BARRETO, Cristina N.G. &
- DELIBRAS, G.
- Ver: GUIDON, N. & -

- A 0200
DERBY, Orville A.
1877. Contribuição para a geologia do baixo Amazonas.
Arq. Mus. Nac., Rio de Janeiro, 2:77-104.
- A 0201
DERBY, Orville, A.
1877. Os montes artificiais da Ilha de Marajó. *O Vulgarizador*, Rio de Janeiro, 8:59-62.
- A 0202
1984. Descoberta de um antigo cenário; São Francisco do Sul. *J. Tour.*, Rio de Janeiro, 31:8-9, jan./mar.
6 fot. a cores, 1 map.
- A 0203
1984. Descoberta maior casa subterrânea. *D. Tarde, Belo Horizonte*, 20 ago. 1984, 1º cad.
- A 0204
DIAS, A. Gonçalves.
s/d. *O Brasil e a Oceania*.
Rio de Janeiro, H. Garnier.
358p.
- A 0205
DIAS, João de Deus de Oliveira.
1971. Protohistória de Caruaru.
In: ___, *Caruaru; subsídios para a sua história*.
Caruaru, p.131-85, il, bibl.
- DIAS JÚNIOR, Ondemar F.
Ver: DIAS, Ondemar.
ALVIM, M.C. MELLO &.
- A 0206
DIAS JÚNIOR, Ondemar F.
1963. Cerâmica cabocla do Vale do Elefante. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil.*, Rio de Janeiro, 3:10-7, 2 pranc.
- A 0207
DIAS JÚNIOR, Ondemar F.
1963. Resumo das atividades de campo do IAB na Fazenda Calundu. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil.*, Rio de Janeiro, 4:2-9, 3 fig. 1 map.
- A 0208
DIAS JÚNIOR, Ondemar F.
1967. Síntese das prospecções realizadas no Estado do Rio de Janeiro pelo segundo ano de trabalhos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil.*, Rio de Janeiro, 6:6-22, 1 map.
- A 0209
DIAS JÚNIOR, Ondemar Ferreira.
1973. *Pesquisas arqueológicas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Convênio Fluminiter, *Inst. Arqueol. Brasil.*, 41p, il. (mimeo).

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0210
 DIAS JÚNIOR, Ondemar.
 1979/1980. Mapa arqueológico do Estado de Minas Gerais.
Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 4/5:297-309.
- A 0211
 DIAS JÚNIOR, Ondemar Ferreira.
 1981. A pesquisa arqueológica na região Sudeste do Brasil. *Rev. Inst. Filos. Cienc. Hum.*, Rio de Janeiro, 1(1):61-2.
- A 0212
 DIAS JÚNIOR, Ondemar Ferreira.
 1981. Pesquisas arqueológicas no Sudeste Brasileiro. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil.*, Sér. Especial, Rio de Janeiro, 2:3-22, bibl.
- A 0213
 DIAS JÚNIOR, Ondemar Ferreira & CARVALHO, Eliana.
 1978. *Relatório do segundo ano de pesquisas arqueológicas no Estado do Acre.* Rio de Janeiro, 19p.(mimeo).
- A 0214
 DIAS, Ondemar & CARVALHO, Eliana.
 1981/1982. Discussão sobre o início da agricultura no Brasil. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:191-200, bibl.
- A 0215
 DIAS, O. & CARVALHO, E.
 1982. A fase Piumhy: seu recocimento arqueológico e suas relações culturais. *Clio*, Recife, 5:5-43, 2 map., 4 fig., 5 quad., bibl.
- A 0216
 DIAS, Ondemar & CARVALHO, Eliana.
 1982. Notícias preliminares das escavações na Lapa da Foice II-MG-RP-8. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil.*, Rio de Janeiro, 9:69-90, map.
- A 0217
 1983. Um possível foco de domesticação de plantas no Estado do Rio de Janeiro-RJ-JC-64 (Sítio Corondó). *Inst. Arqueol. Brasil. Bol. Sér. Ensaios*, Rio de Janeiro, 1:5-18, bibl.
- A 0218
 DIAS JÚNIOR, Ondemar Ferreira & CARVALHO, Eliana.
 1983. Um possível foco de domesticação de plantas no Estado do Rio de Janeiro. *Hist. Cad.*, Rio de Janeiro, 1(2):11-6.

A 0219

DIAS, Ondemar & CARVALHO, Eliana.
1983/1984. A fase Itaipu, RJ,
novas considerações. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 8-9:95-106.

A 0220

DIAS JÚNIOR, O.F. & CARVALHO, E.
1985. *Arqueologia da Amazônia Ocidental*. Estado do Acre.
Parte 1. Sér. Monogr., Rio de Janeiro, IAB, n.3.

A 0221

DIAS, JUNIOR, Ondemar; CARVALHO, Eliana; CHEUICHE, Lilia.
1979. Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais: PROPEVALE (Programa de Pesquisa no Vale do São Francisco). In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMERICANISTES. CONGRÈS DU CENTENAIRE. 5. 42, Paris, 1976. *Actes*. Paris, 1976, 9(4):13-34. Bibl.

DIAS NETO, Coriolano de MARINS.
Ver: BARRETO, C.N.G. de BARROS &.-
LINO, C. F. &.-

DÓRIA, Francisco Antonio.
Ver: BELTRÃO, M.C. &.-

DÓRIA, Margareth Rubim Pinho.
Ver: BELTRÃO, M.C. &.-

A 0222

DÖPPENSCHMIDT, Edmund.
1954. Prähistorische Strassen Brasiliens. *Sudam. Drei-Montaschr. Dtsch. Sprach.*, 5 (2):132.

A 0223

1891. Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. *Veröff. Königlich. Mus. Völkerk.*, Berlim, 2:1-80.

EMPERAIRE, L.

Ver CAMPELO, S.M.

A 0224

EMPERAIRE, Laure.
1984. La region de la Serra da Capivara (Sud-Est du Piaui) et sa vegetation. Laboratoire d'anthropologie préhistorique d'Amérique de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales; *Étud. American. Interdisciplin.*, Paris, 3:81-111, bibl., 1 map. 3 gráf.

A 0225

ENCARNAÇÃO, M.U.
1900-1902. Carta sobre costumes e crenças dos Índios do Purus, dirigida a D.S. Ferreira Penna. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.*, Belém, 3 (1-4):94-7.

- ENRÍQUEZ, C.R.
Ver: BELTRÃO, M.S.M. &.
A 0226
1985. Escavações arqueológicas na Serra dos Carajás. *Destaque*, Belém, 2(9):1, 1 fot.
- A 0227
ESTEVÃO, Carlos.
1942. O ossuário da "Gruta do Padre" em Itaparica e algumas notícias sobre os remanescentes indígenas do Nordeste. *Bol. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro 14-17: 151-240, il.
- A 0228
EVANS, Clifford & MEGGERS, Betty.
1969. Introdução. In: PRONAPA, 3. *Resultados Preliminares do 3º ano, 1967-1968*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. p. 7-12.
- FALCÃO, Alfredo Coutinho de Medeiros.
Ver: BEZERRA, Francisco O. da Silva &.
A 0229
FALCÃO, A.C. MEDEIROS.
1974. Expedição à Paraíba. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 3(3):13.
- A 0230
FALCÃO, Alfredo Coutinho de Medeiros.
1977. Professor Ernesto de Melo Salles Cunha. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 5(3/4): 7-9.
- A 0231
FALCÃO, Alfredo Coutinho de Medeiros & BEZERRA, Francisco Otávio da Silva.
1974. Prospecção arquelógica do Sítio Vila dos Coreados, São Fidélis, RJ. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 3(2):20-3.
- A 0232
FARABEE, William Curtis.
1916. Some South American petroglyphs. In: Holmes anniversary volume; anthropological essays presented to William Henry Holmes. Washington, p.88-95.
- A 0233
FARABEE, William Curtis.
1917. A pionner in Amazonia: the narrative of a journey from Manaos to Georgetown. *Bull. Geogr. Soc. Philadelphia*, 15(2): 57-103.

- A 0234
FARIA, Luiz de Castro.
 1959. *A contribuição de E. Roquette - Pinto para a antropologia brasileira.* Rio de Janeiro, Museu Nacional. 20p. il, bibl. (Publicações Avulsas, n. 25).
- A 0235
FENSTERSEIFER, Ellen & SCHMITZ, Pedro Ignácio.
 1975. Fase Iporá, uma fase Tupiguarani no sudoeste de Goiás. *Anu. Divulg. Cient.,* Goiânia, 2:19-70.
- A 0236
FERRARI, Jussara Louzada.
 1983. O povoamento tupiguarani no baixo Ijuí, RS, Brasil. *Pesquisas, Ser. Antropol.*, São Leopoldo, 132p. il, bibl.
- A 0237
FERRARI, Jussara LOUZADA & SCHMITZ, Pedro Ignácio.
 1981/1982. Idéias para a origem das substradições no tupiguarani. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7: 260-4, bibl.
- FERREIRA, F. J.J. C.F.
 Ver: ALVIM, M.C. MELLO & -
- FERREIRA, Luiz Fernando.
 Ver: ARAÚJO, Adauto J.G. &
 CHAME, M. &
 CONFALONIERI; ULISSES E.
 C. &
 MACHADO, Lilia M. CHEUCHE &.
- A 0238
FERREIRA, L.F.; ARAUJO, A. J. G.; CONFALONIERI, U.
 1979. Subsídios para a paleo-parasitologia do Brasil; parasitos encontrados no município de Unaí, MG. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PARASITOLOGIA, 4., Campinas, 1979. *Resumos.* Campinas, Unicamp. p.66.
- A 0239
FERREIRA, Luiz Fernando; ARAUJO, Adauto J.G. & CONFALONIERI , Uliisses E.C.
 1980. The finding of eggs and larvae of parasitic helminths in archaeological material from Unaí, Minas Gerais, Brasil. *Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg.*, London, 74(6):798-800.
- A 0240
FERREIRA, L.F.; ARAÚJO, A.J.G. CONFALONIERI.
 1983. The finding of helminth eggs in a Brazilian mummy. *Trans. R. Soc. Trop. Med. Hyg.* London, 77(1):65-7.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0241

FERREIRA, Manuel Rodrigues.

1973. *Expedição aos Martírios.*
São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo; Departamento de Cultura; Divisão do Arquivo Histórico. 30p. il.

A 0242

FERREIRA, Manuel Rodrigues.

1982. As itacoatiaras dos Martírios. *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 1, 4p., 3 fot.

FÉRIS, José SOLOVIY.

Ver: RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ.

A 0243

FERNANDES, Cornelio.

1926. Ethnographia indígena do Rio de Janeiro. *Bol. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 2 (4):13-22.

A 0244

FERNANDES, Florestan.

1976. Antecedentes indígenas: organização social das tribos Tupi. In: HOLANDA, S.B. *História geral da civilização brasileira*. 5. ed. São Paulo, Difel. t.1, p.72-86, 4 fig.

A 0245

FERREIRA, Jorge.

1976. Túhtakáriwai: um pulo pa-

ra trás. *Gal. Arte Mod.*, 33:6-7.

A 0246

FERRAZ, Sheila Maria & Lemos, Cláudio.

1977. Paleopatologia de sítios arqueológicos brasileiros. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PATOLOGIA. 11. Equador, 1977. Rio Janeiro, ISCB. 20p. il, bibl. (mimeo).

FERRAZ, Sheila Maria.

Ver: SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça.

A 0247

FIGUEIREDO, Napoleão.

1982. A estatueta lítica, algumas notas sobre a estatueta lítica, coletada no rio Parú, (estado do Pará, Brasil) e pertencente às coleções da Universidade Federal do Pará. *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 1:3p., 3 fot.

A 0248

FIGUEIREDO, Napoleão.

1982. Algumas notas sobre a estatueta lítica coletada no rio Parú (estado do Pará, Brasil) e pertencente às coleções da Universidade Federal do Pará. *Clio, Recife*, 5: 45-54, 6 fig., bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0249

FIGUEIREDO, Napoleão & FOLHA, Maria Helena de Amorim.
1976. *Catálogo ilustrado da coleção arqueológica*. Maceió, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. 55p. il, bibl.

FLEXOR, Jean-Marie.

Ver: SUGUIO, Kenitiro & -
MARTIN, Louis & -

FOLHA, Maria Helena de Amorim.
Ver: FIGUEIREDO, Napoleão.

A 0250

FONSECA FILHO, Olympio.

1930. Afinidades parasitológicas e clínicas entre o tokeláu da Ásia e Oceania e o chimbêre dos indígenas de Mato Grosso.
Bol. Mus. Nac., Rio de Janeiro, 6(3):189-222.

A 0251

FONSECA FILHO, Olympio.

1972. As origens do homem americano, segundo os dados da patologia étnica.
Rev. Bras. Med., São Paulo, 29(1).

A 0252

FONSECA FILHO, Olympio.

1972. *Parasitismo e migrações humanas pré-históricas : contribuições da parasi-*

tologia para o conhecimento das origens do homem americano. Rio de Janeiro, Mauro Familiar. 450p, il, bibl. (Reeditado com alterações).

A 0253

FONSECA FILHO, Olympio.
1975. Afinidade parasitológicas entre o tokeláu da Ásia e da Oceania e o chimbêre dos indígenas de Mato Grosso. In: ROQUETE-PINTO, Edgard. *Rondônia*. São Paulo, Nacional. 278p. (Brasiliana , 39).

A 0254

FOWLER, Don D. BEEK, Gus W.
Van & SANOJA, Mario.
1981-1984. Clifford Evans 1920 /
1981. *Anu. Divulg. Cient.*
Goiânia, 10:xi-xxiv.

FOSSARI, Peres DOMITILA.

Ver: REIS, Maria José.

A 0255

FRANCISCO, Benedicto H.R.; CUNHA, Fausto Luiz de Souza & ANDRADE, Amaro Bascia e.

1982. Comprovantes geológicos, geomorfológicos e arqueológicos no litoral de Itaipu - Niterói, RJ. In:
SIMPÓSIO DO QUATERNÁRIO NO BRASIL. 4. 1982. *Atas*. p.415-30.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- FRATICELLI, Luciano.
Ver: GUSMÃO, Sérgio BUARQUE &.-
- A 0256
FREIRE, Antônio.
1974. Revoltas e repentes.
João Pessoa.
- A 0257
FREITAS, Affonso A.
1915. Distribuição geográfica das tribos indígenas na época do descobrimento.
Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasil., Rio de Janeiro, (Tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso de História Natural), p. 580-94.
- A 0258
FREITAS, Amadeu F. de Oliveira.
1975. Informações elementares sobre a influência indígena na formação do Rio Grande do Sul. In: *O Índio no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Governo do Est. do Rio Grande do Sul. p. 17-40, il.
- A 0259
FREITAS, Gomes.
1970. Os primitivos donos da terra dos Inhamuns. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 84: 151-55.
- A 0260
FRIEDERICI, Georg.
1904. *Die Schifffahrt der Indianer; Studien und Forschungen zur Menschen- und Voelkerkund unter wissenschaftlicher Leitung von Georg Buchan*, Stuttgart.
- A 0261
FRIEDERICI, Georg.
1906. *Skalpieren und aenliche Kriegsgebraeuche in America*. Braunschweig apud Ihering, *Rev. Mus. Paul.* São Paulo, ?():
- A 0262
FRIEDRICH, Johannes.
1968. Die Unechtheit der phönizischen Inschrift aus Parahyba. *Orientalia*, Roma, 37:421-4.
- A 0263
FRIKEL, P.
1969. Tradition un archäologie in Termuk-Hunck/nordbrasiliens. *Z. Ethnol.*, Berlin, 94:103-30.
- A 0265
FURTADO, Nelson França.
1966. Notas sobre o Tupi. In: SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA SUL-RIOGRANDENSE. 3. Porto Alegre, 1966. *Anais*. Porto Alegre, p. 18-34.

- A 0266
GALDINO, Luiz.
1971. Nosso Índio teve cultura superior. *Senhor*, São Paulo, 1(7):139-43.
- A 0267
GALDINO, Luiz.
1983. O segredo das Itacoatiaras (Uma pré-história da arte brasileira). *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 2, 3 fig. bibl.
- A 0268
GALEAZZI, Marlene Anna.
1982. Maria Beltrão-Ela procura saber de onde viemos. *Manchete*, Rio de Janeiro, 1589:30-4, 6 fig., 10 fot. a cores.
- GALVÃO, C.A.
Ver: PEREIRA, C.B. & -
- GARCIA, Caio DEL RIO.
Ver: UCHÔA, Dorath PINTO.
- A 0269
GARCIA, Caio DEL RIO.
1984. Ocorrência de propulsores em São Paulo. *Rev. Prehist.* São Paulo, 6:324-33, 2 pranc., bibl.
- A 0270
GARCIA, Caio, D.R.
1984. Sítios arqueológicos costeiros e flutuações do
- nível marinho. *Rev. Prehist.* São Paulo, 6:124-6, bibl.
- GASPAR, M. Dulce.
Ver: HEREDIA, Osvaldo R.&-
- GATTI, Marcelo PAIVA.
Ver: HEREDIA, Osvaldo Raimundo &-
- A 0271
GENÚ, Pedro d'Almeida.
1918. Ressurreição histórica. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Pará*, Belém, 2:97-100.
- GESKE, A.
Ver: MARTIN, H.&-
- GIUFFRIDA, R.
Ver: OLIVEIRA FILHO, R.M. & -
- A 0272
GODINHO, Egas.
1969. A Pedra da Laguna. *An.*, *Inst. Antropol.*, Florianópolis, 1(1):91-100.
- A 0273
GODOY, Manuel Pereira.
1944. Curiosas lendas indígenas de origem tupi, coletadas na Cachoeira de Emas, rio Mogi-Guassú. *Rev. Caça e Pesca Brasil*, Ano I, Rio de Janeiro, 4: 29-30, 1 fig.
- A 0274
GODOY, Manuel Pereira.
1952. Cachimbos tupis-guaranis

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

de Pirassununga In: TAX,
5. ed. *Indian tribes of
aboriginal America.*, Chi-
cago, University of Chi-
cago, p.314-22, 6 fig.
(Resumo em inglês).

A 0275

GODOY, Manuel Pereira.
1954. TUPI-guarani pottery at
Pirassununga. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF AMERICANISTS, 30. Cambridge, 1952. *Proceedings*. London, Cambridge. p.243-6, 4 fig. (Resumo em inglês).

A 0276

GODOY, Manuel Pereira.
1963. Antique forest and primitive and civilized man at Pirassununga country, São Paulo State, Brazil. *An. Acad. Brasil. Cienc.* Rio de Janeiro, 35(1): 83-101, 4 fig., 3 tab., bibl.

A 0277

GODOY, Manuel Pereira.
1974. *Contribuições à história natural e geral de Pirassununga*. Pirassununga SP, p.149-210, 1 mapa, 8 fot., 59 des., bibl. (Publicação n.6).

A 0278

GOELDI, E.A.
1900-02. Maravilhas da natureza na Ilha de Marajó. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.*, Belém, 3(1-4): 370-99, 1 ilust.

A 0279

GOLDMAN, I.
1948. Tribes of the Uaupés-Caquetá region. In: STEWARD, J.H. *Handbook of South American Indian*, 3:763-98.

A 0280

GOLDMAN Marshall IRVING.
1963. *The Cubeo-indians of the north-west Amazon*. Illinois.

A 0281

GOLDMEIR, V.A. & SCHMITZ, P.I.
1983. *Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul*. Fichas de registro existentes no Instituto Anchietano de Pesquisas, São Leopoldo, RS. São Leopoldo, RS, Instituto Archietano de Pesquisas. 165p., 21 map. bibl. (mimeo).

A 0282

GOLDSTEIN, Lynne.
1985. Current research. *Amer. Antiq.* Washington, 50:(1):173-9.

A 0283

- GOODLAND, Edward Arthur.
1978. Schomburgk's Ships; Archaeology and anthropology. *J. Walter Roth Mus. Archaeol. Anthropol.*, Georgetown, 1:43.

A 0284

- GOODLAND, Edward Arthur.
1978. Schomburgk's Ships. *De Nieuwe West-Indische Gids*, Utrecht, 53(3/4):146.

A 0285

- GORDON, Cyrus Herzl.
1968. The authenticity of the Phoenician text from Parahyba...Orientalia, Roma, 37:75-80.

A 0286

- GRABERT, Helmut.
1969. Felszeichnungen am Rio Madeira. *Umschau Halbmonatschr über Fortsch Wiss Technik*, Frankfurt, 69(1).

- GRABERT, Helmut & SCHOBINGER, Juan.
1969/1970. Petroglifos a orillas del Rio Madeira (N.O. de Brasil). *An. Arqueol y Etnol. Mendonza*, 24/25:93-111.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 70:

A 0288

- GRILLO, José Franco.
1917. A paleoetnologia. *Bol. Inst. Hist. e Geogr. Paranáen.*, Curitiba, 1(1): 170-81.

A 0289

- GUIDON, N.
1975. Abris peints de la Serra do Capivara, région de Verzea Grande, Etat du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie*, Paris. R 73 039115 (microficha).

A 0290

- GUIDON, N.
1976. Abris peints de la Serra Branca et de la Serra Nova, région de Varzea Grande, Etat du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie* Paris. R 73039148 (microficha).

A 0291

- GUIDON, N.
1976. Arte rupestre préhistorique et actuel de l'Amérique du Sud. Rapport de synthèse. CONG-AM 42 (9B):235-40.

A 0292

- GUIDON, Niède.
1978. Missão arqueológica no sudeste do Piauí, Brasil.

Relatório Final. *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, 25:109-28.

A 0293

GUIDON, N. et alii.

1979. Un abri décoré de la Serra Nova, région de São Raimundo Nonato, Etat du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, R 78 039211 (microficha).

A 0294

GUIDON, Niède.

1981. Art rupestre: une synthèse du procédé de recherche. In: GUIDON, N. & PESSION, A.M. *Contributions methodologiques en préhistoire*. Paris, Écoles des Hautes en Sciences Sociales. p.41-9 (*Études Américanistes Interdisciplinaires*, 1).

A 0295

GUIDON, Niède.

1981. Datações pelo C 14 de sítios arqueológicos em São Raimundo Nonato, Sudeste do Piauí (Brasil). *Clio*; Recife, 4:35-7.

A 0296

GUIDON, Niède.

1981. Las unidades culturales de São Raimundo Nonato, sudeste del Estado de

Piaui. In: CONGRESO UISPP, 10. México, 1981. COMISIÓN 12: EL POBLAMIENTO DE AMERICA ANTERIOR A 11.500 ANOS A.P. *Atas*. México. p.101-11, bibl.

A 0297

GUIDON, Niède.

1981/1982. Arte rupestre: uma síntese do procedimento de pesquisa. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:341-51.

A 0299

GUIDON, N.

1982. L'art rupestre en Amérique latine. *Museum*, Paris, 34(2):103-5, 2 fig.

A 0300

GUIDON, Niède.

1982. Relatório da missão de prospecção realizada em agosto de 1981 no Parque Arqueológico do Alto Vale do Guaporé. Brasília, Fundação Nacional Pró-memória. (*Caderno Técnico*, 27).

A 0301

GUIDON, N.

1983. Contribution à l'étude de l'art rupestre de l'Amérique du Sud. *Anthropologie*, Paris, 87(2):257-70, 16 fig. bibliogr.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0302
GUIDON, N.
1983. *De l'opérationnalité des classements préliminaires.* Paris, Laboratoire D'Anthropologie Préhistorique D'Amérique de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales 37a. (Etudes Américanistes Interdisciplinaires , 3).
- A 0303
GUIDON, Niède.
1983-1984. As primeiras ocupações da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí. *Arq. Mus.Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9: 17-20.
- A 0304
GUIDON, Niède.
1984. As primeiras ocupações humanas da área arqueologia de São Raimundo Nonato, Piauí. *Rev. Arqueol.*, Belém, 2(1):38-46, 2 map., 2 croq., 1 plano, 4 fig.
- A 0305
GUIDON, Niède.
1984. *Analyse de collections lithiques; un cas d'application: l'aire archéologique de São Raimundo Nonato.* Paris, Laboratoire D'Anthropologie Préhistorique D'Amérique de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales 37a. (Etudes Américanistes Interdisciplinaires , 3).
- A 0306
GUIDON, N. et alii.
1984. La circulation des symboles en Amérique. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 76-9. (Il est écrit avec l'équipe R.C.P. 394).
- A 0307
GUIDON, Niède.
1985. A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato: síntese de dez anos de pesquisa. *Clio*, sér. arqueol. 2, Recife, 7:3-80; 29 pranch. bibliogr.
- A 0308
GUIDON, Niède.
1985. Métodos e técnicas para a análise da arte pré-histórica. *Cad. Pesq.* 4, Terezina - UFPi sér. Antrop. 3:17-143.
- A 0309
GUIDON, Niède.
1985. Unidades culturais da tradição nordeste na área arqueológica de São Raimundo Nonato *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo,

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:.

NS 30:115-147, 4 mapas,
3 pranch., bibl.

A 0310

GUIDON, N.

1986. Las unidades culturales de São Raimundo Nonato-Sudeste del Estado de Piaui-Brazil. IN: A. Bryan ed. *New Evidence for the pleistocene peopling of the Americas*. Univ. of Maine, Orono, 157-172, 13 fig., bibl.

A 0311

GUIDON, N. & DELIBRAS, G.
1986. Carbon-14 dates point to man in the Americas 32:000 years ago. *Nature*, 321(6072):1-3, 2 fig., tab. 1.

A 0312

GUIDON, N. MARANCA, S.; OGEL-ROS, L.
1980. Abri Toca do Pinga do Boi, site typique de la variété Serra Branca, style Varzea Grande Brésil, Paris, 1975. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, R 75 039 238 (microficha).

A 0313

GUIDON, N. et OGEL-ROS, L.
1981. L'Abri Chapada dos Cruzes, site de la variété Serra da Capivara, et de

style Serra do Tapuio, sud-est du Piaui, Brésil, Paris, 1978. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, R 78 039 281 (microficha).

A 0314

GUIDON, N. & OGEL-ROS, L.

1981. Les abris Tocas do Baixão do Perna I et II, sites du style Varzea Grande, sud-est du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie*, Paris. R 81 039 282 (microficha).

GUIMARÃES, Carlos Magno.

Ver: COLLET, Guy Christian.
PROUS, André.

A 0315

GUIMARÃES, Irineu & SOUZA, Juvenil.

1981. O paraíso perdido do Brasil. *Manchete*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1531: 34-41. 6 fot. color., 4 fot. preto e branco.

GUIMARÃES, Martha LOCKS.

Ver: CUNHA, Fausto Luiz de SOUZA & -

A 0316

GUSMÃO, Sérgio BUARQUE.

1982. Origens do brasileiro; os arqueólogos procuram os nossos pioneiros. *Isto É*; São Paulo, 298:54-5, 7 fot.

- A 0317
 GUSMÃO, Sérgio BUARQUE; MENDONÇA, Thaís; MUZZI, Inácio; CIDA, URBIM, Carlos e FRATICELLI, Luciano.
 1984. Nas pegadas dos primeiros brasileiros. *Isto É*, São Paulo, 398:40-6, 15 fot. e 2 map.
- A 0318
 HANKE, W.
 1959. Archäologische im oberen Amazonas - gebiet. *Arch. Völkerkde.*, 14:31-66.
- A 0319
 HEATH, Edwin R.
 1882. The exploration of the river Beni. *J. Am. Geogr. Soc. New York*, New York, 14:116-65.
- A 0320
 1984. Heranças de 5 mil anos- Sambaquis, uma atração quase desconhecida de Joinville. *J. Tour.*, Rio de Janeiro, 37:16, Jan/ mar., 3 fot. a cores.
- HEREDIA, O.R.
 Ver: BELTRÃO, M.C. M.C. &
- A 0321
 HEREDIA, Osvaldo R. BELTRÃO, Maria da Conceição de M.C.; NEME, Salete Maria N. & OLIVEIRA, Maria D.B.G.
 1978. Coletores de moluscos no litoral fluminense. Rio de Janeiro, 43p. il, (mecanog.).
- A 0322
 HEREDIA, Osvaldo Raimundo; BELTRÃO, M. da Conceição de M.C.; OLIVEIRA, M. Dulce GASPAR de, & GATTI, Marcelo PAIVA.
 1981/1982. Pesquisas arqueológicas no Sambaqui de Amourins - Magé - RJ. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:175-88. bibl. 1 fot.
- A 0323
 HEREDIA, Osvaldo R.; GATTI, Marcelo PAIVA; GASPAR, Maria Dulce & BUARQUE, Angela M. GONÇALVES.
 1984. Assentamentos pré-históricos nas ilhas do litoral centro-sul brasileiro: O sítio Guaíba (Mangaratiba, RJ). *Rev. Arqueol. Belém*, 2(1):13-50, 5 fig., 6 tab., bibl.
- A 0324
 HEREDIA, O.R.; LIMA, Tânia ANDRADE & SILVA, Regina Coeli PINHEIRO.
 1981/1982. Pesquisas arqueológicas no norte fluminense: o sítio Jurubatiba. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7: 161-73, bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- HILBERT, Klaus.
- Ver: HILBERT, Peter Paul &
- A 0325
- HILBERT, Peter Paul & HILBERT Klaus.
1979. Archäologische Untersuchungen am Rio Nhamundá, unterer Amazonas. *Allg. Vergleich. Archäol.* 1.
- A 0326
- HOMET, Marcel.
1959. *Os filhos do sol.* [Die Söhne der Sonne. Olten, Suiça, 1958]. São Paulo, IBRASA, 280p., ilust.
- A 0327
- HOMET, Marcel.
1965. *On the trail of the sun gods.* Londres.
- A 0328
- HOMET, Marcel F.
1973. A gruta pintada de Formosa. In: ___, *Na trilha dos deuses solares.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. p. 109-18, il.
- A 0329
- HONORÉ, Pierre.
1964. *De witte god.* Zeist-Antwerpen, Netherlands. (Traduzido para o inglês, Londres 1963).
- A 0330
- HORTON, Donald.
1948. The Mundurú. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians.* Bur. Am. Ethnol. Bull., Washington, 3:271-82.
- A 0331
1979. OS HORIZONTES Cerâmicos. *Petrobrás*, Rio de Janeiro, 287:41-4, 10 fot. cores.
- A 0332
- HOWELL, F. Clark et alii.
1969. O homem pré-histórico. In: Biblioteca da natureza Life, Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 197 p.il.
- A 0333
- HOWELL, F. Clark et alii.
1982. O homem pré-histórico. In: BIBLIOTECA Life. Ed. atualizada. J. Olympio, Rio de Janeiro.
- A 0334
- HUBER, J.
- 1897-1898. A flora da Lagoa Santa. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. e Ethnogr.*, 2 (1-4):105-6.

- A 0335
- HURT, W.R.
1981. The cultural relationships of the Alice Bører Site, São Paulo, Brazil. In: CONGRESSO UISPP, 10., México, 1981 - COMISSION 12: EL POBLAMIENTO DE AMÉRICA; COLOQUIO: Evidencia arqueológica de ocupación humana en América anterior a 11.500 años a.p. Atas, UISPP. p.97-8.
- A 0336
- HURT, Wesley.
- 1983-1984. Adaptações marítimas no Brasil. Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 8-9:61-72, bibl.
- A 0337
- HURT, Wesley R.
1984. Adaptações marítimas no Brasil. Clio, Recife, 6: 3-14, bibl.
- A 0338
- HURT, W.R.
1986. The cultural relationships of the Alice Bører Site, State of São Paulo, Brasil. A. Bryan ed. In: *New Evidence for the Peopling of the Americas*. Univ. of Maine, Orono, 215-20, 2 fig., bibl.
- A 0339
- IBÁÑEZ, Blasco.
1966. O monumento de Montenegro. In: SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA SULRIOGRANDESE, 3., Porto Alegre. *Anais*. p.35-42.
- IHERING, Herman Von.
- Ver: IHERING, Rodolpho.
- A 0340
- IHERING, H.E. Rodolpho Von.
1891. Die Calchaquis. *Das Ausland*, Stuttgart, 64: 941-6, 964-8.
- A 0341
- IHERING, Hermann Von.
1901. Zum Vorkommen von Kürbiskernen in Sambaquis. *Das Ausland*, Stuttgart, 8: 149.
- A 0342
- IHERING, Hermann Von.
1906. *The anthropology of the State of São Paulo, Brazil*; 2. enlarged ed. São Paulo, Diário Official. 52p. 2 map.
- A 0343
- IHERING, Hermann Von.
1907. As cabeças mumificadas pelos índios Mundurukus. *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, 7:179-201, il., bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- IHERING, Rodolpho.
Ver: IHERING, Hermann Von. &-
- A 0344
IHERING, Hermann von & IHERING , Rodolpho.
1907. Bibliographia (1905-07) de história natural e antropologia do Brasil.
Rev. Mus. Paul., São Paulo, 7:451-536.
- A 0345
1886. INSCRIÇÃO lapidea no lugar Dorá do município de Faxina na província de São Paulo. *J. Com.*, 9 dez. Rio de Janeiro.
- A 0346
1982. INCRIÇÕES de milhares de anos descobertas nas grutas Nambikwara. (1982). *Interior*. 45(58):12-16 , 11 fot.
- A 0347
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA.
1981. Aspectos da Arqueologia Amazônica. Rio de Janeiro, IAB. (Série Catálogos).
- A 0348
JABOATAM, Antônio de Santa Maria.
1858. *Novo orbe seráfico brasileiro ou crônica dos Frades Menores da Pro-*
- vínica do Brasil. (Lisboa 1791). Rio de Janeiro, 2 ed. v.
- A 0349
JACOBUS, André Luiz.
1985. Nota sobre uma lâmina - de machado polida de Santa-rém (Pará). *Bol. Marsul.*, Taquara, 2(1):43-8, bibl., 1 fig., 2 anexos.
- A 0350
JACOBUS, André Luiz & SCHMITZ , Pedro Ignácio.
1983. Restos alimentares do sítio GO-JA-OL, Serranópolis, Goiás; Nota prévia. São Leopoldo, IAP. 106p,, 11 fot.
- A 0351
JOFFILY, Geraldo.
1973. A inscrição fenícia da Paraíba. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, Rio de Janeiro, 2(4):12-25.
- A 0352
JOSE, Oiliam.
1965. Origens remotas. In: Indígenas de Minas Gerais. Belo Horizonte, Ed. MP., p.39-46.
- JUNQUEIRA, Paulo A.
Ver: PROUS, André &

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0353

JUNQUEIRA, Paulo ALVARENGA &
MALTA Ione MENDES.
1981-1982. Horticultores e ceramistas pré-históricos do Noroeste de Minas Gerais. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6/7:275-89, 1 map., 1 pranc.

KALKMANN, Ana Lúcia M.
Ver: SIMÕES, Mário F. &.

KARMANN, Ivo.
Ver: BARRETO, Cristiana N. G. de B. & LINO, Clayton FERREIRA &.

A 0354

KERN, Arno ALVAREZ.
1981-1982. Variáveis para a definição e a caracterização das tradições pré-cerâmicas Humaitá e Umbu. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6/7:99 - 108, bibl.

A 0355

KERN, Arno Alvarez.
1982. Paleo-paisagens e povoamento pré-histórico do Rio Grande do Sul. *Estud. Iberoam.*, Porto Alegre, 7(2):153-208, 14 fig.

A 0356

KERN, Arno A.
1984. Aplicação dos métodos estratigráfico e de decapagem no sítio litorâneo de Itapeva (Torres, RS). *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 163-6, bibl.

A 0357

KERN, A. ALVAREZ.
1985. A importância da pesquisa arqueológica na universidade. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 12(14):5-11, bibl.

A 0358

KERN, Arno A.; LA SALVIA, Fernando & NAUE, Guilherme.
1983-1984. Projeto arqueológico do litoral setentrional do Rio Grande do Sul; o sítio arqueológico de Itapeva, município de Torres. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 8-9:73-86, bibl.

A 0359

KHALLYHABBY, Tonyan.
1983. Relatório de constatação e verificação dos sítios arqueológicos denominados Letreiro e Capão Grande. *Temas, Mus. Paul. Antropol.*, São Pauo, 1: 7-11, 4 fot.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0360

KLAMT, S.C.
1986. Levantamentos arqueológicos na região de Vila Melos, General Câmara, RS, Brasil. *Rev. CEPA, Sta. Cruz do Sul*, 13(15): 5-41, 8 fig., 2 tab., bibl.

A 0361

KLUCK, Helmuth.
1966. Laje com inscrições em Minas Gerais. In: SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA SUL-RIOGRANDENSE, 1. ed., Porto Alegre, OEC. p.37-8.

KNEIP, Lina Maria.

Ver: MONTEIRO, Antonio M.F. &.

A 0362

KNEIP, Lina Maria.
1970-1971. Pescadores e recoltores do litoral: sugestões para um projeto de pesquisas. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 19:137-45, bibl.

A 0363

KNEIP, Lina Maria
1978. Salvaguarda do patrimônio préhistórico de Saquarema, Cabo Frio e Araruama, RJ - Plano de Ação. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., 25:87-108, il. bibl.

A 0364

KNEIP, Lina Maria.
1983. A aldeia pré-histórica Três Vendas, uma tentativa de reconstituição. *Rev. Arqueol. Belém*, 1:46-52, 4 fot., bibl.

A 0365

KNEIP, Lina Maria.
1983-1984. Ocupação pré-histórica das restingas, litoral de Cabo Frio e Niterói, Rio de Janeiro, *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, Nova Sér., 29:143-50.

A 0366

KNEIP, Lina Maria; COELHO, Arnaldo C. dos SANTOS; CUNHA, Fausto Luiz de SOUZA; MELLO, ELISA Maria BOTELHO.

1975. Informações preliminares sobre a arqueologia e a fauna do Sambaqui do Forte, Cabo Frio, RJ. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 22:89-108.

A 0367

KNEIP, Lina Maria; CUNHA, Fausto L. de Souza; COELHO, Arnaldo C. dos Santos; MELLO, Elisa Maria Botelho.

1975. O sambaqui do Forte: correlações arqueológicas, geológicas e faunísticas. *An. Acad. Brasil. Cienc.*, Rio de Janeiro,

ro, 47, 11, bibl. (Simpósio Internacional sobre o Quaternário).

A 0368

KNEIP, M. & MARQUES, J. S.
1975. O sambaqui do Forte: relações com depósitos eólicos e marinhos (Cabo Frio, RJ - Brasil). *Acad. Brasil. Cienc.*, Rio de Janeiro, 47:99-11.

A 0369

KNEIP, Lina Maria; MONTEIRO, Antonia M.F.; VOGEL, M. A. C. & MELLO, M.B.
1984. Contribuição ao estudo da arqueologia e do paleoambiente da planície da maré de Guaratiba, RJ: o sambaqui da Embratel. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 334-60, 5 fig., 6 fot., bibl.

A 0370

KNEIP, Lina Maria & PALLESTRINI, Luciana.
1982. Estudo de artefatos líticos e ósseos das populações pré-históricas de Itaipu - Niterói, RJ: In: SIMPÓSIO DO QUATERNÁRIO NO BRASIL, 4. Atas. p. 431-42.

A 0371

KNEIP, Maria Lina; PALLESTRINI Luciana; CHIARA, Philomena.
1981-1982. Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói, Estado do Rio de Janeiro: síntese final. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 28: 273-88, bibl., 5 fot., 3 fig., 1 map.

A 0372

KOCH-GRUNBERG, Theodor.
1906. Kreuz und quer durch Nordwest Brasilien, IV. *Globus, Illust. Ztg. Länder Volkerk*, Braunschweig, 90 (17):7-13.

A 0373

KOCH-GRUNBERG, Theodor.
1906. Kreuz end quer durch Nordwest Brasilien, VII. *Globus, Illust. Ztg. Länder Volkerk*, Braunschweig, 90 (17):261-268.

A 0374

KOCH-GRUNBERG, Theodor.
1916-1928. *Vom Roraima Zum Orinoco*. Stuttgart, (Traduzido para o espanhol, Caracas, 1979-1982).

A 0375

KOIFMAN, Boris Maurício.
1984. Mutilação dentária em ma-

terial arqueológico do Rio de Janeiro: estudo de caso. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5. Rio de Janeiro. Resumos, Rio de Janeiro, ISCB.

A 0376

KRIEGER, Alex D.

1965. Early man in the New World. In: JENNINGS, J. D. & NORBECK, E. eds.

Prehistoric man in the New World. Chicago, the University of Chicago Press. p.23-84, 1l, bibl. (Replicação: *El hombre primitivo en America*. Apresentação de Luiz A. Orquera. Buenos Aires, Nueva Visión, 1974. (Col. Fichas, 32).

A 0377

KUNERT, August.

1892. Südbrasilianische Höhlen und Rückstände der früheren Bewohner. Verh. Berliner Ges. Anthropol. Ethnol. Urgesch., Berlin, 24:502-4.

A 0378

LACERDA, Elizeth Tavares de.

1982. Padrões Etnográficos aplicados à análise arqueológica da cultura tupiguarani. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLO-

GIA, 4., Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro (mimeo).

A 0379

LAMARTINE, Osvaldo.

1982. *Algumas peças líticas do Museu Municipal de Mossoró*. Fundação Guimarães Duque (ESAM) 10p. (Coleção Mossorense, Sér. B., n.378).

A 0380

LAROCHE, Armando F. GASTON.

1980. *Algumas contribuições para o estudo do povoamento do Nordeste do Brasil a partir de 11.000 anos B.P.* Natal, Museu Câmara Cascudo. Supl. n.4, 20p.(mimeo).

A 0381

LAROCHE, Armando F. GASTON.

1980. *Algumas informações sobre as pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil*. Natal, Museu Câmara Cascudo. Supl. n.2, 6 p. (mimeo).

A 0382

LAROCHE, Armando F. GASTON.

1980. *As pesquisas de Salvamento arqueológico realizadas nos municípios de Jucurutu e São Rafael*. Natal, Museu Câmara Cascudo. Supl. n.3, 18p. il, (mimeo).

A 0383

LAROCHE, Armando F. GASTON.
1981. *Ambiente e ecossistemas da préhistória do Nordeste brasileiro.* Clio, Recife, 4:43-8, bibl.

A 0384

LAROCHE, Armando F. GASTON.
1981. *Comentários sobre os grupos de caçadores nômades do Nordeste do Brasil e de algumas regiões americanas.* Natal, Museu Câmara Cascudo. Supl. n. 8, 35p, il, bibl. (mico).

A 0385

LAROCHE, Armando F. GASTON.
1981. *Sugestões para uma classificação das pontas foliáceas e lesmas.* Natal, Museu Câmara Cascudo. Supl. n. 9, 40p. il, bibl. (mico).

A 0386

LAROCHE, A.F.G.
1981-1982. Tópicos básicos de esclarecimentos resumidos referentes aos caçadores nômades do Nordeste, em tempos finais do Pleistoceno e começo do Holoceno. Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 6-7: 33-4.

A 0386

LAROCHE, A.F.G.
1981-1982. Tópicos básicos de esclarecimentos resumidos referentes aos caçadores nômades do Nordeste, em tempos finais do Pleistoceno e começo do Holoceno. Arq. Mus. Hist. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 6-7:33-4.

A 0387

LAROCHE, Armando GASTON.
1983. *Ensaios de classificações tipológicas sobre pontas de arremessos e outros objetos líticos da tradição potiguar do Rio Grande do Norte.* Mossoró, Fundação Guimarães Duque (ESAM). 21p., Sér. B, n.412 10 tab., 11 des., 1 map. Coleção Mossorense.

A 0388

LAROCHE, Armando F. GASTON.
1984. Ensaios morfológicos sobre tecnologias líticas nordestinas desde 11.000 anos A.P. 38 p. bibl. Coleção Mossorense, Sér.B, n. 422.

A 0389

LAROCHE, Armando F. GASTON.
1984. *Sugestões para uma classificação morfológica das pontas foliáceas e lesmas.*

52p., 14 grav. (Coleção
Mossorense, n.197).

LAROCHE, Adjelma S.

Ver: LAROCHE, Armand F.G. &-

A 0390

LAROCHE, Armando F. GASTON &-

LAROCHE, Adjelma S.S.

1982. *O sítio arqueológico de
Mangueiros, Macaíba, RN.*
Recife, Massangana/Fun-
dação Joaquim Nabuco, 60
p., 1 map., 8 pranc. bibl.
(Monografia, 24).

LA SALVIA, Fernando.

Ver: KERN, Arno A. &.

A 0391

LEHMANN, H.

1965. As civilizações amazo-
nenses. In: As civi-
lizações pré-colombianas.
São Paulo, Difusão Euro-
péia do Livro. p. 120-3
(Col. Saber Atual, 102).

A 0392

LEITE, Lourival J.

1983. Noticiário arqueológico.
Rev. Paul. Arqueol., São
Paulo, 2, não paginado.

LEMOS, Cláudio.

Ver: FERRAZ, Sheila Maria.

A 0393

LERMENS, Bruno João (S.J.).

1964-1965. Pré-história de San-

ta Catarina. In: SEMINÁ-
RIO DE ARQUEOLOGIA SUL-
RIOGRANDENSE, 1.2., Por-
to Alegre. *Anais...* Por-
to Alegre, OEC.

A 0394

LERNER, Elaine.

1984. História dos vencidos.
Interior, Brasília, 56:
7-8, 4 fot.

A 0395

LIMA, Jeannette M.D.

1983-1984. Arqueologia do Bre-
jo da Madre de Deus, Per-
nambuco. *Arq. Mus. Hist.
Nat. Univ. Fed. Minas
Gerais*, Belo Horizonte,
8-9: 29-32.

A 0396

LIMA, Jeannete Maria DIAS.

1984. Arqueologia do Brejo da
Madre de Deus, PE, *Clio*,
Recife, 6:91-4.

A 0397

LIMA, Jeannete M. DIAS.

1984. Pesquisa arqueológica no
município do Brejo da
Madre de Deus, PE. *Sym-
posium*, Recife, 26(1):
9-60, 3 map., 14 fot.

A 0398

LIMA, Jeannete Maria DIAS.

1985. Arqueologia da Furna do
Estrado, Brejo da Madre

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- de Deus. *Clio*, Recife 7 (2):97-111, 3 pr.
- A 0399
- LIMA, Marcos GALINDO.
1985. Processos de documentação em arte rupestre. *Clio*, Recife, (2):157-63, 2 fig.
- A 0400
- LIMA, Marcos G. & ROCHA, Jacionira SILVA.
- 1983-1984. Um sítio arqueológico Tupi-Guarani da sub-tradição pintada no sertão pernambucano. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:135-42, 3 fig.
- A 0401
- LIMA, Marcos GALINDO & ROCHA, Jacionira S.
1984. Um sítio arqueológico Tupi-Guarani da sub-tradição pintada no sertão pernambuco. *Clio*, Recife, 6:39-46, 4 fig.
- A 0402
- LIMA, Olavo Correia.
1980. *Homo sapiens rosanensis*. São Luiz. Sp. (Escavação de um sambaqui maranhense).
- A 0403
- LIMA, Olavo Correia.
1982. *Cavernas maranhenses-São Domingos e Colinas*. São Luiz. 10p.
- LIMA, Tânia ANDRADE.
- Ver: BELTRÃO, M.C.M & ANDRADE LIMA, Tânia.
- A 0404
- LIMA, Tânia ANDRADE & SILVA, Regina Coeli PINHEIRO da.
1984. Zoo-arqueologia: alguns resultados para a pré-história da Ilha de Santana. *Rev. Arqueol.*, Belém, (2):10-40, 8 tab., 18 fot., 11 fig., bibl.
- A 0405
- LIMA, T. ANDRADE, MELLO, E.M. B.; SILVA, R.C.P.
1985. Analysis of molluscan remains from the Ilha de Santana Site, Macaé, Brasil. *J. Field Archaeol.*, Boston, 12(3).
- LINDSTONE, W.
- Ver: BROWN, Charles Burrinton.
- LINO, Clayton FERREIRA.
- Ver também: BARRETO, Cristiana N.G. & -
- A 0406
- LOEFGREN, Alberto.
1884. Die sambaquis von Santos. *Germania*, São Paulo.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

LOPES, Saniel F.F.

Ver: SIMÕES, Mário F. &.

A 0407

LÓPES, Raymundo.

s/d. Conchaes em Tutóya - Maranhão. Separata do Bol. Mus. Nac., Rio de Janeiro: 58-60.

A 0408

LORDY, Roberto de AQUINO.

1982. Da importância da pesquisa subaquática na arqueologia brasileira. Rev. Paul. Arqueol., São Paulo, 1, não paginado, 1 fot.

LOTUFO, C.A.

Ver: SOUZA A.M. &.-

A 0409

LOTUFO, Cesar Augusto.

1984. O sítio arqueológico Colônia de Pesca ZP-05 e o sistema ambiental da Praia Grande, Cabo Frio, Rio de Janeiro. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5., Rio de Janeiro, 1984. Resumos. Rio de Janeiro, ISCB.

A 0410

LOTUFO, Cesar Augusto & MIRANDA, Cristina Costa de.

1981. Minerais e rochas utilizados pelas populações pré-históricas brasilei-

ras. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 3. Rio de Janeiro. Resumos. (mimeo).

A 0411

LOTUFO, Cesar Augusto & MIRANDA, Cristina COSTA de.

1981-1982. Minerais e rochas utilizados pelas populações pré-históricas e indígenas brasileiras. Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais. Belo Horizonte, 6-7:431. (Resumo).

A 0412

LOTUFO, Cesar Augusto; MIRANDA, Cristina Costa & SOUZA, Elcio Roberto Costa.

1982. Matéria prima lítica utilizada pelas populações pré-históricas da micro-região de Cabo Frio. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. 4., Rio de Janeiro. Resumos (mimo).

LOUREIRO, Antonio.

Ver: ROCHA, Walter C. &.

A 0413

LOUREIRO, Antonio.

1982. Amazônia: 10.000 anos. Manaus, Metro Cúbico. 206 p. il., bibl.

LOURENCO, José Seixas.

Ver: ALVES, J.J.A. & -

A 0414

LUCENA, Veleda.

1984. Adaptação cultural e meio ambiente. *Clio*. Recife, 6: 81-90, bibl.

LUFT, Vlademir José.

Ver: SOUZA, Sheila M.F.M. & .

A 0415

LUND, Peter Wilhelm.

1842. Carta escripta de Lagôa Santa ao senhor Primeiro Secretário do Instituto. *Rev. Trim Hist. Geogr.*, Rio de Janeiro, 4(4):30-87.

A 0416

LUND, Peter Wilhelm.

1844. Carta escripta de Lagôa Santa a 21 de abril de 1844: *Rev. Trim. Hist. Geogr.*, Rio de Janeiro, 6(6):334-42.

A 0417

LUND, Peter Wilhelm.

1844. Carta de 20 de junho de 1844 ao Cônego Januário da Cunha Barbosa (Ms.).

A 0418

LUND, Peter Wilhelm.

1845. Carta de 28 de junho de 1845 ao Comendador Manuel Ferreira Lagos (Ms.).

A 0419

1980. LUND 1880-1980. *Simpósio*, Belo Horizonte, Univ. Federal de Minas Gerais, 1980. *Resumos*. Belo Horizonte, UFMG.

A 0420

LUND, Peter Wilhelm.

1882. Carta de 18 de outubro de 1882 ao Dr. B. Fr. Ramiz Galvão (Ms.).

A 0421

LUND, Peter Wilhelm.

1885. Grutas calcáreas no interior do Brasil, contendo ossos fósseis. Tradução de Leonidas Dama-zio Botelho. *An. Esc. Minas de Ouro Preto*, Ouro Preto, 4:5-18.

A 0422

LUND, Peter Wilhelm.

1935. *Memórias científicas*. Belo Horizonte, Apollo, 286p. (Biblioteca Mineira de Cultura).

A 0423

MAACK, Reinhard.

1926. Über Felszeichnung im Staate Rio de Janeiro. *Z. Ethnol.* Berlin, 58:231-233.

A 0424

MACEDO, F. FERRAZ.

1886. *Ethonogenia brasiliaca* ;

esboço crítico sobre a pré-história do Brasil e autochtnia polygenista . Lisboa, Imprensa Nacional. 127p., 15 il.

A 0425

MACEDO, J.A.

1984. Comentários acerca do Forno do Tapuia. *Dados Hist. & Lei Orçament. Coração de Jesus*, Coração de Jesus, 19-20, 1984.

A 0426

MACEDO, J.A.

1984. Uma escultura primitiva. In: _____. *Dados históricos & Lei orçamentária - Coração de Jesus-1984*. p. 23-4.

A 0427

MACEDO, J.A.

1984. A Gruta do sobradinho. In: _____. *Dados históricos & Lei orçamentária - Coração de Jesus-1984*. p. 33-6.

MACHADO, Ana Lúcia C.M.

Ver: SIMÕES, Mário F. &

A 0428

MACHADO, Arnaldo.

1973. A tanga de barro como expressão da cerâmica Majoara. *Bol. Inf. Cent. Brasil. Arqueol.*, OBA,

Rio de Janeiro, 2(1):9-13.

MACHADO, Lilia M. CHEUICHE.

Ver também: CHEUICHE, Lilia M. MACHADO TURNER II, Christy G.

A 0429

MACHADO, Lilia M. CHEUICHE.

1984. *Análise de remanescentes ósseos humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ. Aspectos biológicos e culturais*. Rio de Janeiro, IAB. 425p. bibl., 4 quad., 3 gráf., 2 map., 15 pranc., 30 tab., 32 fot. (Série monografias, 1).

A 0430

MACHADO, Lilia M. CHEUICHE; ARAÚJO, Adauto José GONÇALVES ; CONFALONIERI, Ulisses & FERREIRA, Luiz Fernando.

1981-1982. Estudo prévio de práticas funerárias e o encontro de parasitos humanos, na gruta do centro II, Unaí, MG. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:207-19, bibl.

A 0431

MACHADO, Lilia Maria CHEUICHE; ARAÚJO, Adauto José GONÇALVES; CONFALONIERI, Ulisses; FERREIRA, Luiz Fernando.

1984. Estudo prévio de práticas funerárias e o encontro de pa-

rasitos humanos na Gruta do Centro II, Unaí-MG. Bol. Arqueol. Brasil., Sér. Ensaio, 2:7-33, 3 fot., bibl.

A 0432

MAGALHÃES, J.V. Couto de. 1975. *O selvagem*. São Paulo, Itatiaia; Universidade de São Paulo. 197p. (Coleção Reconquista do Brasil, v.16). (Original: 1876).

A 0433

MAGALHÃES, José Vieira Couto (General). 1975. O homem americano - O homem no Brasil. In: ___, *O Selvagem*, Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia, USP, p.33-48.

A 0434

MAGNANINI, Alceo. 1981-1982. Notícia sobre três jazidas arqueológicas de polimento de pedras no litoral da Ilha Grande (município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil). Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, (Resumo), Belo Horizonte, 6/7:429.

A 0435

MAGNANINI, Alceo. 1982. Notícia sobre três sí-

tios arqueológicos de polimento de pedras no litoral da Ilha Grande (município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil). Fund. Bras. Conser. Nat., Rio de Janeiro, 17:86-95, 1 map., 9 fot.

A 0436

MAHIEU, Jacques de. 1975. *Os Vikings no Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 204p., il, bibl.

A 0437

1983. O mais antigo brasileiro. Rev. Cienc. Ilust., 11: 57, 2 fot.

MALTA, Ione MENDES.

Ver: JUNQUEIRA, Paulo ALVARENGA.

A 0438

MANENTI, F. s.d. L'Abri Toca do Caldeirão dos Rodriguez II, site du style Varzea Grande, sud-ouest du Piaui, Brésil. Inst. d'Ethnologie, Paris, R 75 039 279 (microficha).

A 0439

MANENTI, F. 1981. Les industries lithiques de la région de Varzea Grande - Piaui-Brésil.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

In: CONGRÉS UISPP, 10., México, 1981. *Resumenes de comunicaciones*, México, p.46.

A 0440

MANENTI, F. et alii.

1981. L'Abri do Caldeirão dos Rodrigues I, site du style Varzea Grande, sud-est du Piauí, Brésil, Paris, 1978. *Inst. d'Ethnologie*, Paris; (microficha). R 78 039 278.

MARANCA, S.

Ver também: GUIDON, S. & -

MARANCA, Silvia.

1975. Noções básicas para uma tipologia cerâmica. *Rev. Mus. Paul. Nova Sér.*, São Paulo, 22:169-80.

A 0442

MARANCA, Sílvia.

1983-1984. Níveis e categorias com vistas à uma classificação preliminar de abrigos com arte rupestre. *Rev. Mus. Paul. Nova Sér.*, São Paulo, 29: 201-13, 4 pranc., bibl.

A 0443

MARANCA, Sílvia.

1981-1982. A pintura rupestre no sudeste do Estado do Piauí. *Rev. Mus. Paul. Nova Sér.*, São Paulo, 28:169-73.

A 0444

MARANCA, Sílvia.

1985. Dados preliminares para uma classificação do material cerâmico pré-histórico. *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, 30:235-247, 3 pr. bibl.

A 0445

MARANCA, S.

1985. Proposition d'un schéma pour le regroupement des sites d'art rupestre préhistorique. *Etud. Am. Interdisciplin.*, Paris, 4: 41-56, 4 pranc.

MARCONDES, Suzan Evelyn.

Ver: PEREIRA, Maria Augusta et alii.

MARQUES, Jorge SOARES.

Ver: KNEIP, Lima M. & -

A 0446

MARQUES, J.F.C.; MUNIZ, R.P.A. DANON, J. & BELTRÃO, M.C.M.

1979. Ressonância paramagnética eletrônica de gélex. *An. Acad. Brasil. Cienc.* Rio de Janeiro, 51(3): 577 (Reunião, 31).

A 0447

1984. MARSUL. *Boletim do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul*, Taquara, n.1. 28p.

A 0448

MARTIN, Gabriela.

1981-1982. O estilo Seridó na arte rupestre do Rio Grande do Norte. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:379-82, bibl. fig.

A 0449

MARTIN, Gabriela.

1982. Casa Santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. *Clio*, Recife, 5:55-82, 4 des., 9 fig., 2 map., 1 pain., bibl.

A 0450

MARTIN, Gabriela.

1982. Indústrias de Pontas de Projétil no Rio Grande do Norte. *Clio*, Recife, 5:81-90, 4 fig., 1 map., bibl.

A 0451

MARTIN, Gabriela.

1984. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. *Clio*, Recife, 6:27-38, 5 fig.

A 0452

MARTIN, Gabriela.

1985. Arte rupestre no Seridó

(RN), o sítio Mirador no Boqueirão de Parelhas. *Clio*, sér. arqueol., Recife, 7(2):81-95, 4 pr., 6 fot., bibl.

A 0453

MARTIN, Gabriela & AGUIAR, Alice.

1984. Projeto Itaparica de salvamento arqueológico. Nota Prévia. *Clio*, Recife, 6:127-31.

A 0454

MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira.

1983. O sítio arqueológico Peri-Peri em Pernambuco. *Rev. Arqueol.* 1:30-9, 6 fig., pranc., tab., bibl.

A 0455

MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo & VICTOR, Plínio.

1980. A pedra de figura em Tabuariatinga do Norte (PE). *Clio*, Recife, 11:31-46, 11 fig., bibl.

A 0456

MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo; VICTOR, Plínio.

1981. Estudos de arte rupestre em Pernambuco II. A pedra furada em Venturosa. *Clio*, Recife, 4:19-34, 1 map., 7 fig., 3 fot.

A 0457

MARTIN, H.; GESKE, A.; SEFFRIN, G.

1977. Período pré-cerâmico na região de Santa Cruz do Sul. Nota Prévia. 1^a parte; *Antropologia*, Santa Cruz, 4, 33 p.

A 0458

MARTIN, Lic. GIESSO & RIZZO, Antonia.

1984. Puerto Victoria: un sitio de tradición Tupi - Guarani en el Alto Paraná Misiones, Repùblica Argentina. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5., Rio de Janeiro, maio, 1984. *Resumos*. ISCB, Rio de Janeiro. (Informe preliminar).

MARTIN, Louis.

Ver: SUGUIO, K. &

A 0459

MARTIN, Louis; MÖRNER, Nils-Axel; FLEXOR, Jean-Marie & SUGUIO, Kenitiro.

1982. Reconstrução de antigos níveis marinhos do quaternário. IG-USP, São Paulo. 154 p., bibl.

A 0460

MARTIN, Louis & SUGUIO, Kenitiro.

1975. The state of São Paulo

coastal marine quaternary geology. *An. Acad. Brasil. Cienc.*, Rio de Janeiro, 47(Supl.):249-64, 11, bibl. (Simpósio Internacional sobre o Quaternário).

A 0461

MARTIN, L., SUGUIO, Kenitiro & FLEXOR, Jean-Marie.

1984. Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praias quaternárias: exemplos da costa do Brasil. *Rev. Pré-hist.*, São Paulo, 6:128-47, 5 fig., bibl.

MARTINS, Antonio da SILVA.

Ver: RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ &

A 0462

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von.

1867. *Beiträge zur ethnographie sudamerikas, zumal brasilien*. Leipzig.

A 0463

MASI, Marco Aurélio N. de & ARTUSI, L.

1985. Fase Itapiranga: sítios da Tradição Planáltica. *Pesquisas, Antropologia*, 40:99-121, 7 pr. bibl.

- A 0464
 1983. MATERIAL arqueológico de valor inestimável é encontrado na Ilha de Santana (RJ). *SPHAN/Promem.*
 Brasília, 22:11-13, janeiro/fevereiro.
- A 0465
 MEDEIROS, J.R. Coriolano.
 1914. Dicionário chorographico do Estado de Parahyba. Paraíba do Norte.
- A 0466
 MEDEIROS, Coriolano.
 1927. Os holandeses como exploradores do interior da Paraíba. I Congresso International de História da América, vol. V. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Brasil.* Rio de Janeiro, (Tomo Especial):75-7.
- MEGGERS, Betty.
 Ver também: EVANS, Clifford. & -
- A 0467
 MEGGERS, Betty J.
 1977. *Amazônia: a ilusão de um paraíso.* Apresentação de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 208p, il, bibl.
- A 0468
 MEGGERS, Betty J.
 1981. Aspectos da arqueologia amazônica. In: CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO. Rio de Janeiro, Instituto de Arqueologia Brasileira. p. 2-3 (mimeo).
- A 0469
 MEGGERS, Betty J.
 1985. Advances in Brazilian archaeology, 1935-1985. *Am. Antiq.*, Washington, 50 (2):364-73, 6 fig. bibl.
- A 0470
 MEGGERS, B.J.
 1985. O uso da seriação para inferir comportamento locacional. *Bol. Inst. Arq. Brasil*, Sér. ensaios, Rio de Janeiro, 3:31-48, bibl. 3 fig.
- A 0471
 MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford.
 1963. Prefácio. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil*, Rio de Janeiro, 5:2-5 (inglês e português).
- A 0472
 MEGGERS, Betty J. & EVANS
 1978. Lowland South America and the Antilles. In: JENNINGS, J.D., ed. *Ancient native Americans.* San Francisco, p.543-91, il.

A 0473

- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford.
1980. Aspectos arqueológicos de las tierras bajas de Suramerica y las Antillas. *Cuad. CENDIA*, Santo Domingo, 258(4):1-40.

A 0474

- MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford.
1980. Un método cerámico para el reconocimiento de comunidades pré-históricas. *Bol. Mus. Homb. Domin.*, Rep. Dominicana, 14:57-73, 9 fig., bibl.

A 0475

- MEGGERS, B.J. & EVANS, Clifford.
1985. Um mētodo cerâmico para o reconhecimento de comunidades pré-históricas. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil.*, Sér. ensaios, Rio de Janeiro, 3:8-30, bibl., 9 fig.

A 0476

- MEIS, M. Regina Mousinho & BELTRÃO, Maria da Conceição M.C.
1982. Nota prévia sobre a sedimentação neoquaternária em Alice Boer, Rio Claro, SP. SIMPÓSIO DO QUATERNÁRIO NO BRASIL, 4., 1982. *Atas*. p.401-14.

A 0477

- MELO, Mário.
1932. Arqueologia Pernambucana. *Rev. Inst. Arqueol. Hist. Geogr. Pernam.*, Recife, 30:7-14.

A 0478

- MELO, V.
1976. Comentários à conferênciade Igor Chmyz. *Arqueol. Trop.*, Recife, 2:570-8.

MELLO, Elisa Maria Botelho.

Ver: KNEIP, Lina Maria &
LIMA, Tânia ANDRADE &.

A 0479

- MELLO, Elisa Maria Botelho & COELHO, Arnaldo C. dos Santos.
1979. Bibliografia malacológica brasileira: referência sobre os moluscos na bibliografia especializada em sambaquis e outros sítios arqueológicos e do Estado do Rio de Janeiro. ENCONTRO DE MALACOLOGISTAS BRASILEIROS - MОСSORÓ, 5., 1979. *Anais*. Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. p.91-7.

MELLO, Marco Antonio da SILVA.
Ver: VOGEL, Arno &.-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0480

MENDES, Josué Camargo.

1977. Homem fóssil das Américas. In: _____. *Paleontologia geral*. Rio de Janeiro; São Paulo, Livros Técnicos e Científicos ; EDUSP. p.290-1.

A 0481

MENDES, Josué Camargo.

1984. Interface entre a arqueologia e a geologia. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 152-9.

A 0482

MENDES, Saulo.

1980. Sítio arqueológico do Casiporé. In: ___, Museu do Oiapoque. Ed. do autor.

A 0483

MENDONÇA, Casimiro XAVIER.

1981. Tesouro Amazônico; em livro todo o esplendor das urnas e das máscaras do Museu Goeldi, de Belém do Pará. *Veja*, São Paulo, 676: 108-10, 19 ago.

MENDONÇA, Thais.

Ver: GUSMÃO, Sérgio BUARQUE &..

A 0484

MENEZES, Ulpiano BEZERRA de.

1984. Identidade cultural e arqueologia. *Rev. Patr. Hist. Art. Nac., Promem.*, Rio

de Janeiro, 20:33-6, 1 fig., 3 fot.

A 0485

METRAUX, Alfred.

1958. O índio Guarani. *Rev. Mus. Júlio de Castilho Arq. Hist. Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 9: 35-78 (Tradução e notas de Danté Laytano).

A 0486

MILLER BRAJNIKOV, Eugénie.

1974. De certaines similitudes présentées par les gravures rupestres de l'Amazonie et de la région de l'Amour-Oussouri. *Bol. Cent. Cam. Studi. Preist. Capo di Ponte (Brescia)*, Italia.

A 0487

MILLER JÚNIOR, Tom O.

1981. *Técnicas para arqueologia de salvamento: uma sugestão do Baixo Açu*. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 3p. (mimeo).

A 0488

MILLER JR, Tom O.

1981-1982. Etnoarqueologia: implicações para o Brasil. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:293-310, bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0489

MILLER JUNIOR, Tom O.
1981-1982. Técnicas para arqueologia de salvamento :
uma sugestão do Baixo Açu. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6/7:421 - 3. (Resumos).

A 0490

MILLS, Carlos E.P.
1977. O processo de comunicação na arte rupestre. *Pesquisas*, Brasília, 1 (1):19-23.

MIRANDA, Avelino Fernandes.
Ver: BARBOSA, Altair Sales &.

A 0491

MIRANDA, A.A.
1938. *Estudos piauienses* São Paulo, Nacional (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Sér. 5, Brasília, 116).

A 0492

MIRANDA, A. Fernandes.
1981-1982. Indicadores regionais do planalto do Bonito relacionadas à implantação de grupos pré-históricos. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6/7:69-79, bibl.

A 0493

MIRANDA, Avelino Fernandes.
1981-1984. O sistema de ocupação pré-histórica do Planalto do Rio Verde. *Anu. Divulg. Cient.*, Goiânia, 10:71-84, 3 quad. bibl.

MIRANDA, Cristina Costa.

Ver: LOTUFO, Cesar Augusto &
MIRANDA, Cristina C.

A 0494

1982. A MISTERIOSA escultura da perna humana. *Planeta*, São Paulo, 116:8.

A 0495

MIYAMOTO, M. & WATANABE, S.
1975. Datação de peças arqueológicas, pelo método de termoluminescência. *An. Acad. Brasil. Cienc. Rio de Janeiro*, 41(2):197-214, il, bibl.

MOEHLECKE, Sílvia.

Ver: SCHMITZ, Pedro Ignacio &
COPÉ, Sílvia M. & -

MÔMOLI, Deise M. Mazalli.

Ver: MOREIRA FILHO, Herves & -

A 0496

MONIER, F.
1984. Préhistoire: les Lascaux brésiliens. *L'Express*, Paris, 23/29 nov., p.59-62, 8 fot.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG, Belo Horizonte. 10:

A 0497

MONTALVÂNIA - MG 39490 - BRASIL.
Rev. Brasil Remoto. Instituto
Filantropo Cochanino, 44
fot. a cores.

A 0498

NAS MONTANHAS, lição e vida. E-
las encerram grutas, la-
pas e paredões que con-
tam a história da alma
de Minas. *Interior, Bra-
sília*, 52:54-7, 4 fot. a
cores, 3 preto-branco.

MONTEIRO, Antonio M.F.

Ver: KNEIP, Lima Maria &.

A 0499

MONTEIRO, Antonio M.F.; KNEIP,
Lina Maria & PALLESTRINI, Luciana.
1982. Sítio arqueológico de Três
Vendas, Araruama, RJ. *Sim-
pósio do Quaternário no
Brasil*, 4, *Atas*:453-66.

MONZON, S.

Ver: ANTHONIOZ-RUSSEL, S. &.-

A 0500

MONZON, Suzana.
1981-1982. A representação hu-
mana na arte rupestre do
Piauí: comparações com ou-
tras áreas. *Rev. Mus. Paul.
Nova Sér.*, São Paulo, 28:
401-22, bibl., 11 franc.

A 0501

MONZON, Suzana.
1981-1982. Métodos de análise
dos grafismos de ação.
*Arq. Mus. Hist. Nat. Univ.
Fed. Minas Gerais, Belo
Horizonte*, 6/7:353-64, 11
fig.

A 0502

MONZON, Suzana.
1982. Le site de la Toca do A-
rapoa do Gongo, un abri
peint de l'aire de São
Raimundo Nonato, sud-es-
te du Piaui Brésil. *Inst.
d'Ethnologie*, Paris (Mi-
croficha) R 82.039.301.

A 0503

MONZON, S.
1982. La Toca do Baixão das
Mulheres I, un abri peint
de l'aire de São Raimun-
do Nonato, sud-est du
Piaui, Brésil. *Inst. d'
Ethnologie*, Paris, (mi-
croficha) R 82 039 302.

A 0504

MONZON, Suzana.
1983. Analyse des traits d'i-
dentification. Etude d'
un cas La Toca da Entra-
da do Baixão da Vaca. Pa-
ris. Laboratoire An-
thropologie Préhistorique

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- d'Amérique de L'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. p. 36-57, 8 pranc. Études Américanistes Interdisciplinaires, 2(74).
- A 0505
- MONZON, Suzana.
1984. Análise dos traços de identificação - estudo de um caso: a Toca da Entrada do Baixão da Vaca. *Clio*, Recife, 6:63-80, 8 lâm.
- A 0506
- MONZON, S.
- s.d. Les peintures rupestres du Parc National de Sete Cidades, Etat du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, (microficha). R 83 039 345.
- A 0507
- MONZON, S.
- s.d. Les peintures rupestres du Parc National de Sete Cidades, Etat du Piaui, Brésil: le site n° 4. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, (microficha) R 84 039 377.
- A 0508
- MONZON, S. et alii.
1980. La Toca do Barro, un abri peint de la Serra de Capivara, Etat du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, (microficha) R 78 039 237.
- A 0509
- MONZON, S. et OGEL-ROS, L. 1981. La Toca do Estevo III, un abri peint de la région de São João Vermeilho, Etat du Piaui, Brésil, Paris, 1981. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, (microficha) R 81 039 280.
- A 0510
- MOORE, A.
1953. Arte pré-histórica de Lagoa Santa. *Américas*, Washington, 5(2):12-5, 7 fig.
- A 0511
- MORAIS, Aloisio.
1977. O mistério da Serra do Cipó. *Manchete*, Rio de Janeiro, 23 abr., 1305: 144-5, 4 fot. a cores.
- MORAES, José Luiz.
- Ver: PALLESTRINI, Luciana.
- MORAES, José Luiz.
- A 0512
- MORAES, José Luiz.
1978. Inserção geomorfológica de sítios arqueológicos do Alto Paranapanema, SP. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 25:65-86, il, bibl.

A 0513

MORAIS, José Luiz.

1983. A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima. *Col. Mus. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 7: 212, 74 fig., bibl.

A 0514

MORAIS, José Luiz.

1984. A utilização pré-histórica dos arenitos silicificados no médio Paranapanema paulista. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 245-7, 1 fig., bibl.

A 0515

MORAIS, José Luiz.

1984. Inserção topomorfológica das aldeias pré-históricas do médio Paranapanema paulista. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:181-4, 3 map., bibl.

A 0516

MORAIS, José Luiz.

1984. Prospecções arqueológicas do médio Paranapanema paulista. *Rev. Préhist.*, São Paulo, :216-8, 20, 1 map.

A 517

MORAIS, José Luiz.

1985. Aerofoto-arqueologia um

estudo de caso no Projeto Paranapanema. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 30:99-113, 3 fig. bibl.

A 0518

MORAIS, Raimundo.

1931. *Paiz das pedras verdes*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 314 p. il.

A 0519

MORAIS, Raimundo.

1936. Amphitheatro amazônico. São Paulo, Melhoramentos, 251 p.

A 0520

MORAIS, Raimundo.

1940. *O homem do Pacoval*. São Paulo, Melhoramentos, 298p.

A 0521

MOREIRA, Gertrudes Vanda Lopes.

1982. Sambaquis do norte e nordeste - uma revisão bibliográfica. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4., Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro. (mimeo).

A 0522

MOREIRA, Luiz Eurico.

1981-1984. Análise dos restos de alimentos de origem animal no programa arqueo-

lógico de Goiás. *An. Divulg. Cient.*, Goiânia, 10:98-112, bibl.

A 0523

MOREIRA, Luiz E.

1983-1984. Caçadores; dieta e alimentação, análise dos restos de alimentos de origem animal recolhidos nas escavações do abrigo GO-JA-01. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:35-54, bibl.

A 0524

MOREIRA, Luiz Eurico.

1984. Alimentação do homem pré-histórico do Planalto Central Brasileiro. *Estudos*, Goiânia, 11(3/4) : 235-43.

A 0525

MOREIRA, Luiz Eurico & BRITO, Emílson TAVARES.

1981-1984. Aplicação da antropologia na técnica policial. *An. Divulg. Cient.* Goiânia, 10:116-24, 5 fig.

A 0526

MOREIRA, Luiz Eurico & BRITO, Emílson TAVARES.

1981-1984. Estudo preliminar de material ósseo humano no sítio arqueológico

co Abrão Dias. Projeto Alto Araguaia-Goiás. *An. Divulg. Cient.*, Goiânia, 10:113-5.

A 0527

MOREIRA FILHO, Hermes & MÔMOLI, Deise M. Mazalli.

1962. Sobre a presença de dia-tomáceas em alguns sambais do litoral paranaense. *Bol. Univ. Paranaense. Série Botânica*, Curitiba, 5:9, maio.

A 0528

MOREIRA FILHO, João Augusto.

1977. Artesanato de hoje emprega muitas técnicas da cerâmica pré-histórica ; estudos revelam. *D. tarde*, Belo Horizonte, 26 dez. 1977, 5 fot.

MORNER, Nils-Axel.

Ver: MARTIN, Louis &.-

MOURA, J.R.S.

Ver: BELTRÃO, M.C. &.-

A 0529

MOUSINHO, M.R. METS & BELTRÃO, M.M. C.

1981. The Alice Boer archaeological site: lithostratigraphical background. In: CONGRESO UISPP., 10., México, 1981. COMISIÓN 12: EL PROBLEMA DE AMERICA. COLOQUIO: Evidencia arqueológica de ocupación

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- humana em América anterior a 11.500 anos a. p. Atas. Mexico, UISPP. p. 99-100.
- In: ___, *Les premiers homme et les temps pré-historiques*. Paris, G. Masson, t.2, p.1-33.
- A 0530
- MUCILLO, Regina & MUST, IRMILDE. 1981-1982. Aspectos da tecnologia cerâmica Bororo. *Arq. Mus. Hist. Nat. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7: 323-8, bibl., 9 fot.
- A 0531
- MULLER, Henrique G. (General) 1978. Relatório esboço da expedição de estudos e pesquisas arqueológicas (ao Amazonas). *Bol. Soc. Bras. Geogr.* Rio de Janeiro, 27(41):49-53.
- MUNIZ, R.P.A.
Ver: MARQUES, J.F.C. &
- MUZZI, Inácio.
Ver: GUSMÃO, Sérgio BUARQUE &
- A 0532
- MYASAKI, Nobue. 1976. Arqueo-etno-história no Brasil. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 23:145-54, bibl. (sumário em inglês).
- A 0533
- NADAILLAC (Marquis de). 1881. *Les premiers américains*.
- A 0534
- NACKE, Aneliese. 1984. As sociedades indígenas e a expansão capitalista. *An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina*, Florianópolis, 16: 34-42, bibl.
- A 0535
- NASSER, N.A.S.; CALDERÓN, V.; PEROTA, C.; RODRIGUES, C.S.; SILIMON, L.; CHMYZ, I.; SCHMITZ ; P.I. 1973. Proposição ao II Encontro de Governadores para a preservação do patrimônio histórico, artístico, arqueológico e natural do Brasil. In: ENCONTRO DE GOVERNADORES , 2, Salvador, out. 1971. *Anais...*, Ministério da Educação e Cultura, p. 334-7. (Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 26).
- NAUDE, Guilherme.
Ver: KERN, Arno A. &
- A 0536
- NEIS, Rubem. 1975. A Aldeia de N.S. da Con-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

ceição do Estreito, RS.
In: *O Índio no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Governo do Estado do Rio Grande do Sul. p.125-30.

NEME, Salete Maria N.

Ver: HEREDIA, R. &

NEME, S.M.N.

Ver: BELTRÃO, M.C. M.C.

A 0537

NETTO, Ladislau.

1875. Inscrição phenicia. Escreve Sr. D. Ladislau Netto ao Jornal do Comercio. *J. Com.*, 8 maio, Rio de Janeiro.

A 0538

NETTO, Ladislau.

1880. As ostreiras de Santos e os kiookken-moddings da Dinamarca. *Rev. Brasil.* 6 (2):185-0.

A 0539

NETTO, Ladislau.

1882. A morfologia craniana do homem dos sambaquis. *Rev. Exped. Antropol. Brasil.* Rio de Janeiro, p. 22-23.

NETTO, Carlos Xavier de AZEVEDO.
Ver: OLIVEIRA, Anete MENEZES & -

NEVES, Walter Alves.

Ver: CALDARELLI, S. B. & -

A 0540

NEVES, Walter ALVES.

1982. Variação métrica nos construtores de sambaquis do Sul do Brasil: primeira aproximação multivariada. *Rev. Prehist.* São Paulo, 3(4):83-108.

A 0541

NEVES, Walter ALVES.

1983. Fertilidade das mulheres e dimorfismo sexual no sítio arqueológico da Praia da Tapera Santa Catarina, Brasil: análise das modificações do púbis. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 5(5):23-36, 4 fig., 1 tab., bibl.

A 0542

NEVES, Walter ALVES.

1984. Antropologia física e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6: 467-77, tab., bibl.

A 0543

NEVES, Walter ALVES.

1984. Estilo de vida e osteobiografia: a reconstituição do comportamento pelos ossos humanos. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6: 287-91, bibl.

- A 0544 NEVES, Walter ALVES.
1984. A evolução das estratégias do levantamento arqueológico na bacia do Alto Guareí, SP. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6:225-34, 3 fig., bibl.
- A 0545 NEVES, Walter ALVES.
1984. Incidência e distribuição de osteoartrite em grupos coletores do litoral do Paraná: uma abordagem osteobiográfica. *Clio*, Recife, 6:47-62, 4 fig.
- A 0546 NEVES, Walter ALVES.
1984. O meio ambiente e a definição de padrões de estabelecimento e subsistência de grupos caçadores-coletores: o caso da bacia do Alto Guareí, SP. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6:175-8, bibl.
- A 0547 NEVES, Walter A.; UNGER, Paulo; SCARAMUZZA, Carlos A.M.
1984. Incidência de cáries e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6: 371-80, 1 fig., bibl.
- A 0548 NIMUENDAJÚ, Kurt.
1948. Tribes on the lower end middle Xingú River In: STEWARD, J. H. ed. *Handbook of South American Indians*, *Bur. Am. Ethnol. Bull.*, Washington, 3: 213-243.
- A 0549 NORDENSKIÖLB, Erland.
1961. *Palicadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército. 56p., il.
- A 0550 1933. NOTA a propósito da interpretação dos lithoglyphos do Outeiro do Cantagalo, Pará. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bahia*, Salvador, 59:45-55.
- A 0551 1980. NOTAS prévias: material lítico de Itaoca - Apiai-SP. São Paulo, Sociedade Brasileira de Espeleologia, Deptº de Arqueologia; 22p., 10 fot.
- A 0552 O', Edmilson R.
1977. The carved stone of Ingá. *Anc. Skies*. Illinois, 4(4).

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- OGEL-ROS, L.
Ver também: MONZON, S.&-
GUIDON, N.&-
- A 0553
- OGEL-ROSS, L.
1980. Un Abri limitrophe de l'aire de São Raimundo Nonato: la Toca da Pedra Solta do Bom Jesus, Brésil, Paris, 1978. *Inst. d'Ethnologie*, Paris; (microficha) R 78 039 239.
- A 0554
- OGEL-ROSS, L.
1980. Un abri peint limitrophe de l'aire de São Raimundo Nonato, la Toca das Letras, sud du Piaui, Brésil. Paris, 1978. *Inst. d'Ethnologie*, Paris; (microficha) 78 039 240.
- A 0555
- OGEL-ROSS, Laurence.
1982. Catalogue commenté des figures géométriques de vingt sites de la région de São Raimundo Nonato, sud-est de Piaui, Brésil, 3 tomes. Paris, EHESS, 1982. 555p., 86 pl., fig., tabl., cartes, bibl. (Thèse Doct. 3 cycle).
- A 0556
- OGEL-ROSS, Laurence.
1983. Análise das figuras geométricas do estilo Vár-
- zea Grande sudeste do Piauí-Brasil. *Cad. Pesq. Sér. Antropol.*, Teresina. 3:41-102, p pranc., bibl.
- A 0557
- OGEL-ROSS, Laurence.
1985. A noção de subtradição aplicada a um sítio de arte rupestre pré-histórica. *Cad. Pesq.*, Teresina, *Sér. Antropol.* 3 (4):195-184, bibl. (resumos).
- A 0558
- OGEL-ROSS, L.
1985. La notion de sous-tradition appliquée à un site d'art rupestre: La Toca do Salitre. *Étud. Am. Interdiscipli.*, Paris 4:57-92, 2 map., 17 pranc.
- A 0559
- OGEL-ROSS, & ROSS, D.
s.d. L'Abri Toca do Salitre, site typique de la sous-tradition Salitre. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, (microficha) R 83 039 346.
- OLIVEIRA, Acary de Passos.
Ver: SIMONSEN, I. &.
SOUZA, A.A.C.M. &.-
BARBOSA, A. SALES &.-
- A 0560
- OLIVEIRA, Adélia Engrácia.
1983. A depopulação e decultura-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 70:

- ção indígena de Orellana (1541-1542) aos dias atuais. *Cult. Indig.*, Belém, ____:23-9.
- OLIVEIRA, Maria D.B.G.
Ver: HEREDIA, Osvaldo R. &
- A 0561
- ROCHA; NETTO, Carlos Xavier A-ZEVEDO; THIERS, Maria Laise L. P.
1984. Nota prévia sobre o Sítio Cerâmico GO-PA-31. Cacaria. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5, maio, Rio de Janeiro, 1984. *Resumos*. Rio de Janeiro, ISCB.
- A 0562
- OLIVEIRA FILHO, R.M.; VALLE, L. B.S.; GIUFFRIDA, R.; TAKAHASHI, N.
1974. Estudos sobre a matriz orgânica de tecidos calcificados - II. Comparação quantitativa da composição em aminoácidos de dentes humanos atuais e pré-históricos brasileiros. *Rev. Fac. Odontol.*, São Paulo, 12(1):139-144, jan/jun.
- A 0563
- ORSSICH, Adam.
1977. Observações arqueológicas em sambaquis. *Cad.*
- A 0564
- Arqueol. Paranaguá, 2(2): 61-8.
- ORSSICH, Adam.
1977. O sambaqui do Araújo II. Nota prévia. *Cad. Arqueol. Paranaguá*, 2(2):11-60 . il, bibl.
- A 0565
- ORSSICH, Adam.
1977. Traços de habitação nos sambaquis. *Cad. Arqueol. Paranaguá*, 2(2):69-72.
- A 0566
- ORSSICH, Elfriede Stadler.
1977. A propósito de sepultamentos em sambaquis. *Cad. Arqueol. Paranaguá*, 2(2): 73-6.
- A 0567
- OTONI JÚNIOR, P.
1938. Os hieroglyphos de São Tomé. *J. Com.*, Rio de Janeiro, 20 de março.
- A 0568
1984. PADRE descobre fogão indígena. *Est. de Minas*, Belo Horizonte, 05 jun. p. 6.
- A 0569
1980. PALEOPARASITOLOGY in Brazil. *Paleopathol. Newslet.* 30: 4-5, jun.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- PALLESTRINI, Luciana.
Ver: KNEIP, Lina Maria &. MONTEIRO, Antonia M.F.&.
- A 0570
PALLESTRINI, Luciana.
1975. Trabalhos de campo em arqueologia do Brasil. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 22:109-34.
- A 0571
PALLESTRINI, Luciana.
1978. Arqueologia. *Aval. & Perspect.*, Brasília, 7:33-35.
- A 0572
PALLESTRINI, Luciana.
1978. Im Memoriam - Annette Laming - Emperaire. *Rev. Mus. Paul.*, Nova sér., São Paulo, 25:5-10.
- A 0573
PALLESTRINI, Luciana.
1978. O espaço habitacional em pré-história brasileira. *Rev. Mus. Paul. Nova Sér.*, São Paulo, 25:11-30.
- A 0574
PALLESTRINI, Luciana.
1978. O espaço habitacional em pré-história brasileira. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér. São Paulo, 25:15-30, 8 fot., bibl. (Resumo em inglês).
- A 0575
PALLESTRINI, Luciana.
1979. Projeto Paranapanema. Estado atual. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMÉRICANISTAS. CONGRÈS DU CENTENAIRE, 42. Paris, 1976. *Actes*. 9-A, p. 85-96, bibl.
- A 0576
PALLESTRINI, L.
1981-1982. Arqueologia pré-histórica do Estado de São Paulo. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 28:165-68.
- A 0577
PALLESTRINI, L.
1983. Grands sites brésiliens de plein air. Méthodologie des fouilles. *Anthropologie*, Paris, 87(2) :249-56, 6 schémas, 6 fot., bibl.
- A 0578
PALLESTRINI, Luciana.
1983. Superfícies amplas em arqueologia pré-histórica no Brasil. *Rev. Arqueol. Belém*, 1:7-18, bibl., 4 fot., 2 map.
- A 0579
PALLESTRINI, Luciana.
1984. O sambaqui de Camboinhas - RJ - Miniconferência. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6: 118-9, bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0580 PALESTRINI, Luciana. 1984. Sítio arqueológico de Lagoa São Paulo: Presidente Epitácio, SP. *Rev. Prehist.*, São Paulo, 6: 381-410, 14 fot., 8 fig., bibl.
- A 0581 PALESTRINI, Luciana; CHIARA, Philomena & MORAIS, José Luiz. 1981-1982. Evidenciação de novas estruturas arqueológicas no sítio pré-histórico Camargo, Piraju, SP. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 28: 131-58, bibl., 6 map., 9 fot.
- A 0582 PALESTRINI, Luciana & MORAIS, José Luiz. 1983-1984. Prassévichus: aldeia pré-histórica no município de Itaberá, SP. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 29:151-67, 7 fot., tab., bibl.
- A 0583 PASSOS, Gervazio de Brito; CARVALHO, Leonardo Machado; CARVALHO José Antonio; PEREIRA, Joaquim José; & BACELLAR, Fernando Pereira. 1982. Cidade petrificada no Piauí. *Rev. Inst. Hist. Geogra. Brasil*, Rio de Janeiro, 55(1):197-99.
- A 0585 PAULA, Alcebiades V. 1967. Achados arqueológicos na região de Varginha. *Rev. Assoc. Médica Minas Gerais*. PAULA, Fabiano LOPES de. Ver também: SEDA, P. & - PROUS, A. & -
- A 0586 PAULA, F. Lopes. A arte pré-histórica: o exemplo em Minas Gerais. *C. Filatel.* Brasília, ano 9 mai/jun, 94: 26-8, 3 fot. a cores.
- A 0587 PAULA, Fabiano LOPES & PROUS, André. 1983-1984. A identificação das tradições rupestres no Estado de Minas Gerais: dificuldades e comparação com regiões nortistas. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:185-90, bibl.
- A 0588 PAULA, F. LOPES & SEDA, Paulo. 1979-1980. Catálogo dos sítios (Minas Gerais). *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4-5: 201-96, 1 map.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- PAZINATTO, Renata PARADA.
Ver também:
PEREIRA, Maria Augusta &.-
- A 0589
PAZINATTO, Renata PARADA.
1983. Uma segunda igaçaba de Capivari. *Publ. Mus. Munic. Paulínia*; Paulínia, 23: 1-8.
- A 0590
PAZINATTO, Renata PARADA.
1983. Uma segunda urna de Capivari. *Publ. Mus. Munic. Paulínia*, Paulínia, 24: 10-1.
- A 0591
PAZINATTO, Renata PARADA.
1984. Análise das cores e desenhos lineares na cerâmica pré-histórica de Monte Mor. *Publ. Mus. Munic. Paulínia*, Paulínia, SP, 27:1-6, 2 fig.
- PEDROSO, D.M.R.
Ver: BARBOSA, Altair SALES &.-
- A 0592
PELLERIN, Joel.
1983. Missão geomorfológica em São Raimundo Nonato, suldeste do Piauí, Brasil. *Cad. Pesq., Sér. Antropol.* 2., Teresina, 3:201-25, 2 map.
- A 0593
PENNA, Domingos SOARES FERREIRA. 1894-1896. Archeologia e ethno-graphia no Brazil. *Bol. Mus. Para. Hist. Nat. Ethnogr.*, Belém, 1(1-4) : 28-31.
- A 0594
PEPE, Bras F.W.
1973. Aspectos arqueológicos do norte e nordeste mineiro. *Supl. Cienc. e Cult. São Paulo*, 25(6):384.
- A 0595
PEREIRA, C.B.; GALVÃO, C. A.; ALVIM, M.C. de M.
1985. Craniometria radiográfica em população pré-histórica brasileira. *Pesquisas, Antropol.*, 40: 40-44, 3 fig., bibl.
- PEREIRA, Joaquim José.
Ver: PASSOS, Gervazio de BRITO &.-
- A 0596
PEREIRA JÚNIOR, José Anthero.
1944. Considerações a respeito de alguns dos sinais de Itacoatiara do Ingá. *Rev. Arq. Munic.*, São Paulo, 9 (95):113-6, il.
- A 0597
PEREIRA JÚNIOR, José Anthero.
1947. O capítulo dos sambaquis.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- O Est. de São Paulo, São Paulo, 6 out.
- A 0598
- PEREIRA JÚNIOR, José Anthero. 1947. O capítulo dos sambquis. 3. O Est. de São Paulo, São Paulo, 18 out.
- A 0599
- PEREIRA JÚNIOR, José Anthero. 1947. O capítulo dos sambquis, 5. O Est. de São Paulo, São Paulo, 30 out.
- A 0600
- PEREIRA JÚNIOR, José Anthero. 1961. Considerações preliminares em torno de uma peça encontrada no sambqui de Guaiuba. *Rev. Inst. Hist. Geogr. São Paulo*, São Paulo, 58:195-97.
- A 0601
- PEREIRA, Maria Augusta; PAZINATTO, Renata PARADA; MARCONDES, Suzan Evelyn; AYTAI, Desidério. 1982. Uma igaçaba de Capivari. *Publicações do Mus. Munic. de Paulínia*, Paulínia, 27:1-14, bibl.
- A 0602
- PEREIRA, Mia; ROHR, Pe. J.A., S.J.; LENGYEL, I. & BARRETO, O.C. O.P. 1984. Os grupos sanguíneos ABO em esqueletos pré-históricos de aborígenes da Ilha de Santa Catarina, Brasil. *Ciencia e Cultura*, 36 (9):1597-99.
- A 0603
- PERET, João Américo. 1980. *Dois sítios arqueológicos do Amazonas*. Rio de Janeiro, ISCB, 20p. (Publicações avulsas n. 2). (mimeo).
- A 0604
- PERET, J. Américo. 1985. *Amazonas: história gente costumes*. Centro Gráfico, Senado Federal, Brasília, 218 p., ilust. (ver pp. 49-62 & 101-124).
- A 0605
- PERET, João Américo & BRASIL, Gilberto Rocha. 1982. Dados preliminares para a arqueologia do rio Pauduari, Amazonas. In: *JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA*, 4., Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*.
- PEREZ, Rhoneds A. RODRIGUES. Ver: BELTRÃO, M.C.M.C. & -

A 0606

PEREZ, Rui CAMPOS & PAULA, Fabiano LOPES.
1983-1984. Métodos de análise mineralógica, petrográfica e físico-química aplicados ao estudo de sinalações rupestres e artefatos líticos e cerâmicos: algumas considerações práticas. *Arq. Mus. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9: 191-210, 3 fot.

A 0607

PERIE, Jean & VIALOU, Agueda VILHENA.
1984. Préhistoire. Découvertes rupestres et analyse de l'utilisation des paysages par les populations paléo-indiennes avec datations dans l'Etat du Mato-Grosso au Brésil. *C. R. Acad. Sc.*, Paris, Sér. 2, 229(2):

PEROTA, Celso.

Ver: NASSER, Nássaro Antonio de Souza &.

A 0608

PEROTA, Celso.

1971. Considerações sobre a tradição Aratu nos Estados da Bahia e Espírito Santo. *Bol. Mus. Arte e Hist. Ser. Antropol.*, Vitória, 1:12p., il. bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0609

PEROTA, Celso.
1972. Contribuição à arqueologia de Santa Teresa, no Estado do Espírito Santo. *Bol. Mus. Arte Hist. Sér. Antropol.*, Vitória, 2:2-9, 3 fig., bibl.

A 0610

1985. PESQUISA em Carajás. *Destaq. Amaz.*, Belém, 1:1.

A 0611

PESSIS, Anne Marie.

1981. Méthode d'analyse des représentations rupestres. In: GUIDON, N. & PESSIS, A. M. *Contributions méthodologiques en préhistoire*. Paris, École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. p.17-40, 9 pranc. (Etudes Americanistes Interdisciplinaires, 1).

A 0612

PESSIS, Anne Marie.

1981. Méthodes de documentation cinématographique en archéologie. In: GUIDON, N. & PESSIS, A.M. *Contributions méthodologiques en préhistoire*. Paris, École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. p. 1-12 (Etudes Américanistes Interdisciplinaires, 1).

- A 0613
PESSIS, Anne-Marie.
1983. Método de análise das representações rupestres. *Cad. Pesq., Sér. Antropol.* 2, Teresina, 32: 11-9 franc.
- A 0614
PESSIS, A.M.
1983. *Méthodes d'interprétation de l'art rupestre: analyses préliminaires par niveaux*. Paris, Laboratoire D'Anthropologie Préhistorique D'Amérique de L'Ecole des Hautes Etudes Sciences Sociales.p. 23-35, 7 fig. *Études Américanistes Interdisciplinaires*, 2:23-35.
- A 0615
PESSIS, Anne-Marie.
1984. Methode d'interpretation de l'art rupestre préhistorique: analyse préliminaire de l'action, Paris, Laboratoire D'Anthropologie Préhistorique D'Amérique de L'Ecole des hautes Études en Science Sociales. *Études Americanistes Interdisciplinaires*, 3:38-63, 10 fig.
- A 0616
PESSIS, A.M.
1984. Métodos de interpretação da arte rupestre: análises preliminares por níveis. *Clio, Recife*, 6:99-108, 8 fig.
- A 0617
PESSIS, A.M.
1984. Método de interpretação da arte rupestre pré-histórica: análise preliminar da ação. *Rev. Arqueol. Belém*, 2(1):47-58, 10 fig.
- A 0618
PESSIS, A.M.
1985. *De l'anthropologie visuelle à l'anthropologie préhistorique*. Paris, p. 93-104. *Études Américanistes Interdisciplinaires*, Paris, 4.
- A 0619
PESSIS, A.M.
s.d. Étude en couleur des superpositions de la Toca do Boqueirão do Sítio de Pedra Furada, sud-est du Piaui, Brésil. *Inst. d'Ethnologie*, Paris. (microficha) R 84 039 376.
- A 0620
PESSIS, A.M.
s.d. Le Site Toca do Baixão das Mulheres II, un abri peint de l'aire de São Raimundo Nonato, sud-est du Piaui, Brésil. *Inst.*

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 20:

d'Ethnologie, Paris.
R 83 039 347 (microficha).

A 0621

PESSIS, A.M.

s.d. Métodos de documentação cinematográfica em arqueologia. *Clio*, Recife, 5:129-39.

A 0622

PINHEIRO, J.C. Fernandes.

1866. Parecer sobre a memória do Sr. Conde de la Hure, relativa às inscrições achadas nas ruínas d'uma cidade incognita, que se diz existentes nos sertões da Bahia. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, Rio de Janeiro, 29(2): 373-90.

A 0623

PINTO, Áurea DUARTE PEREIRA.

1983. Contribuição ao estudo do homem fóssil de Lagoa Santa. *Rev. Esc. de Minas, Ouro Preto*, 36(3):20-3, 4 fot., 2 map.

A 0624

1984. PINTURAS rupestres da Lapa da Pedra em Formosa, Goiás. *A Gruta. Bol. Inf. Espeleol.*, 2(2), 2 des.

A 0625

POMPEU SOBRINHO, Th.

1954. Os litóglifos da Pedra

do Oratório e uma hipótese relativa às origens das inscrições rupestres *Rev. Inst. Ceará, Fortaleza*, 68:5-30.

A 0626

POMPEU SOBRINHO, Th.

1955. As migrações paleolíticas e as inscrições rupestres da América. *Rev. Inst. Ceará, Fortaleza*, 69:5-20.

A 0627

POMPEU SOBRINHO, Th.

1956. Algumas inscrições rupestres inéditas do Estado do Ceará. *Rev. Inst. Ceará, Fortaleza*, 70:115-26, 16 pranc., 1 map. extra-texto.

A 0628

PORTO, P. Campos.

1920. *O Cambuci*. Rio de Janeiro. 14 p., 1 map., 8 fig.

POUPEAU, George.

Ver: DANON, Jacques &.

BELTRÃO, M.C.M. &.

A 0629

POUPEAU, G.

1983. Les datations archéologiques par thermoluminescence: une revue. *Rev. Arqueol.*, Belém, 1:53-70.

A 0630

PRADO, Ruth ALCÂNTARA DE ALMEIDA.
1942. Contribuição para o estudo do tembetá. *Rev. Arq. Munic.*, São Paulo, 84:139-54, 1 map., 6 fig., bibl.

A 0631

1984. PROFESSORES encontram ossadas pré-históricas. *Est. Minas*, 25 jul., Belo Horizonte, p.9.

PROUS, André.

Ver: SOLA, M. Elisa CASTELLANOS
BIBLIOGRAFIA Geral de Arqueologia Brasileira.

A 0632

PROUS, André.
1979-1980. Considerações gerais sobre arqueologia de Minas. *Arq. Mus. Hist. Nat., Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4-5:191-9.

A 0633

PROUS, André.
1979-1980. História da pesquisa e da bibliografia arqueológica no Brasil. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4-5:11-24.

A 0634

PROUS, André.
1983. A arte rupestre e seus aspectos em Minas Gerais. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SAB., 2. *Catálogo da Exposição*. 18p. (mimeo).

A 0635

PROUS, André.
1983. Arte do Brasil na pré-história. *Cienc. Hoje*, São Paulo, 2(7):10-7, 5 fot., 1 pranch., bibl.

A 0636

PROUS, André.
1983-1984. As indústrias líticas e cerâmicas no Estado de Minas Gerais: dificuldades de interpretação. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:55-60.

A 0637

PROUS, André.
1984. A relação entre o momento científico-cultural e a interpretação da arte rupestre: o exemplo da arte rupestre paleolítica europeia. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5. Rio de Janeiro, 1984. *Resumos*. Rio de Janeiro, ISCB.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte, 10:

A 0638

PROUS, André.
1984. Breve nota sobre a relação entre as tradições rupestres "São Francisco - co" (PROUS) e "Geométrica" (GUIDON). In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5. Rio de Janeiro, 1984. Resumos. Rio de Janeiro, ISCB.

A 0639

PROUS, André.
1984. Notas sobre as indústrias de quartzo no Brasil Central. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:249-50.

A 0640

PROUS, A.
1986. Os mais antigos vestígios arqueológicos no Brasil Central. In Bryan ed. *New Evidence for the pleistocene peopling of the Americas*, Univ. of Maine, Orono, p.173-82, 5 fig., bibl.

A 0641

PROUS, André.
1986. L'archéologie au Brésil, 300 siècles d'occupation humaine. *L'Anthropologie*, Paris, 90: 257-306, 35 fig.

A 0643

PROUS, André; JUNQUEIRA, Paulo, A.; MALTA Ione MENDES.
1984. Arqueologia do Alto Médio São Francisco região de Januária e Montalvânia. *Rev. Arqueol.*, Belém, 2(1):59-72, 2 fig., 20 fot.

A 0644

PROUS, André & PAULA, Fabiano LOPES.

1979-1980. L'art rupestre dans les régions explorées par Lund (Centre de Minas Gerais, Brésil). *Arq. Mus. Hist. Nat., Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4-5:311-34, 7 pranc., 3 fig.

A 0645

PROUS, André & PAULA, Fabiano LOPES.

1983. Informações preliminares sobre grafismos de tipo "Nordestino" no Estado de Minas Gerais. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 5 (5):145-53, 4 fig., bibl.

A 0646

PROUS, André, SILVA, Gisele ROCHA & SOLÁ, Maria Elisa C.

1984. À la recherche d'une méthode de prospection spécialisée pour l'art ru-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- pestre au Brésil. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6: 235-42, bibl.
- RABELLO, Angela M. CAMARDELLA.
Ver: BELTRÃO, M.C. M.C.
- A 0647
RAUSCHERT, Manfred.
1953. Die archäologische Ergebnisse meiner Guyana-expedition 1951-1952. Z. Ethnol., Berlim, 78:293-306.
- A 0648
RAUSCHERT, Manfred.
1956. Bericht Über den Verlauf meiner Pará-expedition 1954-1955. Z. Ethnol., Berlim, 81:111-7.
- A 0649
REICHLEN, H. & P.
1947. Contribution à l'archéologie de la Guyane Française. J. Soc. Amér. Nouv. Sér., (années 1943-46), Paris, 35:1-24, 2 pranc. 1 map.
- A 0650
REIS, Maria José & FOSSARI, Teres DOMITILA.
1984. In Memoriam (J.A. Rohr). An. Mus. Antropol., Florianópolis, 17:3-4.
- A 0651
1977. RESUMO do relatório n.2,
Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:
- de Magé. Bol. Cent. Brasil. Arqueol. (jul-dez) : 4-14. (Resumo).
- A 0652
REYNIER.
1934. Sambaquis. Le Bourdon. São Paulo, n.13.
- RIBEIRO, Catharina TORRANO.
Ver: RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ &.
- RIBEIRO, M. BARBERI.
Ver também: BARBOSA, Altair SALES.
- A 0653
RIBEIRO, Maira BARBERI.
1981-1984. Aspectos ambientais e arte rupestre na área do Projeto do Rio Verde. An. Divulg. Cient. Goiânia, 10:61-70, bibl.
- A 0654
RIBEIRO, Maira BARBERI.
1983-1984. Aspectos ambientais e arte rupestre na área do Projeto Alto Araguaia. Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 8-9:211 - 29, 4 fot.
- A 0655
RIBEIRO, Maira BARBIERI; SCHMITZ, Pedro Ignácio & BARBOSA, Altair SALES.
1984. Oscilação climática observada nas camadas de voçorocas do sudoeste de

- Goiás. Rev. Arqueol. , Belém, 2(2):3-9, 2 graf., map., bibl.
- A 0656
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mertz. 1974. Petroglifos da Encosta Centro-oriental da Serra Geral no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA , 3, Montevideo, 1974. Anales...Montevideo, Centro de Estudios Arqueológicos.
- A 0657
- RIBEIRO, Pedro A. Mertz. 1977. A cerâmica tupi-guarani no vale do rio Pardo e a Redução Jesuística de Jesus Maria. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS MISSIÓNEIROS, 2. Santa Rosa, 1977. Anais...Santa Rosa. p.77-86. bibl.
- A 0658
- RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ. 1977. Período pré-cerâmico na região de Santa Cruz do Sul. *Antropologia*, Santa Cruz do Sul, 4:1-33, 17 fig., bibl.
- A 0659
- RIBEIRO, Pedro A. Mertz. 1979. O tupiguarani e o tupi-guarani no sul do Bra-
- sil e a Redução Jesuística de Jesus Maria. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIÓNEIROS, 3. Santa Rosa , 1979. As reduções na época dos Sete Povos. *Anais...* Santa Rosa. p.75-106, bibl.
- A 0660
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mertz. 1980. Arte rupestre en el sur del Brasil. In: JORNADA DE ARTE RUPESTRE DE LA PROVINCIA DE SAN LUIS, 1. San Luis (Argentina) 1978. Actas...San Luis. p.79-82.
- A 0661
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mertz. 1982. Breve notícia sobre a ocorrência de zoólito no sambaqui de Xangrilá, RS, Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 11:35-44, 2 fig., bibl.
- A 0662
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mertz. 1983. Sítios arqueológicos numa microregião de área alagadiça na depressão central do Rio Grande do Sul Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 10(12):3-120, 11, bibl.

A 0663

RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ.
1983. Sítios arqueológicos numa microregião de área alagadiça na depressão central do Rio Grande do Sul-Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 10 (12):96 21 fig., tab. bibl.

A 0664

RIBEIRO, Pedro MENTZ.
1985. Arqueologia em Roraima. *Destaq. Amaz.* Belém, 2 (11):3, 3 fot.

A 0665

RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ & FÉRIS, José SOLOVIY.
1984. Sítios com petróglifos na campanha do Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 11(13):25, 6 fig, 1 tab., bibl.

A 0666

RIBEIRO, P.A. MENTZ & RIBEIRO, C. TORRANO.
1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 12 (14):49-105, bibl., 18 fig., 1 quadro.

A 0667

RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ;
RIBEIRO, Catharina TORRANO; MARTINS, Antonio da SILVA; SILVEIRA, Itala da.
1982. A ocupação de locais cobertos pelo tupi-guarani no Vale do Rio Pardo, RS. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 11:7-31, 7 fig. bibl., 1 quad.

A 0668

RIBEIRO, P.A.M.; RIBEIRO, C.T. SILVEIRA, I. & KLANT, S.
1986. Levantamento arqueológico no alto do vale dos Rios Camapuã e Irapuã, RS, Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 13 (15):41-70, 14 fig. 2 tab., bibl.

A 0669

RIBEIRO, Pedro Augusto MENTZ & SILVEIRA, Itala.
1979. Sítios arqueológicos da tradição Taquara, Fase Erveiras, no vale do Rio Pardo, RS, Brasil. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, 8:3-60, il, bibl.

- A 0671
RIVAS, Leda.
 1978. A Pedra de Ingá, ou de como os fenícios não chegaram à Paraíba. *D. Pernambuco*, Recife, 16 jul., 7.
- ROCHA, Gisele SILVA.**
 Ver: SILVA, Gisele ROCHA.
- A 0674
ROCHA, Walter C.
 1984. *Urucurituba*; memória. Amazonas, C.E. Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas, Imprensa Oficial. 3 fig. (Sér. Memória, 6).
- ROCHA, Antonia.**
 Ver: MARTIM, Giesso.
- ROBRAHN, Erika MARION.**
 Ver: BARRETO, Cristiana N. G.
 BARROS &.
 LINO, Clayton FERREIRA &.
- A 0672
ROCHA, Elton BATISTA.
 1984. Os engenhos de farinha de mandioca da ilha de Santa Catarina e suas transformações. *An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina*, Florianópolis, 16:75-94, bibl.
- ROCHA, Jacionira.**
 Ver: MARTIN, Gabriela &
 LIMA, Marcos G.
- A 0673
ROCHA, Jacionira SILVA.
 1984. A indústria lítica em três sítios arqueológicos do sudeste do Piauí. Nota Prévia. *Clio*, Recife, 6:113-26.
- ROCHA, Walter C.; SOUZA, Arminda MENDONÇA & LOUREIRO, Antônio.**
 1981-1982. Tentativa de correlação analítica de uma estatueta antropozoomorfa, sem identificação, com a cultura tapajônica. Nota preliminar. (Resumo). *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7: 425.
- RODRIGUES, Claro Calazans.**
 Ver: NASSER, Nássaro Antônio de Souza &.
- A 0676
RODRIGUES, Calasans.
 1982. São Tomé das Letras: A lenda e a arqueologia. *Bol. Inst. Arqueol. Brasil*, Rio de Janeiro, 9: 9-15, 3 fig., bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG, Belo Horizonte. 10:

A 0677

RODRIGUES, João Barbosa.

1875. *Ídolo Amazônico achado no Rio Amazonas, Rio de Janeiro*, Brown & Evaristo.

A 0678

RODRIGUES, João Barbosa.

1877. *Antiguidades da Amazônia*. Parte I: Armas e instrumentos de pedra. Parte II: Atterros se-pulchraes. Rio de Janeiro. 112p., il.

RODRIGUES, M. Christina L.F.

Ver: SOUZA, M. Arminda C.&

RODRIGUES, Rhoneds A. PEREZ.

Ver: PEREZ, Rhoneds A. RODRIGUES.

A 0679

ROHR, João Alfredo.

1974. Sinalações rupestres no Estado de Santa Catarina. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, 3. Montevideo, 1974. *Anales...* Montevideo, Centro de Estudios Arqueologicos.

A 0680

ROHR, João Alfredo.

1982. Pesquisas arqueológicas no município catarinense de Urussanga. *An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina, Florianópolis*, 12-13-14-15:48-59, 3 fot., 1 map.

A 0682

ROHR, João Alfredo.

1983. Os sítios arqueológicos do vale do rio D'Una. Escavações de salvamento no sambaqui da Balsinha I - Imbituba - SC. *Rev. Paul. Arqueol.*, São Paulo, 2 s. pagina, 5 fot., 2 map. 1 leg.

A 0683

ROHR, João Alfredo.

1984. O sítio arqueológico da praia das Laranjeiras - Balneário Camboriú (SC). *An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina, Florianópolis*, 17:5-76.

A 0684

ROHR, João Alfredo.

1984. Sítios arqueológicos de Santa Catarina. *An. Mus. Antropol. Univ. Santa Catarina, Florianópolis*, 17:77-168.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0685

ROHR, João Alfredo.
1985. *Aspectos da vida e da obra.* Secret. Cult. Esp. Tur., Florianópolis, 40 p., 3 graf., bibl.

A 0686

RONDÓN, Cândido Mariano da SILVA.
1953. *Índios do Brasil do norte do Rio Amazonas.* Rio de Janeiro.

A 0687

RONDON, Gen. Frederico.
1969. *Pelos sertões e fronteiras do Brasil.* Rio de Janeiro, Reper Coletânea de Est. Amazônicos, 438 p., map., fig., bibl.

A 0688

ROQUETE-PINTO, Edgard.
1915. *Anthropologia; guia das colecções do Museu Nacional.* Rio de Janeiro, 74p., 1 planta do museu.

A 0689

ROQUETE-PINTO, Edgard.
1975. *Rondônia.* São Paulo, Ed. Nacional 285p. (Brasiliiana, n. 39).

ROS, D.

Ver: OGEL-ROS, L.

A 0690

s.d. ROTEIRO para exposição.
Fundação Cultural; Mus. Arqueol., Joinville, Pref. Municipal, 12 p., 9 fot.

A 0691

RUTHSCHILLING, A.L. B.
1985. O material lítico do sítio RS-CA-14, Capão Grande, Camapuã, RS. *Pesquisas, Antrop.*, 40:123-39, 5 pr., bibl.

A 0692

RYDÉN, Stig.
1937. Brazilian anchor axes. *Ethnol., Stud.*, 4:50-83.

A 0693

RYDÉN, Stig.
1950. A study of South American Indian hunting traps. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 4:247-352.

A 0694

RYDÉN, Stig.
1955. An archaeological pipe-bowl from the Rio Mequens region, Brazil. *Rev. Mus. Paul.*, Nova Sér., São Paulo, 9:261-5.

- A 0695 RYDÉN, Stig.
1966. Machados - Âncoras brasileiros. Trad. de Osvaldo de Oliveira Riedel. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 80:67-97.
- SCARAMUZZA, Carlos, A.M. Ver: NEVES, Walter A.
- A 0696 SAKAY, Kiju.
1981. *Notas arqueológicas do Estado de São Paulo*. São Paulo, Instituto Paulista de Arqueologia. 102p. il.
- A 0698 SAKAI, Kiju.
1982. Pesquisas preliminares nos sambaquis do rio Una, São Paulo. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro.
- A 0699 1985. SALVAMENTO arqueológico no baixo Rio Trombetas. *Dest. Amaz.*, Belém, 2(10): 8, 1 fot.
- A 0700 1985. SALVAMENTO de Pedra Pintada. *Dest. Amaz.*, Belém, 6:5.
- A 0701 1985. O SALVAMENTO arqueológico na área de Carajás. *Dest. Amaz.*, Belém, 2:8.
- A 0702 1944. SAMBAQUIS. *Bol. Geogr.*, Rio de Janeiro, 2 (15) : 310-11.
- A 0703 1973. SAMBAQUI: uma explicação para todos. Joinville, Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. 7 p. (mimeo).
- A 0704 Sampaio, Fernando G.
1966. Sambaquis. In: SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA SULRIO-GRANDENSE, OEC, 1 e 2, Porto Alegre, 1966. Anais... Porto Alegre. p. 46-52.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0705
 SAMPAIO, Fernando G.
 1969. O Templo de Montenegro.
C. Porto Alegre, 23 a-
 go., Porto Alegre.
- A 0706
 SAMPAIO, Fernando G.
 1977. *As Amazonas*. São Paulo,
Aquarius. 214p., il.
- A 0707
 SAMPAIO, Orlando.
 1983. Outras dimensões dos Pan-
 karú de Pernambuco, uma
 situação de contato in-
 terétnico. *An. Mus. An-*
tropol. Univ. Fed. Santa
Catarina, Florianópolis,
16:3-23, 2 fot., bibl.
- SANOJA, Mario.
 Ver: FONLWER, Don D. &.
- A 0708
 SANTOS, Dario Nogueira dos.
 1971. Sambaquis? *Bol. Inst. Hist.*
Geogr. Paranaense, Cu-
 ritiba, 12:91-3.
- SANTOS, Rubens S.
 Ver: SOUZA, Sheila M.F.M. &.
- A 0710
 SANTOS, Rubens S. & SCRHRAMM,
 Cristina SALGADO.
 1984. Identificação taxonômica
 em restos ictiofaunísti-
 cos do Sítio-Em-Duna da
- colônia de pesca, Cabo
 Frio, Rio de Janeiro. In:
 JORNADA BRASILEIRA DE
 ARQUEOLOGIA, 5, maio, Rio
 de Janeiro, 1984. *Resu-*
mos. Rio de Janeiro. ISCB.
- A 0711
 SCATAMACCHIA, Maria Cristina
 MINEIRO.
 1981. *Tentativas de caracteri-*
zação da tradição tupi-
guarani. São Paulo, So-
 ciedade Brasileira de
 Arqueologia. 301p., bi-
 bl. (Tese, Mestrado).
- A 0712
 SCATAMACCHIA, Maria Cristina
 MINEIRO.
 1983. Levantamento arqueológi-
 co do vale do Ribeira.
 In: REUNIÃO ANUAL DA SO-
 CIEDADE BRASILEIRA PARA
 O PROGRESSO DA CIÊNCIA ,
 35, Belém, 1983. *Resumos*.
 Belém, UFPA, SBPC. 843
 p.113.
- A 0713
 SCHAEFFER, Eurico.
 1972. *Brasilianische fels- und*
höhlenmalesei. São Pau-
 lo, Instituto Hans Sta-
 den. p.69-74, il.
- A 0714
 SCHMITZ, Ariete & CHMYZ, Igor.
 1978. Possíveis manifestações

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

da cultura Payaguá em território brasileiro.
Rev. Patr. Hist. Art. Nac., Rio de Janeiro, 18:161-86.

SCHMITZ, Pedro Ignácio.

Ver também: BARBOSA, Altair Sales &.

FENSTERSEIFFER, El-
len &.

GOLDMEIER, Valter
Augusto &.

JACOBUS, André Luiz.

NASSER, Nássaro An-
tonio de Souza &.

WUST, Irmhild.

A 0715

SCHMITZ, Pedro Ignácio.

1975. O índio e a colonização
do Rio Grande do Sul. In:
*O índio no Rio Grande do
Sul*. Porto Alegre. p.9-15.

A 0716

SCHMITZ, Pedro Ignácio.

1975. Projeto Paranaíba, rela-
tório prévio. *Anu. Divulg.
Cient.*, Goiânia, 2(2): 7-
18.

A 0717

SCHMITZ, Pedro I.

1977. Os primitivos habitantes
do Rio Grande do sul. In:
*SIMPÓSIO NACIONAL DE ES-
TUDOS MISSIONEIROS*, 2,
Santa Rosa, 1977. *Anais...*
Santa Rosa. p.50-60, 1
map., bibl.

A 0718

SCHMITZ, Pedro I.

1979. O guarani no Rio Grande
do Sul: a colonização do
mato e as frentes de ex-
pansão. In: *SIMPÓSIO NA-
CIONAL DE ESTUDOS MIS-
SIONEIROS*, 3, Santa Ro-
sa, 1979. *Anais...* San-
ta Rosa. p.55-73, bibl.

A 0719

SCHMITZ, Pedro Ignácio.

1980. *A evolução da cultura no
centro e nordeste do Bra-
sil entre 12.000 e 4.000
anos antes do presente.*
São Leopoldo, Instituto
Anchietano de Pesquisas.
26p., 2 quad., 2 map.,
bibl.

A 0720

SCHMITZ, Pedro Ignácio.

1980. *A evolução da cultura no
sudoeste de Goiás, Bra-
sil*. São Leopoldo, Ins-
tituto Anchietano de
Pesquisas. 25p, il. (mi-
meo).

A 0721

SCHMITZ, Pedro Ignácio.

1980. *Tradições cerâmicas do
leste do Brasil*. São Leo-
poldo. Instituto Anchie-
tano de Pesquisas. 5 p,
(mimeo).

A 0722

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981. Contribuciones a la prehistórica de Brasil. *Pesquisas. Sér. Antropol.*, São Leopoldo, 32:243, bibl. 11.

A 0723

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981. El Guarani en Rio Grande do Sul: la colonización. *Pesquisas. Sér. Antropol.*, São Leopoldo, 32:185-205, 1 map.

A 0724

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981. Indústrias líticas en el sur de Brasil. *Pesquisas. Sér. Antropol.*, São Leopoldo, 32:107-30, 1 map.

A 0725

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981. La arqueología del noreste argentino y del sur de Brasil en la visión del Dr. Osvaldo F. A. Manghin y de los arqueólogos posteriores. *Pesquisas. Sér. Antropol.*, São Leopoldo, 32:207-23, 2 map.

A 0726

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981. La evolución de la cultu-

ra en el centro y norte de Brasil entre 14.000 y 4.000 años antes del presente. *Pesquisas. Sér. Antropol.*, São Leopoldo, 32:7-39, 2 map.

A 0727

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981. La evolución de la cultura en el sudoeste de Goiás, Brasil. *Pesquisas. Sér. Antropol.*, São Leopoldo, 32:41-83, 7 fig.

A 0728

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1981-1982. Novos petroglifos de Goiás: Monte do Carmo, Serranópolis. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6-7:409-18, bibl.

A 0729

SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1982. 47. Arqueología. *Aval. & Perspec.*, Brasília, 78p.

- A 0731
- SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1983. L'Evoluzione della cultura nel nord-est del Brasile TRA 14.000 e Anni FA. In: Indios del Brasile; scritti di antropologia e archeologia, Roma, Soprintendenza Speciale al Museo Preistorico ed Etnografico "L. Pigorini". p. 105-21.
- A 0732
- SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1984. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo, RS, Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, 101p. 7 map., 14 pranc., 3 quad., 4 fig.
- A 0733
- SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1984. Caçadores e coletores antigos no sudeste, centro oeste e nordeste do Brasil. (31.500 a 4.000 anos A.P.). In: Caçadores e coletores da pré-história do Brasil. São Leopoldo, RS, 39p., 4 map., 14 pranc., 3 quad.
- A 0734
- SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1984. Caçadores e coletores do sul. In: Caçadores e coletores da pré-história do Brasil. São Leopoldo, RS, 61p., 3 map., 4 fig.
- A 0735
- SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1984. Projeto arqueológico da UNICAP, Recife. *Symposium*. Recife, 26(1): 7-8.
- A 0736
- SCHMITZ, P. I.
1985. O guarani no Rio Grande do Sul. *Bol. MARSUL*, Taquara, 2(1):5-42, 3 map., 3 fig., bibl.
- A 0737
- SCHMITZ, P.I.
1985. Estratégias usadas no estudo dos caçadores do sul do Brasil. Alguns comentários. *Pesquisas, Antropol.*, 40:75-97, 1 map., bibl.

- A 0738
SCHMITZ, P.I.
1986. Cazadores antiguos en el sudoeste de Goiás, Brasil. A. Bryan ed. In: *New evidence for the pleistocene peopling of the Americas*. Univ. of Maine, Orono, 183-94, 3 lam., bibl.
- A 0739
SCHMITZ, Pedro Ignácio & BARBOSA, Altair SALES.
1985. *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*, São Leopoldo, RS. Instituto Anchietano de Pesquisas - UNISINOS. São Leopoldo, 45p., 12 fig., 3 map., bibl.
- A 0740
SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOZA, Altair SALES; RIBEIRO Maiara BARBERI & VERARDI, Ivone.
1984. *Arte rupestre no centro do Brasil*; pintura e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo, RS, Instituto Anchietano de Pesquisas-UNISINOS. 80p., 37il.
- A 0741
SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOZA, Altari SALES; WUST, Irmhild; MOEHLECKE, Sílvia.
1981. Arqueología del centro Y sur de Goiás. *Pesquisas*.
- Sér. *Antropol.*, São Leopoldo, 32:85-106, 1 map.
- A 0742
SCHMITZ, Pedro Ignácio & BECKER, Itala Irene Basile.
1970. *Aterros em áreas alagadiças no sudeste do Rio Grande do Sul e nordeste do Uruguai*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 27p. il. (mimeo).
- A 0743
SCHMITZ, Pedro Ignácio & BROCHADO, José PROENZA.
1981. Arqueología de Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisas*. Sér. *Antropol.*, São Leopoldo, 32:161-83.
- A 0744
SCHMITZ, Pedro Ignácio & BROCHADO, José PROENZA.
1981. Datos para una secuencia cultural del estado de Rio Grande do Sul (Brasil). *Pesquisas*. Sér. *Antropol.*, São Leopoldo, 32:131-60, 1 map. 1 quad.
- A 0745
SCHMITZ, Pedro Ignácio & BROCHADO, José PROENZA.
1982. Petroglifos do estilo pisadas no centro do Rio Grande do Sul. *Pesquisas*, Sér. *Antropol.*, São Leo-

poldo, 34:3-47, 1 map.,
9 fig., bibl.

A 0746

SCHMITZ, Pedro I & JACOBUS,
André L.

1983-1984. Análise de restos
alimentares do abrigo GO
JA 01, projeto Paranaíba
Serranópolis-Goiás. Arq.
Mus. Hist. Nat. Univ. Fed.
Minas Gerais, Belo Horizonte,
8-9:33-4. (Resumo).

A 0747

SCHMITZ, Pedro Ignácio; RIBEIRO,
Maira BARBERI & FERRARI,
Jussara LOUZADA.

1981-1982. Salvamento arqueológico no médio Jacuí, RS.
Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais,
Belo Horizonte, 6-7:265-74, bibl.

A 0748

SCHMITZ, Pedro Ignácio; WUST,
Irmhild BARBOSA, Altair Sales
& BECKER, Itala Irene Basile.

1978. Projeto arqueológico Alto Tocantins. Rev. Inst.
Hist. Geogr. Goiás, Goiânia, 4:189-204.

A 0749

SCHMITZ, Pedro Ignácio; WUST,
Irmhild & COPE, Sílvia MOEHLECKE.
1981-1982. Os horticultores do

centro-sul de Goiás. Arq.
Mus. Hist. Nat. Univ. Fed.
Minas Gerais. Belo Horizonte,
6-7:221-34, bibl.

A 0750

SCHMITZ, Pedro Ignácio; WUST,
Irmhild; COPE, Sílvia MOEHLECKE;
THIES, Ursula Madalena E.

1982. Arqueologia do centro-sul de Goiás; uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. Pesquisas. Sér. Antropol., São Leopoldo, 33:282p., bibl.

A 0751

SCHMITZ, Wilhelm.

1942. Etnologia sul-americana - na. São Paulo, Nacional.
245p. il. bibl. (Brasiliiana, sér. 5. n. 218).

SCHOBINGER, Juan.

Ver: GRABERT, Helmut.

A 0752

SCHOBINGER, Juan.

1977. Panorama esquemático de la prehistoria sudamericana. Rev. CEPA, Santa Cruz do Sul, 5:39-49.

A 0753

SCHORR, Maria Helena Abrahão.

1974. Aproveitamento de recursos naturais na alimentação dos indígenas da

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

região sudoeste do Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, 3. Montevideo, 1974. *Anais...* Montevideo, Centro de Estudos Arqueológicos.

SCHRAMM, Cristina SALGADO.
Ver: SANTOS, Rubens S.

SEDA, Paulo.
Ver: CARVALHO, Eliana &
PAULA, Fabiano LOPES &.

A 0754

SEDA, Paulo Roberto.
1981-1982. A arte rupestre de Unaí, Minas Gerais. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 6-7:397-408, map. bibl.

A 0755

SEDA, Paulo Roberto.
1982. Novos sítios com sinalações no norte de Minas Gerais. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA , 4, abr/maio, Rio de Janeiro, 1982. Rio de Janeiro, Museu Naval, ISCB.

A 0756

SEDA, Paulo R; SILVA, Laura P.; R.; MENEZES, Rosângela.
1983-1984. A arte rupestre da serra do Cabral (MG) e a ocupação humana nos abri-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

gos da região: abordagem inicial. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte*, 8-9: 155-84, 6 fig.

SEFFRIN, G.

Ver: MARTIN, H. &-

A 0757

SEGURADO, Rufino Theotonio.
1847. Viagem de Goyaz ao Pará.
Rev. Hist. Geogr. Parahyb., Paraíba do Norte, 55(1).

A 0758

1977. Na Serra do Cipó, o homem de 10 mil anos. *Est. Minas, Belo Horizonte*, 1 de mar. 1977, 4 fot. preto-e-branco.

A 0759

SERRANO, Antonio.
1966. *Manual de la cerámica indígena*. 2 ed. Cordoba, Assandri. 165p., 64 fot. 64 desenhos, bibl.

A 0760

SIEMIRADZKI, J. von.
1898. Beiträge zur Ethographie der südamerikanischen indianer. *Mitt. Anthropol. Ges. Wien*, 28(N.F., 18): 127-70.

SILIMON, Lehel de.

Ver: NASSER, Nássaro Antonio de Souza &.

- A 0761
SILIMON, Lehel.
1973. Comunicação (sobre a arqueologia de Mato Grosso). In: ENCONTRO DE GOVERNADORES, 2. 1973. *Anais... Ministério de Educação e Cultura, Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* 26: 332-4.
- A 0762
SILVA, Antonio Carlos Simoens.
1917. The grindstones of the primitive inhabitants of Cabo Frio - Brasil. In: PAN AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS, 2, Washington, 1917. *Proceedings. Sec. I: Anthropology.* Washington. Government Printing Office. p.179-84.
- A 0763
SILVA, Antônio Carlos Simoens.
1926. L'Os des Incas dans la préhistoire du Brésil. In: CONGRÈS SCIENTIFIQUE PAN-AMERICAN, 3, Lima, Peru. *Mémoire présenté...* Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional. 14p. il.
- A 0764
SILVA, Aristides Neves.
1959. Achado arqueológico em Entre Rios de Minas cerâmica funerária dos Cataguá. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Minas Gerais,* Belo Horizonte, 6:357-68.
- A 0765
SILVA, Aristides NEVES.
1959. Achado arqueológico em Entre Rios de Minas; urna funerária indígena com esqueleto. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Minas Gerais,* Belo Horizonte, 6:357-68.
- A 0766
SILVA, Aristides NEVES.
1976. Arqueologia de Entre Rios de Minas, cerâmica dos Cataguá. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Minas Gerais,* Belo Horizonte, 7:551-69, 1960, il.
- A 0767
SILVA-BRUM, I.N.
1983. Ocorrência de cracas no sambaqui da Embratel, Pedra de Guaratiba, Estado do Rio de Janeiro (Cirripedia-Balanomorpha). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 10, Belo Horizonte, 1983. *Resumos...* Belo Horizonte, Imprensa Universitária, UFMG. p. 74-5.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0768
 SILVA, Carlos Frederico SANTOS
 1953. Restos cerâmicos de cultura guarani em Santo Anastácio. *Rev. Arq. Munic.*, São Paulo, 156: 91-4, 1 map., 5 fig.
- A 0769
 SILVA, Colemar Natal.
 1973. Os sertões goianos; a conquista da serra e a catequese do índio. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Goiás*, Goiânia, 2:15-27.
- A 0770
 SILVA, F.L. AZEVEDO.
 1958. *A gênese dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Conquista.
- SILVA, Gisele ROCHA.
 Ver: ROCHA, Gisele SILVA.
 SOLÁ, M. Elisa CASTELLANOS.
- A 0771
 SILVA, Gisele ROCHA.
 1982. L'Abri Toca da Boa Vista I, un site de l'aire de São Raimundo Nonato, sud-est du Piaui, Brésil, Paris, 1982. *Inst. d'Etnolo.*, Paris, (microficha) R 82 039 303.
- A 0772
 SILVA, Gisele ROCHA.
 1982. L'Abri Toca do Baixão do Capim, site des sous-traditions Varzea Grande et Serra do Tapuio. *Inst. d'Ethnologie*, Paris, (microficha) R 82 039 304.
- A 0773
 SILVA FILHO, Joaquim Martins & CASTRO, João Paulo CAMPELLO de 1978. A preservação das paisagens naturais notáveis e das jazidas arqueológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ECOLOGIA, 1., Curitiba, 1978. Curitiba, Instituto de Terras e Cartografia. v.3, p.44 - 9.
- A 0774
 SILVA, Laura.
 1982. O sítio D. Laura -RJ-LP- 43, uma pesquisa de salvamento num sítio tupi-guarani. *Bol. Inst. Arq. Brasil.*, Rio de Janeiro, 9:17-22p. bibl.
- SILVA, Regina Coeli PINHEIRO.
 Ver: HEREDIA, O.R. &
 LIMA, Tania ANDRADE &.
- A 0775
 SILVA, Regina PINHEIRO; MORLEY, Edna; SILVA, Catarina FERREIRA.
 1984. A pesquisa arqueológica: primeiras notas. *Rev. Patr. Hist. Art. Nac.*, Rio de Janeiro, 20:158 - 65, 5 fot., 1 plant.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

SILVEIRA, Itala.

Ver: RIBEIRO, Pedro Augusto
Mentz &.

A 0776

SIMÕES, Mário Ferreira.

1978. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. *Acta Amaz.* Manaus, 7(3): 297-300.

A 0777

SIMÕES, M.F.

1981. A pré-história da bacia amazônica - uma tentativa de reconstituição. In: E. Carvalho & C. Dias Ed. *Aspectos da arqueologia amazônica*. Rio de Janeiro, IAB. 8p. (Catálogo de Exposição).

A 0778

SIMÕES, Mário F.

1981. Coletores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). *Bol. Mus. Par. Emílio Goeldi*. Nova sér., Antropol., Belém, 78:1-26, il.

A 0780

SIMÕES, Mário Ferreira.

1981. Fases arqueológicas brasileiras. In: Museu Paraense Emílio Goeldi. Rio de Janeiro, Funarte. p. 61-8. (Colecções Museu Brasileiros, 4).

A 0781

SIMÕES, Mário F.

1983. A pré-história da bacia amazônica, uma tentativa de reconstituição. In: Museu Paraense Emílio Goeldi. *Cultura indígena Belém*, p.5-21 (Catálogo de Exposição).

A 0782

SIMÕES, M.F.

1983. *Pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira: 1978-1982*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. (Publicações Avulsas n. 38).

A 0783

SIMÕES, Mario F.; CORRÊA, Conceição G.; LOPES, Daniel F.F.

1983-1984. Pesquisas arqueológicas no baixo Uatumã/Jatapu (AM). Resultados preliminares. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:297-8 (Resumo).

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0791

SIMONSEN, Iluska; SOUZA, Alfredo MENDONÇA; OLIVEIRA, Acary de PASSOS; MENDONÇA DE SOUZA , Sheila Maria Ferraz & MENDONÇA DE SOUZA, M. Arminda CASTRO. 1981. Projeto bacia do Paraná, 3.: escavações arqueológicas da gruta do Salitre. A fase Palma, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, Museu Antropológico. 16 fig.

A 0793

SIMONS, Bente Bittman. 1967. Brazilian pottery dated by thermoluminescence. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, Stuttgart, Munchen, 1967. *Atas...* Stuttgart, Munchen, p. 61-72, 4 fig., 1 tab.

A 0794

1985. Os sítios arqueológicos inundados pelo lago. *Destaq. Amaz.*, Belém, 3:7.

A 0795

SNETHLAGE, Emile. 1920-1921. Die Indianerstämme am mittleren Xingú. In besonderen die Chipaya und Curuya. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim.

A 0796

SOARES, Luci de Lourdes. 1982. *Notas a lápis sobre a ar-* *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*. Belo Horizonte. 10:

queologia norte rio-gran- dense. Mossoró, Fundação Guimarães Duque. 32p., 21 il., bibl. (Coléção Mossoroense, Ano 15 da ESAM, Sér. B., n.381).

SOARES, Margaret C.

Ver: ALVIM, Marília Carvalho de Mello &

A 0797

SOARES, Sigefredo Marques. 1982. *Mensagens rupestres*. Belo Horizonte, São Vicente. 98p. il.

SOLÁ, Maria Elisa CASTELLANOS. Ver: CASTELLANOS, Maria Elisa SOLÁ.

PROUS, André &

A 0798

SOLÁ, M. Elisa CASTELLANOS; PROUS André & SILVA, Gisele Rocha &. 1981-1982. Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Januária-Itacarambi. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*. Belo Horizonte, 6-7:383-95, bibl., 1 map., 2 gráf., 2 pranc.

SOUZA, Alfredo A.C. M.

Ver: SIMONSEN, Iluska &

SOUZA, Sheila M.F.M.

SOUZA, A.M.

A 0784

SIMÕES, Mario F.; MACHADO, Ana Lúcia C. & KALKMANN, Ana Lúcia M.

1983-1984. Pesquisas arqueológicas no médio Rio Negro (AM). Resultados preliminares. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:299-300 (Resumo).

A 0785

SIMÕES, Mário F. & MACHADO, Ana Lúcia, C.

1983-1984. Pesquisa arqueológica no Lago de Silves (AM). Resultados preliminares. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:301-2 (Resumo).

SIMONSEN, Iluska.

Ver: SOUZA, M. Arminda C.M. &

A 0786

SIMONSEN, Iluska.

1976. Indústria lítica obtida por coleta de superfície Estado de Goiás. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMÉRICANISTES, Actes..., III 9A:123-9.

A 0787

SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary de PASSOS.

1978. Os ídolos antromorfos da

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Lagoa Miararré. Cienc. e Cult., São Paulo, 30(7): 93.

A 0788

SIMONSEN, Iluska & OLIVEIRA Acary de Passos.

1982. A arte rupestre no Projeto Bacia do Paraná. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 1982. Resumos... Rio de Janeiro (mimeo).

A 0789

SIMONSEN, Iluska & OLIVEIRA, Acary de Passos.

1982. Nota prévia sobre o sítio arqueológico do Fontoura - Ilha do Bananal. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 1982. Resumos. Rio de Janeiro, p. (mimeo).

A 0790

SIMONSEN, I.; OLIVEIRA, Acary de PASSOS & SOUZA, Alfredo A. C. MENDONÇA.

1981-1982. Seqüência arqueológica da bacia do Paraná, 2. Sítios lito-cerâmicos: a fase Palma. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7:249-59, bibl.

A 0799

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1973. *Sítios cerâmicos de Quixadá: notas prévias sobre a tradição Aratu no Ceará.* Rio de Janeiro, Fac. de Arqueologia Marechal Rondon. 22p. il., bibl.

A 0800

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1981. *Pré-história fluminense.* Rio de Janeiro, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. 299p., il., bibl., (inclui o Inventário Arqueológico do Rio de Janeiro). (Mimeo).

A 0801

SOUZA, Alfredo A.C. MENDONÇA.
1981-1982. Um modelo etnográfico para estimativas paleodemográficas. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7:329-38, bibl.

A 0802

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1982. Novos dados sobre a Fase Paraná - Goiás. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4. Rio de Janeiro, 1982. *Resumos.* Rio de Janeiro. (mimeo).

A 0803

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1982. Os agricultores sub-andinos do Amazonas. *J. Com.* Manaus, 11/abr/82, p.16.

A 0804

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1982. Patrimônio arqueológico. *J. Com.*, Manaus, 14/fev/82. p.16.

A 0805

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1982. Seqüência arqueológica da Bacia do Paraná, Goiás: um modelo. Trabalho apresentado no Ciclo de Conferências sobre aspectos ambientais do Planalto Central do Departamento de Geografia e História da Universidade de Brasília. Rio de Janeiro, ISCB. 28p., bibl. (mimeo).

A 0806

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1982. Situação atual de arqueologia no Brasil. *J. Com.* Manaus, 21/fev/82, p.23.

A 0807

SOUZA, Alfredo A.C. Mendonça.
1983. Panorâmica da arqueologia brasileira. In: SIMPÓSIO SOBRE O AGRESTE,

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Universidade Católica de
Pernambuco, Recife, 1983.
Rio de Janeiro, ISCB. 20
p. (mimeo).

A 0808

SOUZA, Alfredo A.C. MENDONÇA.
1984. Arqueologia e comunicação científica. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5. Maio, Rio de Janeiro, 1984. *Resumos*.
ISCB. 6p., bibl.

A 0809

SOUZA, Alfredo A.C. MENDONÇA.
1984. Panorâmica da arqueologia pré-histórica brasileira. *Symposium*, Recife, 26(1):87-112, bibl.

A 0810

SOUZA, Alfredo A.C. MENDONÇA.
1985. Algumas considerações sobre o problema da preservação do patrimônio arqueológico brasileiro. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - SAB, 3, Goiânia, 1985. Goiânia, SAB.

A 0811

SOUZA, Alfredo MENDONÇA.
1985. Patrimônio arqueológico de Itaboraí. In: JORNADA DE CULTURA LOCAL, abril, Itaboraí, 1985. p.10-3 , 2 fig., bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0812

SOUZA, Alfredo M.; LOTUFO, César A.; SOUZA, Joel C. & SOUZA, M. O.C.

1983-1984. Notícias preliminares sobre o programa arqueológico do norte fluminense. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:87-94. bibl.

A 0813

SOUZA, Alfredo A.C.M.; SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary, P.

1983-1984. Nota preliminar sobre a indústria lítica da fase Terra Ronca. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:21-8, bibl.

A 0814

SOUZA, M. Arminda C. M.; SIMONSEN, Iluska; RODRIGUES, M. Christina L.F.

1984. Sinalações rupestres do Sertão Central, Ceará: uma revisão. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5, Rio de Janeiro, maio 1984. *Resumos...* Rio de Janeiro, ISCB.

A 0815

SOUZA, Alfredo A.C.M.; SOUZA, Joel C.
1983. *Patrimônio arqueológico metropolitano*. Rio de Ja-

neiro. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural; Secretaria de Ciência e Cultura. 18p. il. bibl. Publicado também In: FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO DE JANEIRO /FUNDREM), *Caracterização da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*, 1982.

A 0816

SOUZA, Alfredo A.C.M.; SOUZA, Sheila M.F.M.; RODRIGUES, Maria C.L.F.
1983-1984. Os pictoglifos da gruta da Buritirana. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9:143-54, 4 fig.

A 0817

SOUZA, Alfredo A.C.M.; SOUZA, Sheila M.F.M.; SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary de P. & M. Arminda C.M.
1981-1982. Seqüência arqueológica da Bacia do Paraná.
1 - Fases pré-cerâmicas:
Coal, Paraná e Terra Ronca. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7:81 - 7, bibl.

SOUZA, Arminda MENDONÇA.
Ver: SIMONSEN, Iluska &
ROCHA, Walter C. &

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 20:

A 0818

SOUZA, Arminda M.
1982. Tentativa de correlação entre cerâmicas arqueológicas do leste brasileiro e a cerâmica Kainang do Posto Indígena Vanufré, São Paulo. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro. p. (mimeo).

SOUZA, Élcio Roberto C.

Ver: LOTUFO, Cesar Augusto &

SOUZA, Joel C. de.

Ver: SOUZA, Alfredo A.C. M.&-

A 0819

SOUZA, Joel C.

1982. Etno-história do Rio de Janeiro. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 4, Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro. (mimeo).

SOUZA, Juvenil.

Ver: GUIMARÃES, Irineu.

SOUZA, M.D.C.

Ver: SOUZA, A.M.

SOUZA, Sheila M.F. MENDONÇA.

Ver também: ALVIM, M. CARVALHO MELLO
MENDONÇA, Sheila M.F.
SOUZA.

E ver: SIMONSEN, Iluska &
SOUZA, A.A.C.M. &-

- A 0820
SOUZA, Sheila M.F.M.
1982. O sítio-sobre-duna da Colônia de Pesca: considerações metodológicas e proposição de um modelo etnográfico. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA , 4, Rio de Janeiro , 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro. (mimeo).
- A 0821
SOUZA, Sheila M.F.M.
1982. Um caso de osteomielite em sambaqui do Rio de Janeiro. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA , 4, Rio de Janeiro, 1982. *Resumos*. Rio de Janeiro. (mimeo).
- A 0822
SOUZA, Sheila M.F.M. & LUFT, Vlademir José.
1984. Estudo paleopatológico da população do forte Marechal Luz. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA , 5, maio, Rio de Janeiro, 1984. *Resumos*. Rio de Janeiro, ISCB.
- A 0823
SOUZA, Sheila M.F.M.; SANTOS, Rubens S.; SCHRAMM, Cristina S.; MIRANDA Cristina C.
1983-1984. Estudos de paleonutrição em sítios sobre-
- dunas da fase Itaipu-RJ.
Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 8-9:107-20, bibl.
- A 0824
SOUZA, Sheila M.F.M.; SOUZA, Alfredo A.C.M.
1981-1982. Pescadores e recoltores do litoral do Rio de Janeiro. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7:109-31, bibl.
- A 0826
SOUZA, Sheila M.F.M. & SOUZA, Alfredo A.C.
1983. Tentativa de interpretação paleoecológica do sambaqui do rio das Pedrinhas - Magé - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ISCB, 69p.; 10 fig., 8 tab., bibl.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0827

SOUZA, Sheila M.F.M.; SOUZA, Alfredo A.C.M.; SCHRAMM, Cristina S.; DALCIN, Roberto F. 1984. Aplicação de fórmulas alométricas em estimativas de biomassa; ensaios nos restos icítiofaunísticos do sítio Colônia de Pesca, Cabo Frio, RJ. In: JORNADA BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, 5, maio, Rio de Janeiro, 1984. Rio de Janeiro, ISCB.

A 0828

1926. SPEISER, Felix. 1926. *Im duster des Brasiliensischen urwalds*. Stuttgart

A 0829

SPRUCE, Richard. 1908. *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*. Edited and condensed by Alfred Russel Wallace with a biographical introduction protrait. Londres, Macmillan, 1908. 2 v., 7 ilust., 7 map. (Reimpressão em New York, 1970).

A 0830

STEINEN, Karl von den. 1886. *Durch Central-Brasilien: Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884*. Leipzig.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0831

STEINEN, K. von den. *O Brasil central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*. [Durch central-Brasilien. Leipzig, F.A. Brockens, 1886]. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo, Nacional. (Sér. Brasiliana, 3).

A 0832

STEPANENKO, Alexis. 1966. As impressões rupestres de Caraúbas e Apodi, municípios do Estado do Rio Grande do Norte. Rev. FAFILE, Juiz de Fora, 1(1):65-71.

STOBAUS, Angélica.

Ver: BARBOSA, Altair S. & -

A 0833

1900. Inscrizioni indigene della regione dell'Uaupés. Bol. Soc. Geogr. Ital., Roma, 34(37):457-83.

A 0834

STUDART FILHO, Carlos. 1962. Os aborígenas do Ceará. Rev. Inst. Ceará, Fortaleza, 76:5-73.

A 0835

STUDART FILHO, Carlos. 1974. Pré-história. In: ____ Pá-

- ginas de história e pré-história.* Fortaleza. Instituto do Ceará. p.233-94, il.
- SUGUIO, Kenitiro.
 Ver: MARTIN, Louis &.
- A 0836
 SUGUIO, Kenitiro.
 1983-1984. Flutuações do nível marinho nos últimos milênios e evolução das planícies costeiras brasileiras. *Rev. Mus. Paul.* São Paulo, Nova Sér., 29: 125-41, 5 fig., bibl.
- A 0837
 SUGUIO, Kenitiro; MARTIN,Louis; FLEXOR, Jean-Marie.
 1976. Les variations relatives du niveau moyen de la mer ao quaternaire recent dans la région de Cananeia-Iguape (São Paulo). *Bol. IG*, São Paulo, 7: 113-29.
- A 0838
 SZAFFKA, Tihamér.
 1942. Sobre construções navais numa tribo de índios desconhecidos do rio das Mortes. *Rev. Arq. Munic.* São Paulo, 8(87):171-81 , il.
- TADEU, Paulo.
 Ver: AGUIAR, Alice &. MARTIN, Gabriela &.
- Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte.* 10:
- TAIAR, Cida.
 Ver: GUSMÃO, Sérgio BUARQUE &.
- TAKAHASHI, N.
 Ver: OLIVEIRA FILHO, R.M. &.
- A 0839
 TASSINI, Raul.
 1947. Quem descobriu a Jazida Arqueológica do Cardoso? in: *Verdades históricas e pré-históricas de Belo Horizonte*, antes Curral D'el Rei. p.11-4.
- A 0840
 TASSONE, Vicente GIANCOTTI.
 1980. Pré-história e história. *Clio*, Recife, 3: 65-72, bibl.
- A 0841
 TECHO, Nicolás del.
 1673. *Historia provinciae paraguariae societatis jesu.* (Traduzido para o espanhol, Madrid 1897).
- A 0842
 TESCHAUER, Carlos (S.J.).
 1905. A ethnographia no Brasil no princípio do século XX. *An. Bibl. Pública Pelot.*, 2:83-89.
- THIERS, Maria Laise L.P.
 Ver: OLIVEIRA, Anete MENEZES.
- THIES, Ursula Madalena Elfriede.
 Ver: SCHMITZ, Pedro Ignácio &.

- A 0843
 THOMÉ, Nilson.
 1981. *Civilizações primitivas do contestado*. Caçador (SC). Ed. do autor. 80p., il., bibl.
- A 0844
 TIBIRIÇÁ, Ruy W.
 1935. Arqueologia brasileira. *Rev. Arq. Munic. São Paulo*, 15:143-52, 6 fig.
- A 0845
 TIBIRIÇÁ, Ruy W.
 1935. Arqueologia brasileira. *Rev. Arq. Munic. São Paulo*, 16:137-50, 8 fig.
- A 0846
 TIBIRIÇÁ, Ruy W.
 1936. Arqueologia brasileira. *Rev. Arq. Munic. São Paulo*, 30:131-42, 3 fig.
- A 0847
 TIBIRIÇÁ, Ruy W.
 1939. Cerâmica indígena pré-colombiana. *Rev. Arq. Munic. São Paulo*, 56: 189.
- TORÍBIO, Maria Teresa.
 Ver: ALVIM, M. CARVALHO M. &
- A 0848
 TORRES, Heloisa Alberto.
 1943. Notas para serem utilizadas no desenvolvimento do estudo da jazida tupi de Sapucaia. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Espírito Santo*, Vitória, 15:40-2, 3 pranc., fot., bibl.
- TOTH, Elba M. REGO.
 Ver: BELTRÃO M.C. &-
 BIGARELLA, João José &-
- A 0849
 1984. TOXODONTE em rara pintura rupestre. *Cienc. Hoje*. Rio de Janeiro, 2 (12): 12-3, 2 fig.
- A 0850
 1981. TRABALHOS publicados ou em vias de publicação, elaborados por pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira até o ano de 1977. *Inst. Arqueol. Brasil. Sér. Especial*, Rio de Janeiro, 2: 34-9.
- A 0851
 1984. TRILHA pré-histórica; dinossauros habitaram o sertão da Paraíba. *Interior*, Brasília, 56:48-50 ; 2 fot. preto-e-branco.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0852

TURNER II, Christy G.
1981-1982. Um novo padrão de desgaste dentário e evidência de alto consumo de carbohidratos numa população esqueletal arcaica do Brasil. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7: 201-06, bibl.

A 0853

TURNER II, Christy G. & MACHADO, Lilia M. CHEUCHE.
1983. A new dental wear pattern and evidence for high carbohydrate consumption in a brazilian archaic skeletal population. *Am. J. Phys. Anthropol.*, Philadelphia, 67:125-30.

A 0854

UCHÔA, Dorath PINTO.
1981-1982. Ocupação do litoral sul-sudeste brasileiro por grupos coletor-pescadores holocénicos. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7:133-43, bibl.

A 0855

UCHÔA, Dorath Pinto.
1984. Cadastro e pesquisa do Estado de São Paulo. REUNIÃO DA ABA, 16ª. *Rev. Arqueol.*, Belém, 2(1):73 (Resumo).

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A 0856

UCHÔA, Dorath PINTO.
1984. Coletores-pescadores do litoral meridional brasileiro. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:104-6.

A 0857

UCHÔA, Dorath P. & ALVIM, Marília C. de MELLO.
1984. Morfologia e incidência do toro mandibular nos construtores desambaquis da costa meridional do Brasil. *Rev. Préhist.*, São Paulo, 6:435-54, 3 fig., 4 tab., bibl.

A 0858

UCHÔA, Dorath PINTO & GARCIA , Caio DEL RIO.
1983. Cadastramento dos sítios arqueológicos da baixada Cananéia-Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. Arqueol.* Belém, 1:19-29, 3 fot., 4 quad., 3 tab., 2 fig., bibl.

A 0859

UCHÔA, Dorath P. & GARCIA, Caio DEL RIO.
1983. Pesquisas arqueológicas no litoral do Estado de São Paulo, Brasil. In: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÉNCIA - SBPC. REUNIÃO ANUAL

- DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 35, Belém, 1983. *Resumos*. Belém, SBPC. p.117.
- A 0860 UCHÔA, Dorath PINTO; SCATAMACHIA, Maria Cristina MINEIRO & GARCIA, Caio DEL RIO. 1983-1984. O sítio cerâmico de Itaguá: um sítio de contacto no litoral do Estado de São Paulo, Brasil. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8-9 :303 (Resumo).
- UNGER, Paulo. Ver: NEVES, Walter A.
- URBIM, Carlos. Ver: GUSMÃO, Sérgio BUARQUE &.
- A 0861 VALENÇA, José ROLIM, (Coord.) 1984. *Herança: a expressão visual do brasileiro antes da influência do europeu*. São Paulo, Empresas DOW. 152p., 148 fot. a cores, 158 fot. preto-e-branco.
- A 0862 VALLE, Célio M.C. 1975. *A gruta ou lapa nova de Maquiné*. Belo Horizonte, Vega. 70p. il.
- VALLE, L.B.S. Ver: OLIVEIRA FILHO, R.M.&.
- A 0863 VASCONCELOS, Laércio. 1982. A civilização perdida do Vale do Seridó. *Manchete*, Rio de Janeiro, 22 jul., 21 fot.
- A 0864 VASCONCELOS, Laércio. 1982. As pedras encantadas do norte do Piauí. *Rev. Geog. Univ.*, Rio de Janeiro, 95:36-47, 16 fot. a cores.
- VASCONCELOS, W.S. Ver: BELTRÃO, M.C. &.
- A 0865 1980. VELHOS tempos; pré-históricos viviam em Goiás. *Visão*, São Paulo, 17 nov., p.43, 1 fot.
- A 0866 VERÍSSIMO, Eutália, et al. 1978. *Relatório da escavação do quadrante C₁ do sítio RJ-Gb-45 na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro*. Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon. 11p. il. (ms.)

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte.10:

- A 0867
VERÍSSIMO, J.
1884. *Idoles de l'Amazonie*. Paris, Imp. Pitrat Ainé.
- A 0868
VERÍSSIMO, J.
1970. *Idolos amazônicos [Idoles de l'Amazonie]*. Paris, Imp. Pitrat Ainé, 1884]. In: *ESTUDOS amazônicos*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1970. p.107-15. (Sér. José Veríssimo).
- VERÍSSIMO, Solange GARCIA.
Ver: VOGEL, Maria Amélia CURVELO.
- A 0869
1984. O VERMELHO e o ocre das grutas de Minas chegam ao MASP amanhã. *Estado Minas*, Belo Horizonte, 19 set.
- VIALOU, Agueda VILHENA.
Ver: PÉRIÉ, Jean &
- A 0870
VIALOU, A. VILHENA.
1981. Tratamento tecno - tipológico de indústrias líticas brasileiras. In: GARCIA-BARCENA, J. & SANCHEZ MARTINEZ, F., ed. *X Congreso UISPP*. México, Mississipanea.
- A 0871
VIALOU, Águeda VILHENA.
1981-1982. Étude techno - typologique des industries lithiques du site Almeida, Etat de São Paulo, Brésil. *L'Anthropologie*, Paris, 85-86(3):373-423, 11 fig., bibl.
- A 0872
VIALOU, Águeda VILHENA.
1983-1984. Brito: o mais antigo sítio arqueológico do Paranapanema, Estado de São Paulo. *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, Nova Sér. 29: 9-21, 8 fot.
- A 0873
VIALOU, Águeda VILHENA.
1986. Tecno-tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida em seu quadro natural arqueo-etnológico e regional. *Rev. Mus. Paul. Inst. Prehist.*, São Paulo, 170, p., 95 fot., 81 fig., bibl.
- A 0874
VIALOU, D.
1981. Art paléolithique et art rupestre brésilien: méthodologie des approches. In: CONGRESO UISPP, 10. México, 1981. COMISION 11. Arte paleolítico. *Atas*. México, UISPP.

Arq. Muse. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- A 0875
VIALOU, Denis.
 1983. Les images préhistoriques. *La Recherche*, Paris, 144(14):586-97, 8 fig.
- A 0876
VIALOU, Denis.
 1983-1984. Un nouveau site rupestre au Mato Grosso : l'abri Ferraz Egreja. *Rev. Mus. Paul.*, São Paulo, Nova Sér., 29:39-53.
- A 0877
VIALOU, Denis.
 1984. A la conquête préhistorique du nouveau monde. *Rev. Palais Découv.* 13(121): 30-6, 9 fig.
- A 0878
VIALOU, Denis; VILHENA-VIALOU, Agueda.
 1984. Un nouveau site préhistorique brésilien daté : l'abri à peintures et gravures Ferraz Egreja (Mato Grosso). *L'Anthropologie*, Paris, 88(1) : 125-7.
- VICTOR, Plínio.**
 Ver: AGUIAR, Alice &
 MARTIN, Gabriela &.
- VIEIRA, Marcus Infante.**
 Ver: CUNHA, Ernesto de Mello Sales &.
- VILHENA-VIALOU, Agueda.**
 Ver: VIALOU, Denis.
- A 0879
VILLALTA, Blanco.
 1948. *Antropofagia ritual americana* Buenos Aires, Eruecê, 123p, il., bibl.
- A 0880
VÜGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da SILVA.
 1984. Sistemas construídos e memórias sociais: uma arqueologia urbana? *Rev. Arqueol.*, Belém, 2(2):46-50.
- VOGEL, M. Amélia.**
 Ver: KNEIP, Lima Maria.
- A 0881
VOGEL, Maria Amélia Curvelo & VERÍSSIMO, Solange Garcia.
 1982. *Sobre a natureza e o possível significado das "Amêndoas" encontradas no sambaqui de Cambonhas*. In: SIMPÓSIO DO QUATERNÁRIO NO BRASIL, 4, p. 443-52, 1982. Atas...
- A 0882
WASSÉN, S. Henry.
 1965. The use of some specific kinds of South American Indian snuff and related Paraphernalia. *Etnol., Stud.*, Göteborg, 28:5-116, il., bibl.

WATANABE, S.
Ver: MIYAMOTO, M. &.

A 0883

WEBER, R. comp.
1978. Brazil: in current research. *Amer. Antiq.*, Washington, 43(3):527-9.

A 0884

WEBER, R., comp.
1979. Brazil: in current research. *Amer. Antiq.*, Washington, 44(3):622-5.

A 0885

WEBER, R., comp.
1981. Brazil: in current research. *Amer. Antiq.*, Washington, 46(1):204-6.

A 0886

WEBER, R., comp.
1982. Brazil: in current research. *Amer. Antiq.*, Washington, 47(1):208-9.

A 0887

WEBER, R., comp.
1983. Brazil: in current research. *Amer. Antiq.*, Washington, 48(1):173-5.

A 0888

WERNER, Dennis.
1983. Mudanças demográficas no

posto indígena Ibirama.
An. Mus. Antropol. Univ. Fed. Santa Catarina, Flo-
rianópolis, 16:24-33, bi-
b1.

A 0889

WILLEY, Gordon R.
1985. Some continuing problems in New World Culture History. *Amer. Antiq.*, Washington, 50(2):351-63, (copyright 1985 by the Society for American Archaeology).

A 0890

WHITFIELD, J.
1874. Rock inscriptions in Brazil. *J. R. Anthropol. Inst. Great. Britain Ireland.*, London, 3:114-5, Pr. X.

A 0891

WITTMAN, Rudi José.
1976. Formação dos sambaquis (de Torres, RS). In: SEMINÁRIOS DE ARQUEOLOGIA SULRIOGRANDENSE, 1 e 2, Porto Alegre, 1976. Seminários de Arqueologia Anais. Porto Alegre, OEC. p.38.

WUST, Irmhild.

Ver: SCHMITZ, Pedro Ignácio &
MUCCILLO, Regina.

- A 0892
WUST, Irmhild.
1981-1982. Observações sobre a tecnologia cerâmica Karajá de Aruaña. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6-7:311-22, bibl. 10 fot.
- A 0893
WUST, Irmhild.
1981/1982. Primeiros resultados e perspectivas de uma análise espacial em uma área do Mato Grosso de Goiás. *Arq. Mus. Hist. Nat., Univ. Fed. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 6/7:235-47, bibl.
- A 0894
WUST, Irmhild.
1983. Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás; tentativa de análise espacial. 358p., 10 map., 16 fig., 15 graf., 67 tab., bibl. (Reprografado pela Soc. de Arqueologia Brasileira).
- A 0895
WUST, Irmhild.
1983-1984. A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo do Mato Grosso. *Arq. Mus. Hist. Nat. Univ.*
- Fed. Minas Gerais, Belo Horizonte, 8-9: 285-96, bibl., map.
- A 0896
WUST, Irmhild.
1984. Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás; perspectivas de análise espacial. REUNIÃO DA ABA, 14, Belém, 1984. *Rev. Arqueol.*, Belém, 2(1):73. (Resumo).
- A 0897
WUST, Irmhild & MENEZES, Ulpiano B.
1984-1985. Tecnologia e arte das sociedades pré-coloniais brasileiras. In: MARINO, J., coord. *Tradição e ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras*. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo. p.9-27, 27 fot.
- A 0898
WUST, Irmhild & SCHMITZ, Pedro Ignácio.
1975. Fase Jataí, estudo preliminar. *An. Divulg. Cient. Univ. Cat. Goiás*, Goiânia, 2:71-94.
- A 0899
YDE, Jens.
1965. MATERIAL CULTURE OF THE WAIWAI. Copenhagen.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG, Belo Horizonte, 10:

ZULETA, E.

Ver: BELTRÃO, M.C.M. & -

ZWINK, Walter.

Ver: CORRÊA, Maria Margarida

GOMES & -

A CONTRIBUIÇÃO DE P.W. LUND À ARQUEOLOGIA EUROPEIA E BRASILEIRA

Ella Hoch*
André Prous**

P.W. Lund foi um cuidadoso observador do mundo no qual vivia, e esta qualidade reflete-se tanto na sua obra científica quanto na sua atuação na sociedade, que era apreciada por seus conterrâneos. É considerado internacionalmente como zoólogo e paleontólogo, mas também forneceu subsídios para a botânica e a arqueologia do seu tempo. O papel de Lund como precursor dos estudos pré-históricos no Brasil é bem conhecido apenas a respeito do descobrimento da raça fóssil de Lagoa Santa em depósitos remexidos da Lapa do Sumidouro, que levantou, no decênio de 1840 o problema da possível co-existência de um Homem "antediluviano" com animais extintos na América, enquanto a questão estava longe de ser resolvida na Europa. Mas Lund parece ter sido também o primeiro a mencionar as pinturas rupestres do rochedo de Cerca Grande, que não chegou, no entanto, a descrever; não parece ter notado as pictografias que existem em várias outras "lapas" nas quais escavou, como Sumidouro e Escrivanhia, e não influenciou neste campo, as pesquisas ulteriores. O próprio A. de Saint Hilaire já tinha verificado a existência de figuras rupestres no Estado de Minas Gerais.

Mas estas rápidas referências à arte indígena pré-histórica (que considerava recente), e o descobrimento dos esqueletos de Sumidouro não são, de longe, as únicas incursões do nosso naturalista no campo arqueológico: a observação e a divulgação por parte de

* Geologisk Museum, da Universidade de Copenhague.

** Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. UFMG.

Lund de artefatos de pedra e de outros vestígios da vida indígena tradicional nas regiões do Brasil onde ficou forneceram materiais significativos para debate de grande importância em que se envolveram os arqueólogos e naturalistas europeus no meio do séc. XIX.

Fora organizada na Dinamarca uma comissão para elucidar a origem de certas acumulações de valvas de moluscos, particularmente de ostras, encontradas no campo, por vezes bastante distantes do litoral; estavam misturados a elas ossos de vertebrados, com fragmentos de carvão e de sílex de formas bem definidas: trata-se do complexo que iria mais tarde, ser chamado "Køkkenmødinger", (sambaquis, no Brasil). A criação deste grupo de estudo denominado "Lejre Commission", igualmente conhecido como "Køkkenmodding-Komiteen" foi proposta pro H. C Ørsted na Reunião dos Cientistas Escandinavos em 1847, e foi composta de J. Steenstrup (Professor de zoologia), de J. J. Worsaae (Inspetor do Museu Nacional - Arqueologia) e J. G. Forchammer (Professor de geologia). O ponto central de discussão era saber se as acumulações de conchas eram "naturais" ou se deveriam ser atribuídos ao Homem.

Cada um dos três cientistas tinha sua hipótese a respeito da natureza do fenômeno: quando Steenstrup apresentou suas idéias por carta a P. W. Lund, atribuindo os concheiros aos homens pré-históricos, recebeu deste um apoio total. Na sua resposta (de Lagoa Santa, 11 de março de 1852), Lund assinalou que acumulações similares de conchas estavam espalhadas por todo o litoral do Brasil, a diversas distâncias da linha de praia. A respeito da sua formação, escreve: "os nativos têm a mesma opinião a que o Sr. foi levado por suas pesquisas, o que reforça esta idéia de certa maneira instintiva... os seus resultados ganham uma nova confirmação com as evidências daqui que são tão claras que não poderiam receber outra explicação". (cf. Petersen, 1938:204-205).

Podemos concluir deste episódio desconhecido no Brasil, que o reconhecimento dos "sambaquis" como sítios arqueológicos era ponto pacífico para Lund no início do século XIX, o que permitiu ajudar os pesquisadores europeus, de uma certa maneira "atrasados" neste campo.

Paradoxalmente, a situação ia inverter-se no final do século, porque as teorias do Dinamarquês não foram divulgadas no Brasil. Precisou esperar 1871 para que C. Rath publicasse em português um artigo no qual se afirma a origem dos sambaquis. Os pes-

quisadores do Museu Nacional do Rio de Janeiro aceitaram a idéia, enquanto o etnólogo alemão ven den Steinen publicava em Berlim o resultado das suas escavações em concheiros do Estado de Santa Catarina. No entanto, outro alemão, o Diretor do Museu Paulista H. von Ihering, chefiava uma poderosa corrente antagonista que não admitia que os "selvagens" tivessem edificado estes sítios gigantescos. "Naturalistas" e "Artificialistas" enfrentaram-se, os últimos lançando mão justamente do exemplo dinamarquês para apoiar sua tese. A partir de 1908 as evidências forçaram a comunidade científica a aceitar que existam sambaquis artificiais; no entanto, até 1940, os autores arguiam ainda sobre os critérios que pudessem permitir a distinção entre os sítios "artificiais" e outros, supostamente "naturais". Só recentemente acabou-se esta discussão secular, cuja solução já tinha sido apontada por Lund no Brasil antes de qualquer controvérsia.

Klindt-Jensen, na sua obra "The influence of the Ethnography on Early Scandinavian Archaeology" (1976), infelizmente repleta de erros, dá outros exemplos da contribuição de Lund para a arqueologia escandinava. Destacaremos uma carta em dinamarquês, publicada nos "Annaler for nordisk Oldkyndighed" (1838/39) sobre artefatos de pedra de Minas Gerais e do Estado de São Paulo, cuja tradução apresentamos em anexo.

Apesar de ter sido colocado entre os "antiquários" da sua época, particularmente na Dinamarca e na Suécia, mas também fora da escandinávia, P.W. Lund passou para a posteridade como o paleontólogo das grutas pleistocênicas do Brasil, ricas em vestígios de fauna extinta e recente, inclusive a discutida "raça humana de Lagoa Santa". O seu nome ficou tão estreitamente ligado aos fósseis das cavernas que a maior parte dos autores contemporâneos, até os que se empenham em levantar novos e interessantes dados sobre a pessoa de P.W. Lund sustentam que o pesquisador renunciou a qualquer atividade científica e "levou uma existência vegetativa em Lagoa Santa até sua morte em 1880" (Hansen, 1980:14), depois de ter mandado de presente sua grande coleção de fósseis ao rei de Dinamarca Christian VIII, em 1845.

A sua participação ao debate sobre os sambaquis evidencia que esta afirmação categórica deve ser revista, enquanto os textos apresentados mostram sua contribuição à arqueologia européia através do comparatismo etnográfico e arqueológico entre os dois con-

tinentes. Podemos somente lamentar que muitos dos textos de Lund não tenham sido traduzidos e divulgados no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

ANEXO¹

"A propósito dos machados de pedra dos selvagens sulamericanos" pelo Dr. P.W. Lund (de uma carta endereçada para a Sociedade², datada de Lagoa Santa, Brasil, 10/1/1838).

Na época dos primeiros contatos europeus com o Brasil, o machado de pedra era de uso generalizado entre as tribos que habitavam o litoral, as margens dos grandes rios e os planaltos do interior, enquanto que os grupos totalmente selvagens que vagavam nas matas das serras costeiras careciam até mesmo deste tosco substituto para nossos instrumentos de corte. O contato com os europeus tem colocado a maior parte dos selvagens brasileiros na posse de machados e facas de ferro, e o tosco protótipo destes, o machado de pedra, é agora encontrado jogado no chão, mera reminiscência histórica.

A forma peculiar destas pedras não escapou à observação dos imigrantes portugueses, e, estranhamente, encontramos no Brasil a mesma superstição em relação a elas que temos em nosso país. Os camponeses as chamam "coriscos"³, o que significa "raio" e acreditam que a pedra encontra-se na luz do raio, sendo a razão de sua força destrutiva. Meu primeiro contato com estas pedras foi nas margens do rio Tietê, na província de São Paulo, onde ganhei dois exemplares, ambos de sílex⁴, e, pelo que lembro, extraordinaria-

¹ Texto publicado nos "Annaler for nordisk oldkyndighed", Copenhaguen, ano 1838/1839: 159/161. A tradução foi realizada do dinamarquês para o inglês por Ella Hoch, e para o português por André Prous.

² A Sociedade Real de Antiguidades Nôrdicas (note dos TT.).

³ Em português no texto.

⁴ Não conhecemos no Brasil nenhum machado de sílex: estes instrumentos são normalmente feitos de rochas básicas, ou, mais raramente, de granito, rochas porfíricas, e até sillimanita. No entanto, a denominação "corisco" ou "pedra raio" se aplica, tanto no Brasil quanto na Europa, às pontas de flecha e bifaces lascados. Existem muitas dessas feitas de sílex no estado de São Paulo, talvez Lund tenha, nesta frase, aludido a estes tipos de artefato (Nota do tradutor).

mente parecidos com alguns dos países nórdicos. Aqueles que tive a oportunidade de observar na província de Minas Gerais não são de sílex. Encontrei um na entrada da gruta de Maquiné, que mencionei na descrição desta curiosa gruta que tive o prazer de submeter à Sociedade Real de Ciências. Sua presença neste local mostra que esta caverna foi antigamente visitada pelos selvagens; mas o fato mais curioso é a matéria prima da qual o artefato foi feito: é um basalto, rocha vulcânica até agora não encontrada no Brasil.⁵

A linda lagoa de Lagoa Santa, na margem da qual estou agora morando, parece ter, no passado, particularmente atraído os índios, incentivando-os a se estabelecerem nos seus férteis arredores; com efeito, quando os europeus se instalaram, a região estava cheia de machados de pedra que são ainda frequentemente encontrados. Logo após a minha chegada, eu mesmo achei um, feito de hornblende, rocha cuja dureza se aproxima da do sílex, ultrapassando-o porém em peso. Eu o mostrei para os moradores da região, e todos me disseram que não é raro encontrar-se estes "coriscos"; no entanto, não tive a sorte, até agora, de conseguir um deles, porque os habitantes não os guardam; pelo contrário, jogam-nos longe, por acreditarem que o raio cairá onde há um destes objetos, "para procurar seu irmão". No entanto, tenho a certeza que, se eu continuar tentando, acabarei conseguindo alguns.

O formato geral destes machados é oblongo, oval achatado, estreitado em uma ou ambas as extremidades. Estão encabados da seguinte maneira: os índios selecionam para servir de cabo uma madeira dura e resistente que é rachada com uma incisão em forma de cruz em uma das extremidades. A pedra é encaixada nesta incisão, transversalmente, mas em posição vertical, e as quatro extremidades do cabo que ultrapassam para cima são ligadas entre si com um cipó (uma trepadeira lenhosa). Este tipo de fixação pode parecer à primeira vista muito imperfeito; no entanto, as matas do Brasil fornecem tanto madeiras resistentes e duras como lianas tão flexíveis e fortes que o acabamento da pedra fica realmente mais perfeito do que se pode imaginar. Por outro lado, na ausência de material adequado, o selvagem pode também utilizar a pedra sem cabo.

⁵ Sabe-se agora que existem grandes derrames de basalto desde o estado de Minas Gerais até o sul do Brasil (Nota dos TT).

É evidente que, de qualquer maneira, a eficiência deste instrumento deve ser insignificante, e sua utilização muito mais limitada do que se pensa geralmente. O selvagem é totalmente incapaz de cortar uma árvore com este tipo de machado; o processo que utiliza para este fim é o seguinte: golpeia com o machado um dos lados do tronco até conseguir fazer uma cavidade rasa; nesta, coloca brasas, que mantém acesas até que virem cinzas. As cinzas são retiradas e a parte carbonizada da cavidade é retirada pelo machado. A cavidade, agora alargada, é de novo enchida de brasas e o processo se repete até o tronco ser completamente queimado; tal operação demora menos tempo do que se pode presumir, e, o que é muito importante para o selvagem, requer muito menos esforço que derrubar o tronco exclusivamente com um instrumento de corte. Se a árvore for destinada à fabricação de uma canoa, retira-se primeiro a casca com o machado; quando o tronco tiver secado o suficiente, a parte virada para cima é completamente coberta por brasa, processando-se a escavação da mesma maneira acima descrita.

Os autores agradecem P. Alvarenga e I. Malta por sua revisão do texto e suas sugestões.

BIBLIOGRAFIA

HANSEN, R. Wagner.

1980. "Naturforskeren Peter Wihelm Lund og Brasilien. I anledning af hundredaret for hans døg i Lagoa Santa, Brasilien 1880", Brasilia.

KLINTDT-JENSEN, O.

1976. "The influence of Ethnography on Early Scandinavian Archaeology" in *To Illustrate the Monuments-Essays on archaeology presented to Stuart Piggott on the occasion of his sixty fifth birthday*, ed. J.V.S. Megaw, pp. 44-48. Thames and Hudson, London.

PETERSEN, C.S.

1938. "Stenalder, Broncealder, Jernalder. Bidrag til nordisk Arkeologis Litteraerhistorie 1776-1865" Levin og Munsgaard, København.

Um histórico e uma bibliografia crítica sobre a "querela dos

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

sambaquis" no Brasil serão encontrados na obra seguinte:

GUIDON, N.; LAMING-EMPERAIRE, A.; PALLESTRINI, L. & PROUS, A.
1973. "Documents pour la préhistoire du Brésil méridional- I:
L'Etat de São Paulo", *Cahiers d'Archéologie d'Amerique du
Sud*, 2, EPHE-Mouton ed., Paris-The Hague.

II^a PARTE

ARTE RUPESTRE DE MINAS GERAIS

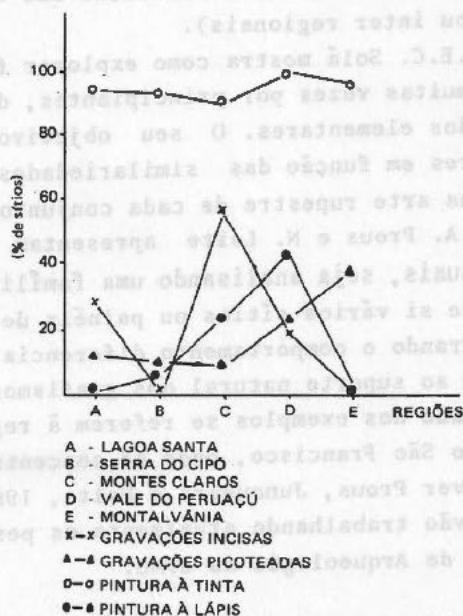
116 SARTORI

ARTE RUDIMENTAR DE MINAS GERAIS

Mapa 1 REGIÕES ESTUDADAS – MINAS GERAIS



Fig. 1 - TÉCNICAS PRESENTES NAS DIVERSAS REGIÕES



DIREÇÕES DE PESQUISA NA ANÁLISE DA ARTE RUPESTRE DE MINAS GERAIS

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, preparado para uma reunião científica (20º aniversário do Instituto de Arqueologia Brasileira), pretendemos mostrar alguns exemplos de tratamento dos documentos primários sejam eles resultados de pesquisas superficiais, observações e fotografias de prospecção, sejam provenientes de trabalhos mais profundos (levantamentos sistemáticos).

A análise rupestre deve ser feita em vários níveis: a) análise de cada figura (a partir de uma ficha descritiva, a qual não será exemplificada aqui) b) análise de tipo, c) análise de painel, d) análise de conjunto de um sítio, e) comparação entre vários sítios, f) sínteses gerais (com definição das unidades estilísticas regionais ou inter regionais).

É assim, que M.E.C. Solá mostra como explorar fichas de prospecção preenchidas muitas vezes por principiantes, dispendo portanto, apenas de dados elementares. O seu objetivo era separar "províncias" rupestres em função das similaridades e das diferenças encontradas na arte rupestre de cada conjunto de sítios.

Por sua parte. A. Prous e N. Leite apresentam exemplos de pesquisas mais punctuais, seja analisando uma família tipológica, seja comparando entre si vários sítios ou painéis de um mesmo sítio, seja ainda mostrando o comportamento diferencial de diversas tradições em relação ao suporte natural dos grafismos etc.

A quase totalidade dos exemplos se referem à região arqueológica do Alto Médio São Francisco, onde se concentram os nossos trabalhos de campo (ver Prous, Junqueira e Malta, 1984). Eles mostram em que direção vêm trabalhando atualmente os pesquisadores e estagiários do Setor de Arqueologia da UFMG.

Os Autores

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Primeira Parte ~~esta noção de DMU é, quer na sua concepção mais ampla que abrange o conceito de sistema de informação geográfica e levando em consideração a natureza e o conteúdo da informação geográfica, quer na sua concepção mais restrita que se refere ao conceito de sistema de informação geográfica, ou seja, ao conceito de sistema de informação geográfica que engloba a descrição e a exploração de dados espaciais e temporais, bem como a sua manipulação e processamento.~~

EXEMPLOS DO APROVEITAMENTO DE DADOS DE PROSPEÇÃO NUMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE ESPACIAL

Maria Elisa Castellanos Solá*

A - ESTUDO REGIONAL

I - INTRODUÇÃO

Em Minas Gerais, a arte rupestre vem sendo pesquisada sistematicamente a partir dos trabalhos realizados durante a década de 70, pela Missão Franco-Brasileira, sob coordenação da Drª A. Laming-Emperaire. Estes trabalhos ocorreram principalmente na região cárstica de Lagoa Santa, compreendendo também os municípios vizinhos de Pedro Leopoldo e Matozinhos. Até o momento, contamos com a publicação da análise de Cerca Grande e com um relatório preliminar onde são apresentados alguns resultados. O material coletado pela Missão Franco-Brasileira vem sendo estudado atualmente por G. Clement da Ura nº 25.

Em 1976, foi implantado o Centro de Arqueologia da UFMG, Nesta ocasião iniciaram-se os trabalhos na região da Serra do Cipó, que constaram de diversas prospecções e do levantamento sistemático das obras rupestres do Grande Abrigo de Santana do Riacho, objeto de uma tese de mestrado.

Em 1977, a UFMG, conjuntamente com a Missão Franco-Brasileira, realizou trabalhos de prospecção e de levantamento sistemático de grafismos (Lapa do Dragão e Poseidon) na região de Montalvânia. Atualmente contamos com a publicação do relatório das prospecções realizadas pela Missão Franco-Brasileira.

* Colaboradora do Setor de Arqueologia UFMG, IEPHA/MG.

Posteriormente, em 1979, a UFMG iniciou suas pesquisas nos municípios de Januária e Itacarambi (Vale do Peruaçú) tendo prospectado e levantado sistematicamente diversos sítios rupestres, que atualmente encontram-se em fase de estudo.

Na região de Montes Claros, a UFMG estudou as pinturas presentes na Lapa Pintada sendo que em 1985 o IEPHA/MG cadastrou sistematicamente os sítios da região, incluindo observações sobre os grafismos.

No mapa 1 podemos observar a localização das regiões acima mencionadas.

Como pode ser notado, o material disponível para estudo, consta basicamente de fichas de prospecções e documentos fotográficos. Apesar da falta de informações sistematizadas e das diferenças no conteúdo das observações durante as prospecções, foi possível isolhar alguns parâmetros (extremamente simples de serem observados) relevantes, que permitem comparar as regiões fornecendo algumas diferenças significativas. Estes parâmetros se referem à técnica de execução (pintura a tinta ou a lápis e gravações incisivas ou picoteadas), à temática (geométricas ou naturalistas, sendo que a última categoria inclui zoomorfos, antropomorfos, pés e armas) e cor (presença de monocromia, bicromia e tricromia). A dominância de um tema sobre o outro (ex: geométrico > naturalista) foi estabelecida com base no maior impacto visual e critérios semi-quantitativos.

II - TÉCNICAS

Na fig. 1, podemos notar que, nas regiões focalizadas a técnica mais utilizada é a pintura a tinta, seguida da incisão (podendo às vezes tratar-se de afiadores (?), do picoteamento e da pintura a lápis. Verificamos que no Vale do Peruaçú, todos os sítios com arte rupestre apresentam pintura a tinta, não acontecendo o mesmo nas outras regiões. Também podemos notar que cada uma das técnicas secundárias tem destaque numa região: a incisão em Montes Claros, a pintura a lápis no Vale do Peruaçú e a gravação picoteada em Montalvânia.

Chamamos de pintura a tinta os corantes diluídos e de pintura a lápis os pigmentos aplicados secos.

III - TEMÁTICA DAS PINTURAS A TINTA

Como ilustrado na *fig. 2a*, a maioria dos sítios apresenta tanto grafismos geométricos como naturalistas, sendo que este caso é menos frequente, no município de Montes Claros e no Vale do Peruacú. No entanto, o primeiro mostra a maior percentagem de sítios com somente pinturas naturalistas e o segundo mostra a maior percentagem de sítios com somente pinturas geométricas.

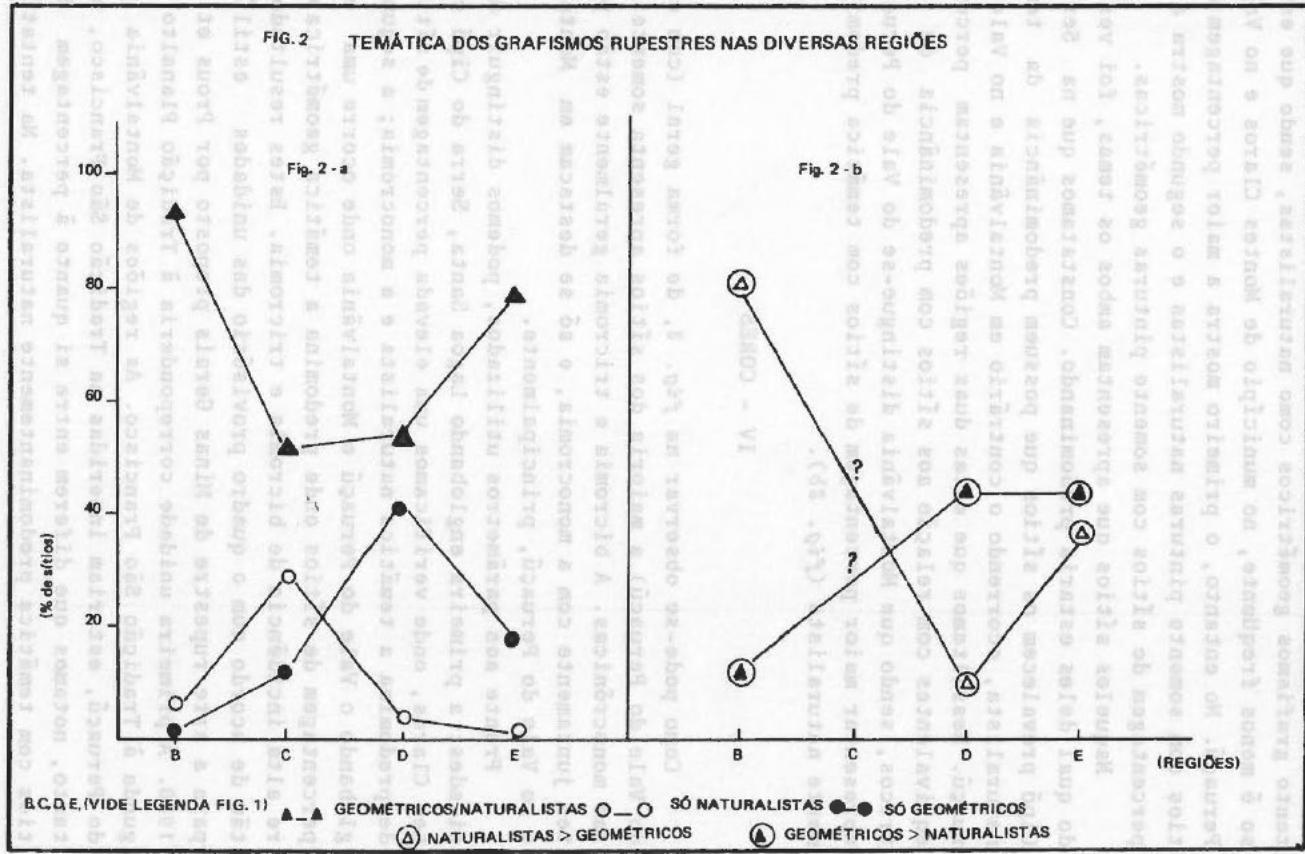
Naqueles sítios que apresentam ambos os temas, foi verificado qual deles estaria predominando. Constatamos que na Serra do Cipó prevalecem os sítios que possuem predominância da temática naturalista, ocorrendo o contrário em Montalvânia e no Vale do Peruacú. Ressaltamos que estas duas regiões apresentam percentagem equivalentes com relação aos sítios com predominância de geométricos, sendo que Montalvânia distingue-se do Vale do Peruacú por apresentar maior percentagem de sítios com temática predominantemente naturalista (*fig. 2b*).

IV - CORES

Como pode-se observar na *fig. 3*, de forma geral (com exceção do Vale do Peruacú) a maioria dos sítios apresenta somente pinturas monocromáticas. A bicromia e tricromia geralmente estão presentes juntamente com a monocromia, e só se destacam em Montalvânia e no Vale do Peruacú, principalmente.

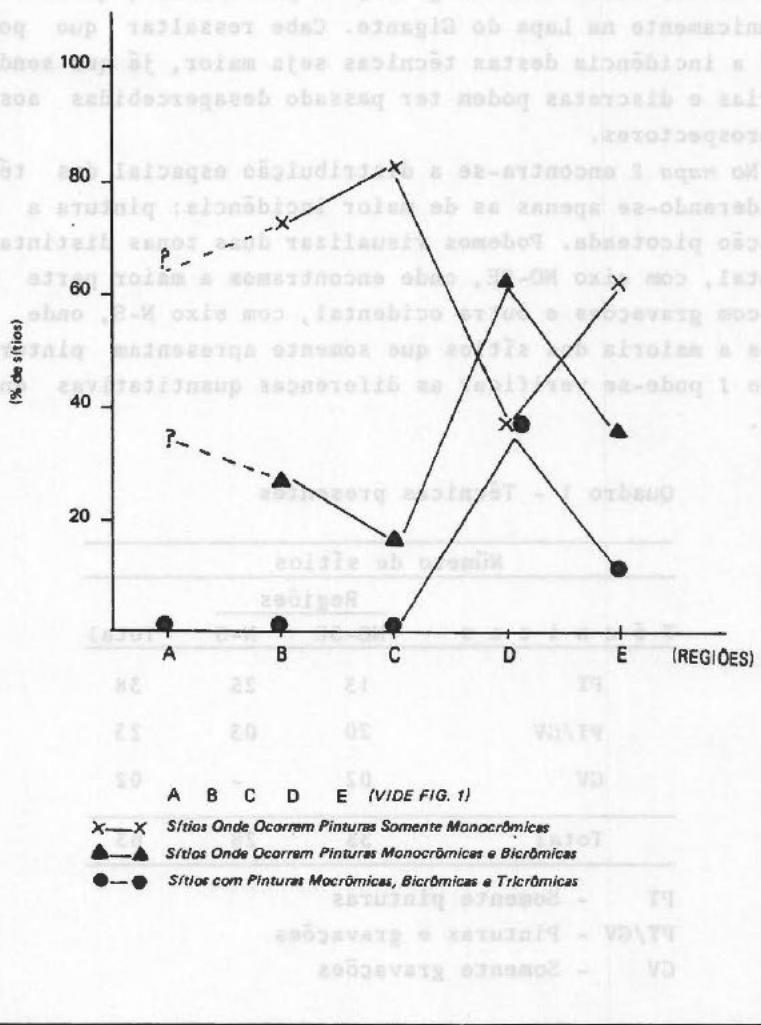
Frente aos parâmetros utilizados, podemos distinguir duas unidades: a primeira englobando Lagoa Santa, Serra do Cipó e Montes Claros, onde verificamos uma elevada percentagem de sítios onde predomina a temática naturalista e a monocromia; a segunda englobando o Vale do Peruacú e Montalvânia onde ocorre uma elevada percentagem de sítios onde predomina a temática geométrica e ocorre alta incidência de bicromia e tricromia. Estes resultados estão de acordo com o quadro provisório das unidades estilísticas para a arte rupestre de Minas Gerais proposto por Prous et alii, 1980. A primeira unidade corresponderia à Tradição Planalto e a segunda à Tradição São Francisco. As regiões de Montalvânia e Vale do Peruacú, estariam inseridas na Tradição São Francisco, no entanto, notamos que diferem entre si quanto à percentagem de sítios com temática predominantemente naturalista. Na tentativa de

valo, 1988; Viana, 1990; Pedro Horácio, 1990;



Centro Especializado em Arqueologia Pré-Histórica - MHNJB/UFGM - 2012

I - TECNICAS
Fig. 3 – CROMIA DAS PINTURAS NAS DIVERSAS REGIÕES



esclarecer este aspecto apresentamos a seguir a região de Montalvânia como exemplo de estudo de área.

B - ESTUDO DE ÁREA: O EXEMPLO DE MONTALVÂNIA

I - TÉCNICAS

SEÓDOS SABERES SÃO SABERES SÃO AMORO - S.p.R

Na região de Montalvânia foram prospectados 63 sítios arqueológicos sendo que 61 apresentam pinturas a tinta e 24, gravações picoteadas. As pinturas a lápis só foram constatadas em um sítio (Cipó Norte) assim como as gravações por incisão, que foram notadas unicamente na Lapa do Gigante. Cabe ressaltar que possivelmente a incidência destas técnicas seja maior, já que sendo minoritárias e discretas podem ter passado desapercebidas aos olhos dos prospectores.

No mapa 2 encontra-se a distribuição espacial das técnicas, considerando-se apenas as de maior incidência: pintura a tinta e gravação picoteada. Podemos visualizar duas zonas distintas: uma oriental, com eixo NO-SE, onde encontramos a maior parte dos sítios com gravações e outra ocidental, com eixo N-S, onde encontramos a maioria dos sítios que somente apresentam pinturas. No quadro 1 pode-se verificar as diferenças quantitativas entre as zonas.

Quadro 1 - Técnicas presentes

Técnicas	Número de sítios		
	Regiões		
	NO-SE	N-S	Total
PT	13	25	38
PT/GV	20	03	23
GV	02	-	02
Total	35	28	63

PT - Somente pinturas

PT/GV - Pinturas e gravações

GV - Somente gravações

A maior incidência se refere a sítios que apresentam somente pinturas (62%), enquanto que a menor se refere a sítios que apresentam somente gravações (3%).

A zona N-S caracteriza-se pela sua homegeneidade. Dos 28 sítios que se localizam nesta área, 89% apresentam somente pinturas sendo que os restantes combinam pinturas e gravações. Em contrapartida, a zona NO-SE é caracterizada pela sua heterogeneidade. Destaca-se a presença da maioria dos sítios com pinturas e gravações, além da ocorrência dos dois únicos sítios com exclusivamente gravações.

Nos sítios que apresentam pinturas e gravações, foram observadas as dominâncias de uma técnica sobre a outra. O mapa 3, mostra que no extremo SE da porção oriental estão concentrados os sítios que possuem somente gravações ou onde estas são dominantes. Este fato justifica a divisão da porção oriental, em zona NO e zona SE. No quadro 2, notamos que nos sítios da zona SE a técnica da gravura domina sobre a pintura, o que não ocorre na zona NO.

Quadro 2 - Técnicas dominantes

Técnica	Número de sítios			
	NO	SE	N-S	Total
Só PT	11	02	25	38
PT > GV	03	02	01	06
GV > PT	03	07	02	12
Só GV	-	02	-	02
GV = PT ?	02	03	-	05
Total	19	16	28	63

II - TEMÁTICA

A temática foi analizada em 47 sítios, discernindo os temas em geométricos e naturalistas.

a) Pinturas

No quadro 3 notamos que de forma geral predominam os sítios

que possuem geométricos como tema dominante. Entretanto, a zona NO apresenta 70% dos seus sítios com temática dominante naturalista. A zona SE contém sítios com temática exclusiva ou predominantemente geométrica, não havendo destaque para os naturalistas.

Quadro 3 - Temática das pinturas

Tema	Número de sítios			
	NO	SE	N-S	Total
SÓ GEOM.	01	02	05	08
GEOM. > NAT.	03	04	11	18
NAT. > GEOM.	10	-	05	15
Só NAT.	-	-	01	01
Total	14	06	22	42

b) Gravações

No quadro 4 notamos que ao contrário das pinturas, de forma geral prevalecem os sítios com temática dominante naturalista. Neste ponto lembramos que dentro da categoria naturalista incluímos "pés" e instrumentos (propulsores e "bengalas"). Observamos que estas representações são raras nas pinturas enquanto abundam nas gravações. Talvez este fato seja responsável (pelo menos em parte) pela diferença apontada entre a temática das pinturas e das gravações.

Quadro 4 - Temática das gravações

Tema	Número de sítios			
	NO	SE	N-S	Total
SÓ GEOM.	-	-	01	01
GEOM. > NAT.	-	02	-	02
NAT. > GEOM.	04	05	02	11
Só NAT.	03	01	-	04
Total	07	08	03	18

Em alguns sítios gravados, tanto da zona NO como da SE, foi possível desmembrar a categoria naturalista em: naturalista (zoo-morfos e antropomorfos), instrumentos (propulsores, bengalas e pontas de dardo) e paranaturalistas ("pés").

No quadro 5, os sítios encontram-se listados conforme a sua localização no eixo NO - SE, ou seja, ordenados de NO para SE.

Quadro 5 - Temática das gravações

	INS	GEOM	NAT	PÉS	NO
Gigante	o	o	X	o	
Poseidon	o	X	o	o	
Esquadrilha	X	o	o	o	
X = dominância					
Centímanos	X	o	o	o	
o = presença					
Bíblia	o	X	o	o	
Vulcano I	o	o	X	o	
Hidra	o	o	o	X	
Escrevida	o	X	o	o	SE

Os sítios apresentam as quatro categorias, entretanto, cada um apresenta uma delas dominante.

Na Esquadrilha e Centímanos predominam os instrumentos. No entanto, observamos que na Esquadrilha os instrumentos se referem a pontas de dardo enquanto no Centímanos se referem às "bengalas". É possível que analizando as categorias de geométricos e naturalistas encontremos temas que sejam exclusivos ou dominantes em cada sítio.

Por outro lado, seria necessário fazer o mesmo tipo de observação com relação às pinturas, já que sabemos de alguns exemplos concretos: Na Lapa do Dragão dominam os antropomorfos, enquanto na Serra Negra encontramos numerosos quadrúpedes. A Lapa de Multicores apresenta um belíssimo painel onde os instrumentos são dominantes. Infelizmente, a documentação disponível não é suficiente para podermos extender a análise.

c) *Pinturas X Gravações*

No mapa 4 consta a temática das gravações e das pinturas presentes em cada sítio. Observamos que na zona NO estão localizados os sítios onde as gravuras e grafismos têm uma temática naturalista dominante ou exclusiva. Já na zona SE encontramos os sítios com gravações naturalistas em presença de figuras geométricas pintadas.

III - CORES

As cores foram analisadas em 47 sítios. Existem figuras monocromáticas em todos os sítios: enquanto a bicromia aparece em 11 sítios e a tricromia em apenas 7 sítios.

No quadro 6 constam as combinações possíveis entre amarelo, vermelho, preto e branco (cores utilizadas na região), formando conjuntos bicrômicos e tricrômicos. Não constatamos a presença de figuras tetracrônicas nem as combinações B/P, V/B/P e A/B/P. Este fato denota que o branco e o preto nunca foram associados numa figura. Analizando o quadro poderíamos deduzir a seguinte ordem de utilização das cores: V > A > P ≥ B. No entanto, faz-se necessário realizar o levantamento das cores de todas as pinturas de cada sítio.

Quadro 6 - Cores

MONO.	Nº de sítios	BICRO.	Nº de sítios	TRICO.	Nº de sítios
A	24	VA	13	VAB	3
V	47	VB	4	VAP	4
P	17	VP	6	VBP	-
B	14	AB	2	ABP	-
		AP	2		
		BP	-		

A - amarelo

P - preto

V - vermelho

B - branco

O mapa 5 mostra que a zona N-S possui o maior número de sítios que apresentam figuras bicolônicas e tricônicas, enquanto a zona NO somente apresenta alguns. Por outro lado a zona SE apenas possui sítios com figuras monocromáticas.

A frequência dos sítios de cada zona, com relação às cores, pode ser observada no quadro 7. Na zona N-S aparecem todas as combinações, com exceção daquelas que combinam o branco e o preto. Na zona NO ocorrem somente as combinações entre o vermelho, amarelo e preto. Ou seja, na zona NO, além do branco não estar associado ao preto, também não está associado com as outras cores. Na zona SE verificamos a pouca ocorrência de sítios com pinturas monocromáticas pretas ou brancas. Além disto, difere das outras zonas por não apresentar bicromia nem tricromia.

Faz-se necessário comentar que os motivos naturalistas são sempre monocromáticos enquanto as figuras geométricas podem ser mono ou policromáticas.

IV - QUADRO GERAL

A partir dos resultados acima expostos, verificamos que os sítios com gravações estão principalmente localizados na zona SE, onde também vamos encontrar os dois sítios exclusivamente gravados. De forma geral, na temática das gravações notamos uma predominância dos motivos naturalistas sobre os geométricos. Apontamos um único caso com gravações exclusivamente geométricas (Brejinhos IV) localizado na extremidade meridional da zona NS. O pequeno painel apresenta motivos totalmente alheios àqueles da região. É possível que extendendo as prospecções para o sul, possamos encontrar correspondentes.

Considerando as pinturas, a zona NS apresenta a maior concentração de sítios unicamente pintados. A temática destes grafismos é predominantemente geométrica sendo que a policromia foi intensamente explorada com excessão da associação branco-preto. A zona SE também apresenta sítios com pinturas de temática predominantemente geométrica, no entanto, estas são monocromáticas. Já na zona NO os sítios possuem pinturas cuja temática é predominantemente naturalista. Os grafismos geométricos desta zona também apresentam policromia, porém distinguem-se das da zona NS por não apresentarem nenhuma das associações com branco.

Quadro 7 - Distribuição das cores

Cores	NO	SE	N-S	Total
A	5	3	16	24
V	15	8	24	.47
P	6	1	10	17
B	5	1	8	14
VA	3	-	10	.13
VB	-	-	4	4
VP	2	-	4	6
AB	-	-	2	2
AP	1	-	1	2
BP	-	-	-	-
VAB	-	-	3	3
VAP	1	-	3	4
VBP	-	-	-	-
ABP	-	-	-	-

n = 15 8 24 .47

A = amarelo

V = vermelho

P = preto

B = branco

V - DISCUSSÃO

Proulx et alii (1980), propõem a Tradição São Francisco e dentro desta o Estilo Januária com sua *facies* Montalvânia. Anteriormente havíamos notado diferenças entre o Vale do Peruaçu (Estilo Januária) e a região de Montalvânia. Esta última possui maior número de sítios com gravações picoteadas e na temática diferencia-se por possuir maior número de sítios onde predomina a temática naturalista (fig. 1 e fig. 2b).

Quanto às gravações (*facies* Montalvânia), os sítios encontram-se concentrados na zona SE extendendo-se também à

zona NO. Entretanto, com relação às pinturas, a zona NO distingui-se por apresentar sítios onde predomina a temática naturalista. Seria este um estilo marginal ao Estilo Januária?. Já os sítios da zona NS corresponderiam claramente a este estilo.

Frente a estas observações, diversas outras questões nos ocorrem. Porém é cedo tentar responder qualquer uma delas. Faz-se necessário novas pesquisas de campo afim de obter uma documentação melhor e realizar observações mais precisas, que permitam elaborar um quadro (mesmo que provisório) da região. Por outro lado, aguardamos os estudos sistemáticos do Vale do Peruaçú para poder realizar comparações e definir melhor o que seria o Estilo Januária e a Tradição São Francisco.

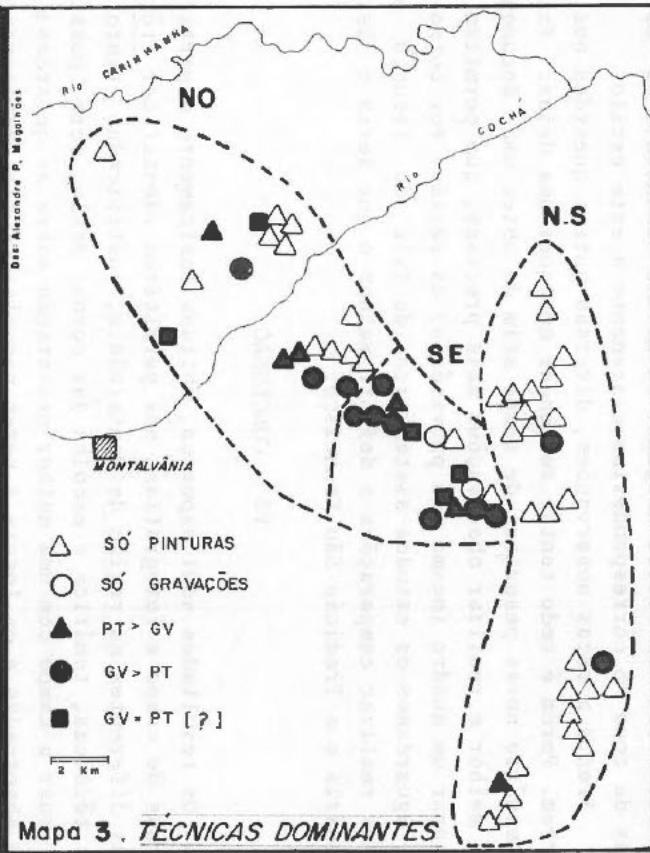
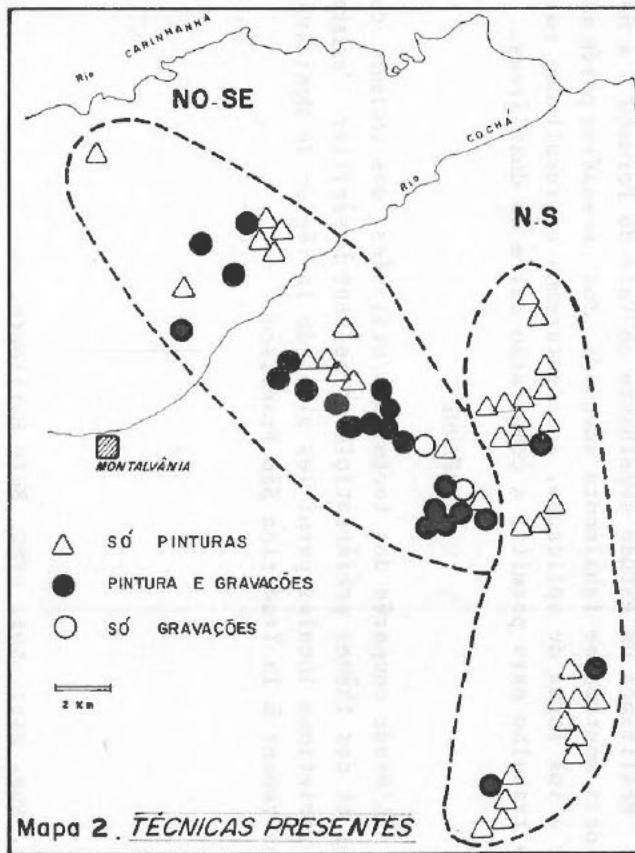
VI - CONCLUSÃO

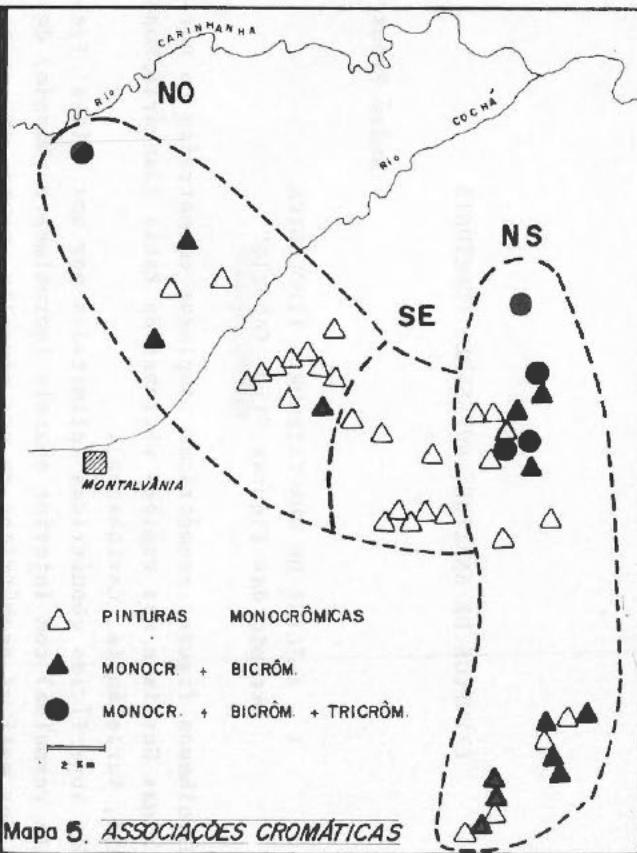
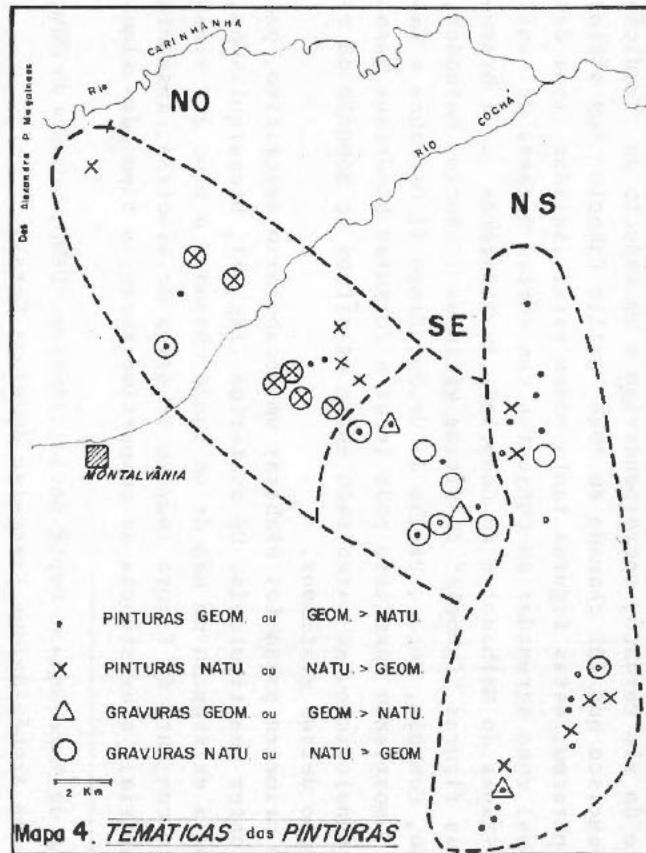
Os resultados aqui expostos, obtidos basicamente a partir de fichas de campo e fotografias, nos permitiram identificar três áreas diferentes na região de Montalvânia, justificadas tanto pelas técnicas, temática e escolha das cores. Assim, será possível retornar a campo com uma melhor orientação sobre as questões a serem observadas e os locais a serem pesquisados sistematicamente.

Realizamos um estudo semelhante no Vale do Peruaçú e a metodologia mostrou-se igualmente adequada. Foi necessário porém adaptar a sua forma de aplicação. Apresentaremos os resultados em outro trabalho para permitir a comparação entre as duas áreas.

RÉSUMÉ

L'étude comparée des techniques utilisées, des couleurs choisies et des thèmes préférentiels permettent de vérifier l'existence de variations locales parmi les sites de la région de Montalvânia appartenant à la Tradition São Francisco.







I - ANÁLISE DE UMA CATEGORIA TIPOLÓGICA
Exemplo das figuras "tipo Caboclo"

Escolhemos figuras geométricas complexas encontradas no norte de Minas Gerais e nas regiões vizinhas da Bahia (Januária, Montalvânia, Varzelândia, Carinhanha).

São superfícies geométricas delimitadas por uma linha (geralmente vermelha) com interior amarelo (normalmente chapado) decorada por motivos geométricos em cor vermelha, preta ou creme. No vale do rio Peruacú, corresponderiam a um aspecto da Tradição São Francisco que foi chamado em 1980 "estilo Caboclo". Nos sítios onde aparecem, estas figuras tanto podem estar isoladas (Lapa dos Desenhos) como agrupadas em conjuntos com várias dezenas de unidades (Lapas do Malhador e do Caboclo). Analisaremos aqui brevemente as figuras "Caboclo" de sítios vizinhos (Caboclo, Malhador, Janelão, Gongolo, Rezar, Piolho do Urubu, Pingo II, Desenhos e Cavalos), mostrando como isto pode levar a formular hipóteses quanto à cronologia ou ao parentesco entre os sítios no momento da elaboração desses grafismos.

O primeiro passo foi elaborar um vocabulário descritivo, para se obter uma tipologia. Os critérios (fig. 1), hierarquizados, incluem a existência ou não de um fundo chapado, o tipo de simetria do conjunto da figura (número de eixos de simetria, ausência de simetria), a existência de compartimentação, o tipo de sime-

* Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. UFMG; Bolsista do CNPq; Mission Archéologique Française du Minas Gerais.

tria interna (por translação, espelhada, por rotação, ou com progressão livre), o tipo de elementos geométricos internos e sua densidade, assim como o número de cores utilizadas.

O estudo das quase 150 figuras levantadas levou a estabelecer famílias cuja posição, presença ou freqüência em cada painel de cada sítio permitiu definir constantes e variáveis no tratamento das figuras, possibilitando a busca do significado semântico.

Alguns resultados entre outros, podem servir de exemplos.

a) certas formas externas são associadas a um determinado tipo de preenchimento ou vice-versa; por exemplo, os retângulos com o lado maior comprido e horizontal receberão um preenchimento com triângulos em posição alternada; formas trilobuladas serão preenchidas apenas por pontos e/ou traços lineares. Na Lapa do Caboclo, um tipo de preenchimento com quadrados coincide com uma ausência de contorno externo no lado direito da figura (fig. 2e).

b) Dentro de uma mesma figura, certos tipos de preenchimento podem ser exclusivos (ou substitutivos) um do outro. Por exemplo, os pontos não acompanham os triângulos nas figuras retangulares da Lapa do Caboclo, nem nos retângulos verticais do Malhador XI; porém, neste último painel, pontos e triângulos se combinam nos retângulos horizontais. Na Lapa do Caboclo, as formas raras (fig. 2a e 2b) nunca acompanham triângulos, aos quais provavelmente substituem. Aliás, no mesmo sítio, a maioria das formas não admite preenchimento com triângulos.

c) Certos sítios tem a exclusividade de uma "família" morfológica ou de um tipo de preenchimento. No caso de "família morfológica", somente na Lapa do Caboclo existem (e em grande quantidade) figuras de contorno dissimétricas com apêndices ou com um único eixo de simetria (fig. 2a). No caso de tipos de contorno, vemos por exemplo, que, na Lapa do Janelão, o fundo amarelo não é chapado mas formado por uma rede de linhas amarelas; no Gongolo, os elementos de preenchimento têm uma forma original: são extremamente densos e sua disposição não obedece a um padrão reconhecível (fig. 2c). No Pingo II e no Malhador (paineis "o") existe uma "pseudobicromia", uma figura monocrônica sendo colocada acima de partes da rocha que apresentam naturalmente uma cor distinta dos arredores, sugerindo bicromia.

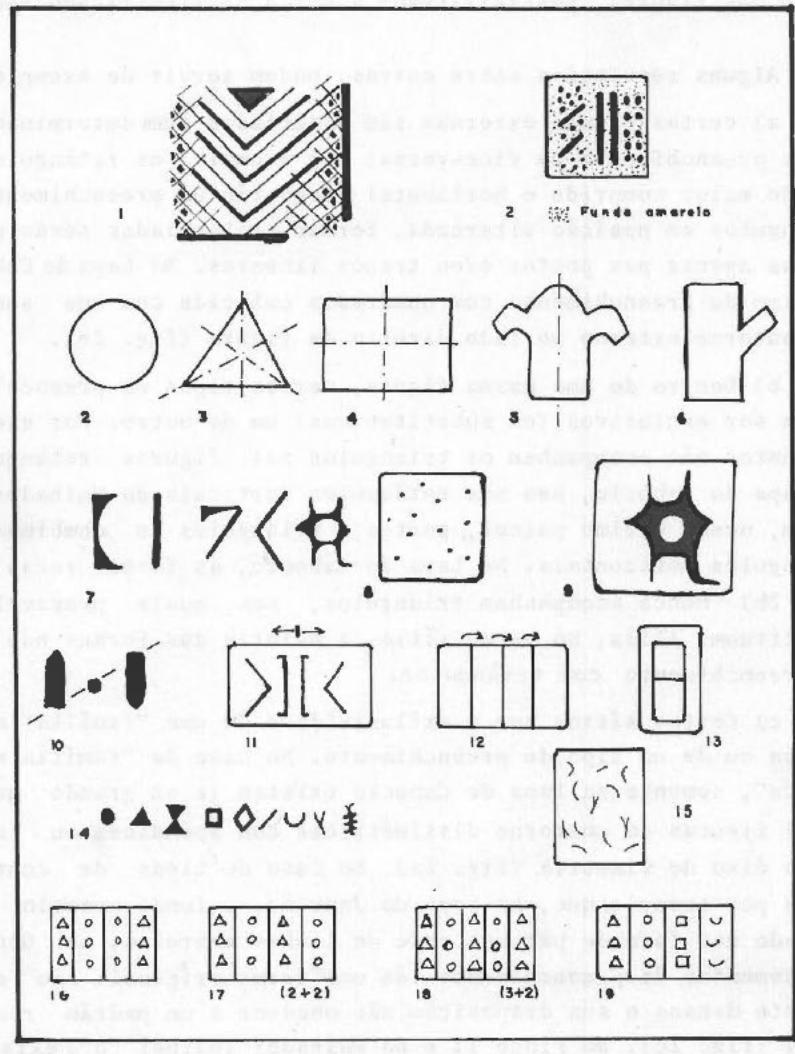


FIG. 1 A

FIG. 1 A

CLASSIFICAÇÃO PROVISÓRIA DAS FIGURAS DE TIPO CABOCLO
FUNDO

Formado por linhas finas paralelas (fig. 1) c/ pastilhas de cor sem pastilhas

Chapado (amarelo)

FORMA GERAL DA FIGURA

EIXOS DE SIMETRIA:

- nº infinito de eixos (2)
 - 3 eixos de simetria (3)
 - 2 eixos de simetria (4)
 - 1 eixo de simetria (5)
 - sem eixo de simetria, com apêndice (6)

DIVISÃO GERAL DA FIGURA (Compartimentação)

ELEMENTOS DE COMPARTIMENTAÇÃO (fig. 7)

ORGANIZAÇÃO GERAL:

- Sem compartimentação (8)
 - Elemento central (9)
 - Elementos repetitivos:
 - . c/ simetria rotativa (10)
 - . c/ simetria espelhada (11)
 - . c/ simetria de translação (12)

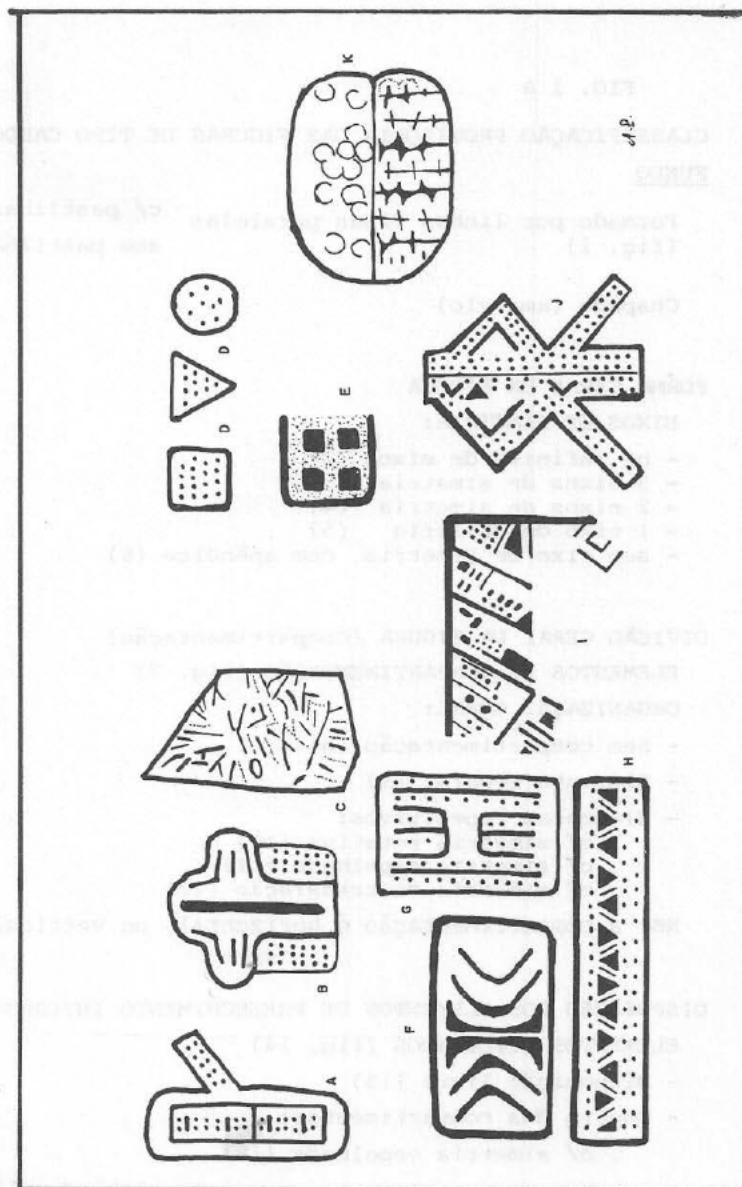
NB: a compartmentação é horizontal, ou vertical (13)

DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO INTERNO

ELEMENTOS UTILIZADOS (fig. 14)

- Disposição livre (15)
 - Dentro dos compartimentos:
 - . c/ simetria espelhada (16)
 - . c/ simetria de translação
 - equilibrada (17)
 - não equilibrada (18)
 - . progressão (qualitativamente) livre (19)

FIG. 2 A - TIPOS RAROS DE FIGURAS DA
CATEGORIA "CABOCLO"



Desenhos aproximativos, segundo fotografias e calques - O fundo amarelo não foi representado, a não ser para a figura E.

Fig 2B EX. DE PREENCHIMENTO/FORMA ' (Lapa do Caboclo Painel III)

Forma Fig	Preenchimento	Divisórias	•	▲	☒	◆	❖	/	~	▼	■	☒	■	
			I	>										
□			●			●				●				710 a
□			●			●				●				710 b
□			●			●								664
□			●			●								2 b
□			●			●								10
□			●			●								223
□			●			●								21
□			●			●								848
□			●			●								829
□			●			●								678
□			●			●								196
□			●			●								878
□			●			●								630
□			●			●								898
□			●			●								857
□			●			●								885
□			●			●								8
□			●			●								717
□			●			●								689
□			●			●								623
□			●			●								622
□			●			●								224
□			●			●								7
□			●			●								8
□			●			●								425
□			●			●								189
□			●			●								2
□			●			●								198
□			●			●								14
□			●			●								805
□			●			●								803
□			●			●								810
□			●			●								623
□			●			●								683
□			●			●								6
□			●			●								629
□			●			●								197
□			●			●								21
□			●			●								954
□			●			●								912
□			●			●								732
□			●			●								850
□			●			●								891
□			●			●								632
□			●			●								4
□			●			●								804
□			●			●								25
□			●			●								1
□			●			●								X

■ 1 Caso

● Vários Casos

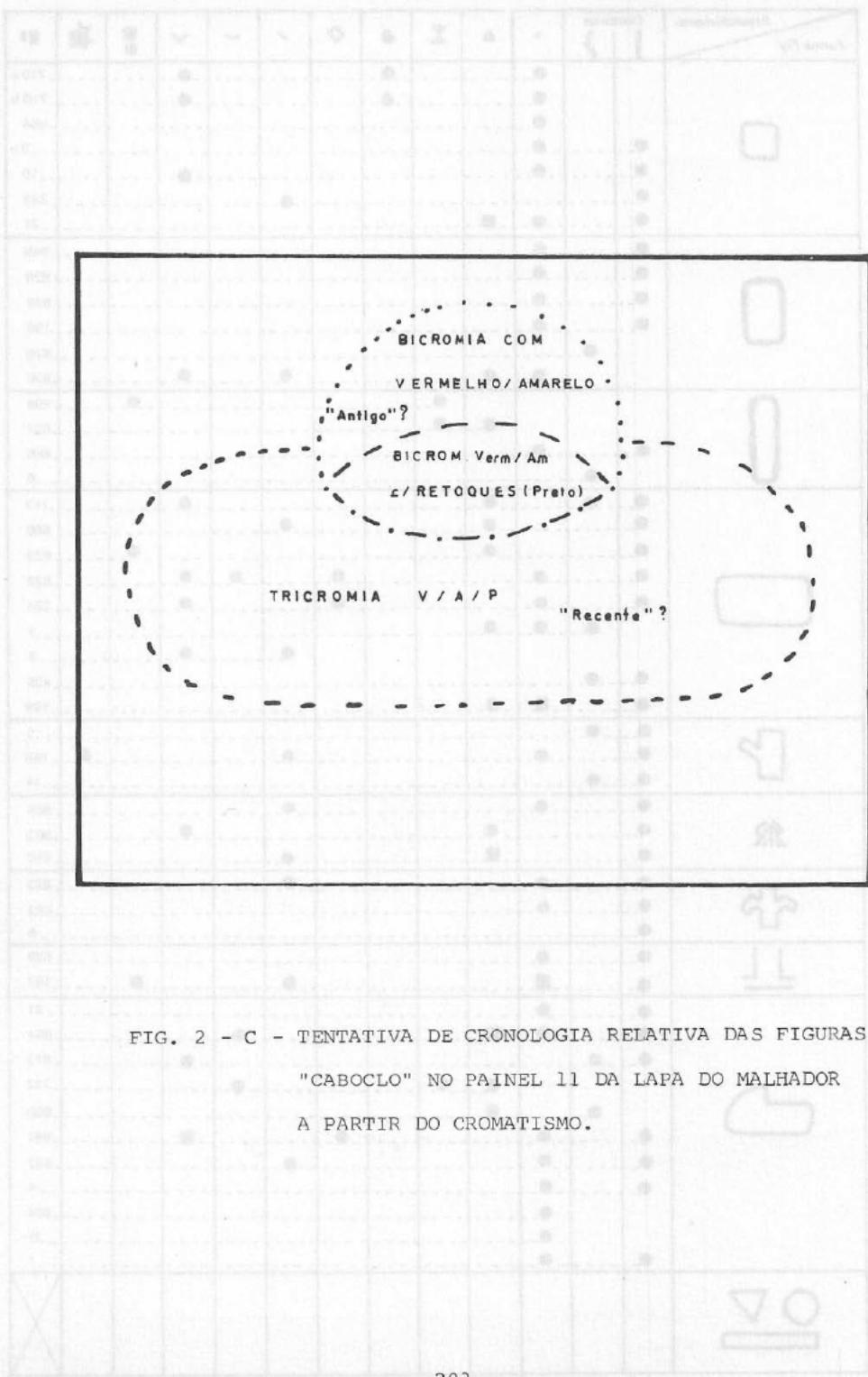


FIG. 2 - C - TENTATIVA DE CRONOLOGIA RELATIVA DAS FIGURAS
"CABOCLO" NO PAINEL II DA LAPA DO MALHADOR
A PARTIR DO CROMATISMO.

Fig 3
PONTOS SELECIONADOS DE PARENTESCO ENTRE SÍTIOS C/ FIGURAS DE TIPO "CABOCLO"

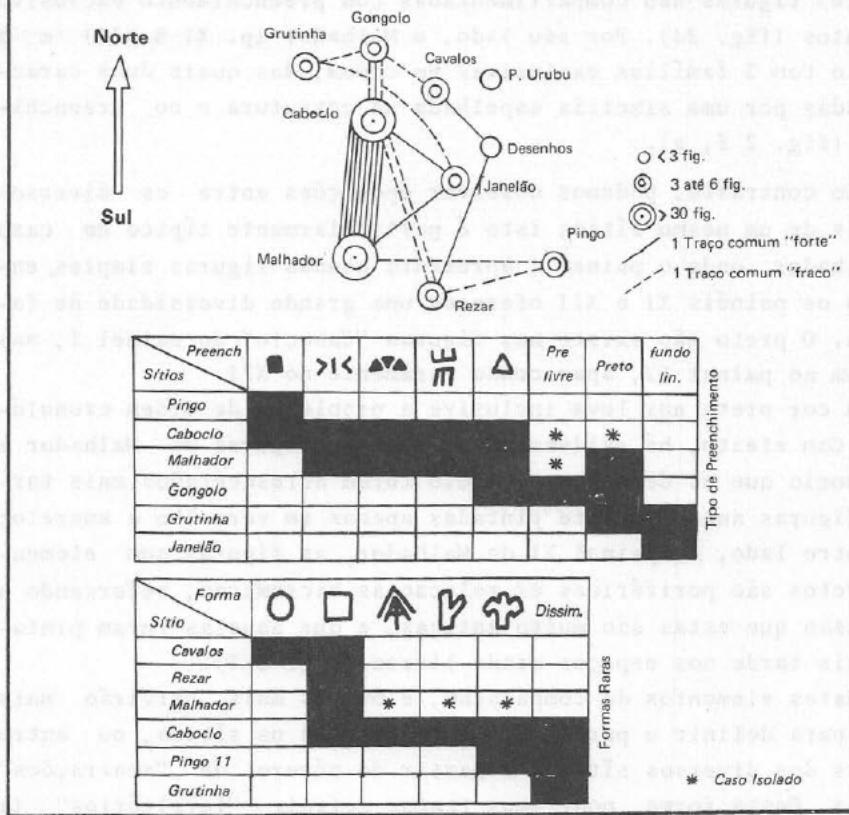
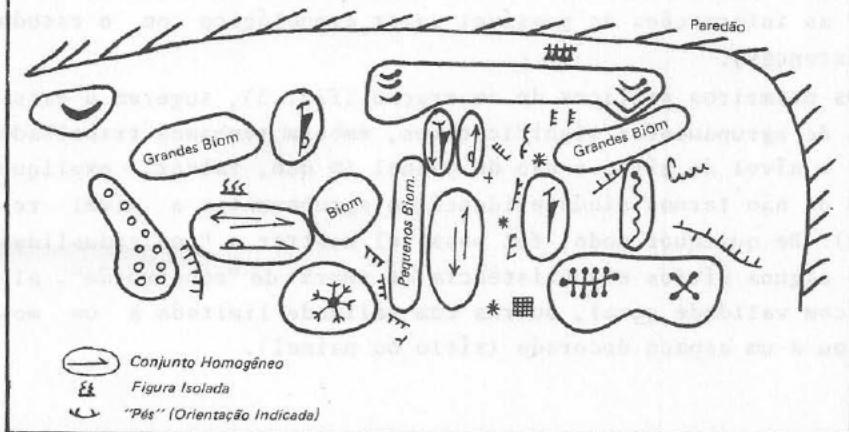


Fig 6 DISPOSIÇÃO DOS TEMAS GRAVADOS (Painel Grande V "Posseidon") EM MONTALVÂNIA



d) Em outros casos, são grupos de sítios que se opõem a outros: por exemplo, no painel I do Malhador, na Lapa dos Cavalos (painel IV D) e no Piolho do Urubu, dominam (ou aparecem exclusivamente) figuras não compartmentadas com preenchimento exclusivo de pontos (fig. 2d). Por seu lado, o Malhador (p. XI & XII) e o Caboclo tem 3 famílias exclusivas em comum, das quais duas caracterizadas por uma simetria espelhada na estrutura e no preenchimento (fig. 2 f, g).

Em contraste, podemos observar oposições entre os diversos painéis de um mesmo sítio; isto é particularmente típico no caso do Malhador, onde o painel I apresenta apenas figuras simples, enquanto os painéis XI e XII oferecem uma grande diversidade de famílias. O preto não existe nas figuras "Caboclo" do painel I, mas dominam no painel XI, aparecendo raramente no XII.

A cor preta nos leva inclusive a problemas de ordem cronológica. Com efeito, há evidências em algumas figuras do Malhador e do Caboclo que os detalhes em preto foram acrescentados mais tarde à figuras anteriormente pintadas apenas em vermelho e amarelo; por outro lado, no painel XI do Malhador, as figuras com elementos pretos são periféricas em relação às bicolônicas, reforçando a impressão que estas são muito antigas, e que aquelas foram pintadas mais tarde nos espaços ainda livres (fig. 2 l).

Estes elementos de comparação, e outros mais, servirão mais tarde para definir o parentesco formal entre os sítios, ou entre painéis dos diversos sítios, a partir do número de "amarrações" notadas. Desta forma, poderemos tentar definir "territórios" (a partir das semelhanças estilísticas) e, talvez, evoluções ("cruzando" as informações de possível valor cronológico com o estudo de diferenças).

Os primeiros gráficos de amarração (fig. 3), sugerem a existência de agrupamentos significativos, embora tenhamos trabalhado apenas a nível de sítio e não de painel (o que, talvez, explique o fato de não termos ainda evidenciado agrupamentos a nível regional). De qualquer modo, foi possível mostrar a "individualidade" de alguns sítios e a existência de regras de "construção", algumas com validade geral, outras com validade limitada a um momento ou a um espaço decorado (sítio ou painel).

II - ANÁLISE DA RELAÇÃO ALTURA ACIMA DO CHÃO/DIMENSÕES DOS GRAFISMOS DE TIPO "CARTUCHO" DA LAPA DO MALHADOR

Os "cartuchos" são figuras ovóides alongadas que incluem três variedades: cartuchos monocromáticos (chapados, ou apenas com contorno pintado e centro "vazio") e cartuchos bicolônicos, com contorno de uma cor (vermelha no sítio escolhido como exemplo) e fundo chapado (amarelo ou branco, neste caso).

Analisamos, painel por painel, a posição e as dimensões dos sessenta cartuchos da Lapa do Malhador.

Numa primeira etapa, comparamos a altura acima do solo (aproximativa) e a maior dimensão dos cartuchos, separando estes apenas em mono e bicolônicos (fig. 4). Analizamos quatro painéis (dois altos, e dois baixos).

Verificamos que, nos painéis baixos, o comprimento das figuras tendia a crescer com a altura e que, num deles, as figuras bicolônicas eram sistematicamente maiores que as outras, sobretudo os cartuchos de fundo branco, também os mais altos.

Nos dois painéis altos, as figuras são, no seu conjunto, maiores do que as dos painéis baixos; porém somente as figuras bicolônicas continuam crescendo com a altura. Paradoxalmente, num dos painéis as figuras monocromáticas têm seu tamanho cada vez menor enquanto aumenta a altura.

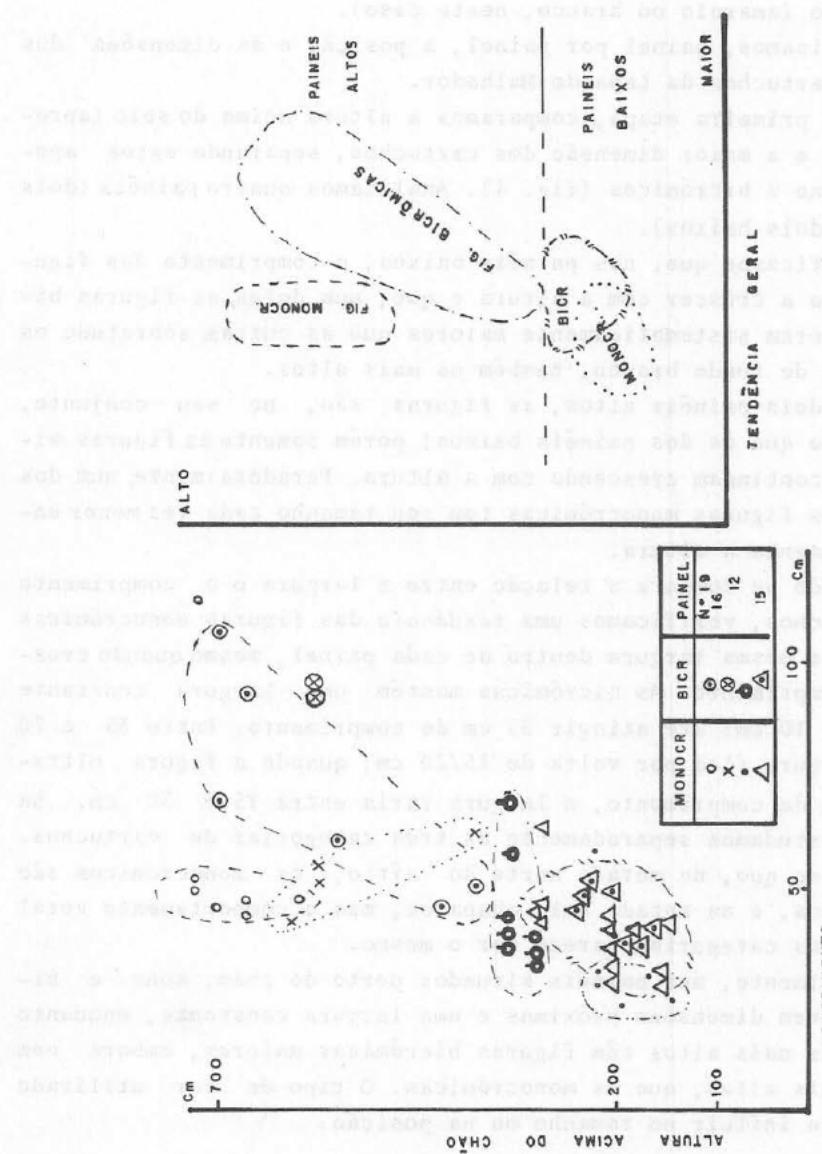
Quando se compara a relação entre a largura e o comprimento dos cartuchos, verificamos uma *tendência* das figuras monocromáticas a manter a mesma largura dentro de cada painel, mesmo quando cresce seu comprimento. As bicolônicas mantêm uma largura constante (cerca de 10 cm) até atingir 35 cm de comprimento. Entre 35 e 70 cm, a largura fica por volta de 15/20 cm; quando a figura ultrapassa 1 m de comprimento, a largura varia entre 15 e 30 cm. Na fig. 5, estudamos separadamente as três categorias de cartuchos. Verifica-se que, na metade norte do sítio, os monocromáticos são contornados, e na metade sul, chapados, mas o comportamento geral destas duas categorias parece ser o mesmo.

Finalmente, nos painéis situados perto do chão, mono e bicolônicos tem dimensões próximas e uma largura constante, enquanto os painéis mais altos têm figuras bicolônicas maiores, embora nem sempre mais altas, que as monocromáticas. O tipo de cor utilizado não parece influir no tamanho ou na posição.

FIG. 4 - "CARTUCHOS" DA LAPA DO MALHADOR

RELAÇÃO ENTRE A ALTURA DA FIGURA

ACIMA DO CHÃO E O SEU COMPRIMENTO



No painel (baixo) XII, os monocrônicos estão mais baixo que os bicolônicos, sem que haja diferença significativa de tamanho. No painel (baixo) XV, as alturas são as mesmas, porém os bicolônicos são maiores que os monocrônicos.

III - ANÁLISE DA REPARTIÇÃO DAS FIGURAS NUM PAINEL (GRAVURAS OU PINTURAS)

Escolhemos dois exemplos: o primeiro (gravuras de Poseidon-Montalvânia) trata de gravuras aparentemente feitas durante uma mesma fase (mesma patina); no segundo exemplo (pinturas do Jane-lão) se verifica a existência de vários momentos de decoração, envolvendo pelo menos duas Tradições distintas.

a) Gravuras do painel norte (G 5) de Poseidon: o aspecto espacial

Quando se encontra com os conjuntos de gravuras de Montalvânia surge uma impressão de confusão, pela grande densidade de figuras (as quais, no entanto, raramente se sobreponem).

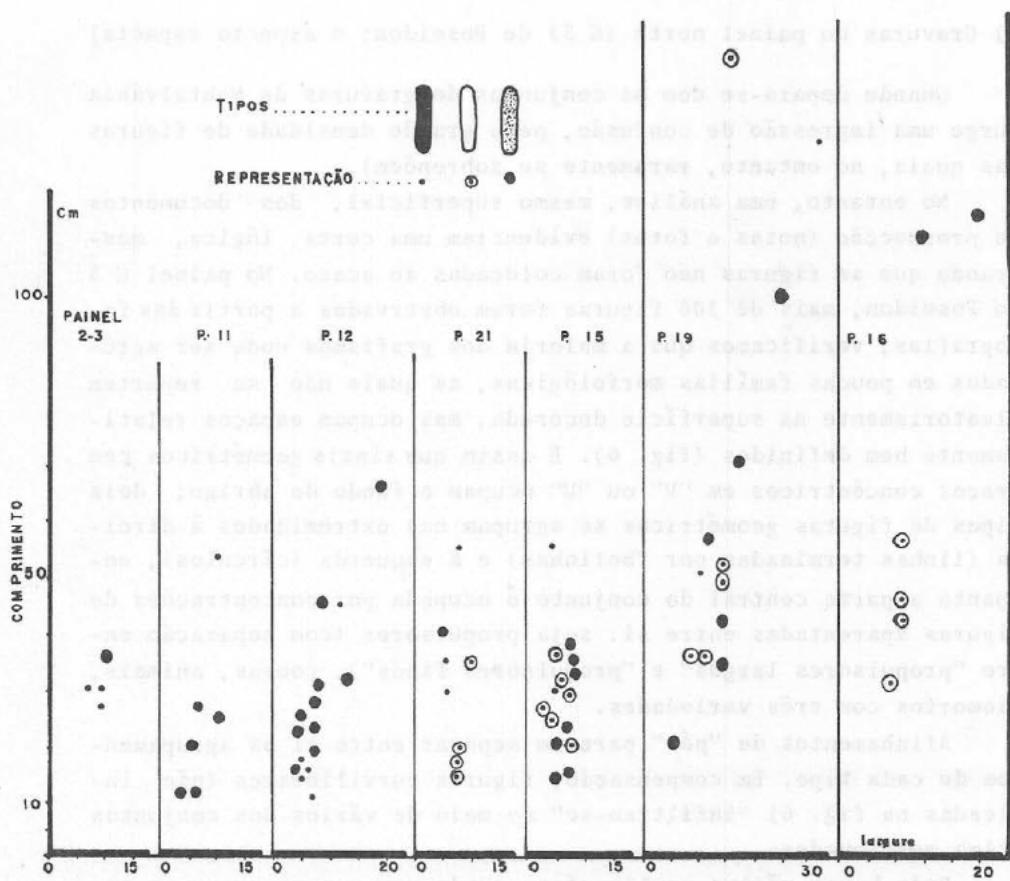
No entanto, uma análise, mesmo superficial, dos documentos de prospecção (notas e fotos) evidenciam uma certa lógica, mostrando que as figuras não foram colocadas ao acaso. No painel G 5 do Poseidon, mais de 300 figuras foram observadas a partir das fotografias; verificamos que a maioria dos grafismos pode ser agrupados em poucas famílias morfológicas, as quais não se repartem aleatoriamente na superfície decorada, mas ocupam espaços relativamente bem definidos (fig. 6). É assim que sinais geométricos com traços concêntricos em "V" ou "U" ocupam o fundo do abrigo; dois tipos de figuras geométricas se agrupam nas extremidades à direita (linhas terminadas por "bolinhas") e à esquerda (círculos), enquanto a parte central do conjunto é ocupada por concentrações de figuras aparentadas entre si: seja propulsores (com separação entre "propulsores largos" e "propulsores finos"), cobras, animais, biomorfos com três variedades.

Alinhamentos de "pés" parecem separar entre si os agrupamentos de cada tipo. Em compensação, figuras curvilíneares (não indicadas na fig. 6) "infiltram-se" no meio de vários dos conjuntos acima mencionados.

Pode haver várias explicações, sendo uma que as gravuras teriam sido feitas aos poucos, cada vez se picoteando pertencendo a

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

FIG. 5 - "CARTUCHOS" DA LAPA DO MALHADOR.
RELAÇÃO COMPRIMENTO / LARGURA, POR PAINEL



um único tema, realizado no "jeito" do momento, ou de um grupo social (segmento classificatório, ou "escola" estilística?). Cada novo conjunto teria sido acrescentado num espaço novo, respeitando-se no entanto algumas normas em relação à topografia. O sentido desta progressão deveria ser testado, podendo sugerir hipóteses a respeito da evolução da temática.

b) Pinturas do Painel 5 do abrigo do Janelão: o aspecto cronológico

Trata-se de um pequeno painel, isolado por escorrimientos de calcita, com grafismos "antigos" pertencendo a Tradição São Francisco (geométricos com bicromia), outros recentes da Tradição Nordeste (cenas de ação e zoomorfos amarelos) além de figuras biomórfas monocromáticas ou raspadas que parecem cronologicamente intermediárias, sobrepondo os grafismos São Francisco.

Para estudar uma eventual organização das figuras no painel é portanto preciso levar em conta os diversos níveis temporais (utilizando, neste caso as superposições) para saber, para cada momento, "o que estava aonde".

Esta análise leva a uma reconstituição hipotética que deverá ser confirmada pela análise de outros painéis.

Verifica-se a existência de uma simetria original no centro do painel, com ritmo ternário (fig. 7a), na qual se inserem as figuras seguintes (fig. 7 b, c). Na(s) etapa(s) seguinte(s) grafismos novos procuram espaços livres (cena alta) ou invadem parcialmente o espaço já decorado, rompendo a simetria da parte central (etapas finais).

Temos portanto a impressão que se procurou originalmente respeitar a simetria, seja inserindo-se nela (III e IV), seja procurando um outro espaço (bicromia com preto, etapa provável II). Tardivamente, não há mais preocupação quanto à localização das novas figuras, que terão sua disposição própria, com "lógica" independente (figuras raspadas alinhadas na mesma altura, miniaturas vermelhas seguindo uma linha curva). Não pretendemos afirmar que os autores das figuras pintadas na etapa III e IV tenham conscientemente conservado o equilíbrio da composição geral, mas foram, no mínimo, induzidos a isto pela sua percepção do espaço, a não ser que tenham, desejado "recuperar" ou "anular" as figuras antigas ao sobrepor ou enquadrar estas.

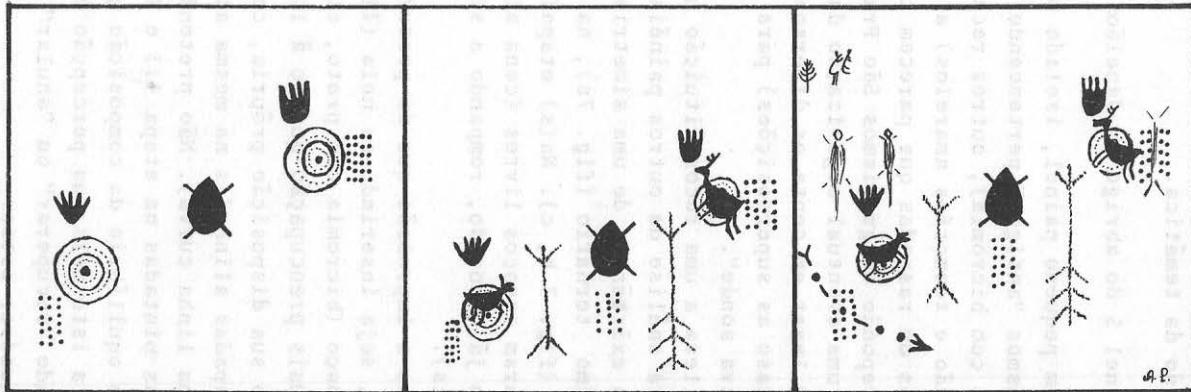


FIG. 7 - PARTE CENTRAL DO PAINEL 5 DA LAPA DO JANELÃO

IV - ANÁLISE COMPARATIVA DA LOCALIZAÇÃO GERAL DOS GRAFISMOS DE
VÁRIAS TRADIÇÕES NOS SÍTIOS DE JANUÁRIA-ITACARAMBI
A escolha do suporte

Tomamos o exemplo das Tradições "Nordeste", "Desenhos" e "São Francisco" no Vale do Peruaçú. As figuras da Tradição Nordeste nesta região são aparentadas às do complexo "Serra Talhada" de N. Guidon, com grafismos minúsculos (2/10 cm) mostrando cenas com antropomorfos ou alinhamentos de animais. Geralmente pretas, as figuras podem, excepcionalmente, ser vermelhas ou amarelas.

Estudaremos aqui as posições dessas figuras em relação ao suporte e à topografia do sítio, comparando com as dos grafismos da Tradição São Francisco, que co-existem ou não às duas Tradições no mesmo sítio (ver fig. 8).

A observação do quadro mostra claramente o que já era sentido durante às prospecções: a Tradição Nordeste se manifesta em painéis (ou cantos de painéis) laterais e/ou baixos, onde seus grafismos não encontram a concorrência de figuras de outra Tradição. Aceita utilizar suportes irregulares (pouco lisos, estriados, rugosos ou calcitados) e pequenos, ou pequenas superfícies lisas isoladas, no meio de superfícies irregulares.

Geralmente, aparece em sítios ou painéis já previamente utilizados pelos autores da Tradição São Francisco, os quais deixaram poucos locais "atraentes" livres. No entanto, os "Nordeste" às vezes utilizavam pequenos painéis, em sítios não ocupados anteriormente (Limoeiro, Paredão Vermelho). Mesmo assim se limitaram a pintar poucos grafismos até quando existiam grandes painéis livres e lisos (Morro de Itacarambi). De maneira geral, os grafismos "Nordeste" ou se concentram em espaços pequenos (Lapa dos Desenhos, Malhador) ou se espalham numa multiplicidade de micro-conjuntos no meio de suportes irregulares (Cavalos I, painel VI do Janelão). De qualquer maneira, os grafismos são "discretos" tanto pelo número e pela cor (preto diluído, pouco visível) quanto pelo tamanho e a localização. A única exceção é a dos painéis superiores do Janelão, onde houve uma "colonização" em massa, inúmeras figurinhas pretas sobrepondo-se aos grafismos São Francisco, os quais não chegam (nem procuram) no entanto mascarar.

A Tradição São Francisco tem um comportamento oposto: esconde painéis lisos e bem visíveis, ocupando-os na sua totalidade

FIG. 8 - Comportamento de 2 Tradições em relação ao suporte, no Vale do Peruaçu

Sítios	Atributos		Trad. Nord. exclusiva no sítio São Francisco Presente	Trad. Nord. exclusiva no local T. Nord. + S. Franc. no local	T. Nordeste	S. Francisco	altura 1,8	T. Nordeste	S. Francisco	altura 2,5	T. Nordeste	S. Francisco	altura 2,5	T. Nordeste	S. Francisco	altura 2,5	Painel posição	Posição no Painel	Painel	
	Desenhos	Cavalos I	Malhador	Janelão inf.	Janelão sup.	Limoeiro	Gruta Verde	Bichos	Morro de Itacarambi (10 sítios)	Caboclo	Pedro Silva II	Lourenço	base	base	base	base	base	NE SF	NE SF	NE SF
Desenhos	*																			
Cavalos I																				
Malhador																				
Janelão inf.				*																
Janelão sup.					*															
Limoeiro																				
Gruta Verde	?																			
Bichos																				
Morro de Itacarambi (10 sítios)		*																		
Caboclo				?																
Pedro Silva II				?																
Lourenço																				

■ presença do atributo

? falta informação

* casos raros

ou, pelo menos, na sua parte central, desde pouca altura acima do chão até 18 m de altura. As figuras são bem visíveis, tanto pelo seu tamanho (que pode aumentar com a distância da qual devem ser vistas, quando altas) quanto pelas cores (vermelho e amarelo dominantes; preto "forte" e branco mais raramente).

Nota-se enfim que em dois dos três sítios onde os grafismos "Nordeste" tem um comportamento "desviante", existe apenas uma ou duas figuras desta Tradição (Caboclo e Lourenço), enquanto, no terceiro, estamos nos deparando com uma exceção tão grande, que justifica um estudo detalhado que não era previsto no programa inicial de pesquisa (Lapa do Janelão).

A originalidade do comportamento "discreto" dos grafismos "Nordeste" aparece melhor, quando comparada à atitude de outros conjuntos rupestres, como a "Tradição Desenhos", cujas gravuras naturalistas foram picotadas em zonas baixas, porém no centro de painéis lisos, depois de se "apagar" as manifestações de tipo São Francisco com uma mão de tinta vermelha (Lapas do Caboclo, dos Desenhos, do Janelão).

Na ausência no local de pinturas anteriores, as gravuras são picoteadas diretamente na rocha, sem aplicação prévia de pigmento vermelho (Boquete) comprovando o fato que a cor vermelha não se destinava a ressaltar por contraste a gravura, mas visava reservar a estas o monopólio da visibilidade.

V - ANÁLISE TIPOLÓGICA COMPARATIVA ENTRE UNIDADES DESCRIPTIVAS (SÍTIOS, PAINÉIS OU NÍVEIS CRONOLÓGICOS) NA REGIÃO DE JANUÁRIA

Até agora, as descrições tipológicas de sítios rupestres brasileiros foram sobretudo qualitativas; quando "porcentagens" de categoria de figuras são mencionadas, estes dados são apresentados praticamente sem comentários, e fica difícil aproveitá-los.

Pretendemos mostrar aqui como representações gráficas simples permitiriam caracterizar e comparar facilmente entre si unidades estilísticas ou descriptivas.

Para isto, elaboramos um quadro (ainda em fase de teste) dos grafismos encontrados no Vale do Peruacú que conta com uma centena de tipos. Depois de testado, pretendemos utilizá-lo num gráfico cumulativo (semelhante ao que se usa desde os trabalhos de F. Bordes para comparar as indústrias líticas do Velho Mundo). Para ilustrar a presente fase da pesquisa agrupamos os tipos em dezes-

seis grandes famílias, sendo que apenas estas serão utilizadas aqui. A fig. 9 apresenta os grafismos cumulativos de alguns painéis do abrigo "Malhador", cujos grafismos pertencem, na sua grande maioria, à Tradição São Francisco. A curva cumulativa mostra uma grande homogeneidade na distribuição percentual das famílias.

As pequenas diferenças são facilmente explicáveis e trazem, na verdade, informações interessantes; por exemplo, os "cartuchos" são numerosos nos painéis muito altos (XVI e XVII) onde a tipologia é pouco variada, e exclui a presença de figuras tipo "Cabolclo". No conjunto dos painéis, as famílias bem representadas são apenas as de nº 7 a 14 (conjunto típico da Tradição São Francisco). O painel XII evidencia a presença de algumas figuras do conjunto 1-7, mas quando se verifica as características deste enorme painel, observa-se que vários destes grafismos (família I, por ex.) são sobrepostos às das famílias "clássicas" São Francisco, sendo provavelmente posteriores.

A fig. 10 mostra a impressionante homogeneidade de muitos dos dezesseis painéis da Lapa do Boquete, todos pertencendo à Tradição São Francisco.

A fig. 11 mostra a análise diferencial do painel I da Lapa dos Desenhos, onde quatro níveis cronológicos estilísticos são perfeitamente discerníveis. Neste caso, a realização da curva cumulativa geral mostraria um perfil atípico, característico de um painel onde várias tradições se misturam; em compensação, curvas realizadas para cada nível cronológico evidenciam quantitativa e qualitativamente a originalidade de cada um: a Tradição "Nordeste" mostra quase exclusivamente grafismos das famílias 7 (pequenos anthropomorfos) e 13. A maioria das figuras que chamaremos aqui "Urubu" pertence às famílias 1, 2, 4, 7 e 8. As gravuras da Unidade "Desenhos" pertencem quase todas às famílias 2 e 3. A Tradição São Francisco por sua vez, apresenta uma curva em todo ponto semelhante às do Malhador.

A fig. 12 mostra as curvas dos principais painéis da Lapa dos Cavalos I, onde alguns painéis tem grafismos de apenas uma tradição, enquanto outros conjuntos receberam pinturas de duas.

Mais uma vez, as curvas refletem fielmente esta realidade:

. Podemos notar que as curvas de quase todas as unidades sejam topográficas (painéis) ou cronológicas (Tradições) apresentam uma grande porcentagem de figuras da família 13.

ESTUÍOS Fig 9 MALHADOR

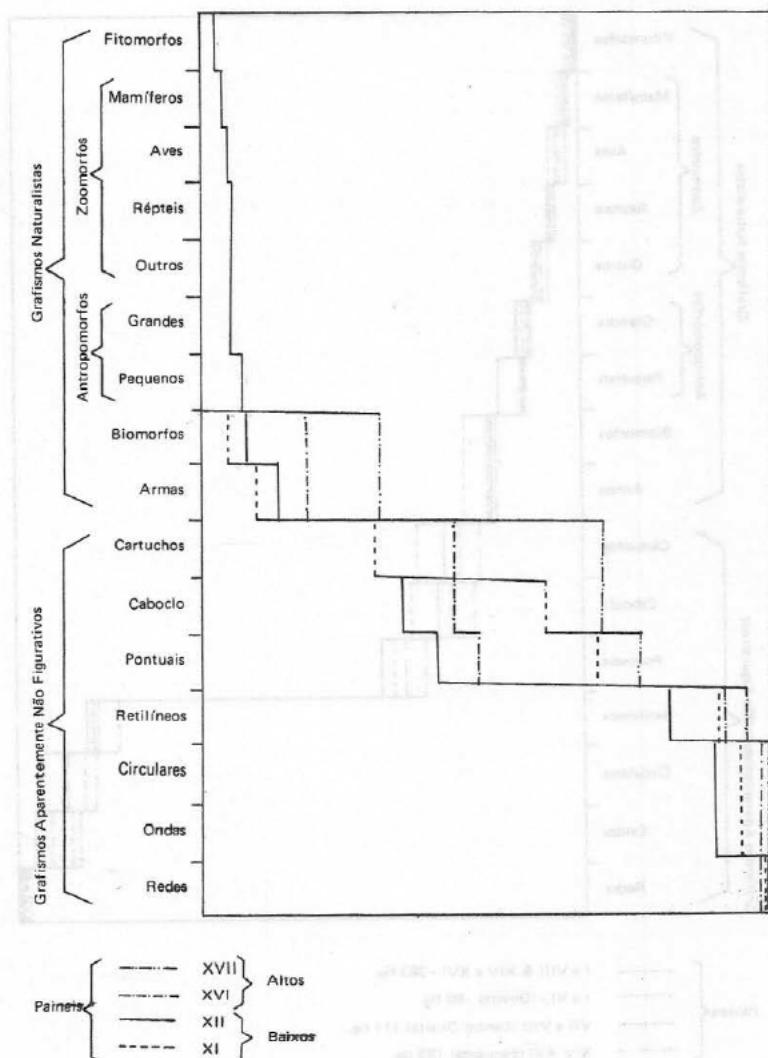


Fig 10 BOQUETE

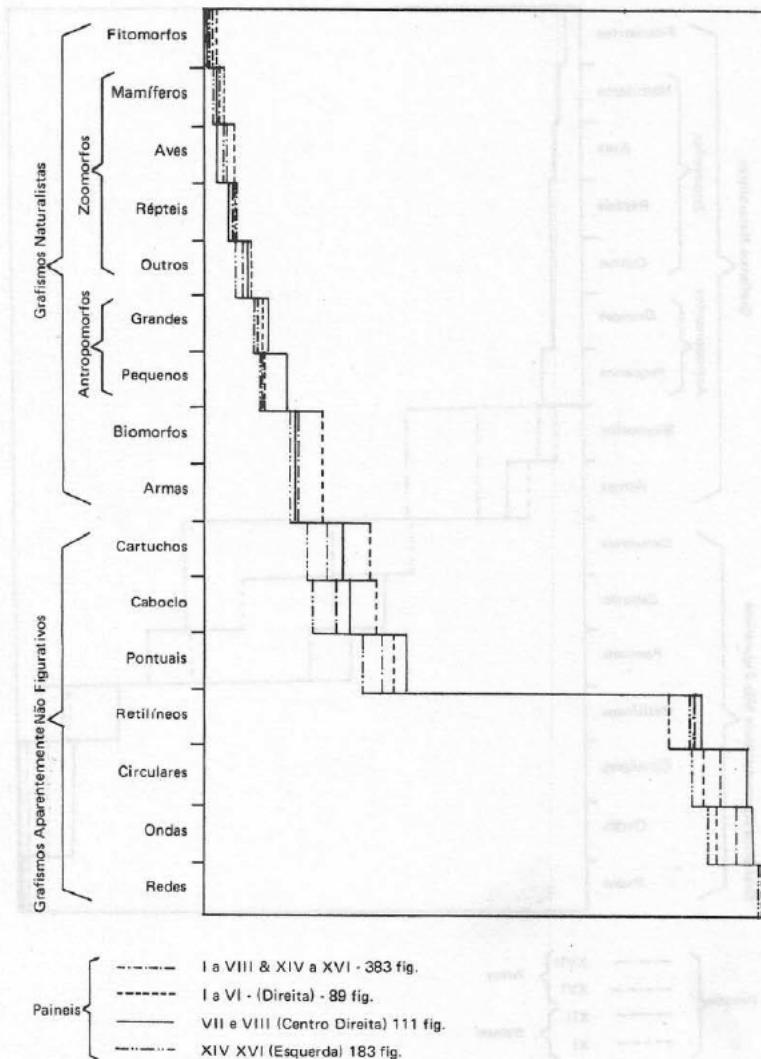


Fig 11 DESENHOS PAINEL I

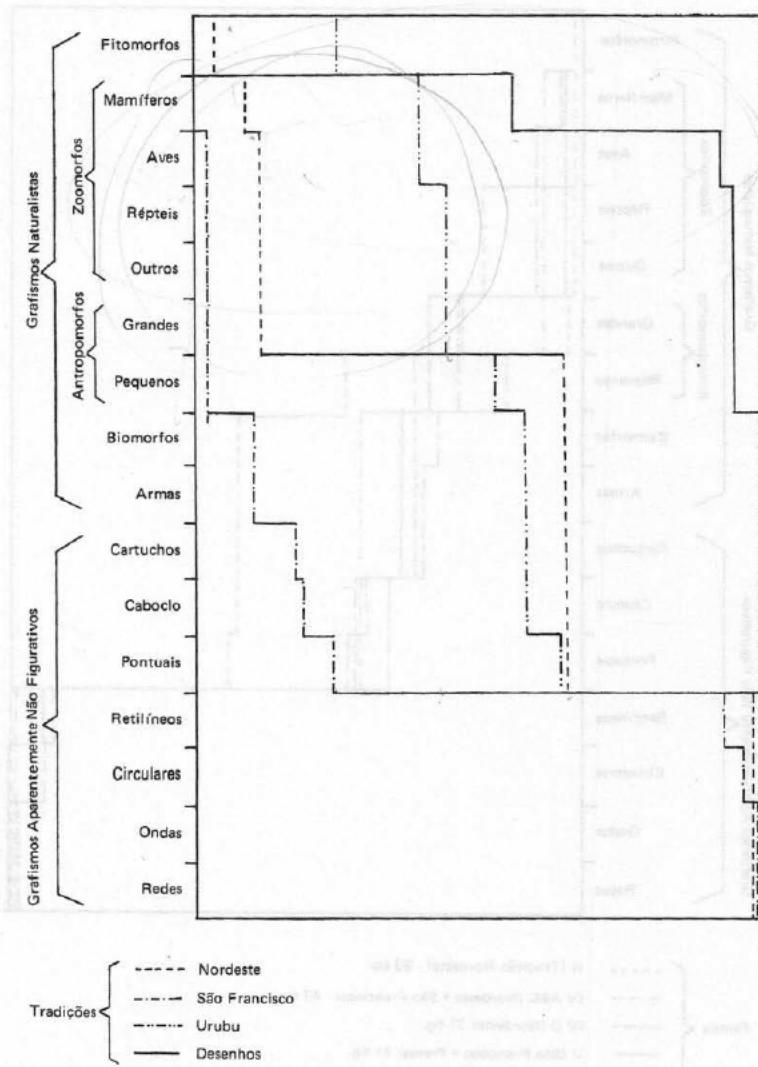
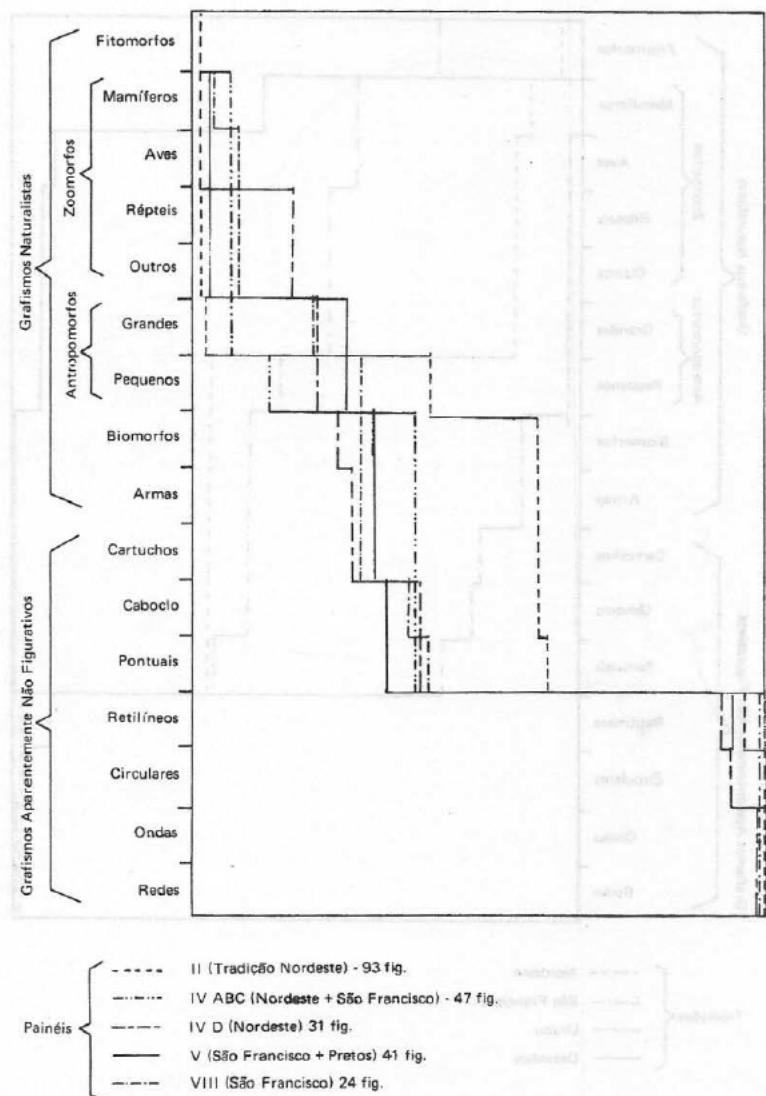


Fig 12 - LAPA DO CAVALO I



Assim sendo, esta família, da maneira como foi definida, não é útil para o tipo de análise aqui proposto; portanto, os tipos de sinais que a compõem deverão ser distribuídos em outras famílias mais operacionais.

. Quando se trata de sítios "puros" ou onde domina claramente uma única das grandes Tradição reconhecidas em Minas Gerais, podemos identificar sua filiação a partir de famílias de figuras menos numerosas ainda. Por exemplo, comparando apenas as porcentagens relativas de zoomorfos, antropomorfos e "sinais" aparentemente não figurativos. O gráfico mais adequado para isto será o triangular, usual nas análises de sedimentos. No exemplo (fig 13) verificamos a distribuição diferencial de sítios das Tradições Nordeste do Piauí (contagens feitas a partir de microfichas publicadas por N. Guidon e sua equipe), Planalto e São Francisco em Minas Gerais.

Evidentemente, uma análise baseada apenas nestas três categorias seria muito superficial; por exemplo, levaria a confundir as Tradições "Sumidouro" e "São Francisco", ou a Tradição Planalto e algumas manifestações ainda não definidas do Norte de Minas Gerais. Neste caso a utilização da lista tipológica completa numa curva cumulativa resolverá o problema.

VI - ANÁLISE INTERNA DO CONJUNTO DE UM SÍTIO

Não detalharemos aqui este tipo de análise, pois vários trabalhos devem ser publicados nos próximos meses (particularmente com o relatório arqueológico das pesquisas em Santana do Riacho). A análise interna do sítio vai desde a relação entre as categorias de grafismos e a topografia deste, até a comparação entre os diversos painéis.

a) Montalvânia

É evidente que a compartimentação natural de alguns sítios foi percebida e utilizada pelos homens pré-históricos. Nos abrigos da região central (ver o texto de M.E. Solá, na primeira parte) de Montalvânia, há uma nítida oposição entre as zonas baixas (e geralmente escuras), que foram exclusivamente gravadas, e as

partes altas verticais e iluminadas, que foram exclusivamente pintadas.

b) Santana do Riacho

No sítio de Santana do Riacho, com mais de cem metros lineares de painéis pintados e quase 2000 figuras registradas, a organização é muito mais complexa.

Podemos distinguir unidades topográficas distintas, porém simétricas, cada qual recebeu um tratamento gráfico especial, a qual reflete no entanto a mesma simetria.

O centro do sítio (P. VI) é uma pequena plataforma com temática peculiar: o teto do local é decorado por um grande número de peixes, "presos" dentro de uma grande rede, formando o conjunto mais destacado, nas imediações de uma cena de cópula (humana) e de casal de cervídeos. De cada lado desta pequena plataforma estende-se um corredor íngreme, com paredes inclinadas, que receberam poucas pinturas, bastantes simples. Saindo dos corredores, há dois grandes patamares, nos quais se concentram a maioria dos grafismos, pintados em paredes planas, e onde os cervídeos são as figuras principais em número como em tamanho.

No entanto, o tratamento preferencial é diferente, já que as figuras são chapadas no patamar da direita, e contornadas com preenchimento de traços no da esquerda. Em cada patamar, uma pequena zona recebeu figuras amarelas acrescentadas num período "tar-dio".

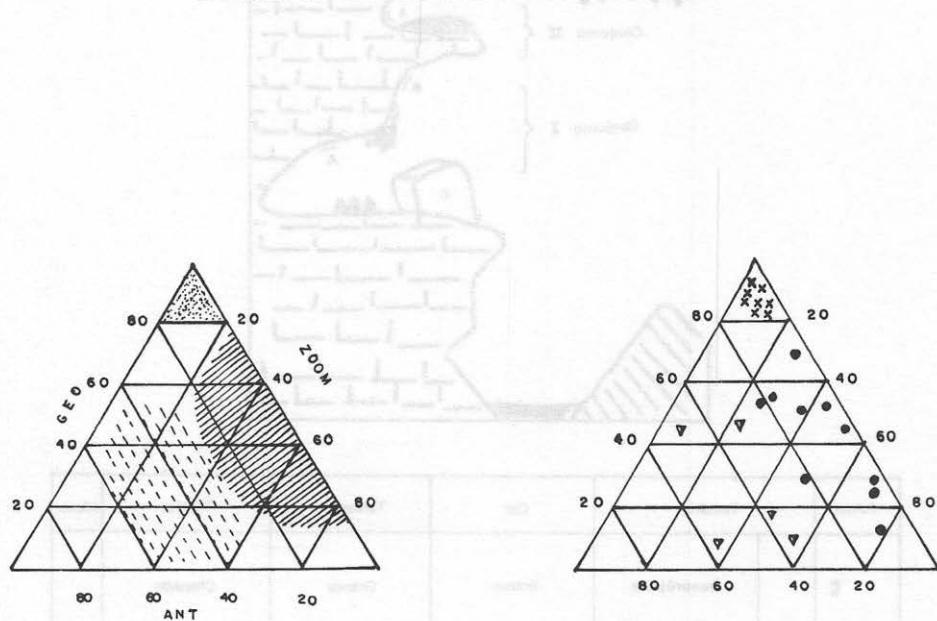
No interior de cada patamar também podemos encontrar subdivisões topográficas, temáticas e técnicas.

Assim sendo, Santana aparece como um conjunto articulado de unidades, em função das quais os pintores planejaram a "decoração", tornando o sítio "inteligível" para o analista, apesar de ser o resultado da atividade de várias gerações de "artistas". Estas impressões vem sendo testadas na análise sistemática do sítio.

c) Lapa "do Ballet"

Em publicação anterior (Prous, 1977), já mencionamos o caso da Lapa do Ballet (perto de Lagoa Santa) com seus seis painéis "naturais" horizontais retangulares escalonados, cada conjunto sendo

FIG. 13 - RELAÇÃO ENTRE OS GRAFISMOS ZOOMORFOS,
ANTROPOMORFOS E GEOMÉTRICOS, NAS TRADIÇÕES
PLANALTO, SÃO FRANCISCO E NORDESTE.



Tradição São Francisco - Sítios (x): Malhador, Índio, Caboclo, Boquete, Veadinho, Andrelândia.

Segundo levantamentos provisórios do Setor de Arqueologia da UFMG.

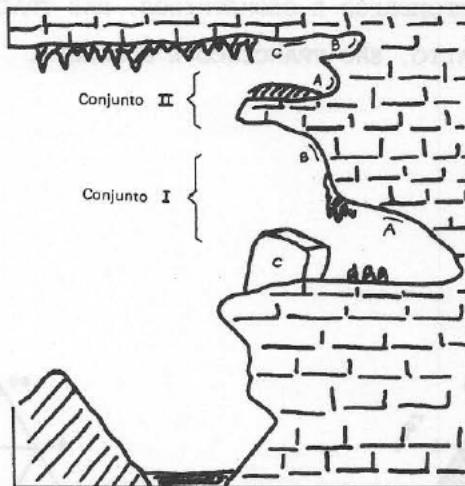
Tradição Planalto - Painéis (•) dos Sítios Cerca Grande, Santana do Riacho e Caetano.

Segundo levantamentos da Missão Arqueológica Francesa de Minas Gerais.

Tradição Nordeste - Sítios (▼) Boa Vista, Baixão Verde, Paraguaio (B,H), Pajau. Levantamento feito pelo autor a partir das microfichas de N. Guidon & outros (Missão Arqueológica Francesa do Piauí).

Fig 14

BORDADAS RÍGIDEAS EM OUTROS MATERIAIS - DA COSTURA



Painel	Temática	Cor	Tamanho	Técnica	Ident.
Conjunto I	Zoomorfos	Quadrúpede	Branco	Grande	Chapado
		Quadrúpede	Ocre	Médio	Contorno Grosso
	Diversos		Muito Pequeno	Contorno Fino c/Preenchimento	Tradição Planalto
Conjunto II	Antropomorfos		*		
		♂			
	Antropomorfos	Preto	Médio	Linear Filiforme	Facies "Ballet"
C	Parto				

* Figura Vermelha entre 2 painéis.

caracterizado por uma temática, uma dimensão de figura constante, uma cor e um tratamento peculiar (ver fig. 14).

Cada painel é separado do seguinte por uma figura em vermelho.

Esta estrutura não parece ter sido projetada de uma vez na parede pois os grafismos dos painéis superiores pertencem a uma Tradição (Planalto) e os de baixo a outra (facies "Ballet", Tradição não definida).

De qualquer maneira, cada tradição organizou de forma lógica suas pinturas dentro do conjunto ocupado e a harmonia atual resulta de uma ocupação progressiva e ordenada do espaço, na qual cada pintor respeitou os grafismos já existentes, acrescentando os seus próprios de maneira a completar harmoniosamente a decoração da pequena gruta.

VII - CONCLUSÃO

Cada abordagem ilustrada aqui foi um meio para procurar resultados específicos.

a) A análise de uma categoria tipológica como a das figuras de tipo "caboclo" ou de "pés" permite eventualmente

. Definir um conjunto estilístico por sua presença (num espaço ou num período definidos). Trata-se então de um estudo das similariedades entre conjuntos de grafismos.

. Definir características peculiares a um (grupo de) sítio ou a um momento cronológico. Trata-se agora de um estudo das diferenças entre os conjuntos comparados.

b) A análise da localização espacial de uma categoria tipológica ou de uma unidade estilística pode trazer informações tanto de ordem "semântica" quanto de ordem cronológica. As primeiras podem se referir a uma grande variedade de razões: desejo de se destacar especialmente certas figuras (pela altura, pelo suporte, pela posição mais ou menos central, etc.); desejo de articular, várias categorias tipológicas numa associação significativa, ou formando composições equilibradas, eventualmente simétricas, preocupação em reservar registros próprios para cartas temáticas etc. As

segundas são fornecidas pela decisão de se obliterar ou de conservar (ou até "reforçar" ou renovar) grafismos anteriores, ou de deixar espaço para futuras figuras, etc.

c) O estudo de um sítio como uma totalidade leva eventualmente a descobrir como o homem pré-histórico de cada época pode ter percebido e tratado o espaço topográfico como um conjunto orgânico.

Poderíamos ter multiplicado os exemplos, já que testes foram feitos tanto no norte e no sul quanto no centro Mineiro, mas o nosso propósito foi apenas mostrar aqui, como, saindo das simples contagens tipológicas, era possível vislumbrar novos caminhos que, esperamos, levarão a conhecer melhor as sociedades pré-históricas, através da sua projeção simbólica nos paredões do Brasil Central.

RÉSUMÉ

L'étude présente plusieurs exemples d'analyses d'arte rupestre, particulièrement choisis dans la région de Januária (Peruaçu). L'analyse stylistique d'un type de figure montre la plus ou moins grande parenté entre les sites. L'étude d'un autre type montre qu'il existe une relation entre les caractéristiques morphologiques et la hauteur à laquelle ces graphismes sont peints. D'autres analyses montrent que le choix et l'utilisation du support rocheux varient d'une Tradition rupestre à l'autre. On propose ensuite l'utilisation de graphiques cumulatifs et triangulaires pour la comparaison des graphismes de divers sites ou de leurs panneaux.

Terceira parte

OS "PÉS" GRAVADOS DAS GRUTAS E ABRIGOS DA REGIÃO DE MONTALVÂNIA (norte de Minas Gerais) - Análises preliminares

Nívea Leite*

I - INTRODUÇÃO

Muitas grutas e abrigos com pinturas e gravações da região de Montalvânia foram prospectados em 1976 e 1977 pela Missão Franco Brasileira de Arqueologia, Setor de Arqueologia da UFMG, a pedido do IEPHA-MG (que não tinha ainda um Setor de Arqueologia).

Tais gravações são encontradas sempre nas zonas iluminadas pela luz do dia, mais comumente nas partes baixas horizontais e sub-horizontais, e foram feitas através do picoteamento.

Pelo Relatório destas prospecções (1977), vemos que nos sítios da região de Montalvânia existem grafismos rupestres que também são encontrados no vale do rio Peruaçú (nos municípios de Janaúria e Itacarambi, próximos a Montalvânia), o que é ainda assinalado por PROUS; JUNQUEIRA; MALTA (1984), quando dizem que as duas regiões apresentam uma temática comum "pobre e bem definida": "São pequenos antropomorfos associados a objetos - lanças, propulsores, machados, talvez maracás - sem formar cenas de ação. Mais comuns são os sinais lineares simples, eventualmente aos pares como "estrelas", losangos alinhados em barra vertical - lembrando um caduceu - bastonetes com "cabeça" em ponto ou em círculo, bastonetes com secantes, linhas de pontos em semi-círculos, formas alongadas em protuberâncias lembrando pés. Eventualmente aparecem zoomorfos em perspectiva de plongée - sauros? e "cobras".

Estes grafismos apontados acima não são as únicas manifesta-

* Colaboradora do Setor de Arqueologia UFMG, doutoranda na USP.

ções da Tradição São Francisco (vide), mas de acordo com os autores citados eles parecem existir "desde o período inicial do Tradição mantendo-se até o final dela".

Dentre tais figuras, destacamos as "formas alongadas com protuberâncias lembrando pés". Elas são visualmente marcantes na região de Montalvânia, porque aparecem quase sempre agrupadas (alinhasadas ou não) e próximas a outras figuras (geométricas ou naturalistas), e são também bastante numerosas, enquanto que no vale do rio Peruaçú elas não parecem ser, pelos estudos feitos até agora, nem visual, nem numericamente marcantes, apesar da proximidade geográfica entre as duas regiões, assim como da proximidade temática da sua arte rupestre.

A proposta deste trabalho é, pois, uma análise preliminar destas figuras ("pés") da região de Montalvânia, feita a partir de quantificações relativas e também do contexto. Serão quantificações relativas porque não existe um levantamento sistemático e completo das figuras daquela região; buscou-se então nos slides das prospecções uma amostragem a partir da qual se pudesse chegar a conclusões que, mesmo preliminares e generalizadas, pudessem abrir um leque de possibilidades para futuros estudos.

II - A PESQUISA

1. Observações gerais

Estas observações foram feitas a partir da projeção de centenas de slides e cópia integral daqueles onde estão representadas as figuras em destaque neste trabalho.

26 das 61 grutas prospectadas pelo Setor de Arqueologia foram assim analisadas e somente em 10 se pode registrar a ocorrência dos "pés": 8 com "pés" gravados (Fig. 1 a 10) e 2 com "pés" pintados (Fig. 12 e 13).

Podemos observar que os "pés" foram representados geralmente aos pares ou conjuntos maiores, os quais às vezes lembram 2, 3 ou mais pares agrupados.

Na maioria das vezes os "pés" foram feitos na mesma direção, entretanto alguns (cerca de 10%) estão em oposição.

É mais comum também encontrarmos os pares ou conjuntos com "pés" do mesmo tamanho, mas há raros exemplos de pares em que um

"pé" é bem maior do que o outro.

2. Análise dos "pés"

Tal análise foi feita a partir de uma quantificação por sítio e técnica de representação, assim como quanto à forma e ao número de "dedos".

Foram quantificados assim 133 "pés" (Tab. 1), e podemos então ver que:

- a) 92,5% dos "pés" foram feitos com a técnica do picoteamento e somente 7,5% com a técnica da pintura com tinta pastosa.
- b) Cinco são as suas formas: quadrangular , calcanhares arredondados , redondo , calcanhares finos  e torto , sendo que a forma predominante é a de calcanhares arredondados (65%), seguido da forma de calcanhares finos (17,9%); as outras formas não são quantitativamente significativas.
- c) O número de "dedos" dos "pés" picoteados varia de 3 até 7, predominando aqueles feitos com 4 "dedos" (46,3%), seguido dos de 3 "dedos" (30,9%). Os "pés" pintados vistos até agora são em número insignificante, não se justificando, portanto, tal abordagem.
- d) A forma quadrangular tem 7 figuras no total, dentre as quais predominam as de 3 "dedos"; enquanto que a forma redonda tem um total de 12 representações, predominando as de 5 "dedos". Entretanto, como estas duas formas não são numericamente significativas, pelo menos até o presente estágio das pesquisas, estes exemplos não foram considerados característicos para uma relação entre a forma geral do "pé" e o número de "dedos".
- e) As duas formas predominantes entre os "pés" picoteados (a de calcanhares arredondados e a de calcanhares finos) são as únicas formas encontradas entre os poucos "pés" pintados.
- f) Nos sítios onde são encontrados os "pés" picoteados não se verificou nenhum "pé" pintado ou vice-versa.

3. Esboço de análise de contexto

Tal esboço foi feito a partir da quantificação das figuras representadas próximas aos "pés" (Fig. 1 a 13), e assim se pode

verificar a presença de uma grande variedade de:

- a) figuras circulares e semicirculares (70)
- b) figuras arredondadas com 2, 3 ou mais apêndices (24 picoteadas, mais 4 pintadas).
- c) linhas retas que se bifurcam ou trifurcam (34).
- d) linhas retas com adendos laterais retos ou curvos (6).
- e) vemos também muitas variedades de biomorfos (55 antropomorfos picoteados e 1 pintado, 18 zoomorfos e 4 indefinidos).
- f) objetos (13).

Em um outro nível, vemos que *as figuras circulares e semi-circulares, e as arredondadas com apêndices* têm sempre próximos a elas "pés" ou biomorfos, como podemos ver nas ilustrações.

Por outro lado, *as linhas retas bi ou trifurcadas* também estão próximas aos pés ou biomorfos e lembram os dedos de algumas figuras biomorfas. Na Gruta Bíblia de Pedra (Fig. 9) há uma figura biomorfa sem os "dedos" das mãos, mas com 3 "dedos" no pé esquerdo e 2 no pé direito, tendo à sua direita uma linha reta trifurcada (dedos?); estas figuras são rodeadas de "pés". Em Hidra B (Fig. 2) há um "pé" em que o segundo "dedo" da direita para a esquerda é um desses sinais bifurcados.

A outra variedade de figuras, *a linha reta com adendos laterais retos ou curvos* está, como nos casos precedentes, próxima a "pés" ou biomorfos, ou mesmo próxima a objetos, como se pode ver em Centímanos (Fig. 11) (Talvez se possa até pensar que a linha reta com apêndices curvos seja um objeto (um arpão) como se verá mais adiante). Interessante é um exemplo encontrado na Gruta Bíblia de Pedra (Fig. 9): trata-se de duas figuras próximas, uma acima da outra, e que juntas lembram essa linha reta com adendos laterais, só que um desses adendos é trifurcado como se fossem dedos, e a extremidade superior é também trifurcada; estas duas figuras têm à sua esquerda uma linha trifurcada como as citadas anteriormente.

As figuras biomorfas estão sempre próximas aos "pés" ou às variedades descritas em a, b, c, d, o que faz naturalmente pensar em uma relação entre todas estas figuras, ou seja, "pés", biomorfos, figuras circulares e semi-circulares, figuras arredondadas com apêndices, linhas retas bi ou trifurcadas e linhas retas com

adendos laterais.

Observa-se também que existe uma tendência à esquematização entre os antropomorfos e zoomorfos (Fig. 1 a 13): há grupos de figuras antropomorfas que têm a mesma forma geral do corpo, a mesma posição dos braços e das pernas, mas que diferem quanto à ausência ou presença de dedos, ou do sexo, ou da cabeça. Vemos três exemplos desta esquematização em Hidra A (Fig. 1) e um exemplo na Lapa do Gigante (Fig. 4). Em Vulcano (Fig. 10) esta esquematização toma outro aspecto: a forma geral do corpo não é mantida e sim a posição dos membros, como também o detalhe dos dedos: (Os exemplos citados destas esquematizações foram circundados nas Figuras). Marcante também é o fato de, entre os 56 antropomorfos pinteados e pintados, 45 ou seja 80,4% não terem dedos nos pés e mãos, mas estarem representados perto de "pés". Por outro lado, das 18 figuras zoomorfas, 50% têm dedos nos "pés", mas estão quase sempre agrupadas entre si e não muito próximas a "pés".

O relacionamento das figuras citadas com os objetos pode também ser inferido a partir de Centímanos (Fig. 11), onde existem objetos próximos às variedades de figuras citadas em *a*, *b*, *c*, *d*, e que por sua vez estão relacionadas aos "pés" e biomorfos, o que nos permite supor um relacionamento entre os objetos e as demais figuras analisadas anteriormente. Vemos em Diplodocus (Fig. 6) uma figura que talvez possa exemplificar este relacionamento: trata-se de um biomorfo com a cabeça parecida com um machado semi-lunar e próximo a um "pé".

Mas é na Lapa do Poseidon, onde só existem gravações, e cuja montagem ainda está sendo feita (por isso não será mostrada neste trabalho), que podemos ver com mais clareza esta ligação "pés" - objetos - e outras variedades de figuras mencionadas. Lá é grande o número de objetos, dentre eles muitos propulsores (alguns acoplados a setas e um acoplado a um arpão); há também uma maraca. Estes objetos são em número de 28: 13 propulsores mais complexos $\frac{1}{4}$, 1 propulsor mais simples 1, 11 setas † e uma maraca ϕ , e representam 14,5% do total das figuras vistas até agora no sítio. (Nos outros sítios exemplificados nas ilustrações, os propulsores não são numerosos como em Poseidon, e nem tão complexos; tendo sido pois através da análise da Lapa do Poseidon que se pode, conjecturalmente, identificar algumas figuras como sendo objetos).

Os objetos da Lapa do Poseidon estão sempre próximos aos "pés"

e as formas predominantes destes são as mesmas das outras grutas: a de calcanhares arredondados (72,1%) e a de calcanhares finos (14%). Todas as outras formas de "pés" presentes nas outras grutas também são encontradas na Lapa do Poseidon (Tab. II). Dentre os "pés" deste sítio predominam, como nos outros sítios, aqueles de 4 e 3 "dedos" respectivamente. Por outro lado existem menos "pés" no Poseidon do que nas outras grutas (22,3% contra 35,5% em média) e mais objetos (14,5% contra 3,7%) (Tab. III).

Os biomorfos têm porcentagens aproximadas: 17,1% em Poseidon e 21% no conjunto dos outros sítios (Tab. III).

As outras variedades de figuras têm também freqüências aproximadas (Tab. III).

Assim, em vista da concordância do Poseidon com o encontrado nas outras grutas, pode-se inferir que algumas figuras das outras sejam representações de objetos e que estes estejam relacionados com os "pés" e com as outras categorias de figuras já mencionadas. (O fato de se encontrar eventualmente, algumas dessas figuras longe das representações dos "pés" não é suficiente para se anular a possibilidade desse relacionamento).

Os poucos "pés" pintados da região de Montalvânia são mostrados nas Fig. 12 (Dragão) e 13 (Cipó Norte). Pode-se aí ver alguma repetição do contexto dos "pés" gravados, mas aparecem também tipos novos nos dois sítios bastante geometrizados (figuras pectiniformes e onduladas, por exemplo).

III - CONCLUSÃO

Na região de Montalvânia os "pés" são geralmente representados aos pares ou conjuntos maiores, e com os "dedos" voltados para a mesma direção.

Predominam aqueles feitos com a técnica do picoteamento.

Diversas são as formas, mas a mais encontrada é a de calcanhares arredondados, não se podendo, entretanto, através desta amostragem, estabelecer relações entre a forma do "pé" e o número de "dedos".

Entre os "pés" feitos com a técnica predominante, vimos relações de proximidade com os biomorfos, objetos, figuras circulares e semi-circulares, figuras arredondadas com apêndices, linhas retas bi ou trifurcadas e linhas retas com adendos laterais.

A repetição dessa proximidade em vários sítios nos permite supor que talvez haja, entre tais figuras, relações de associação.

E se se pode falar em associação entre figuras biomorfas, "pés" e objetos, talvez então possamos dizer que as figuras que lembram pés são realmente representações de pés; simbolizando quem sabe os próprios biomorfos; talvez possamos dizer também que as outras variedades de figuras têm um valor simbólico, quiçá ligado aos biomorfos.

No vale do rio Peruacú, estudos preliminares nos permitem já entrever diferenças em relação ao estudo ora apresentado, pois as representações de pés do Peruacú foram feitas com a técnica da pintura com tinta pastosa (alguns são bicolônicos). Além do mais, no Peruacú os pés não são visualmente marcantes como em Montalvânia (e parecem também não ser numericamente significativos), e talvez o tipo de associação se aproxime mais daquele visto para os pés pintados de Montalvânia.

Portanto, os pés, constituem um grupo de figuras aproveitável para estudos de diferenciação microregional dentro da Tradição São Francisco, pois as regiões de Montalvânia e do Peruacú apresentam entre si diferenças marcantes tanto qualitativa como quantitativamente.

Fig. 1 LAPA DA HIDRA A

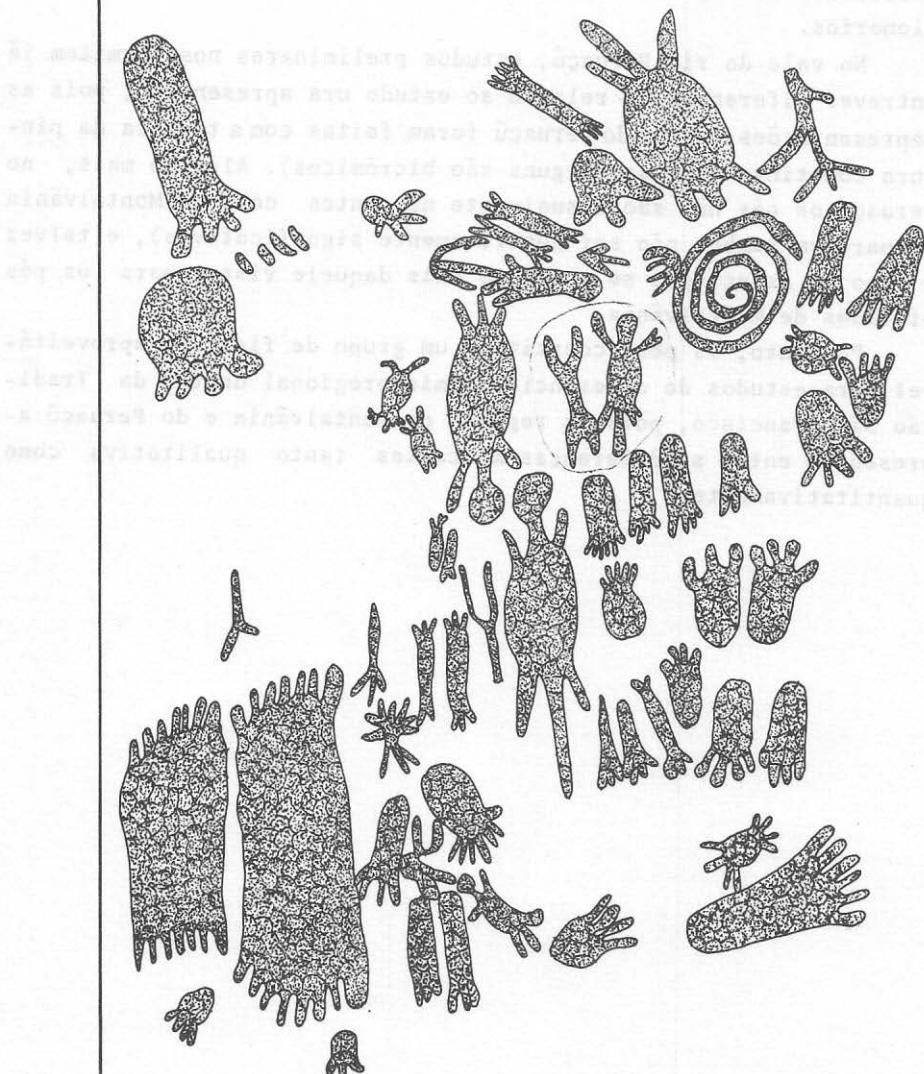


Fig. 2 LAPA DA HIDRA B

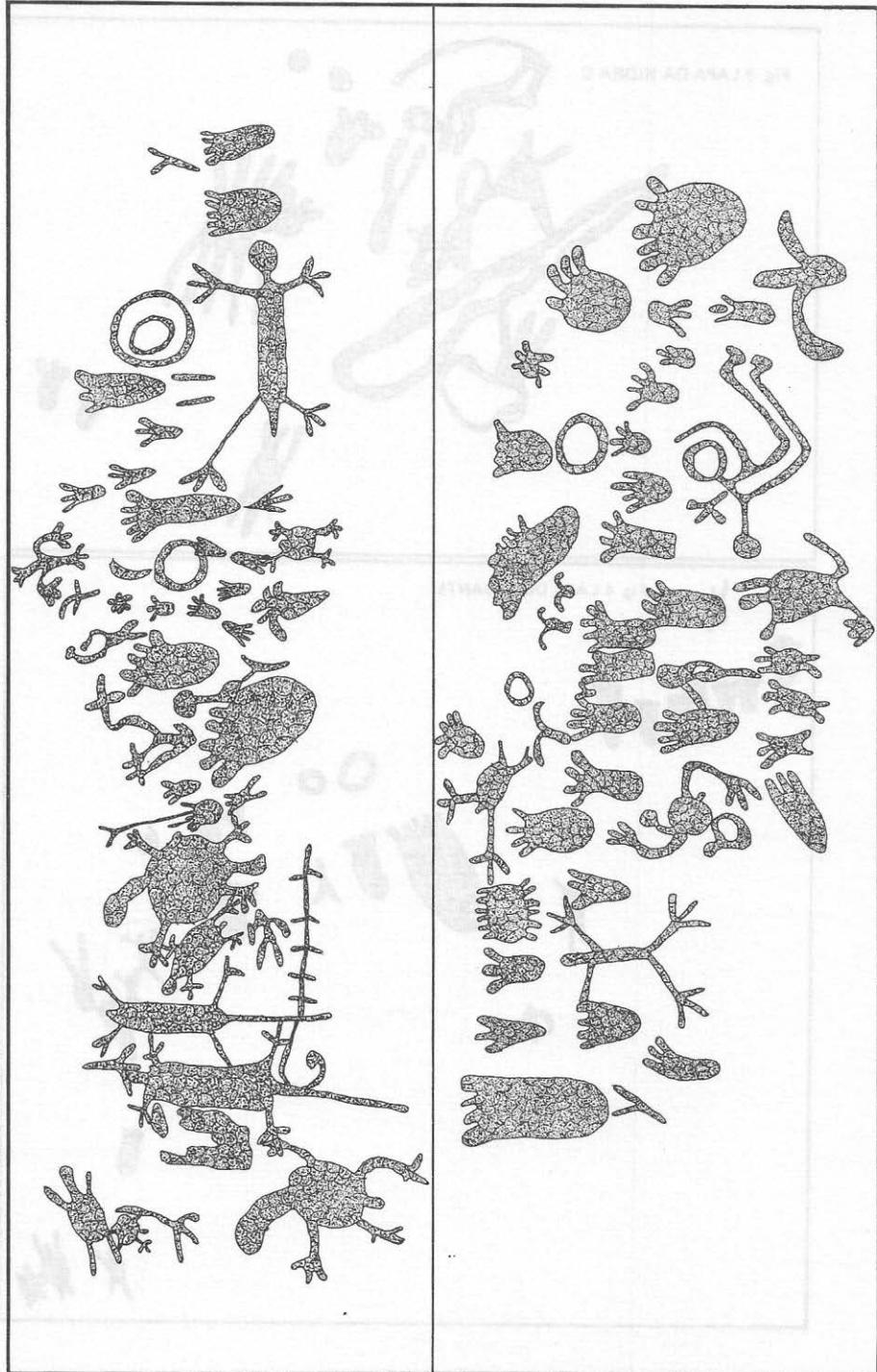


Fig. 3 LAPA DA HIDRA C

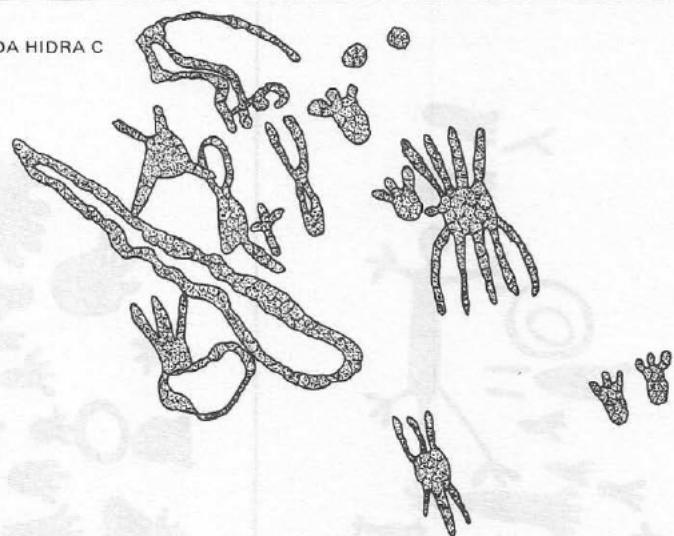


Fig. 4 LAPA DO GIGANTE

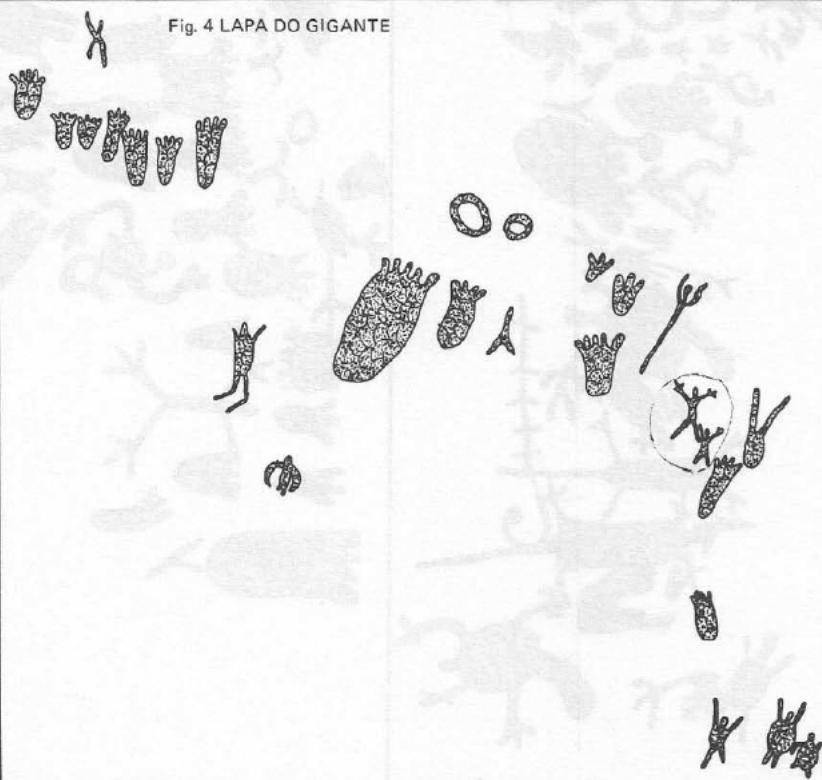


Fig. 5 LAPA DO DIPLODOCUS II



Fig. 6 LAPA DO DIPLODOCUS

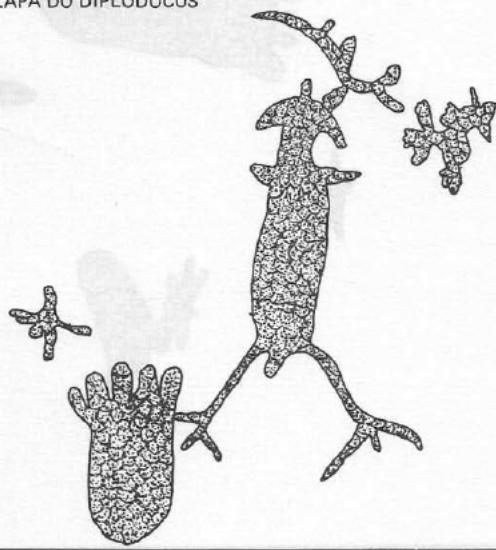


Fig. 7 LAPA DO LABIRINTO

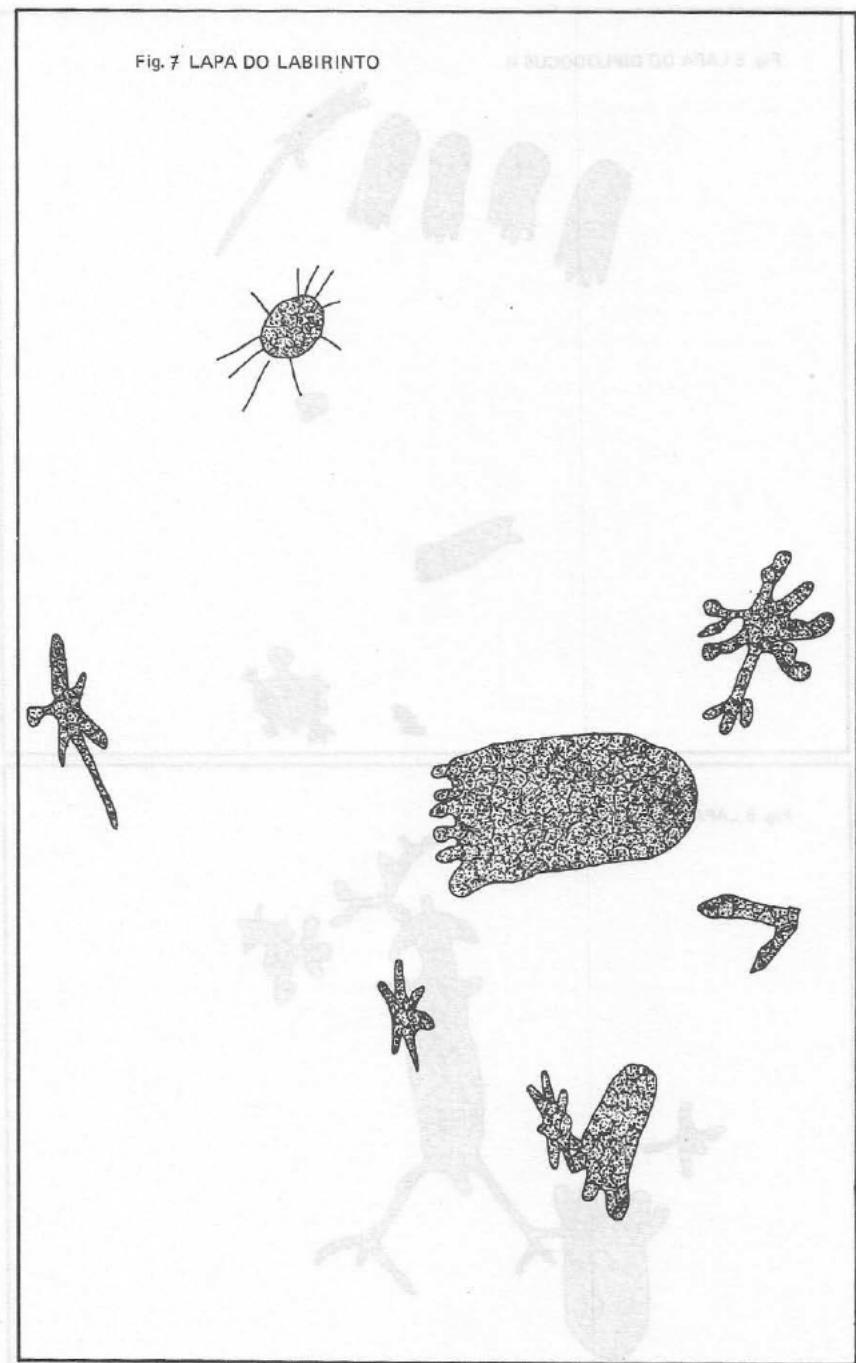
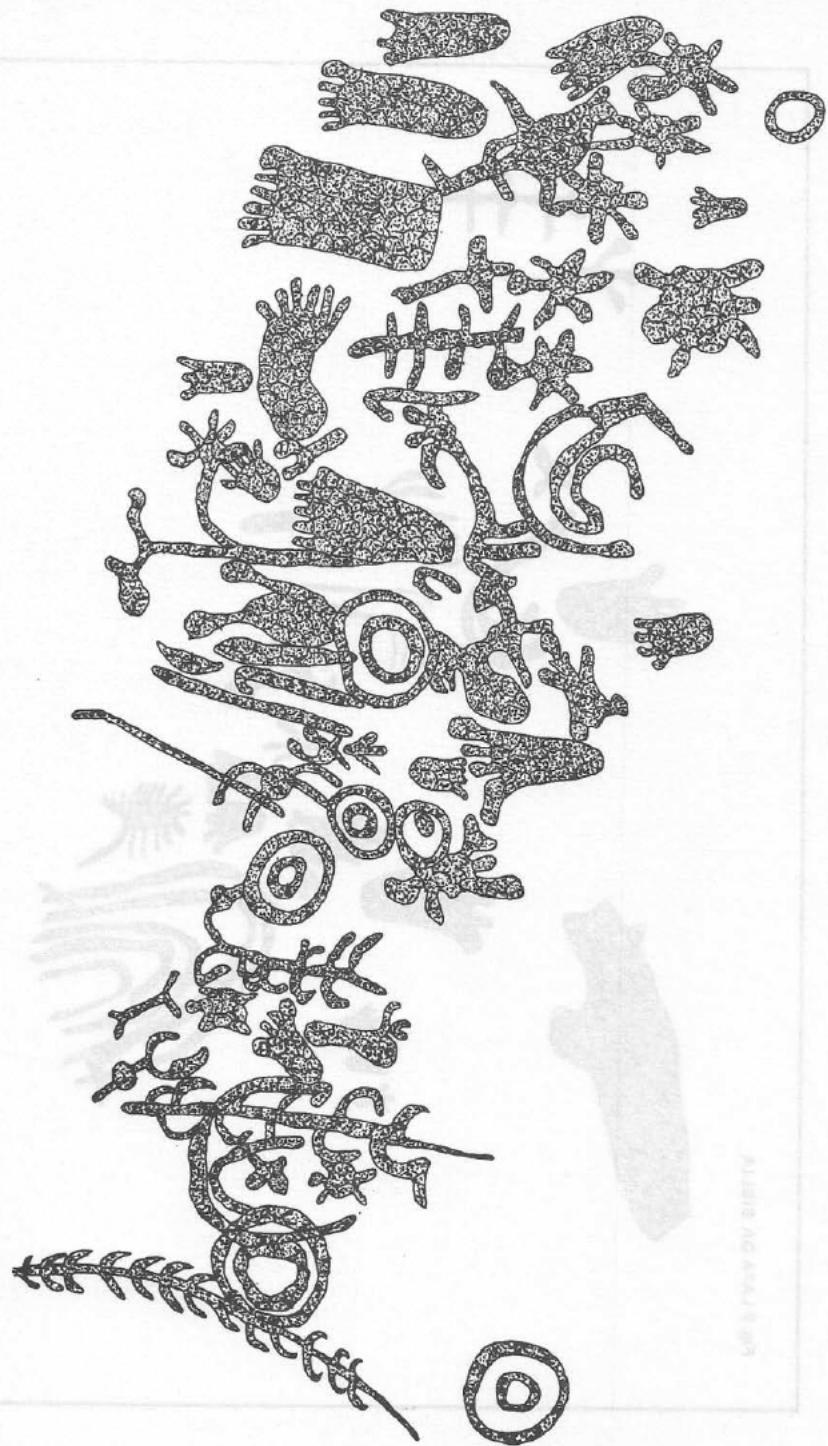


Fig. 8 LAPA DO LABIRINTO



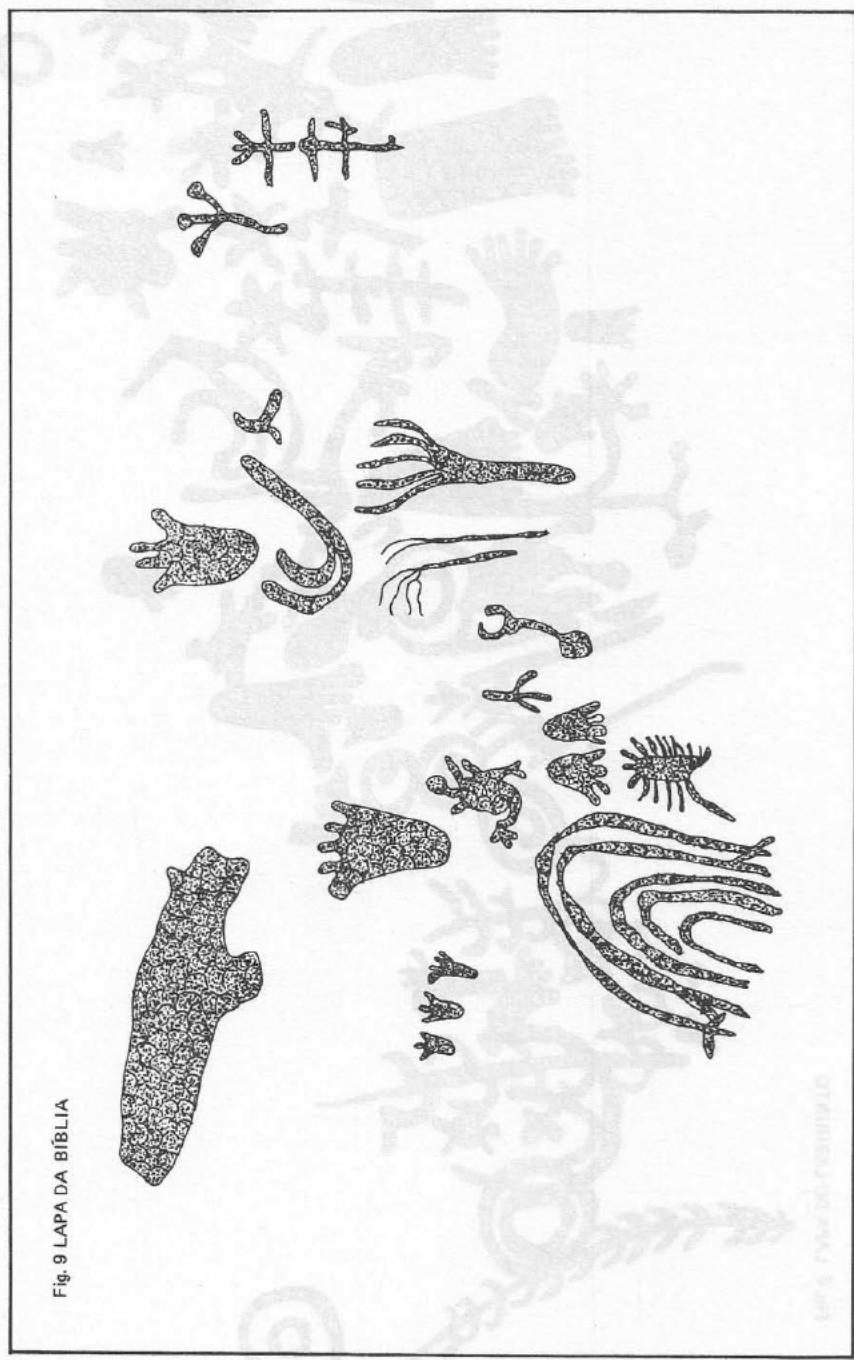
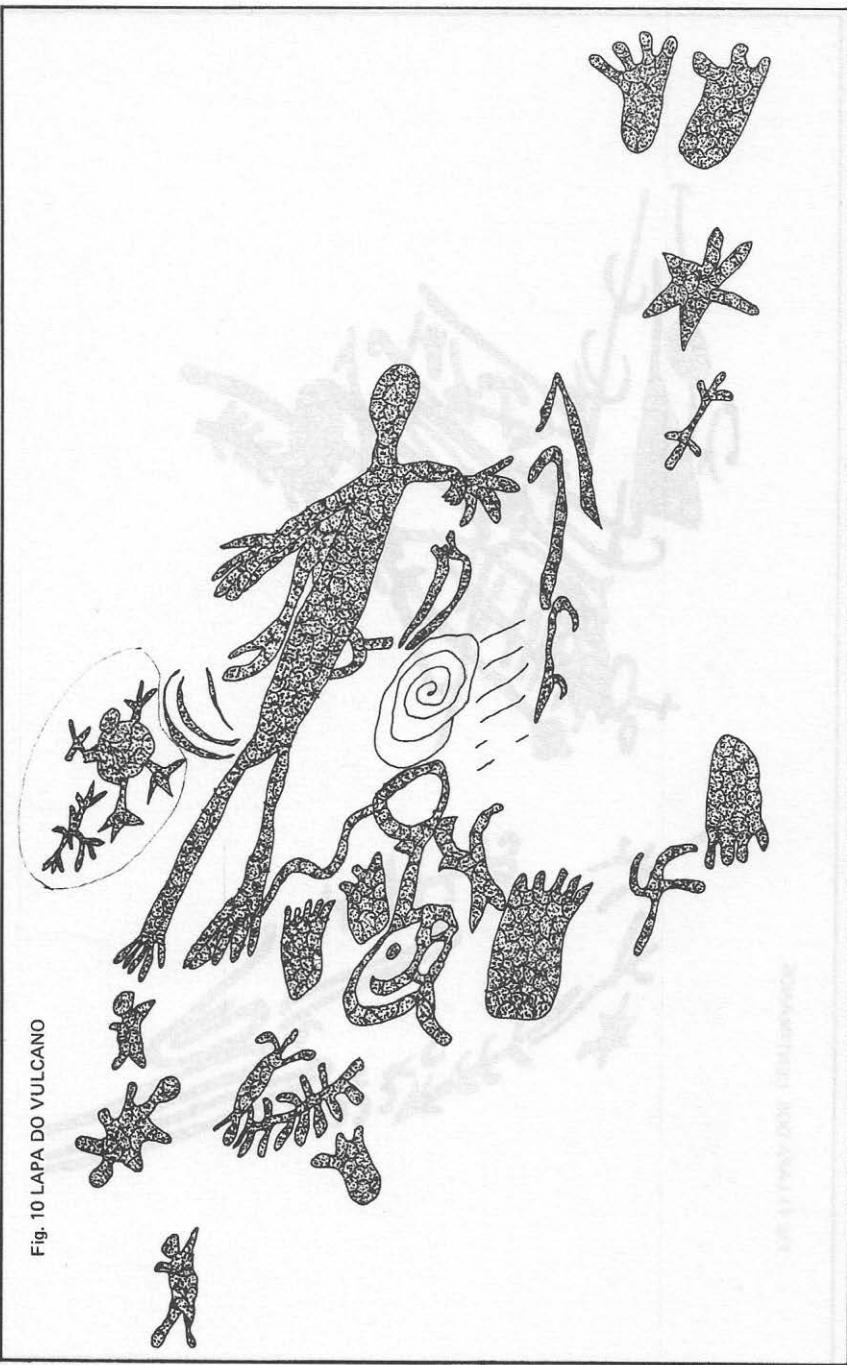


Fig. 9 LAPA DA BÍBLIA

Fig. 10 LAPA DO VULCANO



Arte rupestre do Brasil pré-histórico

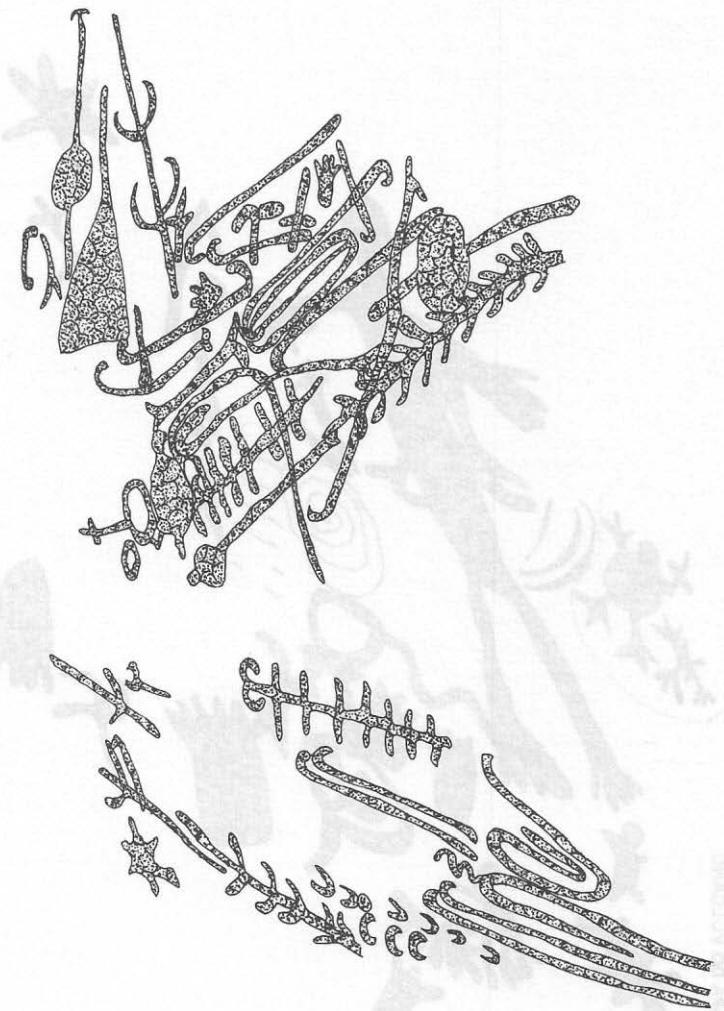


Fig. 11 LAPA DOS CENTIMANOS

Fig. 12 LAPA DO DRAGÃO

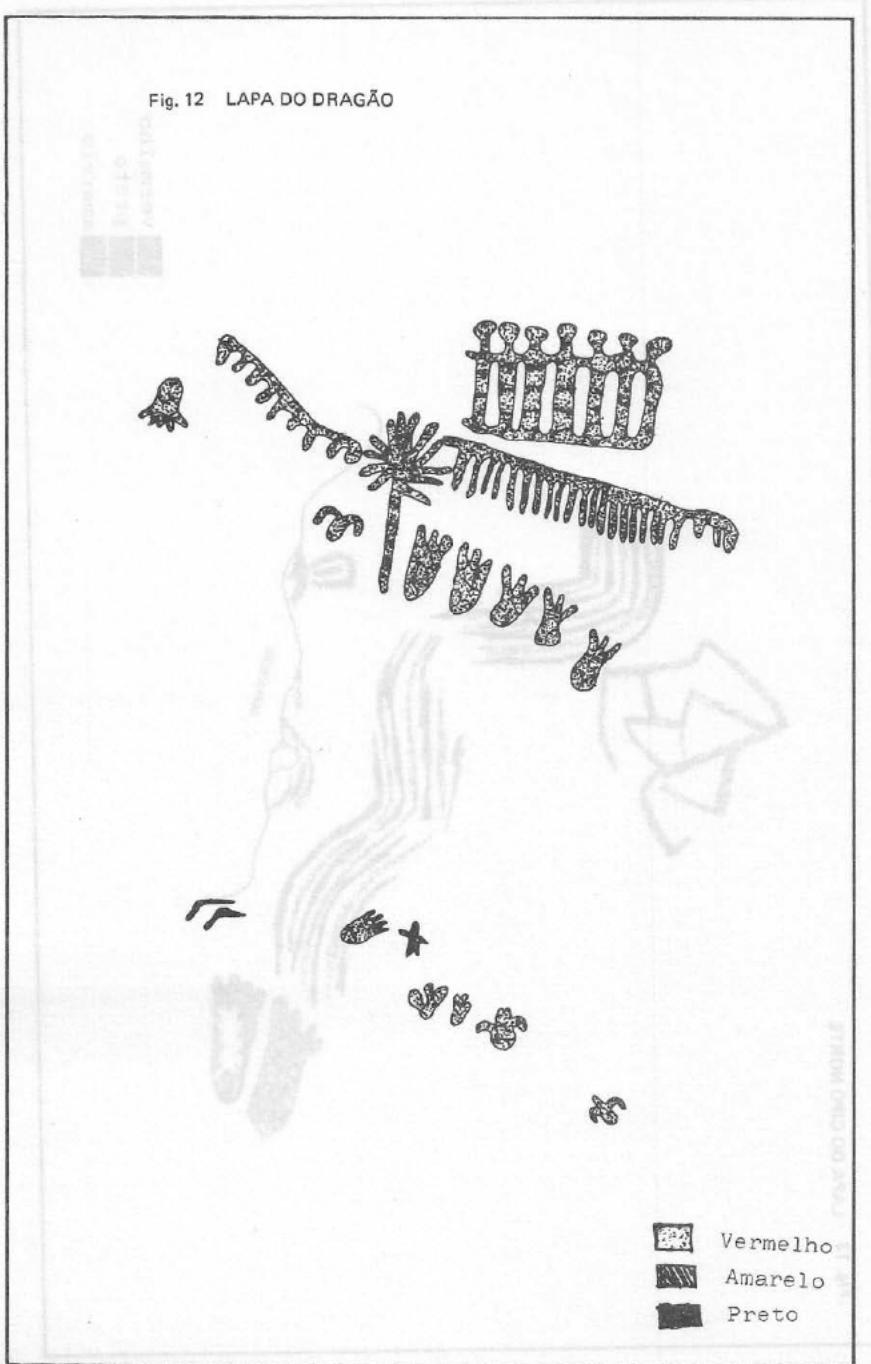


Fig. 13 LAPA DO CIPÓ NORTE

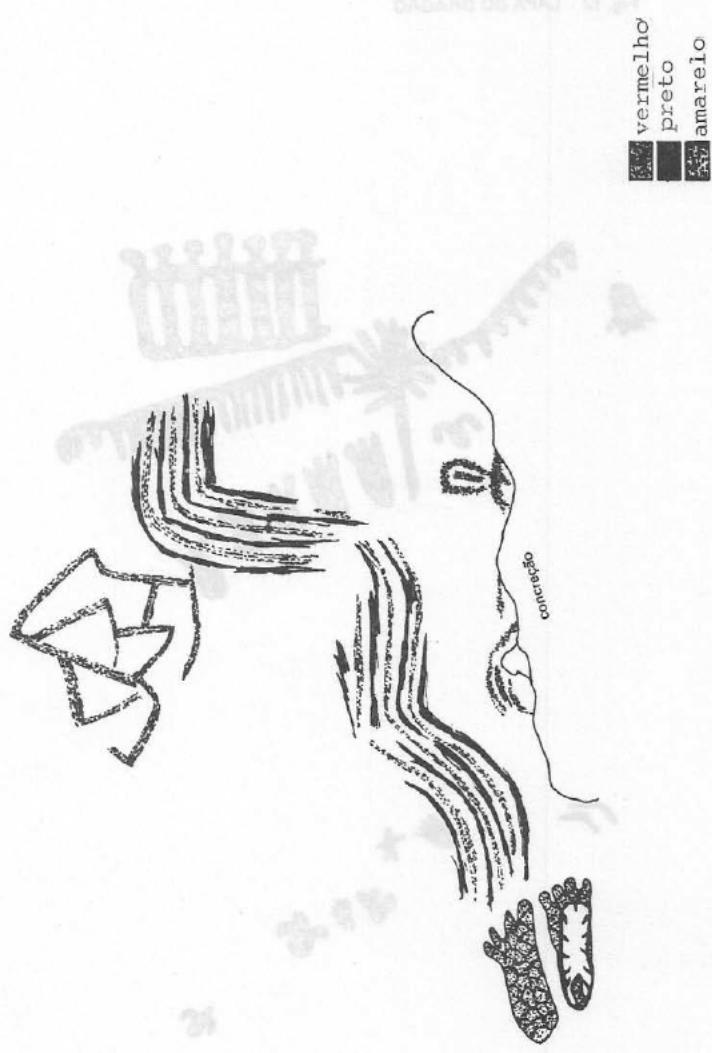


TABELA I
"Pés" de Montalvânia

Formas dos "pés" gravados	U	U	O	V	C																Total						
Número de dedos	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7							
Hidra A-B-C	2	1	-	-	-	19	23	4	2	-	4	4	2	-	5	4	-	-	-	27	32	8	4	1	72		
G i g a n t e	-	-	-	-	-	-	8	4	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	-	2	9	4	-	-	15		
Diplodocus	-	-	-	-	-	1	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	2	-	-	5		
Labirinto de Zeus	-	-	-	1	-	3	3	2	1	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	1	3	6	3	3	-	15	
Bíblia de Pedra	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3	1	-	-	2	4	1	-	-	7	
V u l c a n o	1	-	2	-	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	2	-	-	7		
Centímanos	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	2	-	-	-	2		
T o t a l	3	1	2	1	-	25	40	12	3	-	5	5	2	-	9	12	1	-	-	1	38	57	20	7	1	123	
%	7 = 5,7%					80 = 65%					12 = 9,8%				22 = 17,9%		2 = 1,6%	30,9%	46,3%	16,3%	5,7%	0,8%	92,5%				
Formas dos "pés" pintados																											
D r a g à o	-	-	-	-	-	5	1	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	6	1	1	-	-	8		
Cipó Norte	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	
T o t a l	-	-	-	-	-	5	3	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	6	3	1	-	-	10		
%						9 = 90%									1 = 10%										7,5%		
																								133			

TABELA II

Comparação dos "pés" gravados da Lapa do Poseidon (Montalvânia-MG) com os de um conjunto de grutas da região

Formas dos "pés"	U							O							C							V							S						
Número de dedos	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	3	4	5	6	7	T				
Poseidon	1	-	-	-	-	6	19	6	-	-	1	1	1	1	-	5	-	1	-	-	1	-	-	-	-	14	20	8	1	-	43				
		1 = 2,3%				31	= 72,1%				4	= 9,3%				6	= 14%		1 = 2,3%		32,6	46,5	18,6	2,3	-										
Conjunto de outras grutas	3	1	2	1	-	25	40	12	3	-	-	4	5	2	1	9	12	1	-	-	1	-	-	1	-	38	57	20	7	1	123				
		7 = 5,7%				80	= 65%				12	= 9,8%				22	= 17,9%		2 = 1,6%		30,9	46,3	16,3	5,7	0,8										

Comparação dos "pés" gravados da Lapa do Poseidon (Montalvânia-MG) com os de um conjunto de grutas da mesma região

	Pés	a	b	c	d	e	f	<u>Indefini-</u>	Total
Poseidon	43	50	7	16	3	33	28	13	193
	22,3%	25,9%	3,6%	8,3%	1,6%	17,1%	14,5%	6,7%	
Conjunto de outras grutas	123	70	24	34	6	73	13	4	347
	35,5%	20,2%	6,9%	9,8%	1,7%	21,0%	3,7%	1,2%	

* a, b, c, d, e, f → item 3

TABELA III

COMENTÁRIOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE ANÁLISE RUPESTRE EM MINAS GERAIS

André Prous*

Longe de serem análise com finalidade puramente descritiva, os exemplos apresentados nas páginas anteriores são apenas trabalhos preliminares antes de serem formuladas perguntas básicas como: quem fez os grafismos? onde, porque e para que?

Com efeito, até agora, tínhamos trabalhado sobretudo para saber quando tinham sido realizadas as figuras rupestres; dispondo já de esboços de cronologias absolutas ou, pelo menos, relativas, em duas regiões do Estado, tornava-se justificado iniciar a análise interna de cada uma das maiores unidades estilísticas.

A maior parte dos exemplos apresentados nas páginas anteriores dizem respeito à Tradição São Francisco, cuja grande extensão geográfica e duração cronológica sugerem que deve apresentar variações importantes no tempo e no espaço.

Uma primeira abordagem consiste em estudar as técnicas utilizadas; é assim que parte dos sítios de Montalvânia tem parte da sua originalidade na utilização do picoteamento, enquanto que os sítios do Alto São Francisco se distinguem pela utilização quase exclusiva de traços lineares finos, excluindo quase totalmente o chapado para as figuras geométricas.

Outra abordagem consiste em buscar temas regionais, como as figuras do "tipo Caboclo", freqüentes apenas em alguns sítios de Januária, mas que encontramos isolados em alguns lugares da Bahia

* Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. UFMG; Bolsista do CNPq; Mission Archéologique Française du Minas Gerais.

e de Montalvânia (levantamentos do IAB mostram que este tipo de figura se estende para o sul até Varzelândia).

No estágio atual da pesquisa, acreditamos que a Tradição São Francisco, talvez originária do Alto Médio São Francisco (onde é muito representada e apresenta grande variedade gráfica) ter-se-ia expandida rio acima e rio abaixo, modificando-se nas zonas periféricas. Pretendemos tentar, nos próximos anos, a delimitação de verdadeiros territórios rupestres, que talvez possam ser abrigados a grupos tribais distintos, embora provavelmente aparentados, a partir da "arte" rupestre.

O estudo detalhado de uma mesma região geográfica (como a de Januária, ou a de Montalvânia), mostra a justaposição de pequenas zonas "nucleares", com características nítidas, separadas por faixas "fronteiriças" com mistura de atributos; isto poderia, em certos casos, ser explicado pela alternância de tribos vizinhas nos sítios de região fronteiriça e em outros por uma simples sucessão de população. A distinção entre os dois fenômenos se faz pela observação dos "fósseis-guias" das unidades estilísticas; no primeiro caso, as superposições não se fazem sempre no mesmo sentido nos diferentes sítios ou painéis (por exemplo, as figurações do grupo "A" podem tanto suceder aos grafismos do grupo "B" quanto pode ocorrer o contrário, segundo as fórmulas A-B, ou B-A, ou ainda A-B-A-B etc.); no segundo caso, a evolução se faz sempre da mesma maneira, uma característica apresentando-se *sempre* como mais antiga e outra, como mais recente (fórmula A-B, apenas).

Dentro de um único sítio, o estudo topográfico das obras pode revelar tanto uma ocupação progressiva do suporte (elementos cronológicos) quanto sua divisão em segmentos significativos (grafismos "reservados" às zonas centrais ou marginais, altas ou baixas etc.), sem falar das associações preferenciais entre os tipos ou as cores. A análise topográfica permite assim descobrir uma projeção ideológica, espacial e hierárquica, nos paredões pelo homem pré-histórico.

O estudo gráfico das figuras e físico-químico das tintas de cada figura (em fase inicial ainda) e o das impressões palmares (algumas foram observadas em Januária, deixadas involuntariamente por mãos manchadas de tinta), permitirão mais tarde procurar identificar os autores (números ou não? canhotos ou não?); assim se-

rá possível separar, num mesmo painel, as obras de um grupo, social, seja clânico, sexual etc.

Poderíamos ter dado também exemplos de análise de grafismos de outras unidades estilísticas, que também abrem caminhos para entendermos melhor as relações inter-grupos. A comparação entre as manifestações da Tradição Nordeste de Januária e as mostradas por N. Guidon e colaboradores nas microfichas de sítios do Piauí é particularmente promissora.

Por sua vez, o estudo comparativo de diversas Tradições permite ressaltar a originalidade de cada uma, além da simples diferença temática. Vimos, por exemplo, que o aspecto do sítio e do suporte podia ser significativo, sendo o mesmo painel atrativo ou repulsivo para grupos diferentes. Por outro lado, a relação entre os níveis sucessivos de pintura ou gravura mostra como os homens pré-históricos se comportavam em relação aos seus antecessores. Poderíamos dizer que era de maneira "positiva", quando os recém-chegados "respeitavam" os grafismos anteriores (pintando apenas em lugares livres); de maneira "neutra" quando pintavam por cima sem os suprimir; de maneira "negativa", quando destroem as figuras antigas para substituí-las por novas. Tais atitudes diferenciadas poderiam refletir as relações, mais ou menos diretas e pacíficas entre as populações sucessivas; podemos imaginar que um grupo que tome posse de um território após expulsar os seus predecessores, queira apagar os símbolos dos vencidos (atitude "negativa"), enquanto quem ocupar uma zona há tempo abandonada poderia sentir respeito para grafismos antigos, de origem desconhecida, integrando eventualmente estes na sua cosmografia, isto se traduziria provavelmente por uma atitude "positiva". De grupos alternando num mesmo local em região fronteira, podemos esperar atuação "neutra" ou "positiva" se não forem inimigos.

Acreditamos, portanto, que a "arte rupestre" seja um campo particularmente promissor para estudarmos fenômenos a nível de superestruturas, porque ela reflete evidentemente o pensamento dos seus autores, e os grafismos são uma expressão voluntária e consciente das populações que os deixaram visíveis. Os vestígios enterrados, pelo contrário, não são tanto carregados de conteúdo simbólico e refletem mais a infra-estrutura tecno-econômica. Isto não significa, de certo, que a arte rupestre não possa fornecer indi-

cações sobre a tecnologia e a economia (é o caso na reprodução de instrumentos ou alimentos), ou que os vestígios encontrados nas escavações não possam (por sua variedade e sua distribuição espacial) refletir a organização social ou expressar um conteúdo simbólico (evidente no caso de sepultamento, por exemplo). No entanto, parece certo que são dois campos complementares, cada um oferecendo maiores facilidades para interpretar um determinado campo da cultura, material ou espiritual.

Nenhum dos dois pode ser isolado ou privilegiado, numa concepção globalizante do estudo arqueológico, mas cada campo requer o desenvolvimento de uma metodologia apropriada.

BIBLIOGRAFIA

- PROUS, André; JUNQUEIRA, Paulo & MALTA, Ione
1984. "Arqueologia do Alto Médio São Francisco (região de Januária/Montalvânia)" *"Revista de Arqueologia*, Belém, 2(1):59-72.
- PROUS, André, LANNA, Ana Lúcia & PAULA, Fabiano L.
1980. "Estilística e cronologia na Arte Rupestre de Minas Gerais".
Pesquisas, São Leopoldo, 31:121-146.
1977. RELATÓRIO de prospecções realizadas no município de Montalvânia, MG, pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira" *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*, Belo Horizonte, 2:67-118.
- CASTELLANOS SOLÁ, M.E.; PROUS, André & SILVA, Gisele, R.
1984. "Primeiros resultados das pesquisas rupestres na região de Januária/Itacarambi-MG" *Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG*, Belo Horizonte, 6/7:383-395.

que esse apelo à tecnologia é a causa da evolução da
intensificação da agricultura, ou da de intensificação econômica que
ocorreu não baseada em alterações climáticas, se não
em fatores culturais e demográficos (ou seja, em mudanças na
política (evidente no caso de sítios abandonados, por exemplo). No entanto,
é preciso certificar que não só os sítios abandonados, como os
que permanecem ocupados, também sofrem intensificação econô-
mica, porque fatores sociais como urbanização e
seus efeitos na tecnologia da produção.
Muitos sítios que hoje são sítios abandonados, não eram
certamente o sítio de um sítio abandonado, mas como pode
ser o desenvolvimento de uma tecnologia adaptativa.

REFERÊNCIA

BORGES, André; JIMENEZ, Pablo & MATTI, Jairo
1998. "Agricultura intensiva, Páramo e Mata, Juruá
- Rio Branco, Amazonas, Brasil: Ribeiro, T.
1995. "Agricultura intensiva e cultura de milho em
áreas florestais e agroflorestais: a experiência
de Monreal".

1998. "Agricultura intensiva e cultura de milho em
áreas florestais e agroflorestais: a experiência
de Monreal". In: BORGES, André; JIMENEZ, Pablo &
MATTI, Jairo (orgs.), *Agricultura intensiva e
cultura de milho em áreas florestais e agroflorestais: a
experiência de Monreal*. Rio Branco, Acre: UFRN
e UFSCAR.

CASTELANOS, José L.; VÁZQUEZ, A. E. S.; BORGES, André; JIMENEZ, Pablo; MATTI, Jairo
1998. "Intensificação tecnológica e uso do solo no
sítio arqueológico MC-100, Rio Branco, Acre". In:
BORGES, André (org.), *Agricultura intensiva e*

IIIª PARTE

ARTIGOS DIVERSOS

UMA COLEÇÃO DE VESTÍGIOS DA CULTURA KONDURI

Carlos Magnos Guimarães*

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de um trabalho maior que circunstâncias diversas impediram sua apresentação integral neste volume. Daí o fato desta parte, aqui exposta, apresentar um caráter basicamente descritivo e classificatório.

Trata-se de uma coleção de fragmentos cerâmicos e líticos reunidos pelo Dr. Aricy Curvello entre os anos de 1975 e 1979, quando percorreu a região dos baixos Trombetas e Nhamundá, a serviço da Mineração Rio do Norte S/A, que na época implantava um complexo industrial de mineração de bauxita nas margens do rio Trombetas.

As limitações que o estudo de uma coleção implica são muitos, destacando-se o fato dos vestígios serem tirados do contexto arqueológico, o que impede o estabelecimento das relações existentes entre eles. Acrescente-se a isto as dificuldades ligadas a aspectos que dizem respeito a quem organizou a coleção, a quem coletou os vestígios e às condições em que foram coletados.

Na realidade, por trás destas questões está o fato dos vestígios arqueológicos não terem se originado de uma escavação sistemática, onde cada vestígio deve ser criteriosamente considerado.

A existência dessas dificuldades no entanto, não tira a validade do estudo de coleções. Para o caso da coleção aqui apresentada esta validade se liga a dois aspectos: por um lado o fato

* Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. UFMG.

de alguns dos sítios, de onde os vestígios foram coletados, encontrarem-se hoje totalmente destruídos, o que dá a esta coleção um caráter de salvamento; por outro lado, o fato de que a arqueologia não pode em circunstância alguma prescindir de qualquer tipo de vestígio ou informação. Cabe aos arqueólogos rastrearem as coleções feitas por amadores e tentar resgatar delas o máximo possível de informações. Quando mais não seja, para desenvolver méritos que permitam um avanço do conhecimento.

A coleção aqui apresentada é constituída por fragmentos coletados em áreas que estavam sendo desmatadas para a implantação do projeto de mineração, ou já haviam sido revolvidas pela população local para plantio de roças. Acresce-se a isto o fato de ter sido uma coleção organizada com certo critério, que levou em conta a coleta de outros tipos de informações além dos próprios vestígios.

É importante deixar claro que para nós a classificação ou a descrição técnico-formal de vestígios arqueológicos não encerra o objetivo da Arqueologia. Elas são apenas etapas necessárias para um objetivo maior que é desvendar a dinâmica histórica das sociedades que produziram tais vestígios.

Faremos algumas considerações sobre a cerâmica dos rios Trombetas e Nhamundá e a seguir uma caracterização dos vestígios. Reservamos, para publicação posterior, considerações de ordem teórico-metodológica, que ainda se encontram em processo de desenvolvimento.

A REGIÃO

Situada parcialmente na bacia salífera da Amazônia onde há ocorrência de sal-gema, bauxita, ferro, nefrita, jadeita e mais raramente de ametista e silex.

Dos rios que delimitam a área, o Trombetas, à semelhança de outros da região amazônica possui um sistema de lagos (Grande, Tapixaua, Ipirixi, Sapucuá, Batata, Erepecu, Erepecuru etc) que funcionam como reguladores de sua vazão. Os principais sítios arqueológicos de onde provêm os vestígios da coleção, localizam-se nas proximidades destes lagos.

A vegetação é constituída por floresta latifoliada tropical

dividida em três subtipos: mata de terra firme, mata de várzea e mata de igapós. Excetuando os sítios das margens do lago Tapixaua e do lago Batata, os demais estão localizados em áreas de mata de terra firme. Destacam-se na vegetação a castanheira-do-Pará (*Bertholletia excelsa*) e o caucho (*Castilloa ullei*) além de palmeiras, coqueiros e grandes vegetais fibrosos que se prestam à cestaria, ainda hoje exercida com atividade doméstica.

Com isoterminas anuais acima de 26°C a região apresenta um índice pluviométrico acima de 2500 mm anuais. Chuvas intensas de janeiro a julho e seca relativa de agosto a dezembro. A ação das chuvas é intensa na destruição dos sítios arqueológicos ao erodir o terreno e carrear os vestígios para os cursos de água.

O solo apresenta grande acidez (de acordo com análises feitas por especialistas a serviço da Mineração Rio do Norte S/A) e o sedimento dos sítios arqueológicos é constituído por "terra-preta" de formação orgânica. Esta terra, rica em restos orgânicos é largamente utilizada pela população local para cultivo de milho, mandioca, abóbora e melancia, o que tem contribuído para seu revolvimento e a destruição dos sítios arqueológicos.

A CERÂMICA DO TROMBETAS-NHAMUNDÁ

Pela bibliografia existente sobre a arqueologia desta região pode-se perceber quão pouco estudada ela tem sido. Merecem destaque os escritos de Peter Paul Hilbert e de Frederico Barata. Interessa-nos particularmente um dos artigos de Hilbert, que trata da cerâmica proveniente de vários sítios localizados entre os rios Trombetas e Nhamundá, de onde também se origina a coleção por nós estuda.

Iniciando o trabalho com uma apreciação geográfica da região (ítem I), desenvolve um histórico do conhecimento da região (ítem II) por desbravadores e estudiosos (ítem III), para finalmente tocar em um ponto fundamental as "terrás pretas" (ítem IV).

A "terra preta" é a base, o meio, no qual se encontram os

Ver citações no final deste artigo.

P.P. Hilbert, "A Cerâmica Arqueológica da Região de Oriximiná"

vestígios arqueológicos dos quais a cerâmica é nosso objeto de estudo. Produto da ocupação humana, pela deposição de restos orgânicos, as antigas áreas de ocupação constituem hoje áreas privilegiadas, porque férteis, para o exercício da agricultura. Temos aqui, um caso atual de reocupação de sítios devido aos restos nela acumulados pelas antigas ocupações.

Continuando, Hilbert se propõe, apesar das dificuldades que reconhece, fazer "a descrição da cerâmica, bem como a sua análise estilística". Divide a cerâmica inicialmente em dois grupos: temperada com areia e temperada com cauichi, predominando esta (95%) na totalidade dos vestígios.

Após uma breve descrição dos sítios (ítem V) o autor chega ao estudo da cerâmica (ítem VI), o qual denomina "estudo interpretativo".

A cerâmica temperada com cauichi divide-se em "dois grupos de estilos diferentes": o estilo que Nimuendajú denomina Konduri e o estilo que Hilbert denomina "provisoriamente" globular.

O estilo Konduri é caracterizado a partir da existência de uma "cerâmica lisa comum" e uma cerâmica com decoração plástica que vai desde "uma frisa com desenhos, retilineares" até modelados complexos onde se combinam elementos diferentes de técnica e tema.

A cerâmica Konduri apresenta pratos, grelhas, vasos trípodes, impressão de esteiras, fusos, ídolos, alças que vão de simples apêndices até as que se estendem sobre as aberturas dos recipientes e que apresentam decoração complexa.

Após uma caracterização do estilo Konduri e do Globular a partir das técnicas de fabrico e decoração Hilbert conclui que a cerâmica do baixo Trombetas-Jamundá pode ser dividida em três grupos, onde um deles expressa o estilo Konduri. Finalizando, ele traça um paralelo entre este estilo e a cerâmica de Santarém, onde levanta alguns traços comuns e as diferenças mais expressivas que identificou entre estas duas cerâmicas. Por ser o mais completo estudo de estilo Konduri, o artigo de Hilbert foi por nós utilizado como guia neste estudo.

P.P. Hilbert, op. cit. 29.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

A COLEÇÃO ARICY CURVELLO

Seguindo os moldes tradicionais da arqueologia brasileira, vamos fazer uma caracterização do conjunto de vestígios que compõem a coleção.

Os fragmentos são originários de dez sítios: Porto Trombetas Araticum, Posto Aurora I, Posto Aurora II, Tera Santa, Alemã, Faro, Aimim, Lago Tapixaua e Lago Batata. Estes sítios se encontram na área delimitada pelos rios Nhamundá e Trombetas, particularmente nos municípios de Faro e Oriximiná.

1. Porto Trombetas

As margens do rio do mesmo nome, no município de Oriximiná, este sítio havia sido revolvido por máquinas entre 1970 e 1972. A camada de terra-preta quase desaparecera devido à remoção da cobertura vegetal realizada cinco anos antes da coleta dos fragmentos que se espalhavam por uma área de mais de 1 km². Este sítio foi completamente destruído em 1976 para a instalação de um equipamento carregador de navios.

A cerâmica deste sítio é constituída por 23 fragmentos dos quais 4 são de dimensões muito reduzidas não possibilitando muitas informações. Merecem destaque 11 pés de vasos trípodes de dimensões variadas, dos quais 7 apresentam furos para evitar a quebra durante a queima. Nem sempre estes fragmentos de pés permitem determinar suas dimensões originais. Da maneira como se apresentam, seus comprimentos variam de 2,5 cm a 10,0 cm e seus diâmetros médios (nos pontos intermediários entre a base e a extremidade) variam de 1,5 a 3,0 cm.

Mesmo considerando as quebras que afetam os comprimentos de alguns destes pés, não há indício de que algum deles tivesse ultrapassado o maior comprimento acima citado.

Pelo menos dois tipos de pés podem ser identificados, se con-

As informações a respeito dos sítios e das condições em que se deu a coleta em cada um deles nos foram passadas pelo Dr. Aracy em um "Relato sobre materiais arqueológicos encontrados na bacia dos rios Trombetas e Nhamundá, no Pará", de abril de 1983.

siderarmos a sua utilidade (Fig. 1):

A) manter o recipiente em pé mas, apoiado em seu próprio fundo.

B) manter o recipiente em pé mas com o fundo afastado da superfície de apoio.

Há um predomínio quase absoluto do segundo tipo (B).

Este sítio apresenta ainda 4 fragmentos representando zoomorfos, dos quais apenas um está em condições de permitir a identificação do animal: uma ave de rapina com penacho e apêndice no bico. Esta cabeça apresenta ainda o pescoço perfurado de um lado para outro, furo que deve ter a mesma utilidade dos furos existentes nos pés acima citados.

Finalmente merece destaque uma alça que ainda apresenta em cada uma das extremidades as superfícies através das quais estava colada no recipiente. Tem o formato de U, com as superfícies de aderência voltadas na mesma direção.

No seu conjunto a cerâmica de Porto Trombetas apresenta uma decoração que combina incisões com modelagem.

2. Araticum

Localizado a 10 km de Saracá, o sítio foi descoberto em 1969 quando da abertura da estrada que liga Terra Santa a Saracá-base. Ao escavar o leito da estrada que corta uma região de terra-preta as chuvas fizeram aflorar os fragmentos que compõem um conjunto de 4 pés de vasos trípode e um fragmento de borda.

Todos os pés são ocos e possuem o buraco para queima. Comparando estes pés com os de outros sítios, estes se apresentam com um diâmetro médio bem maior que os demais. Nenhum vestígio de decoração.

3. Posto Aurora I

Próximo ao Igarapé Urupanã que deságua no Lago Sapucuá, localiza-se no sopé do platô em que se situa o sítio Araticum. A área havia sido desmatada e ainda estava queimando quando a coleta foi feita. Os fragmentos foram coletados entre as raízes das ár-

vores derrubadas. Também este sítio está irremediavelmente destruído.

A cerâmica aqui coletada é constituída por 10 fragmentos, todos eles representando biomorfos, permitindo a identificação de alguns animais. A dificuldade em identificar os animais tanto pode ser devido à erosão das peças ou, pelo fato de que as representações nos escapam. Dos animais identificados, um é um felino que apresenta no alto da cabeça uma "alça em túnel" e era parte da borda de um recipiente, estando a cabeça do felino voltada para fora. Outro fragmento apresenta uma ave de rapina com penacho na testa e a extremidade do bico quebrada. Há ainda um provável tamanduá que apresenta um focinho cônico com um orifício na extremidade indicando a boca.

O grande destaque deste sítio é um fragmento de borda com sete cabeças de biomorfos. Das cabeças, quatro se voltam para fora, duas para os lados e uma para o interior. Das cabeças voltadas para fora três podem ser identificadas como aves, com apêndices sobre os bicos e penachos na testa. Nesta peça manifesta-se de forma clara a utilização de partes comuns a duas figuras. Também neste sítio a decoração é incisa e modelada.

4. Posto Aurora II

Distante 1 km a oeste de Posto Aurora I. Também é uma região de terra-preta revolvida por sua utilização para cultivo de milho e mandioca. Uma vistoria do local pelo geólogo Igor Shvily constatou ser a área o leito de um antigo igarapé que atualmente tem o seu curso a uma distância em torno de 400 metros deste local. O conjunto de vestígios deste sítio é constituido por 156 fragmentos cerâmicos.

Este sítio é o que apresenta o maior número de pés de vasos trípodes. São 26, dos quais 6 se encontram fraturados não permitindo precisar suas dimensões originais.

A variação dos tamanhos é bastante grande, indo o comprimento de 1,0 cm a 15,0 cm. Do total de 26 pés, 21 apresentam a perfuração para queima, e dois devido às quebras não permitem determinar se os tiveram ou não. Os restantes não apresentam esta perfuração mesmo porque suas dimensões são reduzidas, não o exigindo.

Ainda com relação a estes pés podemos acrescentar outros detalhes. Nove deles apresentam a superfície através da qual estavam conectados aos recipientes, o que indica que se descolaram de seus lugares de origem. Doze apresentam ainda restos dos fundos dos recipientes. Um deles permitiu reconstituir todo o recipiente por preservar ainda restos da borda.

O quadro que se segue mostra a relação entre o comprimento dos pés e o diâmetro médio ou seja, o diâmetro na parte intermediária entre as duas extremidades.

Os fragmentos de bordas permitiram detectar recipientes *abertos*, onde o diâmetro do fundo é menor que o diâmetro da boca; *fechados*, onde o diâmetro da boca é menor que o diâmetro central da peça; *abertos do tipo prato*; recipientes com pESCOço e um fragmento de *grelha*, que não apresenta paredes. Os fragmentos do fundos são planos e um deles apresenta marcas de esteira. Os diâmetros das bocas estão no quadro que se segue.

Quantidade de pés	Comprimento	Diâmetro médio
1	15,0 cm	4,6 cm
6	11,0 cm	3,0 cm
1	10,0 cm	2,0 cm
1	9,5 cm	2,5 cm
1	8,5 cm	3,0 cm
1	8,0 cm	2,0 cm
2	7,5 cm	2,0 cm
1	7,5 cm	1,5 cm
2	6,0 cm	1,5 cm
1	3,0 cm	2,0 cm
1	2,0 cm	2,0 cm
2	1,0 cm	1,5 cm

Quantidade de recipiente	Diâmetro da boca	Quantidade de recipientes	Diâmetro da boca
1	4,0 cm	1	36,0 cm
1	10,0 cm	1	38,0 cm
1	12,0 cm	3	40,0 cm
2	16,0 cm	1	44,0 cm
1	18,0 cm	1	48,0 cm
1	20,0 cm	3	52,0 cm
2	22,0 cm	1	60,0 cm
1	23,0 cm	2	64,0 cm
1	24,0 cm	1	72,0 cm
1	26,0 cm	1	96,0 cm
1	32,0 cm		

A grelha tinha um diâmetro de 32,0 cm. Quanto a serem recipientes de tipo aberto ou fechado, o que foi possível determinar foi um equilíbrio quantitativo entre os dois tipos: cada um apresentou nove fragmentos. Os fragmentos de pratos indicam cinco recipientes: um com 44,0 cm de diâmetro, um com 64,0 cm, um com 96,0 e dois com 52,0 cm. Todos eles estão inseridos no quadro acima.

Como destaque de fragmentos decorados podemos citar dois apliques redondos, representando cabeças de biomorfos. Cada uma delas apresenta uma "alça em túnel" no alto da cabeça e, no lugar do nariz existem pequenos animais. Duas outras peças são biomorfos com "cocares" formados por seqüências de incisões paralelas e, apresentando cada uma delas um pequeno pássaro no alto da cabeça.

Há ainda um fragmento de alça que provavelmente se localiza sobre a boca do recipiente, semelhante a uma citada por Hilbert. Finalmente, um aplique representando um antropomorfo de cōcoras, com o corpo torcido, com relação à superfície de contacto

P.P. Hilbert, op. cit. pág. 63-64.

com o recipiente. Apresenta ainda cavidades circulares nas articulações: ombros, cotovelos e joelhos.

5. Terra Santa

Este sítio está localizado em um braço do lago Sapucuá, no qual desemboca o igarapé Urupanã. O solo de terra-preta já se encontra bastante revolvido pelo fato de alguns vestígios arqueológicos, como os muiraquítas, encontrarem mercado nas cidades de Faro e Santarém.

Os vestígios provenientes deste sítio compõem um conjunto de 12 peças, das quais 11 são biomorfos, onde podem ser identificadas 4 aves, um tatu, um sapo e uma cabeça com focinho achatado, provavelmente um peixe. Dos 4 biomorfos não identificados, 2 que se apresentam de cócoras possuem animais no alto da cabeça. Um destes pequenos animais é um sapo.

Das 4 aves, uma é ave de rapina com um apêndice no bico e outro na altura dos olhos. Outras duas apresentam penachos e a quarta apresenta o corpo recoberto de incisões provavelmente imitando penas, mas a cabeça está quebrada.

Finalmente, o destaque é para a representação do sapo. Esta peça apresenta um buraco nas costas feito por objeto cortante, feito por alguém que estava a procura de pepitas de ouro, como é comum na região. Embora esteja com os membros dianteiros quebrados, os vestígios indicam que eles existiram. O corpo é dividido em duas partes por uma "cintura", e os olhos são protuberâncias que, embora gastas, permitem perceber que tinham uma incisão puntiforme e um círculo em volta dela. Esta peça apresenta ainda pequenos vestígios de pintura sob forma de traços que contornam parcialmente a boca e os olhos.

Os conjuntos dos fragmentos deste sítio, como dos demais, apresenta decoração feita a base de modelagem e incisões.

6. Alema

Localizado nas cabeceiras do rio Nhamundá, no município de Faro, o material foi coletado a partir de um barranco erodido pelas chuvas. São cinco fragmentos dos quais três apresentam uma se-

melhança maior com o estilo que Hilbert denomina como "estilo globular".

"Ao contrário dos adornos Konduri, onde a superfície recebe um tratamento sobrecastrado pelas múltiplas incisões e orifícios que a interrompem, nos deste estilo prevalece uma tendência mais calma e concisa".

Os outros dois fragmentos são: um aplique representando uma cabeça de biomorfo e um fragmento representando um macaco. Este fragmento possui os olhos vazados, sendo que o olho direito está incompleto devido a quebra. O fato de estar todo fraturado não nos permitiu identificar se a peça era um adorno de recipiente ou algum outro tipo de adorno.

7. Faro

Localizado ao sul da cidade de Faro, próximo ao rio Nhamundá que banha a cidade. O solo foi várias vezes revirado por ser área de cultura. Os fragmentos foram coletados por um antigo morador da região.

De um total de 11 fragmentos, 8 são biomorfos e destes, em apenas dois casos foi possível identificar o animal: duas tartarugas. Neste conjunto de peças, algumas se destacam pelos detalhes. Um biomorfo que se apresenta de cócoras possui uma representação do órgão sexual constituida por uma protuberância cônica com um orifício na ponta e circundada por incisões que vão da ponta para a base da protuberância. Das representações de tartaruga, uma apresenta detalhes dos lados da cabeça constituídos por expansões e incisões que podem estar representando nadadeiras. Na parte inferior (ventral) há uma protuberância e também incisões que podem significar nadadeiras traseiras.

Dois outros fragmentos podem estar representando um sapo e uma coruja, mas o estado em que se encontram devido à erosão não permite afirmar serem estes os animais representados.

P.P. Hilbert, op. cit. pág. 68.

Também este conjunto de fragmentos apresenta decoração onde se articulam modelagem com incisões.

8. Aimim

Localiza-se próximo ao rio do mesmo nome (afluente do rio Trombetas) a noroeste de Oriximiná. Os fragmentos foram coletados dentro de terra-preta várias vezes revolvida para plantio de milho e mandioca.

Todos os fragmentos são representações de animais, dentre os quais podem ser identificados com precisão três aves de rapina e, provavelmente um boto e um sapo. Uma das aves apresenta um apêndice sobre o bico e logo acima, na testa, um pequeno animal, não identificado, com a cabeça e os membros anteriores fletidos. Esta peça apresenta ainda uma coloração avermelhada, provavelmente em decorrência de um banho de tinta.

A segunda cabeça de ave apresenta uma perfuração no pescoço que o atravessa de um lado para outro. Provavelmente para evitar fraturas na queima. A cabeça é oca e seu interior se liga ao exterior por um orifício localizado no alto. A parte superior do bico apresenta vestígio de quebra e ai pode ter se localizado um apêndice, como em outras cabeças. A peça é toda detalhada com incisões e protuberâncias lineares que a dividem em vários campos, um dos quais apresenta vestígios de pintura. A superfície inferior do bico apresenta ainda os vestígios do instrumento utilizado para regularizá-la e também vestígios de pintura que pode ter sido vermelha mas, atualmente é marrom.

A terceira cabeça não está tão preservada quanto as duas primeiras, apresentando vários pontos de fratura. A ponta do bico está quebrada e, em dois locais os vestígios de fratura podem indicar antigos penacho e apêndice. Apresenta o pescoço fraturado como a anterior. Esta peça apresenta ainda vestígios de pintura de cor amarelo claro e cinza.

Este sítio embora apresente vestígios de decoração pintada, a dominante é incisa e modelada.

9. Lago Tapixaua

Localizado próximo à cidade de Oriximiná. Na margem do lago,
Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

em área alagada pela chuva foi encontrado o mais expressivo destaque da coleção: um ídolo esculpido em um único bloco de material lítico (esteatita).

Esta peça tem 13,0 cm de altura, 5,7 cm de largura e 11,0 cm de profundidade; entendida esta enquanto a distância entre uma face e outra. É uma escultura que apresenta de um lado uma figura feminina de cócoras com os seios e o órgão sexual representados. Os braços estão fletidos ao lado do corpo e as mãos, representadas com três dedos cada, estão espalmadas acima dos seios.

Voltada para o outro lado há uma representação que, pelo fato de estar quebrada não permite distinguir o sexo mas, certamente era masculino. A fratura das pernas, juntamente com o órgão sexual não permite reconstituir sua posição mas, é provável que também ele estivesse de cócoras. As mãos se encontram espalmadas logo abaixo da cabeça, sendo que a esquerda possui cinco dedos e a direita sete.

A figura feminina apresenta um "adorno", que circunda a cabeça, formado por linhas retas, verticais dos lados da cabeça e horizontal sobre ela. Os olhos são em formato de lágrimas, com as pontas voltadas para os lados e para baixo, em direção às extremidades da boca que é constituida por um retângulo horizontal e arredondado nas extremidades.

A figura masculina também apresenta a cabeça recoberta por um "adorno" que desce em "pregas" ou "ondas" até a metade dos braços. O formato do rosto não é quadrado como da figura feminina mas, uma combinação de retas e curvas. Os olhos são redondos e o nariz apresenta duas protuberâncias em seqüência: uma acima da outra.

A excepcionalidade desta peça se liga a pelo menos dois aspectos: a sua raridade e sua beleza plástico obtida através de um equilíbrio de formas bastante expressivo.

A comparação entre as figuras feminina e masculina permite perceber que a masculina é bem mais detalhada e gastou uma parte maior do bloco de matéria prima. A mulher ocupa um terço do bloco e o homem ocupa dois terços. As dimensões e a quantidade de detalhes do rosto dele superam os do rosto dela.

Embora outros exemplares deste tipo de vestígio arqueológico tenham sido descobertos na mesma área, Nimuendajú coletou a maior

parte deles; o conhecimento que se tem a seu respeito é nulo.

10. Lago Batata

Localizado ao sul do Porto Trombetas, este sítio tem uma área superior a 2 km². Foi o maior sítio percorrido e o que apresentou a maior quantidade de vestígios cerâmicos: 212 ao todo. Do conjunto fazem parte 10 fragmentos de pés de vaso trípode, alguns dos quais muito fraturados, o que não permite uma classificação. Seis deles apresentam o orifício para queima e um ainda está ligado a parte do fundo do recipiente, cujo interior era pintado com linhas paralelas.

De 61 fragmentos de bordas a maior parte não permitiu reconstituir o diâmetro da boca dos recipientes. A proporção entre abertos e fechados dá uma dominância absoluta para os primeiros (17) com relação aos segundos (1). Mas esta constatação é suspeita pela precariedade dos dados. Quanto ao diâmetro da boca, o que foi possível resgatar está no quadro abaixo.

Quantidade de recipientes	Diâmetro da boca	Quantidade de recipientes	Diâmetro da boca
2	12,0 cm	2	36,0 cm
2	14,0 cm	1	40,0 cm
2	16,0 cm	3	44,0 cm
1	18,0 cm	3	48,0 cm
3	20,0 cm	2	56,0 cm
1	22,0 cm	1	64,0 cm
1	24,0 cm	1	68,0 cm
1	30,0 cm	1	108,0 cm
2	32,0 cm	1	140,0 cm

Merecem destaque ainda dois fragmentos de *grelha* que apresentam diâmetro de 44,0 cm e 48,0 cm, e também três fragmentos de fundos de vasos abertos com diâmetro de 22,0 cm, 44,0 cm e 48,0

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

cm, sendo que este último apresenta marcas de *esteira*. Pelas grandes dimensões que fogem à média dos vestígios, merecem uma observação à parte os dois últimos fragmentos citados no quadro acima. São dois recipientes abertos que possuíam diâmetros de 108,0 e 140,0 cm.

Também no caso deste sítio, a decoração quando existe é incisa e modelada, embora não tão rebuscada quanto de alguns sítios descritos anteriormente. Das representações naturalistas destaca-se um fragmento representando um sapo, provavelmente parte de um ídolo cerâmico. As patas são tridáctilas e as pernas se contrapõem como dois U invertidos.

OBSERVACÕES GERAIS

Antiplástico

O quadro que se segue mostra a incidência de cada um dos tipos de antiplástico detectados. O primeiro aspecto a considerar é a dominância expressiva do cauichi combinado com um ou mais tipos como o quartzo, cacos de cerâmica ou ainda com ambos.

No tipo dominante, composto pelos três (cauichi, cacos e quartzo), a pequena quantidade de quartzo parece-nos indicar que a presença deste antiplástico é muito mais accidental que proposital. Significa dizer que o quartzo já integrava naturalmente o barro quando este foi coletado.

A dominância do cauichi, mesmo associado a outro tipo de antiplástico, acreditamos dever-se a duas ordens de coisas:

. a sua estrutura fibrosa que faz dele um antiplástico diferente, ao permitir que a própria cerâmica adquira uma estrutura também fibrosa;

. o fato de permitir uma cerâmica mais leve, o que facilita inclusive a decoração composta, em parte, de apliques tão rebuscados e volumosos.

Artefatos líticos

O conjunto de objetos desta categoria é constituído de ape-

ANTIPLÁSTICO

Sítios	Cauichi			Quartzo			Cauichi			Quartzo			Cauichi			Diversos			Total
	quartxo cacos	Cauichi cacos	Quartzo	quartzo cacos	Cauichi	Quartzo	cacos	Cauichi	quartzo cacos	Cauichi	Quartzo	cacos	Cauichi	quartzo cacos	Cauichi	Diversos			
Porto Trombetas	10	6	-	-	1	-	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	23	
Araticum	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
Posto Aurora I	2	6	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1 Cariapé	-	-	-	10	
Posto Aurora II	93	43	1	10	-	-	-	1	3	3 Cariapé com cacos	-	-	-	3 Cariapé/caco/cauichi	1 Caco/quartzo/concha e cauichi	1 Cauichi/cariapé	156		
Terra Santa	4	5	-	-	-	-	1	1	1	1 Cariapé x Cauichi	-	-	-	-	-	-	12		
Alema	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	
Faro	-	7	-	1	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11	
Lago Batata	112	38	31	20	1	-	3	1	1 Cariapé com caco	4 Cauichi bolas de barro	2 Cacos com bolas de barro	-	-	-	-	-	-	212	
Aimim	-	3	1	-	-	-	1	2	1 Cariapé/quartzo	-	-	-	-	-	-	-	-	8	

nas 11 vestígios: 4 provenientes do Lago Batata e 7 de Porto Trombetas.

O material proveniente do *Lago Batata* é constituído por um batedor feito a partir de um seixo rolado e que apresenta vestígios de utilização em ambos os lados; um bloco com superfície rugosa que pode também ter sido usado como batedor embora os vestígios não sejam nítidos; um fragmento mesial de machado com vestígios de polimento e de canal para encabamento e, um fragmento de machado (gume) com vestígios de polimento.

Porto Trombetas apresenta dois pequenos machados inteiros, um dos quais com canal para encabamento; dois outros fragmentos também de machados que não permitem maiores informações; um fragmento de lasca que pode ter sido utilizada como faca e dois fragmentos de peças não identificadas. Um destes fragmentos apresenta uma incisão em toda a sua volta que pode ter sido utilizada para encabamento, o que poderia atribuir a esta peça uma função de tipo de machado. É impossível determinar o tamanho e a forma original desta peça.

A precariedade de conservação dos vestígios, bem como seu reduzido número não nos permite grandes conclusões mas se a quantidade reduzida (em ambos os sítios) é uma expressão daquela realidade histórica, isto poderia se explicar em parte pela escassez de matéria prima na região. Este condicionamento natural determinou por um lado o reduzido número de peças e, por outro lado, o desenvolvimento de técnicas substitutivas que escavações futuras poderão detectar.

A história é um processo constante de criação e solução de necessidades, e estes vestígios de objetos líticos são uma resposta que o homem criou para satisfazer outras necessidades originadas a partir de sua intervenção na natureza. Por sua vez a natureza condiciona o homem a necessitar do machado ou de outros objetos líticos e, a procurar técnicas alternativas já que a matéria prima é escassa.

AGRADECIMENTOS

Queremos expressar nossos agradecimentos ao Dr. Aricy Curvello por ter doado à UFMG a coleção que foi motivo deste tra-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

lho. Agradecemos ainda ao Prof. André Prous pelas sugestões e ao Prof. Paulo Junqueira pela realização da fotos que ilustram este artigo.

RÉSUMÉ

Le présent article décrit et classe une collection de matériel archéologique récolté le long du cours inférieur des rios Trombetas et Nhamunda, attribué à la culture Konduri.

RESUMO

O artigo é uma descrição classificatória de uma coleção de vestígios arqueológicos provenientes da região delimitada pelos baixos Trombetas e Nhamundá, pertencentes à cultura Konduri.

BIBLIOGRAFIA

BARATA, Frederico.

1950. A Arte Oleira dos Tapajós I. Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. nº 2, Belém.

BARATA, Frederico.

1951. A Arte Oleira dos Tapajós II. Os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista*, Nova série, nº 5, São Paulo.

BARATA, Frederico.

1953. A Arte Oleira dos Tapajós III (alguns elementos novos para a tipologia de Santarém). *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará* nº 6, Belém.

BECKER, Itala I.B.

1985. O Kaingang do Rio Grande do Sul e a exploração de recursos naturais. *Boletim do Marsul* nº 3, Taquara.

CURVELLO, Aricy.

1983. Relato sobre materiais arqueológicos encontrados na bacia dos rios Trombetas e Nhamundá, no Pará. Rio de Janeiro, datil.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

HILBERT, Peter Paul.
1955. A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, nº 9, Belém.

HILBERT, P.P. & HILBERT, Klaus.
1980. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Goeldi* nº 75, nova série, Belém.

PALLESTRINI, Luciana & MORAIS, José Luis de.
1980. *Arqueologia Pré-histórica Brasileira*, São Paulo, USP/Museu Paulista.

VERÍSSIMO, José.
1970. *Estudos Amazônicos*, Universidade Federal do Pará.
WÜST, Irmhild.
1981-82. Observações sobre a tecnologia cerâmica Karajá de Aruanã, *Arquivos do Museu de História Natural*, vol. VI-VII, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

PRANCHA I

FIG. 1 - TIPOS DE PÉS

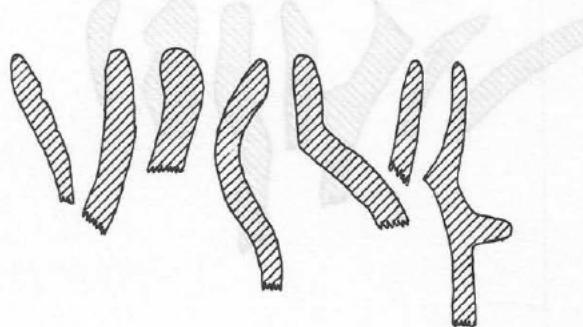


A'

B

BORDAS

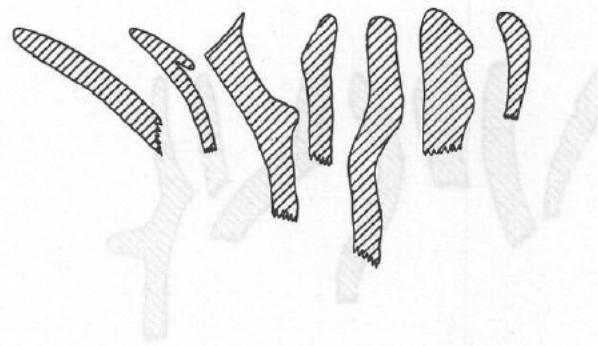
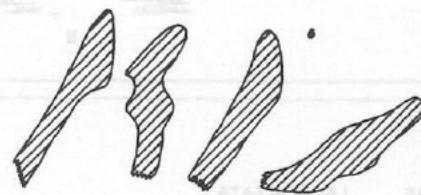
LAGO BATATA



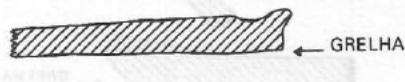
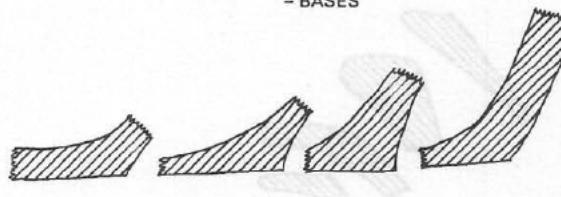
0 4 cm

PRANCHA II
POSTO AURORA II

- BORDAS



- BASES



0 5 cm

PRANCHAS III

GRELHAS



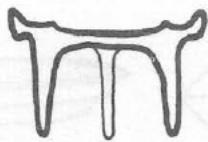
LAGO BATATA



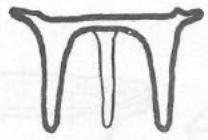
POSTO AURORA II



TRÍPODES



POSTO AURORA II

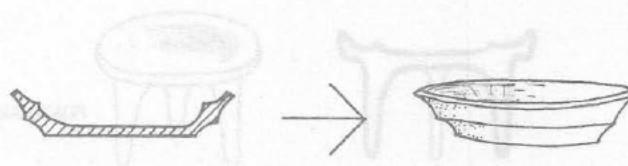


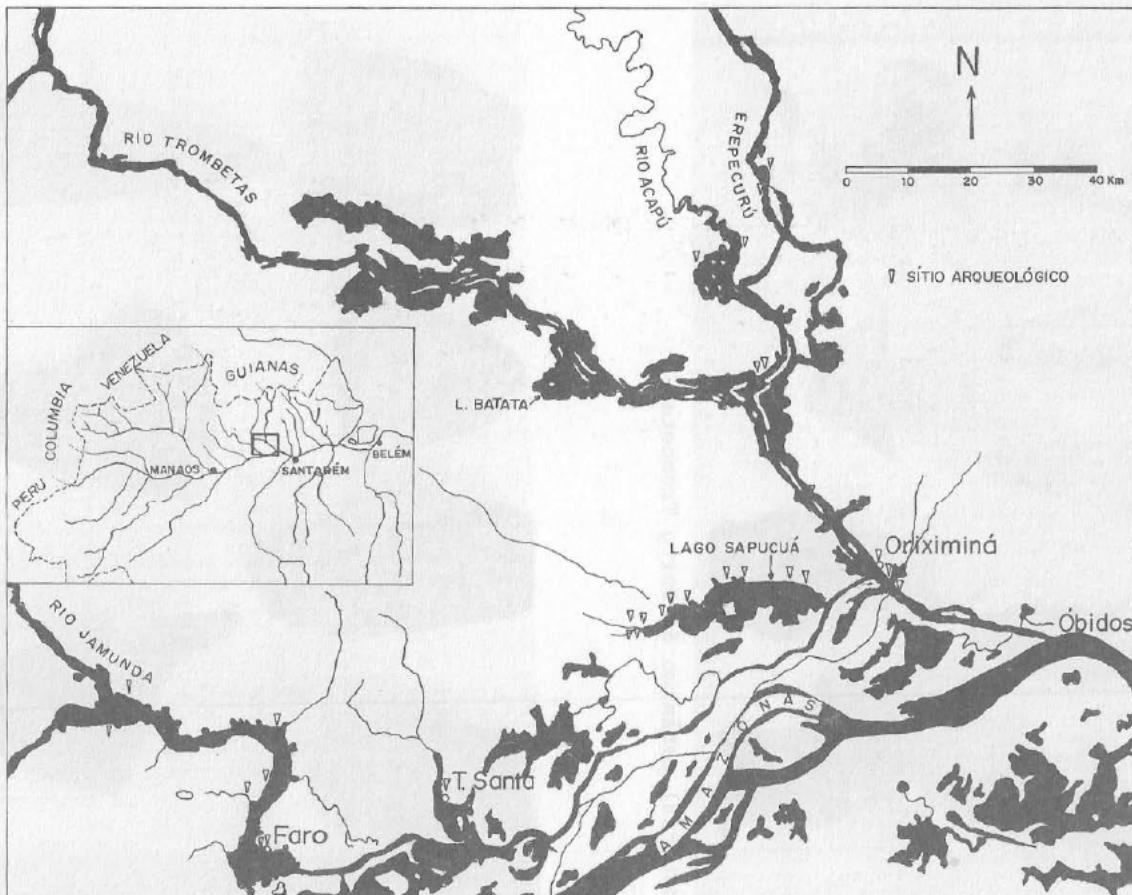
LAGO BATATA

PRANCHA IV

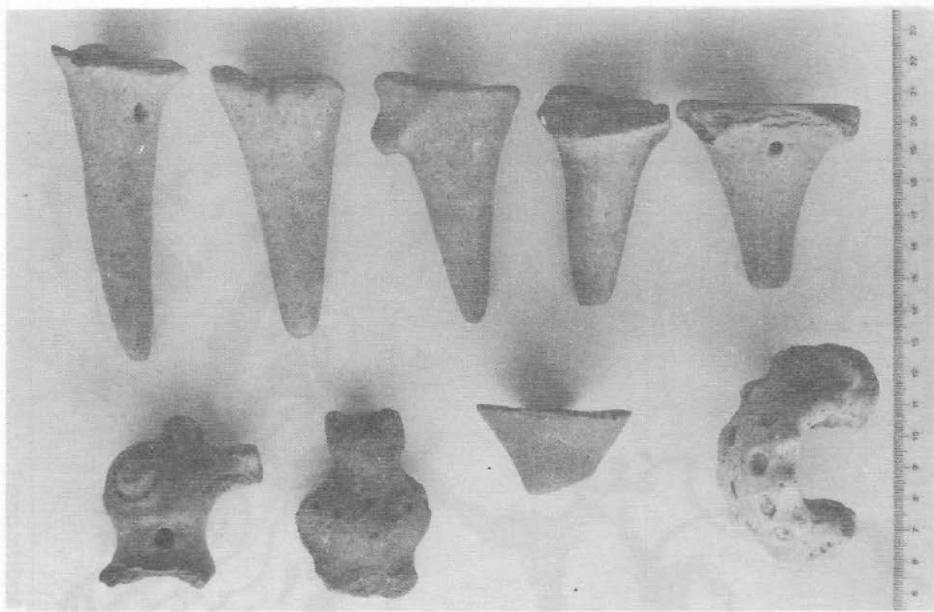
VASOS ABERTOS (TIPO TIGELA)

POSTO AURORA II

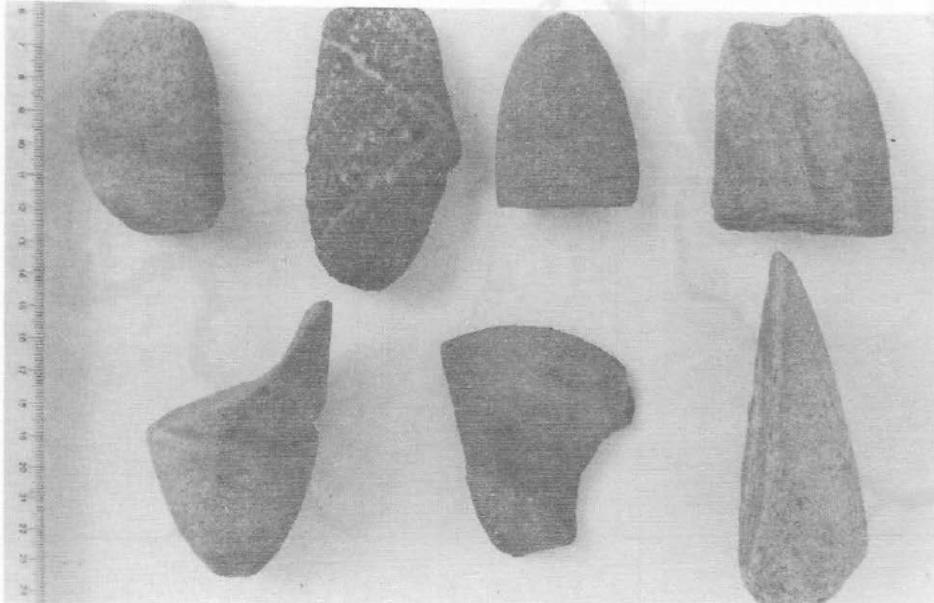




SEGUNDO HILBERT - 1955 (modificado)



Material cerâmico de Porto Trombetas



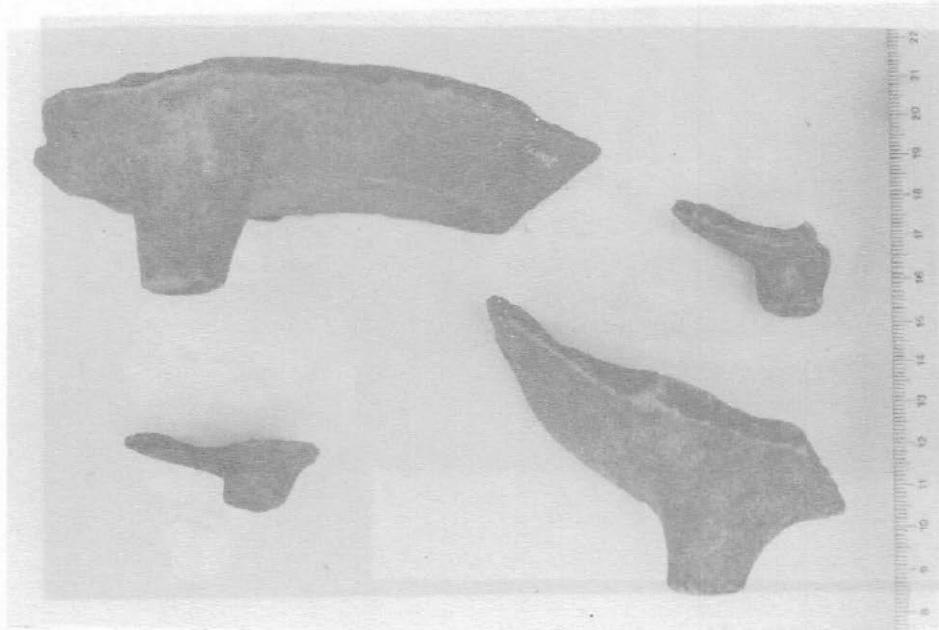
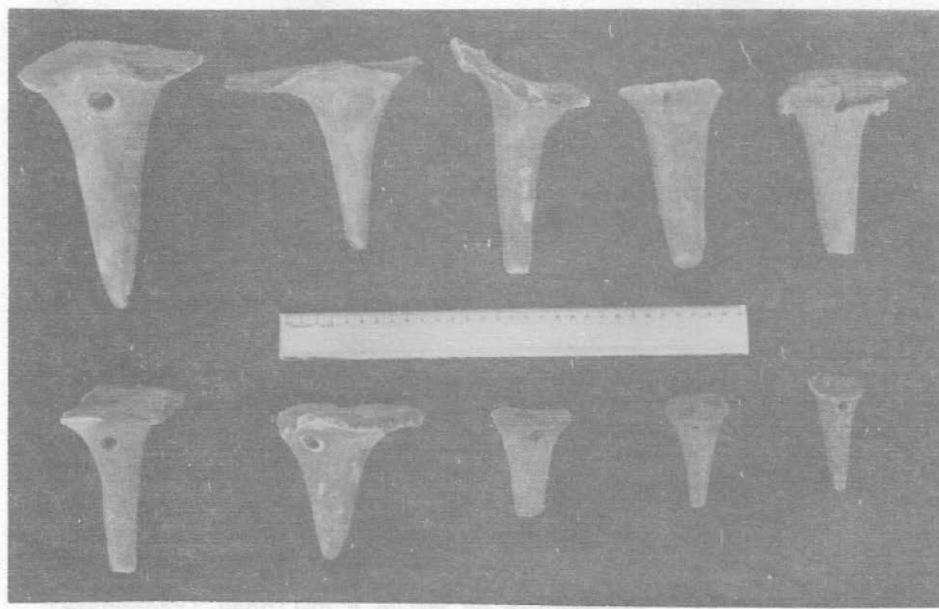
Material lítico de Porto Trombetas



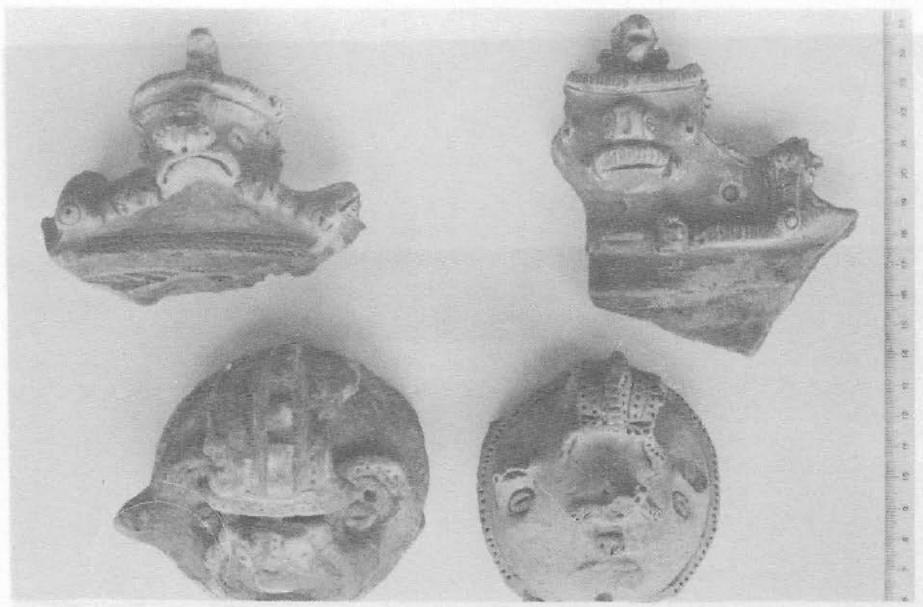
Cerâmica de Porto Aurora I



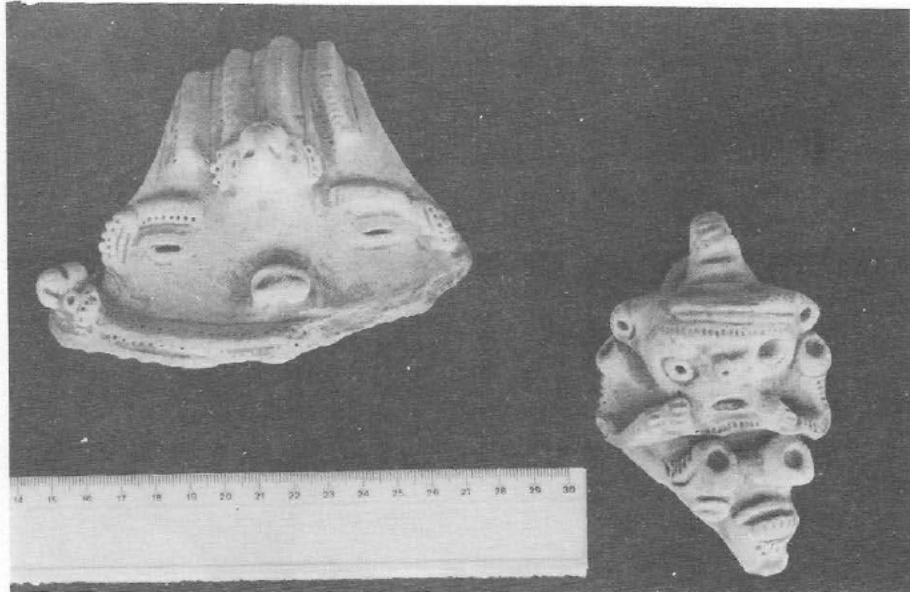
Faces interna e externa da mesma peça



Pés de tripodes, Posto Aurora II



Porto Aurora II : fragmentos de borda e apliques (redondaos)



Porto aurora II : alça sobre boca e aplique



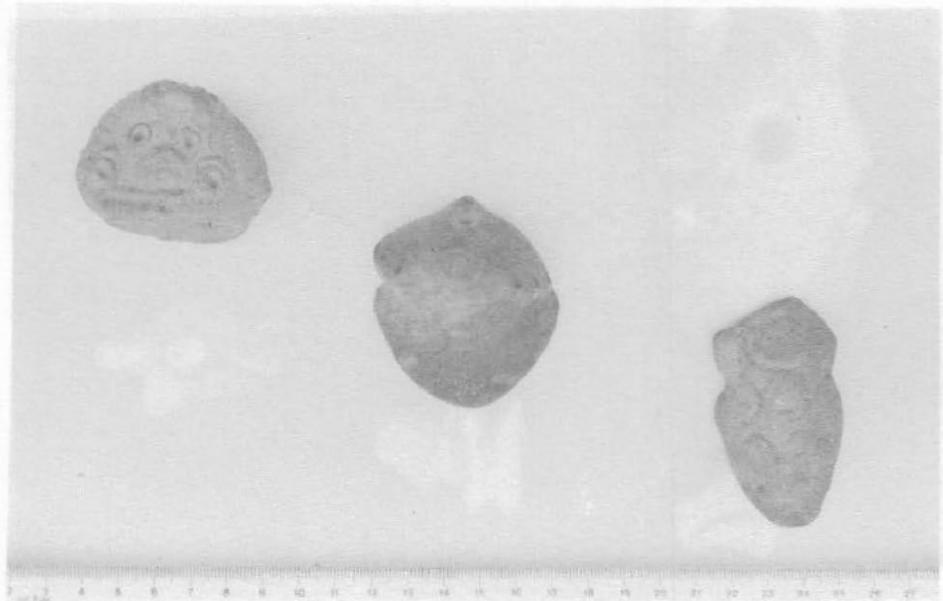
Terra Santa : biomorfos de côcoras



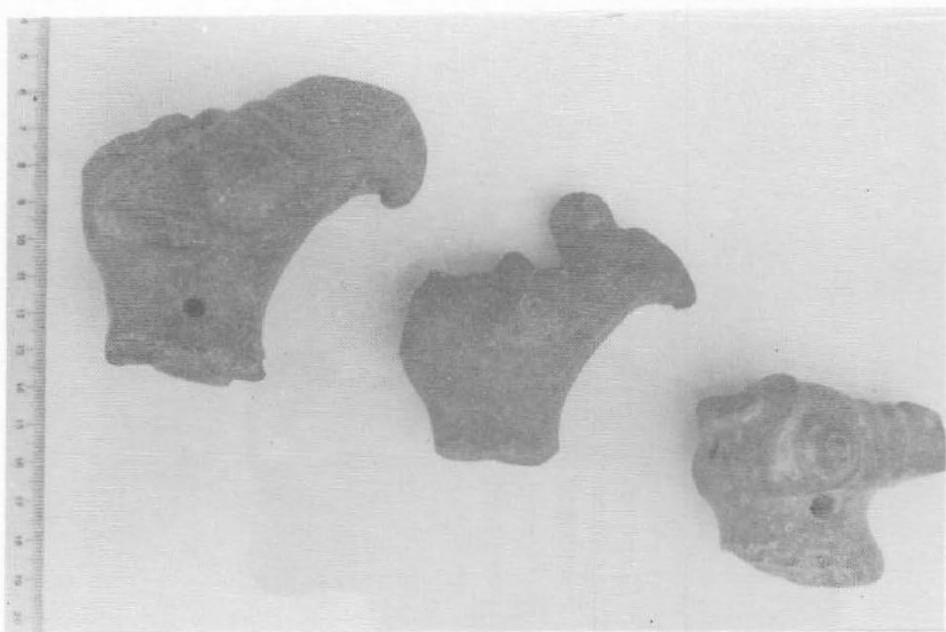
Terra Santa : zoomorfos (rã, tatu, peixe, ave)



Faro : tartarugas, biomorfos de cócoras e borda



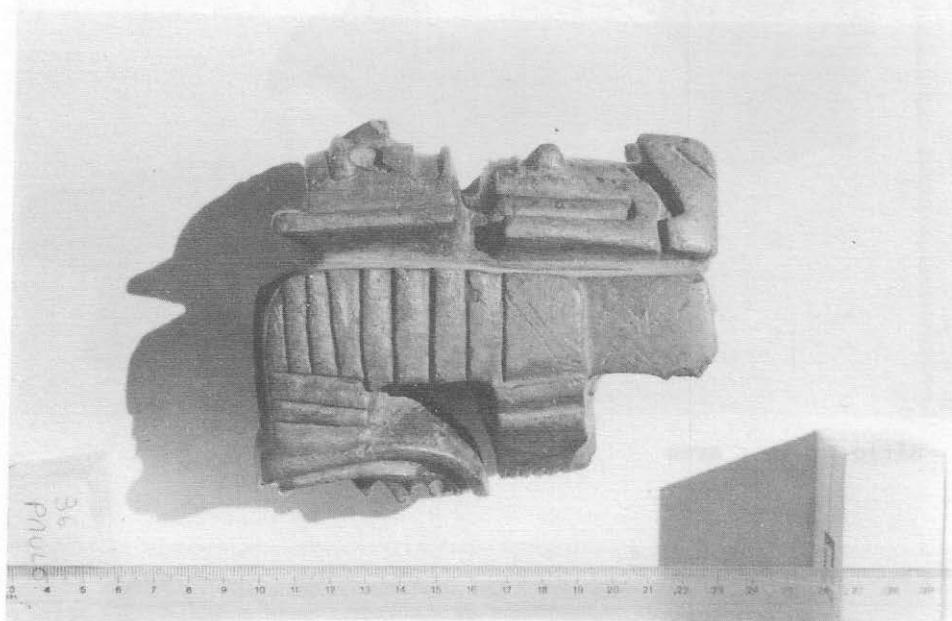
Faro : biomorfos diversos



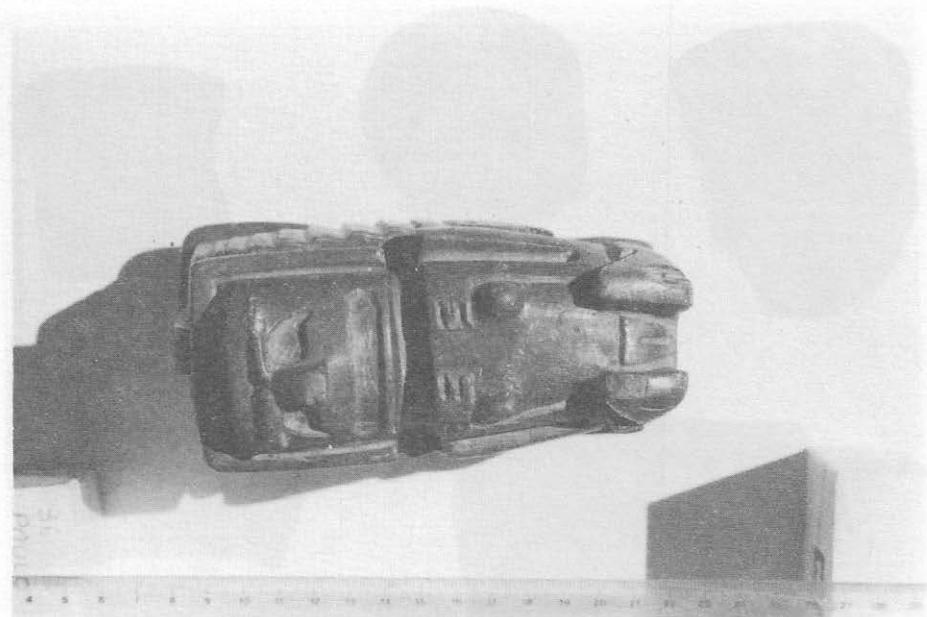
Sítio Aimim : aves



Ibidem : biomorfos

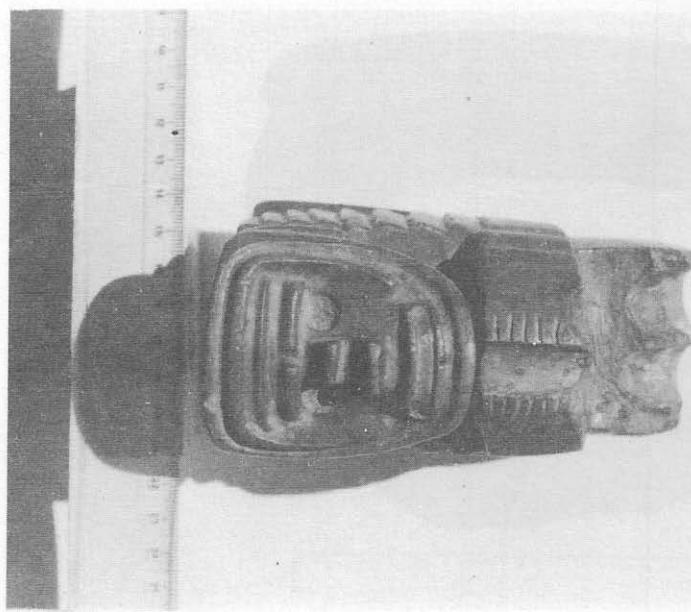


Lago Tapixaua, ídolo de esteatita

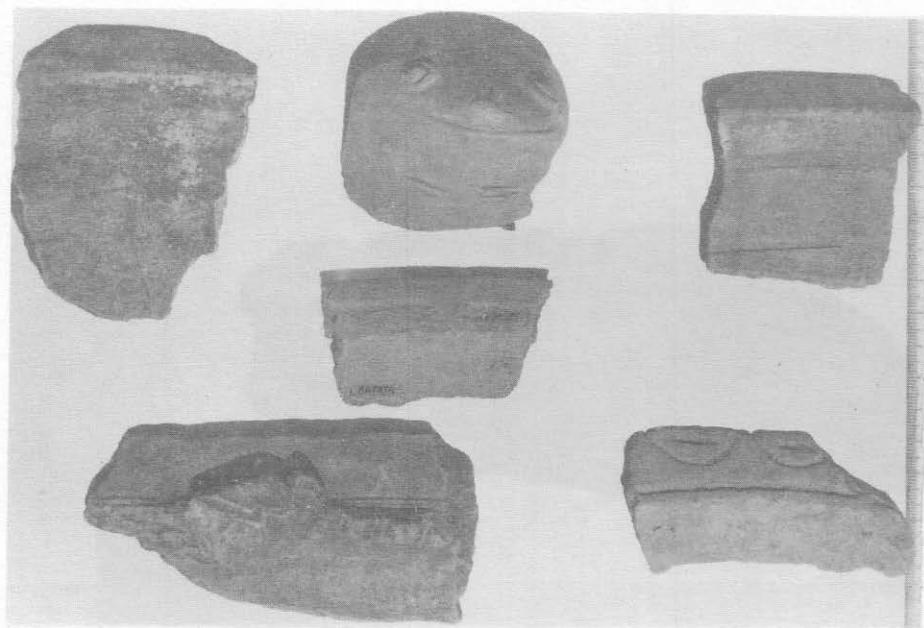


Lago Tapixaua, ídolo de esteatita

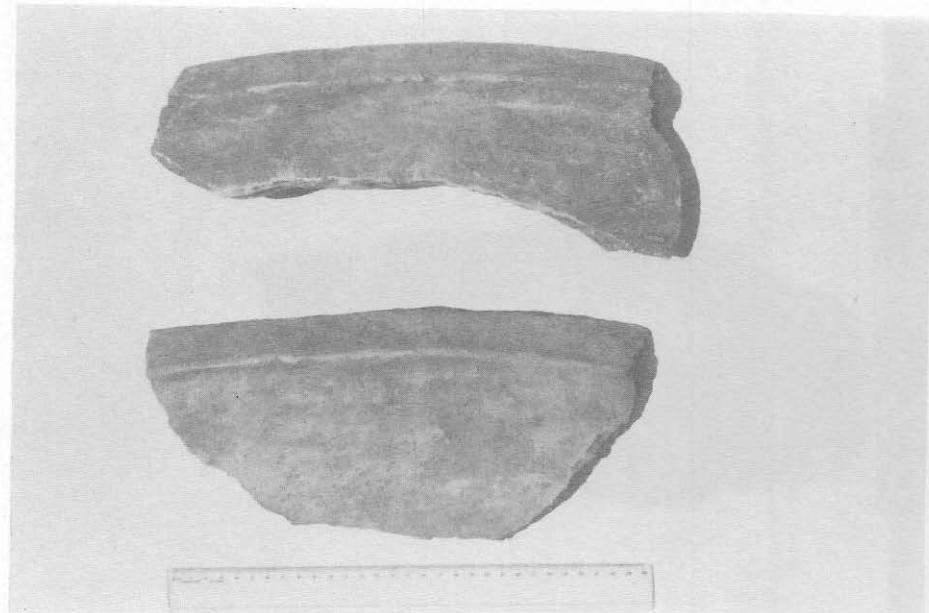
representação feminina



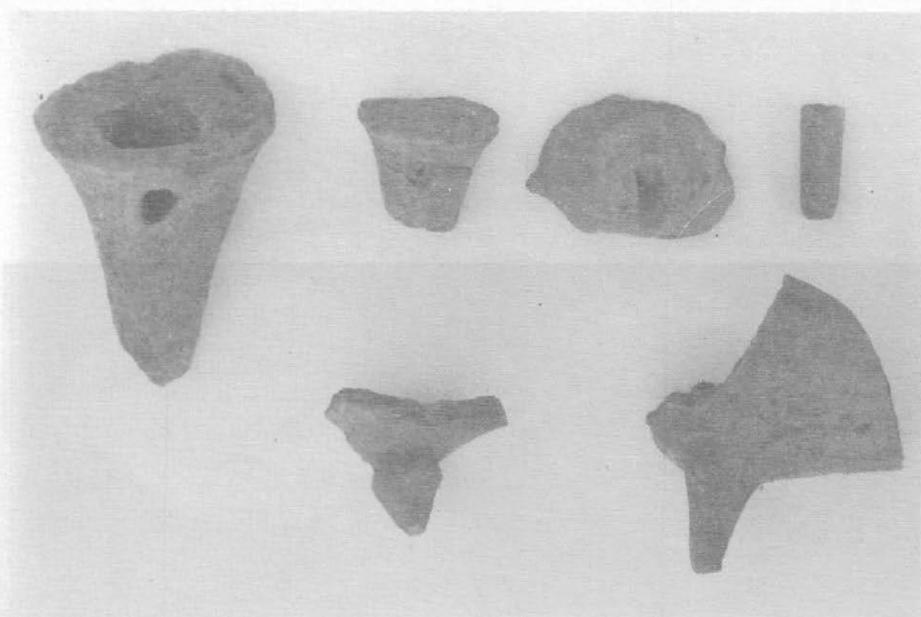
representação masculina



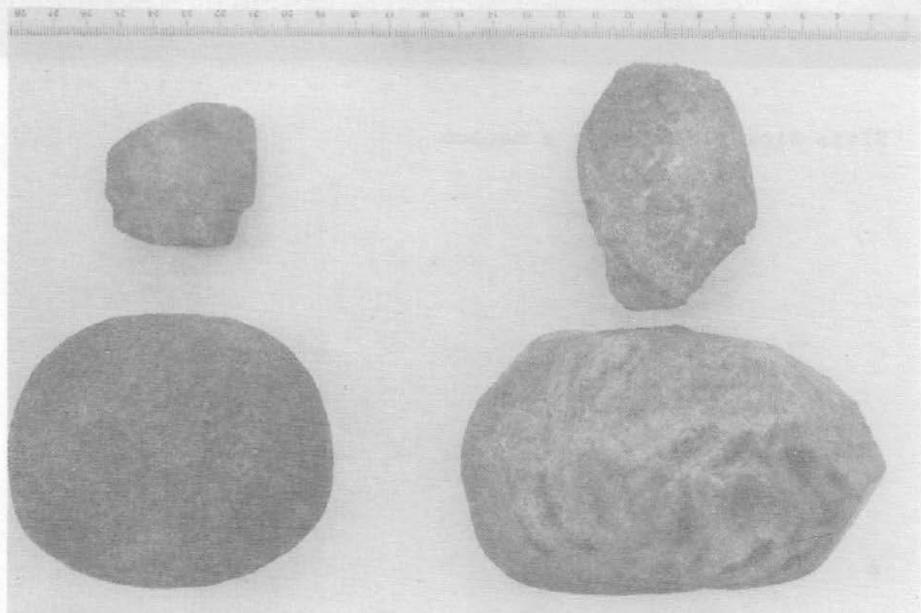
Lago Batata, bordas e rã



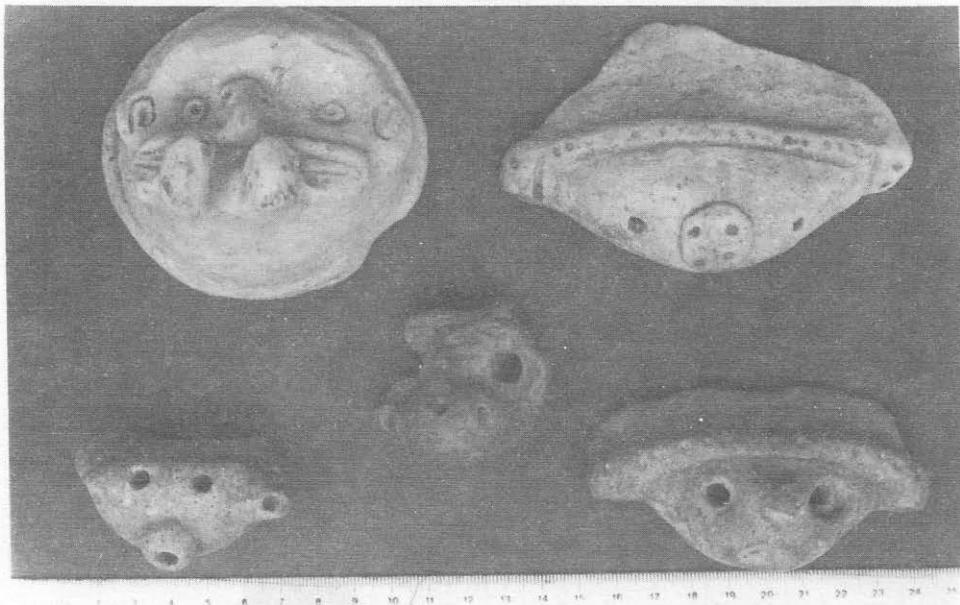
Ibidem : bordas dos maiores recipientes



Material lítico



Ibidem : pés de trípodes



Sítio Alema, biomorfos e macaco

O FABRICO ARTESANAL DE TELHA COLONIAL

Uma técnica em extinção

Paulo Alvarenga Junqueira*

I. INTRODUÇÃO

Esta nota de cunho etnográfico é uma decorrência de prospecções que visavam a localização de novos sítios arqueológicos, em julho de 1984, nos municípios de Januária e Itacarambi, Minas Gerais.

A localização de uma pequena indústria que ainda utilizava de tecnologia artesanal para a fabricação de telhas, tornou indispensável o registro dessa atividade, uma vez que a automatização crescente das olarias através de maquinários elétricos, rápidos e eficientes, condenou ao desaparecimento processos tecnológicos como esse.

Limitamo-nos apenas à descrição dos processos de fabricação das telhas meio tronco de cone, de utilização muito comum no período colonial. Acreditamos que o resgate de técnicas como essa sejam de suma importância para a história dos sistemas construtivos utilizados na arquitetura colonial brasileira.

II. CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO E DOS INFORMANTES

A fábrica de telhas está localizada a 54 km N da cidade de Januária, no distrito de Levinópolis, situando-se na fazenda da Onça, ou simplesmente "Onça", como é denominada atualmente. Ape-

* Setor de Arqueologia e Deptº Sociol./Antrop. FAFICH/UFMG.

sar da distância até a sede do município não exceder a 70 km por estrada não pavimentada, o único ônibus diário que por ali passa (Januária - Vereda Grande, via Cônego Marinho) gasta de cinco a cinco horas e meia para perfazer o percurso até a Onça. A fazenda, outrora um latifúndio, encontra-se dividida, por sucessivos espólios, em pequenas propriedades, quase todas pertencentes a mesma família. A população local girava na época, em torno de 150 pessoas, na maioria adultos e aposentados.

O lugarejo está assentado em uma vereda, cortada por um córrego de regime temporário, afluente da margem direita do rio Peruaçú. As casas não encontram-se alinhadas ou próximas como nos vilarejos, mas dispersas ao longo da vereda, em distâncias nunca inferiores a 100 m, seguindo o curso do pequeno córrego.

A configuração topográfica, de cimento pouco pronunciado, e uma drenagem deficiente favorecem a formação de solos hidromórficos, extremamente argilosos.

A vegetação circundante ao povoado é constituída de cerrado secundário e, no local propriamente dito, por buritis¹ e cabeçudas².

A região se insere na área de atuação da SUDENE, possuindo características de clima semi-árido. São marcantes duas estações: o período chuvoso, com uma precipitação concentrada nos meses de novembro a março, e o período da seca, nos meses restantes. A precipitação média anual situa-se entre 800 a 1000 mm, extremamente mal distribuída.

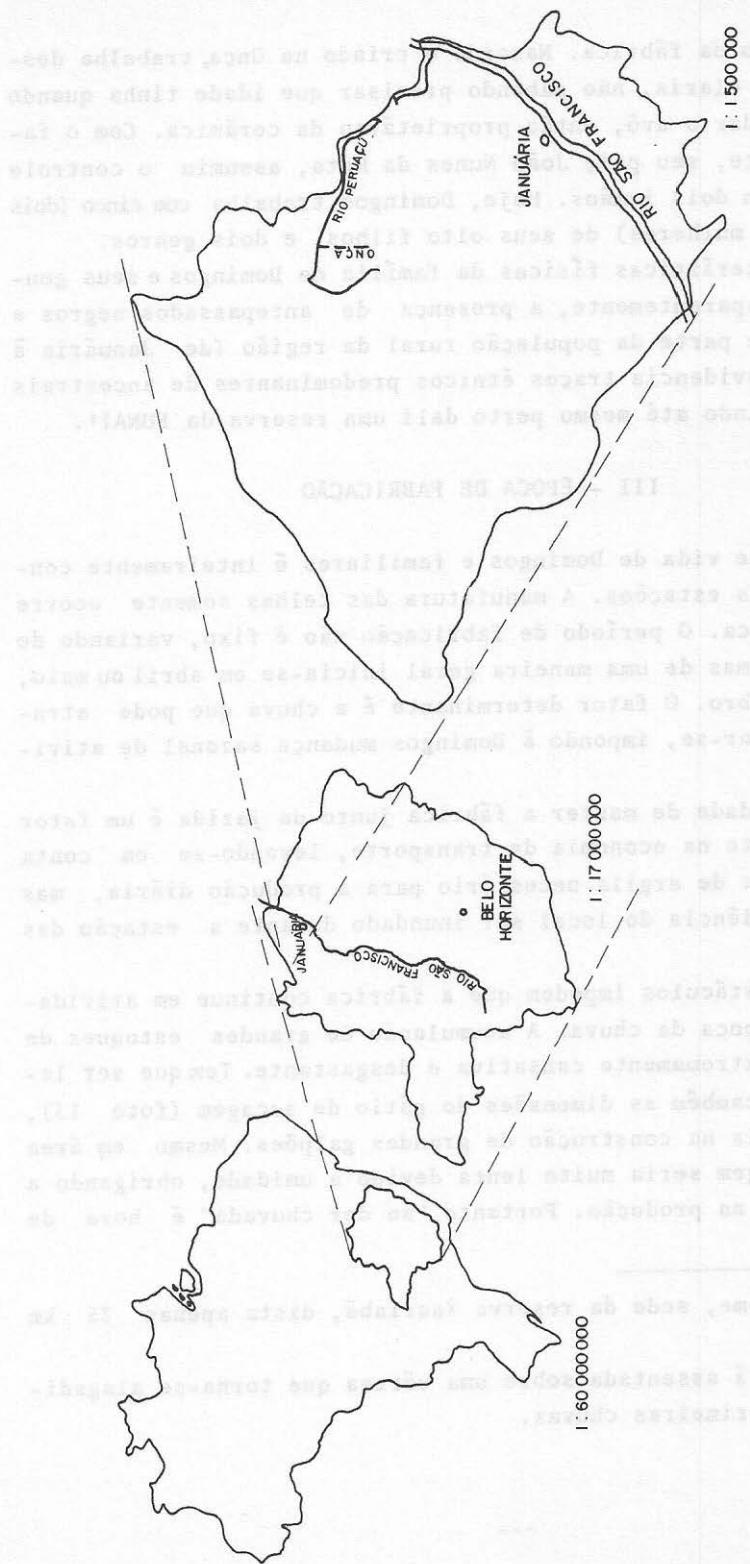
As informações sobre a manufatura das telhas foram obtidas por observação direta e os dados complementares através de entrevistas.

O principal informante, Domingos Nunes da Mota, de 65 anos,

¹ BURITI (*Mauritia sp.*) - Palmeira dotada de fruto amarelo, do qual se extrai óleo e broto terminal comestível, e de cujas folhas são confeccionadas esteiras, redes, chapéus e coberturas de casas; palmeira do brejo, muriti.

² CABEÇUDO (*Butia capitata*) - Palmeira de frutos drupáceos, cujo suco serve como vinagre, e cuja amêndoia é alimentícia e oleaginosa; butiá-de-vinagre, butiá-azedo, tutiazeiro, cabeçuda, coqueiro-azedo, coqueiro-cabeçudo, guariroba do campo.

**FIG. 1 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA FÁBRICA
ARTESANAL DE TELHA COLONIAL**



é o atual dono da fábrica. Nascido e criado na Onça, trabalha desde pequeno na olaria, não sabendo precisar que idade tinha quando começou a ajudar o avô, então proprietário da cerâmica. Com o falecimento deste, seu pai, João Nunes da Mota, assumiu o controle juntamente com dois irmãos. Hoje, Domingos trabalha com cinco (dois homens e três mulheres) de seus oito filhos, e dois genros.

As características físicas da família de Domingos e seus genros denotam, aparentemente, a presença de antepassados negros e índios. Grande parte da população rural da região (de Januária à Montalvânia) evidencia traços étnicos predominantes de ancestrais índios, existindo até mesmo perto dali uma reserva da FUNAI³.

III - ÉPOCA DE FABRICAÇÃO

O ritmo de vida de Domingos e familiares é inteiramente condicionado pelas estações. A manufatura das telhas somente ocorre na época da seca. O período de fabricação não é fixo, variando de ano para ano, mas de uma maneira geral inicia-se em abril ou maio, indo até setembro. O fator determinante é a chuva que pode atrasar ou antecipar-se, impondo à Domingos mudança sazonal de atividade.

A necessidade de manter a fábrica junto da jazida é um fator muito importante na economia de transporte, levando-se em conta o grande volume de argila necessário para a produção diária, mas tem a inconveniência do local ser inundado durante a estação das águas⁴.

Vários obstáculos impedem que a fábrica continue em atividade durante a época da chuva. A acumulação de grandes estoques de argila seria extremamente cansativa e desgastante. Tem que ser levado em conta também as dimensões do pátio de secagem (foto 13), o que implicaria na construção de grandes galpões. Mesmo em área coberta a secagem seria muito lenta devido a umidade, obrigando a uma diminuição na produção. Portanto "se der chuvada" é hora de

³ O Brejo da Fome, sede da reserva Xacriabá, dista apenas 25 km da Onça.

⁴ A fábrica está assentada sobre uma várzea que torna-se alagadiça desde as primeiras chuvas.

parar com o barro.

Inicia-se o ciclo de atividades ligadas à agricultura. A terra é preparada para a lavoura e as cercas são revisadas e consertadas para evitar que o gado entre nas áreas de plantio. Plantase essencialmente milho e feijão. Este último por duas vezes: o das águas e o da seca. No segundo plantio, o feijão é semeado "solteiro" e a colheita ocorre no outono. É então chegada a hora de novamente reiniciar a fabricação de telhas.

IV - EXTRAÇÃO E PREPARO DA MATERIA PRIMA

A argila é retirada a apenas 15 metros do local de fabricação. A extração é feita com o uso de alavanca junto das bordas de um barranco irregularmente escavado (foto 1). Os torrões desidratados são transportados em um carrinho de ferro com pneumático (único traço de utilização de tecnologia moderna) até o "picadeiro" e ali depositados. O "picadeiro" é um poço cilíndrico, também escavado na argila, com 2,20 m de diâmetro por 0,75 m de profundidade (foto 3).

Às 8 horas da manhã a água é adicionada na proporção de 30 a 50 latas (de querosene) de 20 litros, num total de 600 a 1000 litros. O poço onde a água é apanhada está situado um pouco mais distante, mas não mais do que 50 metros do "picadeiro" (foto 2). A hidratação é completada até às 16:30 h, quando inicia-se a "surra" nos torrões até desmarchá-los. Esta fase do processo envolve o trabalho simultâneo de 2 pessoas. A argila continua a ser socada com o cabo de 2 foices até adquirir a consistência de "pomada", isto é, até readquirir suas propriedades plásticas, perdidas na desidratação.

É retirada do "picadeiro" à medida que "fica no ponto", enquanto que a parte restante continua a levar a surra. Finda esta fase, ela é socada com um porrete fora do picadeiro, para diminuir de volume.

Às 20 h, já noite fechada, é encerrada a jornada de trabalho. No dia seguinte, antes das 8 h, a massa de matéria-prima a ser trabalhada é depositada na fábrica.

V - A FÁBRICA E A TÉCNICA DE MANUFATURA DE TELHAS

A fábrica é constituída por um único cômodo sem paredes, parcialmente coberto por folhas de palmeiras (foto 1 - lado superior à direita). Duas palmeiras "cabecudas" foram aproveitadas como esteios e nos outros dois canto foram fincados dois postes. Sob a cobertura existem duas bancas, cada uma constituída por uma tábua de 1,98 m de comprimento e 0,26 m de largura, fixadas em plano inclinado. A parte mais elevada de cada prancha encontra-se apoiada em uma das cabeçudas-esteio a 97 cm do chão, enquanto que a extremidade inferior, onde trabalha o oleiro, é sustentada por um pequeno poste de 80 cm de altura (foto 4).

Por volta das oito horas da manhã dão início às atividades. Cinzas são retiradas de dentro do forno e acumuladas do lado externo da base de cada banca. Comparativamente me veio a lembrança, a imagem de um pasteleiro fazendo massa. Da mesma maneira que se usa farinha para polvilhar o mármore e o rolo de madeira, evitando que a massa grude em ambos, é necessário também polvilhar a banca e a grade com cinzas para que a argila não adira na madeira (foto 7). A grade consiste em um quadro trapezoidal de madeira usado como forma para a argila (foto 5-A e Fig. 2-B). Ela é esfregada na cinza (foto 6) e colocada sobre a banca. Do monte de argila, já preparado no dia anterior, é retirado com as mãos uma certa quantidade que é colocada dentro da grade (foto 8). Após ser amassada e espalhada no quadro, ela é espremida com o "facão" ou "cortador", instrumento de aroeira em forma de bastão rolíço, com 58 cm de comprimento. De formato semi-cônico, tem 9,2 cm de diâmetro em uma das extremidades e 7 cm na outra.

Depois de extraídos os excessos com o "facão" (foto 9), a argila já moldada é empurrada ainda na grade, até a parte superior da banca. A grade é então retirada, deixando o quadro trapezoidal de argila à espera da moldagem final. A banca é novamente polvilhada de cinzas, repetindo-se o processo já descrito anteriormente. Esta etapa é executada simultaneamente nas duas bancas. A fase seguinte da produção é também exercida por duas pessoas, que têm por função dar curvatura e o acabamento final à telha, antes da secagem.

No dia em que realizamos a pesquisa de campo, o próprio *Do-*
Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

mingos trabalhava na banca da direita, enquanto seu filho Francisco Correa da Mota, de 23 anos, ocupava a banca da esquerda. O acabamento era feito por outros dois filhos de Domingos, Joana da Mota Madureira⁵, 22 anos, e João Correa da Mota, 14 anos.

O molde que utilizam para dar a curvatura da telha é conhecido como "guarlape". É feito do cerne de embaré⁶, madeira extremamente leve e macia. Consiste de um cabo ligado a um semi-cone alongado, entalhados em uma única peça (foto 5-b e Fig. 2-b). A denominação "meio tronco de cone" dada a telha colonial talvez esteja relacionada ao molde, que possui um lado plano e outro convexo, lembrando um tronco cortado longitudinalmente.

O "guarlape" é seguro por baixo e apoiado sobre o antebraço esquerdo, enquanto com o auxílio de uma espátula, a mão direita faz deslizar o quadro de argila para o molde (foto 10). Para que isto ocorra, o artesão destro tem sempre que se postar do lado esquerdo da banca.

Do lado externo da fábrica, à esquerda, há uma tijela de barro⁷ contendo água, apoiada sobre uma forquilha cuja base encontra-se fincada no chão.

Como acabamento, a mão direita é molhada e esfregada na parte superior da telha para dar o "pelo" ou alisamento. A seguir, traçam uma linha quebrada na superfície exterior da telha, que segundo os informantes, serve para enfeitar. Na realidade, mesmo sem consciência do fato, o que estão fazendo é a personalização de seu trabalho no produto acabado. A linha quebrada traçada por Joana forma um M e a de João um N (foto 11).

O trabalho de fabricação dura até que termine o monte de argila, gastando em média de 15 a 16 horas, indo portanto das 8 horas da manhã até a meia noite.

⁵ A única das três filhas casadas, que trabalham na olaria, cujo marido não está envolvido no processo de fabricação.

⁶ Embaré - N e NE. Árvore da família das bombacáceas (*Cavanillesia arborea*), de tronco muito grosso, com grande reserva de água e flores vermelhas, sendo o fruto uma grande cápsula alada; barriguda.

⁷ Existiam várias oleiras na Onça, mas devido a fatores como mudança e falecimento, estão atualmente reduzidas apenas a duas. A cerâmica da Onça e de outros locais serão tratadas em trabalho à parte.

São produzidas nas duas bancas uma média de 1200 a 1300 telhas por dia.

VI - A SECAGEM E A QUEIMA

Depois de personalizada a telha é levada para o terreiro, que é cercado com 3 fios de arame farpado para evitar que o gado entre e cause acidentes. É depositada no chão e através de um movimento rápido, o "guardape" é retirado, único momento em que o cabo do molde tem sua função (foto 12).

A secagem é feita ao sol durante dois dias (foto 13), depois as telhas são transportadas por carrinho de ferro (50 telhas por viagem) até um forno a 100 m do local.

O forno (foto 14), com capacidade para 3500 telhas, foi construído em 1948. Um detalhe construtivo importante são as fornalhas escavadas no barranco para melhor aproveitamento das calorias. As telhas já queimadas são empilhadas na lateral direita, umas sobre as outras, em posição horizontal. As que estão sendo transportadas pelo carrinho são empilhadas em posição vertical⁸ do lado esquerdo até completar a capacidade do forno. Só então são depositadas dentro dele. O empilhamento é feito em duas camadas de telhas em posição vertical, em carreiras com faces alternadas. É encimada por uma terceira e última carreira em posição horizontal. O capeamento final é feito com telhas já queimadas, colocadas como nos telhados, em posição de capa e bica (foto 15).

O fogo é aceso às 5 horas da manhã, queimando durante 24 horas. Enquanto as telhas estão no forno a produção é interrompida. Só é descapeado 60 h após o início da queima, com a fornada já fria. Depois da retirada das telhas param o trabalho por mais 3 dias devido a "quentura"⁹, período em que procuram outros afazeres.

⁸ A argila não queimada é frágil, se as telhas fossem empilhadas horizontalmente sobre as outras, o peso certamente racharia grande parte da produção.

⁹ Acreditam que com o corpo muito quente não devem trabalhar com a argila fria, pois podem ocorrer problemas neurológicos. Aliás, esta crença também está presente entre as donas de casa quando torram café.

A argila depois do processo de oxidação torna-se creme-amarelada, de aspecto bastante agradável.

Um novo forno de barro estava pronto, mas ainda sem uso, a apenas 20 m do pátio de secagem das telhas. Mais próximo, permitindo uma maior economia no transporte, será utilizado também por outros familiares. Sua construção é de adobe e argamassa de barro, com terra chegada nas laterais e na parte posterior, devido a falta de barranco onde pudesse ser escavado (foto 16 e fig. 3).

VII - A COMERCIALIZAÇÃO

Produto já tradicional, a telha é utilizada em construções rurais e urbanas nos municípios de Januária, Itacarambi, Manga e Montalvânia, tendo sido levada em certa ocasião até mesmo para Montes Claros, a mais de 230 km de distância. O autor tivera, inclusive, oportunidade de ouvir por diversas vezes, referências elogiosas sobre a qualidade da telha, anos antes da realização do trabalho de campo.

Segundo nosso principal informante, o que tornou famosa a telha da Onça foi a sua qualidade, devido ao barro e ao preço bastante atrativo. Em julho de 1984, o milheiro estava sendo comercializado por 40 mil cruzeiros¹⁰.

Por se tratar de produção pequena e sazonal, geralmente o que é produzido tem saída imediata. A venda é direta, sem intermediários, correndo o frete por conta do comprador. Raramente acumulam estoque.

VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O informante não soube dizer desde quando existe a fábrica, mas que é muito velha. Pela idade de Domingos e por ter pertencido ao seu pai e anteriormente ao avô, ela remonta provavelmente ao século XIX.

Há ligações de parentesco entre todos os artesãos, ou por consangüinidade ou por matrimônio. Aparentemente não existe divi-

¹⁰ Para efeito de comparação o salário mínimo da época era de Cr\$97.176,00.

são sexual do trabalho. A técnica do fabrico de telhas pode ter sido adquirida por escravos que posteriormente a repassaram a descendentes. O aprendizado é feito naturalmente por observação direta das crianças que acompanham as mães ao local do trabalho.

A venda das telhas garante uma renda suplementar na estação da seca pelo menos igual ou superior à das atividades de subsistência ligadas à terra.

Ao contrário da lavoura onde são necessários gastos com a aquisição de sementes e alguns insumos agrícolas, a produção das telhas exige unicamente a força de trabalho, uma vez que tanto a argila quanto a lenha são extraídas sem ônus algum.

Existe outra fábrica de telhas na Onça, pertencente a parentes de Domingos, e uma terceira na localidade de Areião, a 6 km do local.

IX - BIBLIOGRAFIA

ANDRADE FILHO, Oswald de.

1971. Normas para Pesquisa da Cerâmica. Cadernos de Folclore, II: 8p. MEC, Rio de Janeiro.

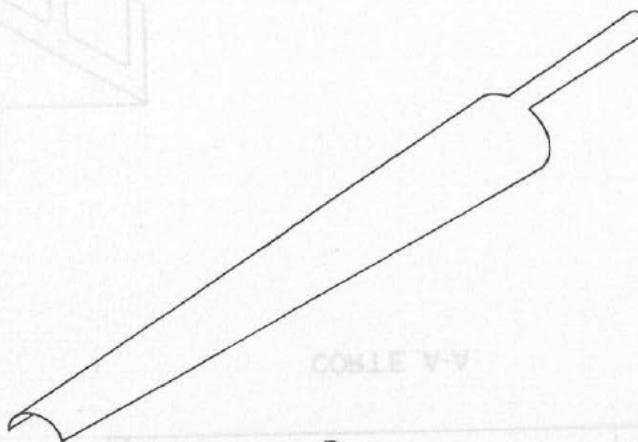
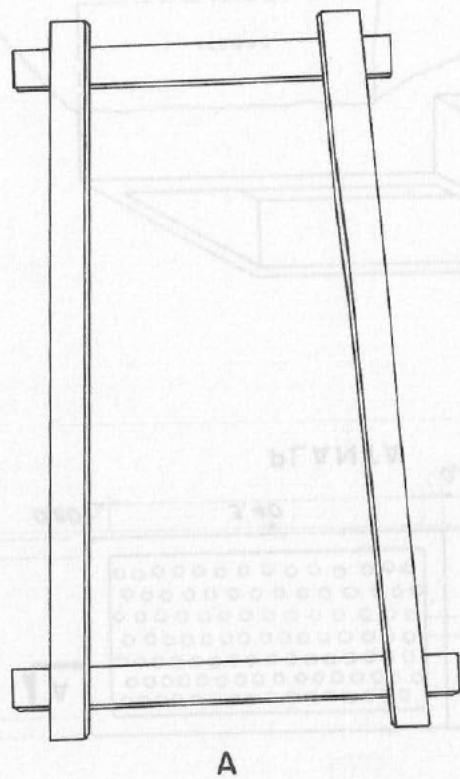
SNOW, T. Charles & ABREU, José Eustáquio Teixeira.

1977. A cerâmica neobrasileira em regiões vizinhas a Belo Horizonte, MG. AMHN-UFMG, Belo Horizonte, 2:175-91. il.

VASCONCELLOS, Sylvio de.

1979. Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos. 5 ed. Belo Horizonte, UFMG, 186 p. il.

FIG. 2 - PRINCIPAIS ARTEFATOS UTILIZADOS NA FABRICAÇÃO
DA TELHA COLONIAL



PEÇA A - QUADRO

PEÇA B - GUARLAPE

ESCALA 1:4

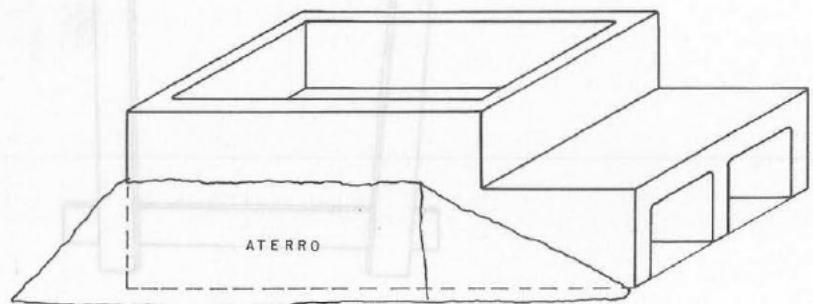
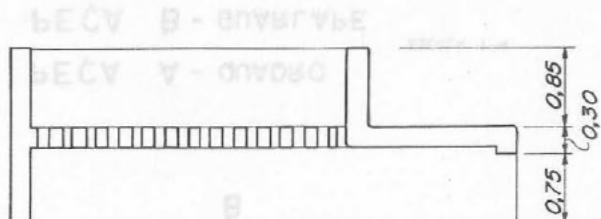
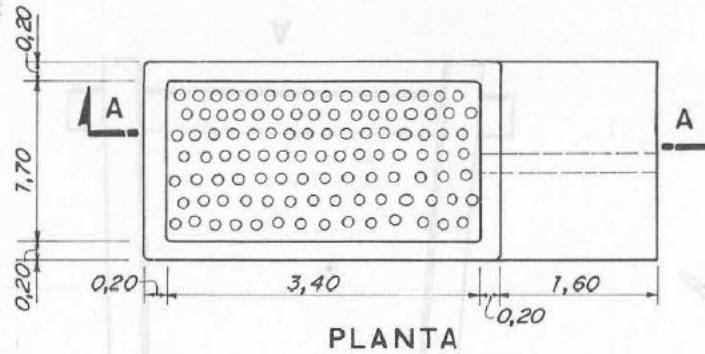


FIG. 3

FORNO UTILIZADO NA QUEIMA DAS
TELHAS COLONIAIS

ESCALA 1:50
DIMENSÕES EM METRO



1. Local de coleta da argila. A escavação é feita com alavanca para a retirada dos torrões.



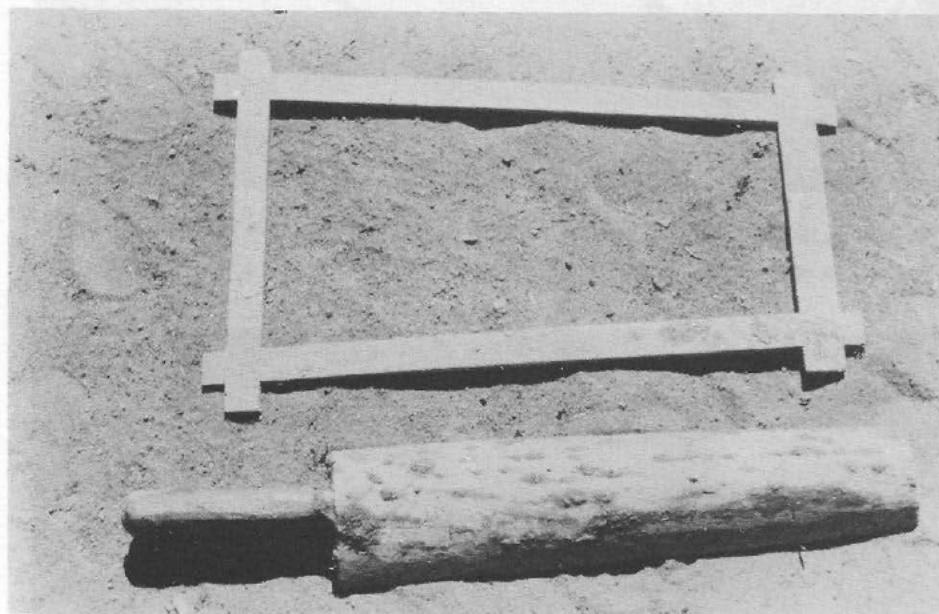
2. A água é retirada do lado oposto ao local de coleta de argila, em um pequeno poço.



3. Vista do picadeiro. As folhas de *Butia capitata* são utilizadas como cobertura para dar sombra durante o trabalho de hidratação da argila.

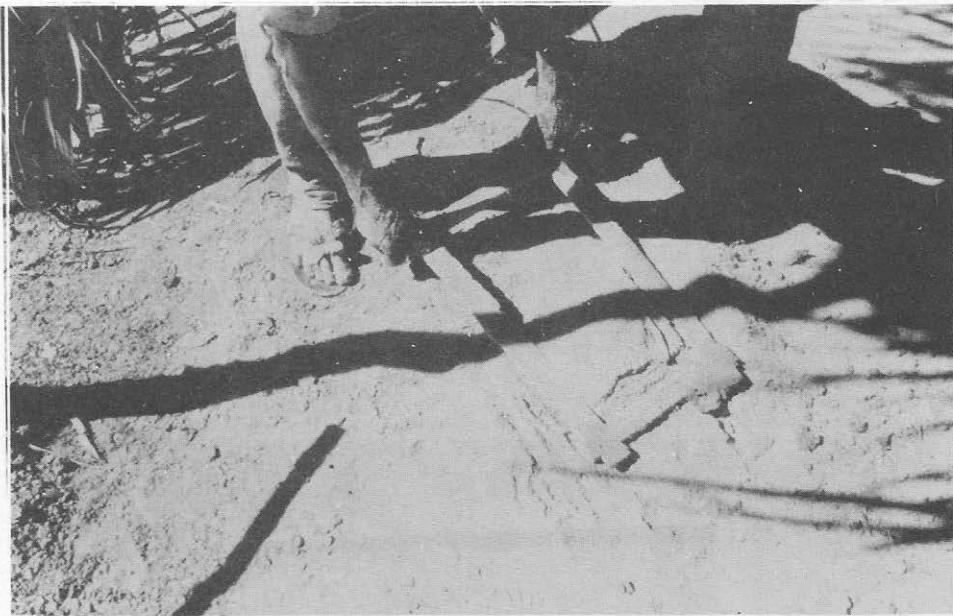


4. Vista da oficina. Nota-se no centro parte do monte de argila já preparada para utilização ladeado por duas bancas onde são feitas as telhas.

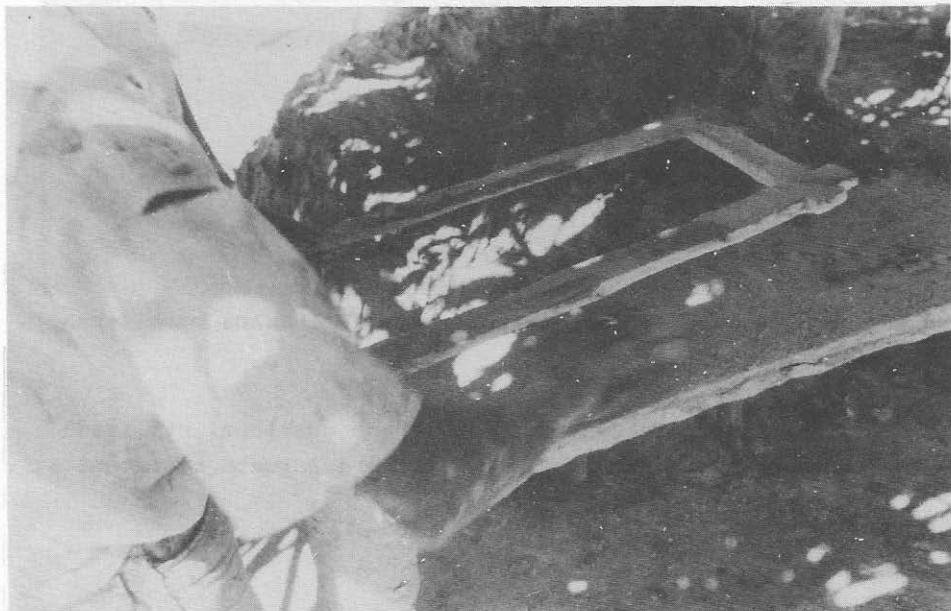


5. A. Grade de madeira de formato trapezoidal usada como forma para a argila.

B. Molde de madeira convexo, denominado guarlape, utilizado para dar curvatura à telha. Nota-se o formato semi-cônico da peça.



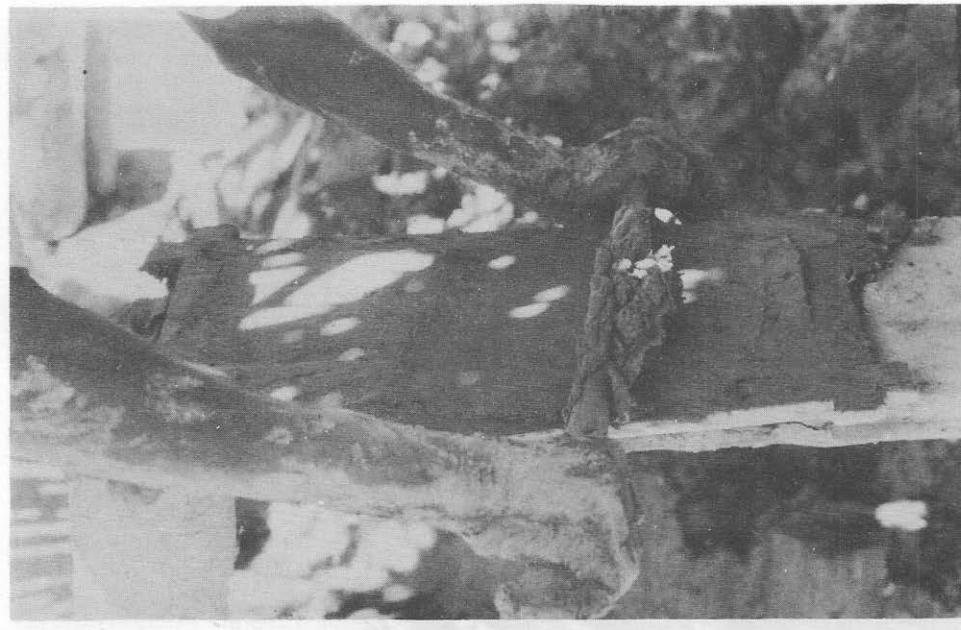
6. A grade é esfregada sobre cinza para evitar que a argila adira na madeira.



7. A cinza é colocada também sobre a banca, evitando da mesma maneira, que a argila grude na tábua.



8. A argila é amassada e espalhada dentro da grade em movimentos uniformes, semelhantes aos de um pasteleteiro.



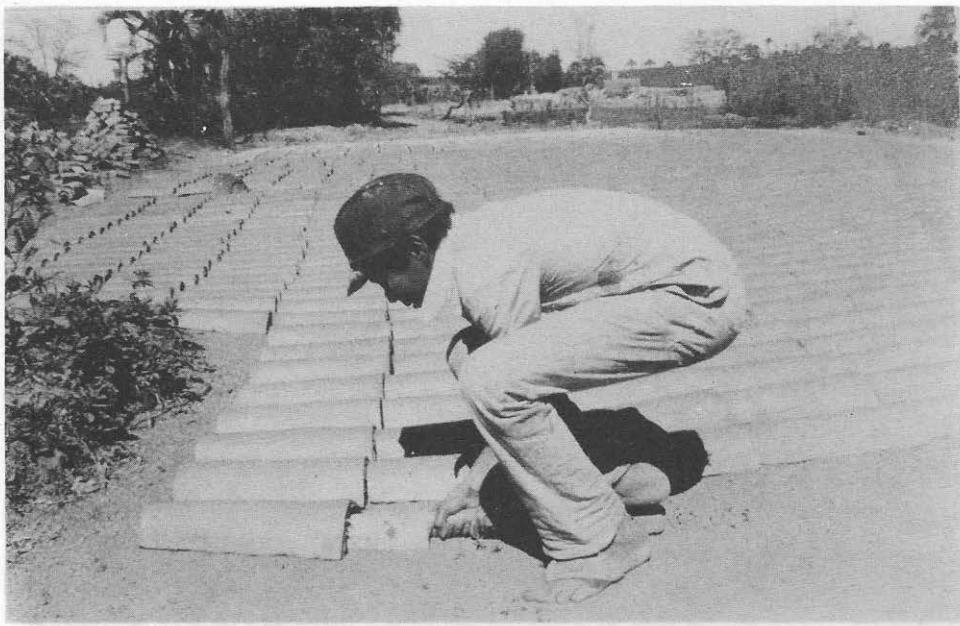
9. A argila é comprimida dentro da grade com a utilização de um bastão, denominado facão ou cortador, retirando-se as sobras.



10. A grade é retirada e a argila já moldada é deslizada, com a ajuda de uma espátula de madeira, sobre o "guarlape".



11. A telha já moldada é alisada com a mão molhada. Personalizando a peça o artesão desenha a letra N na face externa da telha.



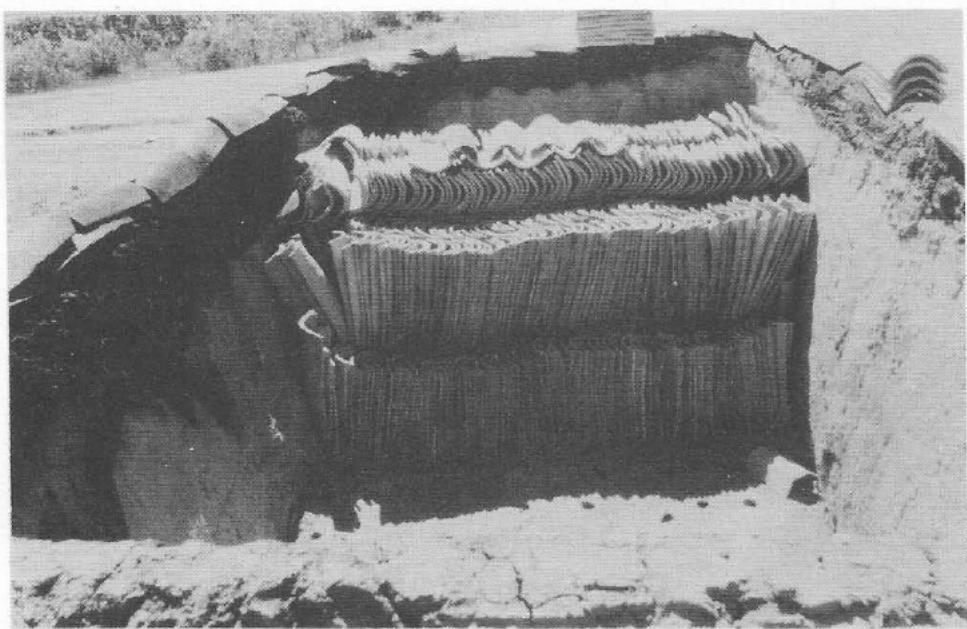
12. A telha é posta no chão para secar. O "guarlape" é retirado através de um movimento rápido. Nota-se ao fundo o forno.



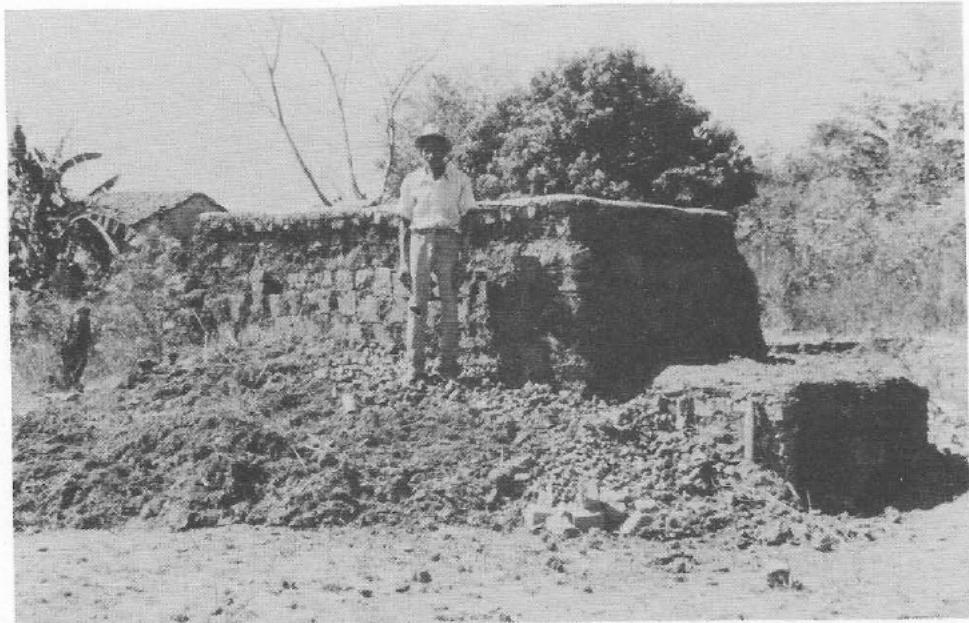
13. Vista do terreiro onde é colocada a produção diária para secagem.



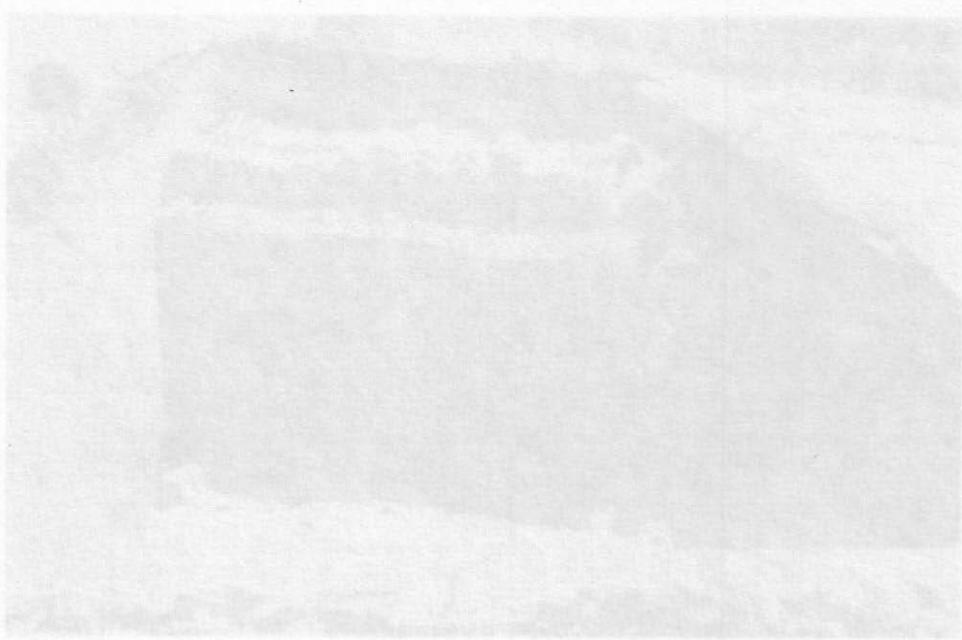
14. Vista do forno que vem sendo utilizado desde 1948, construído sobre um barranco. À esquerda, as telhas prontas para serem queimadas e à direita, as telhas já queimadas.



15. Detalhe do interior do forno com parte da fornada já queimada. Nota-se na base os furos de passagem do calor.



16. Vista lateral do novo forno, tendo à frente o artesão Domingos Nunes da Mota.



Revista Brasileira de Arqueologia
O Povo dos Pálatos

Editora da Universidade Federal de Minas Gerais
Centro Especializado em Arqueologia Pré-Histórica - MHNJB/UFMG - 2012

NOVAS INFORMAÇÕES SOBRE OS SAMBAQUIS FLUVIAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO

-IR JESÉ, ESTAMPO A ASSISTÊNCIA SOCIOECONÔMICA DA S. P. G. C. Collet*

Em trabalhos anterior (Collet & Prous, Collet & Guimarães), foram expostos primeiros resultados das prospecções e sondagens realizadas pelos SBE em 1975, na região de Itaoca, ao longo do Rio Ribeira de Iguape.

Tivemos, mais tarde, conhecimento das escavações realizadas em dois sítios deste tipo, por K. Sakai, em 1939, no município de Pedro de Toledo, que acabaram publicadas em Português, apenas em 1979.

Os sambaquis fluviais são constituídos por centenas de milhares ou às vezes de milhões de conchas esmigalhadas ou inteiras dos moluscos, que serviam de alimento aos povos caçadores/coletores daquela época.

Mas não tendo grande espessura e sendo atualmente recobertos por forte vegetação tropical densa, são de dificílima localização.

No entanto, prospecções sistemáticas efetuadas em função das observações feitas na época da primeira descoberta nos levaram a identificar até hoje quase trinta dessas curiosas estruturas, até, há poucos anos desconhecidas da literatura arqueológica brasileira. No presente artigo, apresentamos os dados conseguidos desde 1977.

Apesar da denominação "Sambaquis", estas estruturas são bastante diferentes dos sambaquis *stricto sensu* do litoral, em função da estratigrafia mal definida e da sua composição de moluscos

* Coordenador da equipe de prospecção e pesquisa da Sociedade de Espeleologia Brasileira.

terrestres. São restos culinários, no mesmo tempo lugar de habitações e sepulturas, o que é também a quase definição do verdadeiro sambaqui marítimo. Os franceses chamariam de "Sites coquiliers" essas ocorrências que existem em certas quantidades na África do Norte.

Localização Geográfica

Os sambaquis fluviais parecem se localizar sobre certos itinerários que levam do planalto ao litoral.

Encontram-se nos municípios paulistas de Guapiara, Apiai, Ribeira, Jacupiranga, Barra do Turvo e Pedro de Toledo, todos do sul do Estado sendo os principais rios destas regiões, o Ribeira de Iguape e seus tributários maiores, primários e secundários - É mais que provável que outras ocorrências sejam localizados a margem direita do rio citado, porém em terras paranaenses na altura dos afluentes Betari, Pardo, Palmital etc.

As coordenadas centrais das 2 regiões de concentrações maiores são $48^{\circ} 40' 99''$ W- $24^{\circ} 35' 00''$ S e $47^{\circ} 15' 00''$ W- $24^{\circ} 17' 00''$ S- aproximadamente.

Quinze desses sítios se localizam num raio de pouco mais de 25 km na proximidade de Itaoca, o resto, estando espalhado, por enquanto, numa linha paralela e depois perpendicular ao litoral distante aproximadamente 50 km do mar, acompanhando os profundos vales encaixados que descem da Serra.

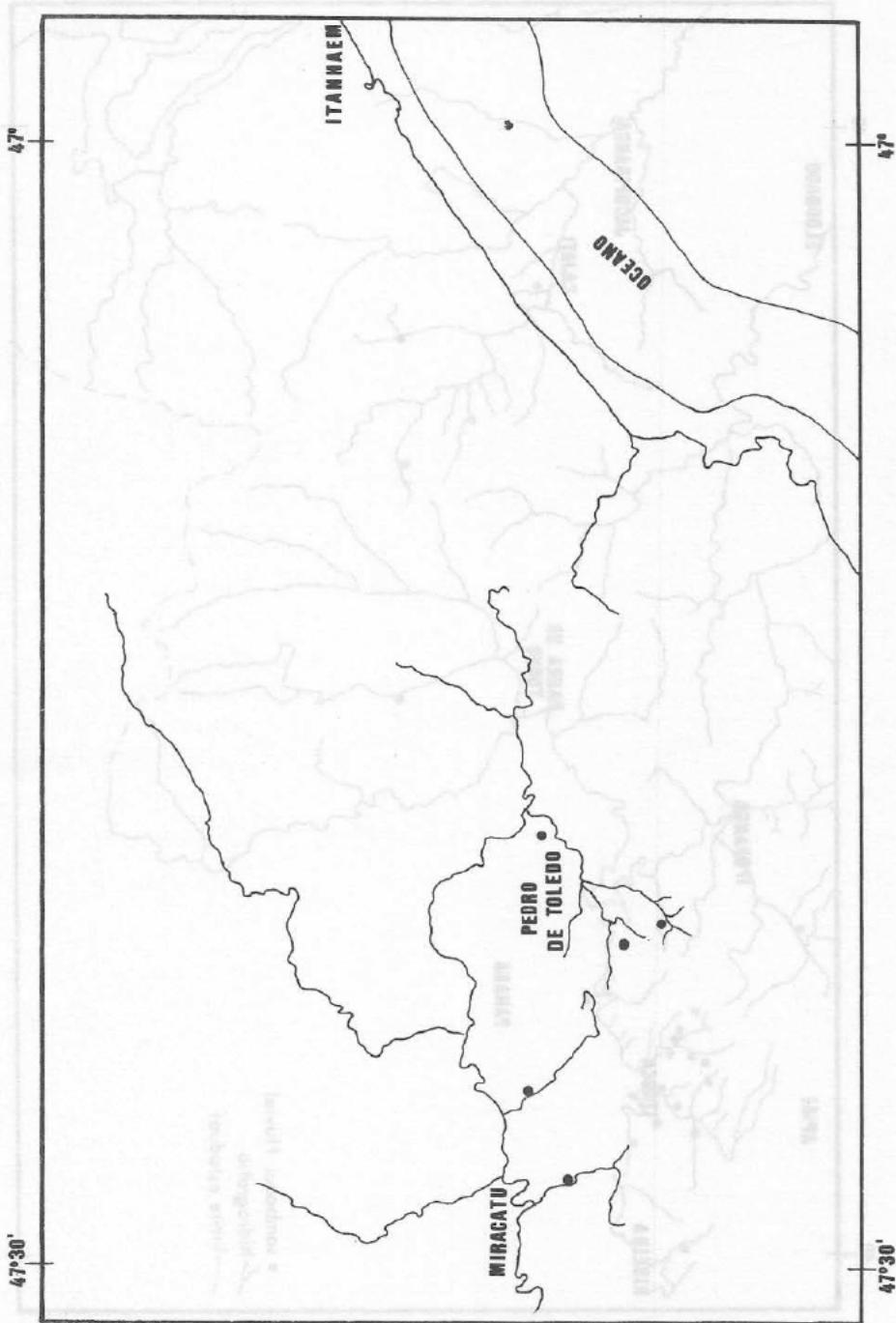
Atualmente (julho 1983), a maior extensão da área de ocorrência de "Caramujais", é de aproximadamente 210 km, indo no sentido este/oeste, da Cidade de Ribeira até o povoado de Pedro de Toledo, linha, aliás, praticamente NE-SO). Cento e vinte km é a largura dessa faixa, indo do litoral até o planalto.

Essas medidas e localização são provisórias, não havendo elementos para hoje dizer que além desse limite não encontramos mais nada. Única certeza: o limite sul é o mar.

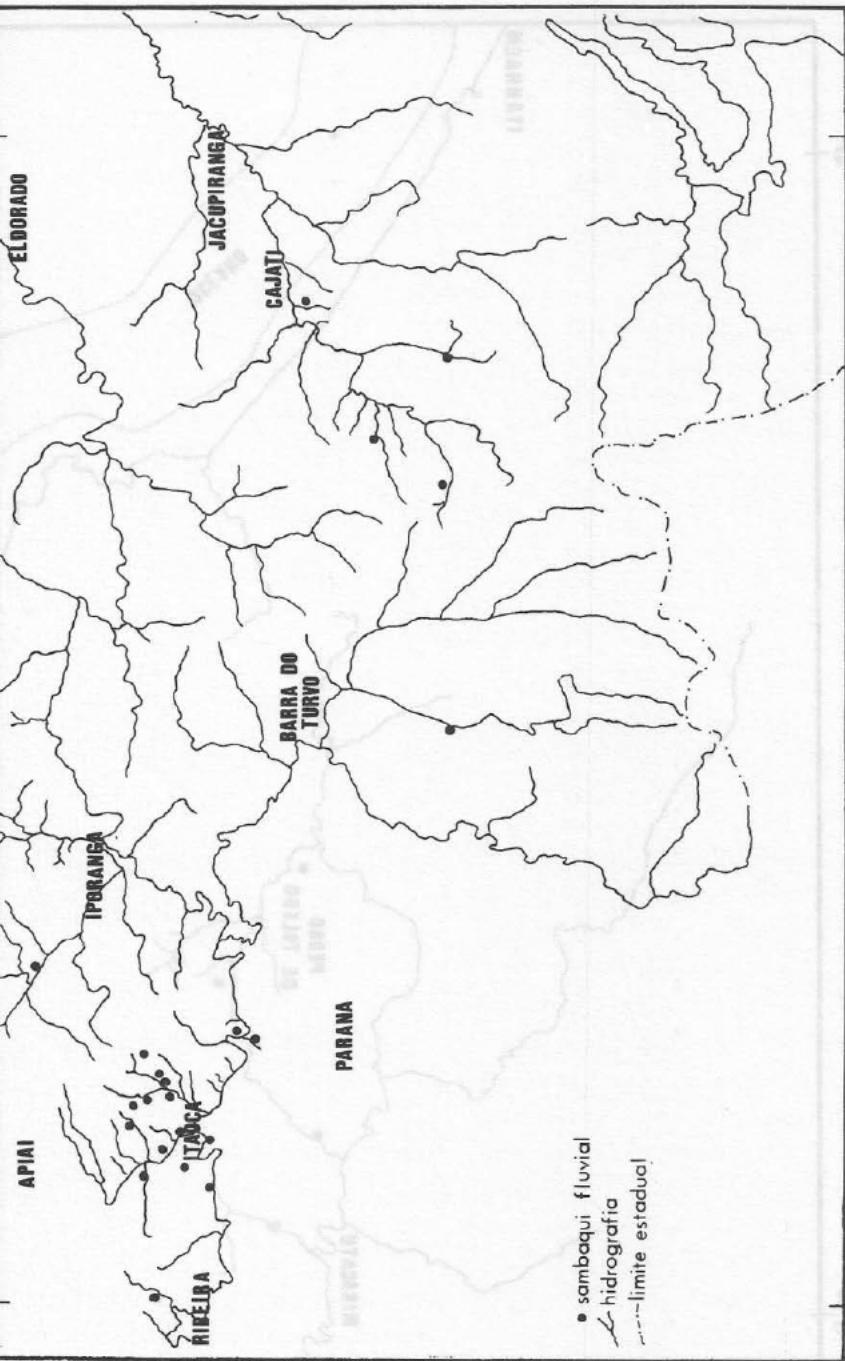
Temos, portanto, em vista da dispersão das localizações atuais vários pontos, bem determinados para futuras prospecções:

1º) O grande vazio entre Cajati e Miracatu que representa mais de 100 km sem informações;

2º) Uma área com fraca densidade de sítios, situada no triângulo



48



49

Cajati-Eldorado e Iporanga - região pouco freqüentada pelos espeleólogos por ser desprovida de calcário, as cavernas começando ao norte de Eldorado;

3º) Já juntamos elementos para organizar um plano de busca "tipo pente fino" e achar os limites Oeste, do lado de Juquitiba, e do Nordeste, no planalto de Tapiraí.

Finalmente, uma procura difícil de Sambaquis Fluviais será nos vales de acesso e vias naturais ao litoral, tentanto localizar os mais baixos em altitude, em contacto provável com os povos da costa e o ambiente oceânico, no limite da proliferação natural dos caramujos, onde encontraremos, talvez, a mistura dos meios alimentares tradicionais: os moluscos terrestres hervívoros e os bivalvos marítimos.

Localização no meio ambiente

O ambiente geográfico onde se localizam esses "Caramujais" é variado, indo do Planalto até as pequenas planícies e vales quentes e úmidos.

As cotas altimétricas mais elevadas devem ser localizadas perto de Guapiara (Sambaquida Serra Formosa que estimamos a 820/850 metros). Segue Guarda Mão, bem mais baixo, com \pm 400 metros, seguido pelo Sambaqui aberto de Capelinha (Cajati, S.P.) com 380 metros ANM., medido com nosso altímetro.

Finalmente temos alguns exemplares de sambaquis em várzeas planas, em suaves elevações e na proximidade de afloramentos rochosos de gnaisse e granito como aquele de Jaracatiaí (Jacupiranga, S.P.) situado a 60 mts. ANM.

O "Caramujo" terrestre se adapta bem a essas variações amplas e os primitivos souberam aproveitar-se dessa faculdade, mesmo em se tratando de variedades e espécies diferentes. As ocorrências se situam atualmente em matas subtropicais decíduas e mesofíticas do Brasil oriental e meridional com predominância de espécies sempre verde. Dentro das áreas pesquisadas ainda existem muitos vestígios da vegetação antiga original, preservada precária e parcialmente por Parques Estaduais e, por esta região ser de difícil acesso e só recentemente cortada por estradas de 4ª categoria. Um estudo dos polens poderíamos informar se a flora era si-

milar à atual ou se houve variações climáticas durante e depois da formação da estrutura.

Várias medidas do pH mostram uma acidez pronunciada de 4,6 onde tem plantações, e 5,5- 6,0 aos 40 cm. de profundidade; ela é menos acentuada onde as conchas predominam sobre a terra.

A maioria dos sítios se encontra ao ar livre em superfícies relativamente planas e geralmente em confluentes ou barras de 2 cursos de água. Alguns são nitidamente confinados em abrigos sob rochas e em pequena área frentes aos mesmos: Abrigo Serra Formosa (Guaípiara), Abrigo Guarda Mão, Abrigo Maximiano, Temimina, Intervales...

Um só até hoje é tipicamente de entrada de caverna: é o belíssimo sítio paleonto-arqueológico de Morro Preto, no vasto salão de entrada dessa grande cavidade situada na região de IPORANGA (SP20 do cadastro geral da Sociedade Brasileira de Espeleologia).

O local infelizmente foi profundamente vasculhado a procura de fósseis em 1904/05 por R. Krone e sobra pouca coisa para a Arqueologia se não, a possibilidade de peneiramento do material rejeitado na época e depositado frente a entrada.

Datação

Uma amostra de caramujos do sítio Capelinha, coletada a 40cm de profundidade foi datada no Japão de 9.890 anos antes do presente, enquanto outra amostra coletada a 80 cm de profundidade e a 18 m de distância da primeira, confiada ao laboratório de radio-carbono da Nuclebras-Belo Horizonte, fornecia uma datação de 10500 ± 1500 BP.

Apesar da inversão em relação à profundidade, podemos considerar o resultado satisfatório, a partir do momento que se considera a margem de erro, e temos assim confirmada a grande e imprevista antiguidade deste tipo de sítio no estado de São Paulo.⁽¹⁾

Uma das hipóteses que levantamos antes de termos datações, era de que os sambaquis fluviais marcassem uma rota temporária ou de trânsito sazonal dos povoadores dos sambaquis marítimos entre o planalto e o litoral. Porém a defasagem considerável, de vários milênios, entre a média dos litorâneos e os nossos sambaquis, faz com que praticamente abandonemos essa hipótese ou pelo menos que

a modifiquemos.

Os caramujos foram literalmente dizimados nesta época e até hoje não conseguiram recuperar sua população, seja em razão de uma mudança climática desfavorável, seja em consequência da matança drástica efetuada pelos homens pré-históricos.

O Conteúdo Faunístico

No refugo alimentar predominam em massa as conchas de *Strophocheilidae*.

O caramujo, *Strophocheilus* sp. é um grande molusco, gastró-podo terrestre, herbívooro pulmonado, provido de uma concha fina, relativamente resistente, de cor marron clara, listrado de amarelo quando vivo e que vai esbranquiçando quando morto, perdendo rapidamente o tipo de verniz superficial colorido que o caracteriza. Ele é encontrado depois da hibernação, a qual nas regiões mais altas ocorre entre maio e agosto. Fica particularmente aproveitável entre fevereiro e abril, quando engordou bastante e não se enterrou ainda.

O *Megalobulimus yporangus*, freqüentemente encontrado em altitudes superiores a 850 mts., chega a pesar, vivo, 280/300 gramas, sendo 50% desse peso uma carne rica em proteínas.

As dimensões médias do *Megabulimus* são: comprimento 120/300 mm., diâmetro 65 a 70 mm., porém certos exemplares excepcionais ultrapassam em um centímetro todas estas medidas.

Os caramujos de baixa altitude, mais freqüente nas regiões de Cajati, Pedro de Toledo e Jacupiranga, são variedades pequenas dos *Strophocheilidae mirinaba*, ou do *Bulimulus*, com o comprimento médio de 85-90 mm., diâmetro 45-50 mm., menores que a metade dos *Megalobulimus* citados anteriormente, porém semelhante em tudo no que diz respeito à morfologia, cores, hábitos e composição.

Não sabemos ao certo a longevidade dessas espécies de moluscos, porém em exemplares de nossa coleção com a casca espessa, pesada e uma borda bem reforçada, mostra mais de 15 camadas de calcificação, o que provavelmente corresponde à idade: a maioria foi comida com 1,2 e 3 camadas. Uma concha chega a ter 23 superposições. Certa espécie menor, de formato diferente, mais pontudo, diâmetro não excedendo a 30 mm. e o comprimento a 60 mm., forma em certas amostragens dos sambaquis de baixa altitude, 15% do conteúdo

das conchas examinadas: Trata-se, do *Bullimulidae thaumastus*, sempre presente neste tipo de estrutura arqueológica e com alto poder nutritivo e relativa proliferação naquela área.

A composição observada dos restos culinários além dos próprios caramujos, é variável, conforme as regiões e altitudes. Praticamente em todos os sambaquis aparecem ossos de mamíferos médios como pacas, cutias, porcos do mato, quatis, macacos ou de um certo porte como anta e veados.

Alguns sítios nas proximidades de importantes rios, como o Ribeira de Iguape, contém também espinhos e escamas de peixes enormes e placas de tartarugas. Poucas aves são representadas.

Outros, na mata primária, como o Abrigo Maximiniano (Iporanga) são depositários de restos de caranguejos de água doce, bivalvos, restos de esqueletos de lagartos (*Tupinambis*, Teguixim), de tatus (*Dasyurus sp.*), roedores diversos e até batráquios, sendo muitas e miúdas as variedades animais que completavam a dieta alimentar.

No sambaqui do Alecrim (Pedro de Toledo, S.P.) foram encontradas, como oferendas funerárias, ostras marítimas, o que indica um contacto direto com o mar, distante apenas 35 km.

É o primeiro passo para talvez localizar suposta mistura das duas fontes de alimentação.

Falta localizar a eventual ocorrência de sítios mais próximos do litoral.

Os Artefatos

Mostram uma certa uniformidade quanto ao conteúdo cultural encontrado no interior dos sambaquis. Em compensação, o material superficial, e posterior à edificação das estruturas, é diferente e varia de sítio para sítio.

As matérias primas são diversificadas, utilizando-se a pedra, o osso e as conchas.

Conchas

Na sondagem do Maximiniano foram descobertos 8 "colheres" sem cabos, confeccionadas com a parte mais bojuda da coquilha do caramujo, o que fornece um utensílio extremamente funcional e de as-

pecto estético notável, pela delicadeza do formato, a finura da parede da concha e o brilho característico da parte interna da mesma.

Osso

São três os tipos de artefatos de osso encontrados no meio das conchas:

1º) O maior é constituído de um tipo de agulha, afiado numa das extremidades por esfregamento sobre uma pedra o que lhe dá um polimento parcial não muito fino.

A nossa suposição é que esse artefato simples e robusto, (comprimento 9 a 12 cm., diâmetro 5 a 8 mm.) devia servir para extraír a carne cozida do caramujo da sua concha, uma vez retirado das brasas da fogueira. Essas pontas são encontradas também em Sambaquis litorâneos, porém de tamanho menor.

2º) Pontas de projéteis de ossos de pássaros e de mamíferos de porte médio.

Vários artefatos de osso polido deixam supor a utilização de flechas ou projéteis armados com esses fragmentos de ossos longos bem trabalhados, relativamente simétricos.

São vários os formatos e provavelmente também várias as modalidades de colocação do cabo que supomos seja de madeira, caniço ou bambu.

Algumas dessas pontas foram utilizadas como armas ofensivas e encontradas fixadas em esqueletos humanos (Januário, perto de Itaoca; Alecrim, perto de Toledo).

3º) Furadores de diversos tipos, porém todos pequenos sem grandes esclarecimentos quanto à utilização ou finalidade: trabalho de couro? de trançados? cascas de árvores?

Lítico

Formado sobretudo por choppers e chopping-tools, o material lítico é tosco, primitivo e não muito abundante. Os artefatos são sempre lascados e apenas em camadas superficiais são encontrados alguns exemplares de lâminas de machado, lascados com gume polido (Timbura). As matérias primas principais são o quartzo (Januário),

às vezes em forma de seixos (Maximiano); neste último sítio, aproveitaram-se até as plaquetas de calcário retiradas das paredes da caverna. Em Januário, o diabásio aparece em profundidade, enquanto que o granito é presente em vários locais (Timbura, Januário, Guarda Mão, Maximiano e Pavão).

Em superfície, e apenas na Capelinha, havia uma grande quantidade de pontas de projétil de formato e tamanhos variados (algumas muito pequenas), fabricadas com várias rochas, inclusive uma apatita de difícil trabalho. Sem dúvida, estes artefatos correspondem a uma cultura posterior à dos sambaquis.

Certas pontas são de medidas reduzidíssimas, guardando mesmo assim um acabamento razoável.

O mais diversificado em tipologia é provavelmente o sambaqui fluvial em abrigo sob rocha do Maximiano (Iporanga S.R) onde se utilizou até plaquetas de calcário para fazer machados e raspadores. A sondagem fornecem seixos rolados de quartzo com poucas lascas e retoques, artefatos de diabásio etc...

O sílex é sempre presente porém não domina totalmente as outras rochas para fabricação de ferramentas.

Cerâmica

Os cacos de potes cerâmicos quando porventura encontrados, são extremamente superficiais (Barra do Turvo, Cajati...) e posteriores à formação da estrutura.

Os sítios e as estruturas internas

Estes sítios tem tamanho e formato variáveis (entre 500 e 2500 m²); as conchas formam a quase totalidade do sedimento, cuja espessura máxima ultrapassa 2 m. no abrigo Maximiano, e existe uma certa uniformidade quanto ao conteúdo cultural.

Não observamos orientação preferencial, mas apenas uma rudimentar adaptação à geografia local, com aproveitamento do relevo e afloramentos rochosos bem como das partes inacessíveis às enchentes, quando se trata de confluentes de cursos d'água.

Nenhuma escavação de grande superfície foi feita pela nossa equipe para dar uma idéia da organização espacial interna; os poucos metros quadrados pesquisados não permitem definir as diversas

áreas ocupacionais, fornecendo apenas informações parciais sobre os modos de sepultamento e algumas práticas culinares.

A relativa conservação dos esqueletos e detritos alimentares é devida em parte a quantidade de fósforo e cálcio proporcionada pelas conchas, fazendo com que o pH seja mais alto que nos solos húmicos dos arredores, assim como ao alto teor de cinzas e a textura aerada.

No caso das fogueiras, verificamos que deviam ficar acesas semanas a fio, para produzir a quantidade de cinzas compactadas que encontramos.

Os sepultamentos

Os sepultamentos são geralmente abundantes no meio das conchas moídas e inteiras, quase todos assinalados por pedras ou seixos rolados de regular e grande tamanho, colocadas em cima da cabeça quando fechada a cova ou no meio do eixo principal do corpo. A posição geralmente adotada para inumar o corpo é fletida de cíbito lateral com os braços dobrados e as mãos cobrindo o rosto.

Raras vezes foram encontradas em posição sentada (Sambaquis do Alecrim, Pedro de Toledo, S.P.).

A posição fetal era provavelmente conseguida pelo uso de ligamentos vegetais como cipós ou trensas, que obrigavam os membros a se manterem na postura imposta.

A colocação de mobília funerária é praticamente uma constante junto ao sepultado, provavelmente em função do seu grau de posição e consideração no clã ou organização tribal, ou de costumes de testemunho de afeto dos seus familiares.

As manifestações artísticas são limitadas: só foram constatados a presença de colares constituídos por dentes de animais, cascas de moluscos de água doce etc.

As ferramentas de uso pessoal eram esporadicamente depositadas junto ao defunto.

Além de ter sido usado como ponto de moradia e alimentação, o sítio foi também ceremonial, o que pode ser demonstrado pela alta densidade de sepultamentos de alguns sambaquis. A presença de sepulturas duplas (adulto + criança ou vários adultos) determina mais um ponto comum com os sambaquis do litoral.

Não notamos, até agora, uma preferência na orientação dos se-

pultamentos.

Várias observações, tanto no Sambaqui do Januário (Itaoca), como do Alecrim (Pedro de Toledo), indicam que alguns dos corpos enterrados poderiam ser de adultos, vítimas de conflitos entre grupos próximos ou intrusos, visto que entre os componentes do esqueleto são encontradas pontas afiadas, armação de projéteis de osso que pelas suas posições, indicam com clareza que esses dardos feriram gravemente e, como tudo indica, mortalmente o indivíduo estudado.

Alguns corpos mostram pontas ainda fincadas em partes altamente vulneráveis como a articulação da perna na altura do colo do fêmur, no osso ilíaco e nas vértebras cervicais.

O Prof. Kiju Sakai descreve, em suas notas arqueológicas sobre Pedro de Toledo em 1939, várias sepulturas de animais com os rituais funerários semelhantes aos destinados aos humanos, como pedra sepulcral de sinalização, depósito de artefatos líticos trabalhados, utensílios ósseos, colares, etc... Os esqueletos de animais são em geral incompletos, porém os crânios são sempre presentes. Não se sabe o que pensar por enquanto desses rituais funerários elaborados e sofisticados para restos faunísticos.

Pela densidade de sepulturas também sabemos que o local era bastante freqüentado e que a idade média dos elementos enterrados era relativamente baixa.

Evidentemente, pesquisas mais demoradas com meios suficientes, dariam maior número de respostas às interrogações solicitadas dessas estruturas diferentes que levamos ao conhecimento dos arqueólogos e do grande público.

Por enquanto julgamos suficiente assinalar a posição geográfica dessas ocorrências, deixando para mais tarde e provavelmente para outros, a análise e estudo pormenorizado do conteúdo cultural e tecnológico.

São imensas as áreas de trabalho e muitos os anos previstos, necessários para esse tipo de prospecção, abrangendo mais de 1000 km quadrados.

ANEXO

LISTA ATUAL (JANEIRO.83) DOS SAMBAQUIS CONHECIDOS

AO AR LIVRE

Rio Claro	(Itaoca, S.P.)	Alecrim I	(Pedro de Toledo, S.P.)
Do Leandro	(Barra do Turvo, S.P.)	Alecrim II	(Pedro de Toledo, S.P.)
Do Tijuco	(Ribeira, S.P.)	Pavão	(Itaoca, S.P.)
Dos Martins I	(Itaoca, S.P.)	Ibrahim I	(Itaoca, S.P.)
Dos Martins II	(Itaoca, S.P.)	Ibrahim II	(Itaoca, S.P.)
Gurutuba	(Itaoca, S.P.)	Carrocinha	(Itaoca, S.P.)
Maximo	(Itaoca, S.P.)	Caraça	(KRONE) (Itaoca, S.P.)
Capelinha	(Cajati, S.P.)	Tatupeva	(KRONE) (Itaoca, S.P.)
Jaraciatá	(Jacupiranga, S.P.)	Estreito	(KRONE) (Itaoca, S.P.)
Rio do Azeite	(Cajati, S.P.)	Anta Gorda	(KRONE) (Itaoca, S.P.)
Cajarana	(Cajati, S. P.) (Queimados)	Coutinho	Cajati-Jacupiranga-SP.

EM ABRIGOS SOB ROCHA

Casa do Bugre	(Intervales)
Serra Formosa	(Guapiara)
Maximiniano	(Iporanga)
Guarda Mão	(Itaoca)
Temimina	(Guapiara)

EM CAVERNA = Morro Preto (Iporanga, S.P.)

Total: 28 Sambaquis

Não pretendemos ultrapassar os limites do Estado de São Paulo para este trabalho, porém seria muito interessante saber dentro do planalto, ou mesmo litoral paranaense, e catarinense, se e-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

xistem ocorrências de Sambaquis similares ou diferentes dos encontrados em nosso Estado.

W. Piazza aparentemente encontrou alguns no vale do Itajai e Tiburtius em Itacoara, que não são, no entanto, tipicamente fluviáis.

BIBLIOGRAFIA

COLLET, Guy Christian et alii

1978. Notas prévias sobre sondagens efetuadas num abrigo sob rocha no vale do rio Maximiano - Iporanga, SP. In: SBE. São Paulo, 47 p., 8 il.

COLLET & GUIMARÃES, C.M.

1977. Primeiro informe sobre os Sambaquis fluviais da região de Itaoca (SP). 2: Resultado da sondagem do Sambaqui Januário. AMHN-UFMG, Belo Horizonte, 2:36-50.

COLLET & PROUS, André

1977. Primeiro informe sobre os Sambaquis da região de Itaoca (SP). 1: Apresentação e localização. AMHN-UFMG, Belo Horizonte, 2:31-35.

PROUS, André & PIAZZA, Walter

1977. L'Etat de Santa Catarina; Documentos por la préhistoire du Brésil Méridional, 2 CAHIERS d'ARCHÉOLOGIE d'AMÉRIQUE du SUD, Paris, 4, 178 p. il. bibl. crítica.

SAKAI, Kiju

1979. Notas arqueológicas de São Paulo, Brasil. 120 p. il.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Y. Chausson, Divisão de Química CDTN, Nuclebras em Belo Horizonte, pela datação da amostra de Capelinha.

1- Enquanto o presente artigo estava no prelo, recebemos uma nova datação, realizada em Gif sur Yvette de 9810 ± 150 BP (GIF - 7493). A amostra datada é um osso de sepultamento colocado a 1,80m de profundidade numa fossa funerária cavada a partir do piso de 1,20m no abrigo Maximiano (mun. Iporanga).

GOBIESOCIFORMES BRASILEIROS
(Actinopterygii, Teleostei, Osteichthyes)
(com 7 figuras)

Victoria Brant*
Francisco D. Portugal**

A Ordem Gobiesociformes só contem uma única família - Gobiesocidae - que não é grande, mas se encontra amplamente distribuída. Os peixes nela incluídos são pequenos, subclaviformes, largos e deprimidos na sua porção anterior do corpo. O comprimento-padrão varia entre 167 mm e 300 mm. A linha lateral está presente com poros bem desenvolvidos na região da cabeça, mas de difícil localização posteriormente. Não possuem escamas e nem bexiga natatória.

A principal característica é a presença de um disco adesivo situado entre as nadadeiras ventrais e sustentado por ossos das cinturas pélvica e peitoral modificados; porém esses peixes, certamente, não são relacionados aos gobídeos, os quais possuem disco adesivo um tanto semelhante (fig. 1).

O disco que caracteriza esta Ordem é constituído por um espessamento dérmico anterior e pelas nadadeiras ventrais modificadas. Os quatro raios de cada nadadeira ventral formam as bordas laterais do disco, sendo que o último possui uma conexão membranosa com a porção inferior da base da peitoral. Posteriormente aos raios das ventrais, o bordo livre do disco se estende para trás da nadadeira peitoral, indo formar uma aba axial dérmica. A função adesiva é desenvolvida por algumas partes da superfície ven-

* Museu de História Natural, UFMG

** Estagiário do Convênio MUDES/Museu de História Natural, UFMG

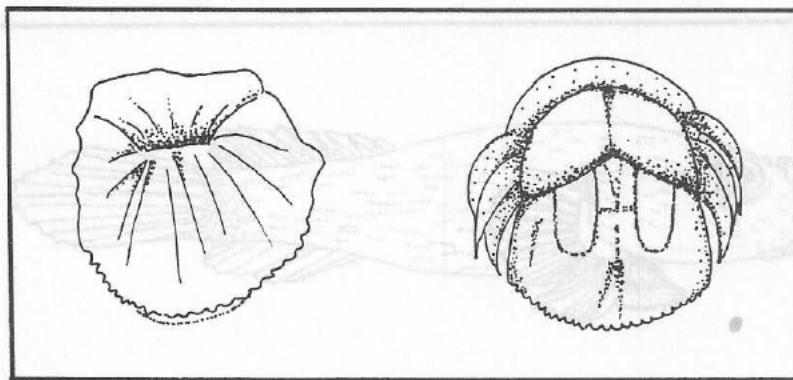


FIG. 1

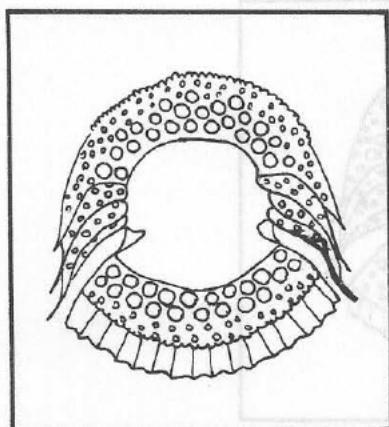


FIG. 2

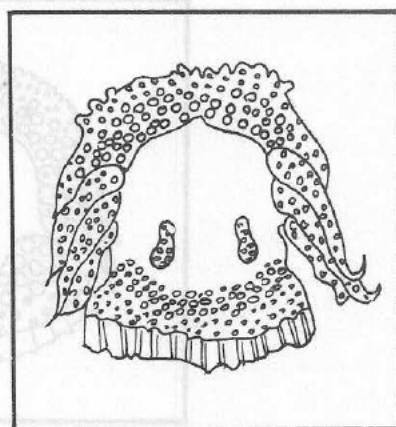


FIG. 4

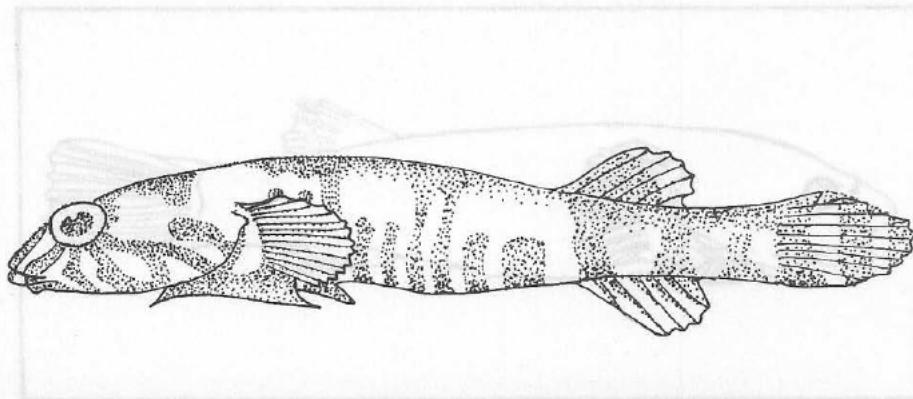


FIG. 3

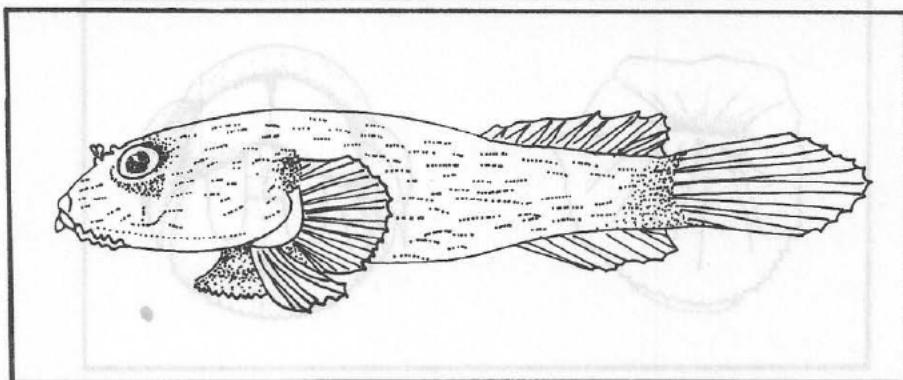


FIG. 5

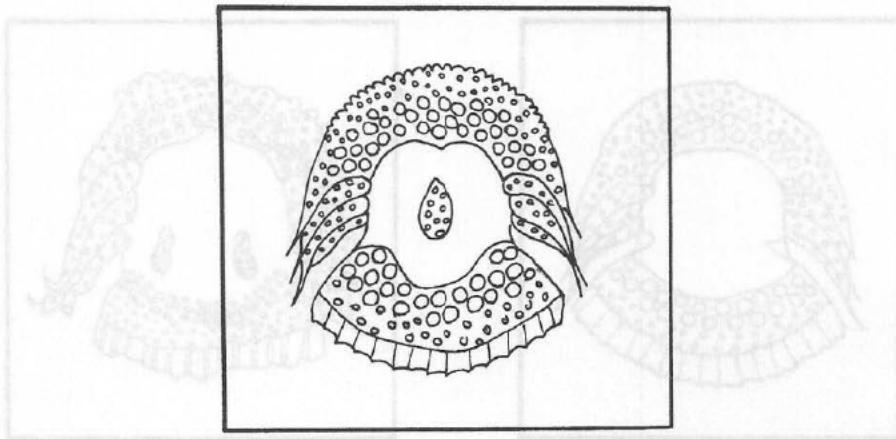


FIG. 6

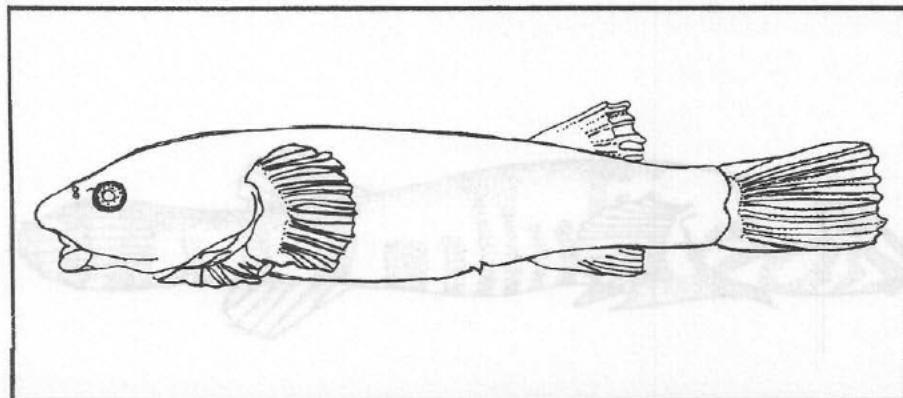


FIG. 7

tral do disco.

O esqueleto é extraordinariamente especializado. Possivelmente a presença do grande disco adesivo pélvico pode ter causado de alguma forma o estranho crescimento do opercular, subopercular e das partes ligadas a eles, que juntos constituem uma margem inferior afilada que se projeta posteriormente em cada lado do disco.

Nadadeiras dorsal e anal com poucos raios e sem espinhos; ventrais bastante separadas, cada uma com um espinho pouco proeminente e quatro raios flexíveis que, normalmente, fazem parte da região posterior do disco adesivo.

Boca anterior e provida de dentes incisivos com número variável de cúspides nos premaxilares e dentários. Ela, embora pequena, se apresenta robusta com os dentes inclinados para a frente, evidentemente adaptados para morder. Os alvéolos contêm dentes de substituição. O dentário, de pequeno porte, bifurca-se sobre o robusto articular, o qual possui uma articulação com o quadrado.

O processo ascendente do articular é vertical e bastante forte, indicando poderosos músculos adutores. Estes foram ligados por um forte processo do quadrado dirigido posteriormente, pelo amplo hiomandibular e, posteriormente, por um desenvolvido proopercular. O único contato ósseo entre o hiomandibular e o quadrado se faz por meio do pequeno, mas espesso, simplético, que se encaixa no entalhe mediano do quadrado, ao contrário do que acontece na maioria dos peixes, cujo entalhe se situa na porção posterior do quadrado.

Os dentes faringeanos distribuem-se em três áreas - duas pequenas bandas arredondadas no teto da faringe e outra em forma de V situada no assoalho. Ossos formadores das maxilas totalmente ocultos por espessas pregas dérmicas. Narinas duplas e tubulares; olhos superiores e subcutâneos; aberturas branquiais laterais; pseudobrânquia pequena ou ausente; membranas branquiestegais unidas entre si e livres ou ligadas ao ístmo.

São peixes carnívoros, predominantemente de águas quentes, encontrados na região intertidal, vivendo entre as pedras, aderidos aos corais. Alguns se escondem entre os ouriços-do-mar como faz o *Diademichthys*, que se abriga entre os espinhos do ouriço do gênero *Diadema*. Fixam-se ao substrato pelo seu disco adesivo. Existem algumas espécies adaptadas à água-doce, ocorrendo, com bas-

tante freqüência, na América tropical, diversas espécies de *Gobiesox* em riachos litorâneos. Não possuem importância econômica.

Família Gobiesocidae

A família acha-se dividida, segundo Briggs (1955), em oito subfamílias, cuja distribuição é a seguinte:

Trachelochisminae (região Indo-Pacífica até o Japão)

Haplocylinae (Atlântico oriental e uma espécie na África do Sul)

Lepadogastrinae (Nova Zelândia)

Gobiesocinae (Américas e uma espécie na África do Sul)

Aspasinae (região Indo-Pacífica até o Japão)

Diademichthyinae (África do Sul à região Indo-Pacífica)

Chorisochisminae (África do Sul)

Diplocrepinae (África do Sul à região Indo-Pacífica)

No Brasil somente ocorre a subfamília Gobiesocinae representada por três gêneros, cada qual com uma única espécie, das quais *Tomicodon fasciatus* apresenta duas subespécies.

Subfamília Gobiesocinae Jordan & Evermann, 1898

Membranas branquiestegais unidas entre si e livres do ístmo. Disco adesivo simples sem papilas na região central.

Com exceção do gênero monotípico *Eckloniaichthys*, da África do Sul, todos os representantes desta subfamília só ocorrem no Novo Mundo, sendo ela a única ocorrência em nossas águas.

Chave para os gêneros brasileiros de Gobiesocidae (subfamília Gobiesocinae)

1. Porção frontal da maxila superior apresentando somente uma fileira de grandes incisivos; corpo com faixas transversais escuras.....*Tomicodon*
- 1a. Dentes incisivos, quando presentes na maxila superior, dispostos em mais de uma fileira ou associados a uma banda de dentes cônicos; corpo sem faixas transversais escuras.....2
2. Lábio superior amplo (muito largo na frente do focinho que dos lados), apresentando papilas em sua margem; os 5-7 raios

- posteiros da nadadeira peitoral não muito reduzidos; disco adesivo largo.....*Gobiesox*
- 2a. Lábio superior estreito (apresenta aproximadamente a mesma largura na frente e nos lados), sem papilas na margem; os 5-7 raios posteriores da nadadeira peitoral marcadamente reduzidos, disco adesivo pequeno.....*Acyrtops*

Gênero *Tomicodon* Brisout de Barnevile, 1846

Corpo ligeiramente comprimido nas partes posterior e media- na, porém tendo a cabeça acentuadamente deprimida, cabendo o seu comprimento de 2,6 a 3,6 e a largura de 3,1 a 5,5 no comprimen- to-padrão. Narinas laterais bem espaçadas e distintamente tubula- res. Alguns poucos lóbulos podem estar presentes sob a mandíbula, formando uma espécie de franja. Os dentes se distribuem em uma fileira singela em cada maxila; os da porção frontal são incisivi- formes, fortemente comprimidos e seguidos, de cada lado, por um ou mais caninos, robustos. Oito a dez rastros estreitos e pontia- gudos em cada arco branquial.

Nadadeiras dorsal, anal, peitorais e caudal bastante reduzi- das. Os dois primeiros raios dorsais e anais, normalmente, muito pequenos e não perceptíveis externamente, exceto quando prepa- rados para exame. Disco adesivo, de tamanho médio, com o seu diâme- tro longitudinal cabendo de 3,2 a 4,5 vezes no comprimento-padrão e com um arranjo característico de papilas achatadas na sua por- ção ventral (fig. 2). Não apresentam dimorfismo sexual externo aparente.

São conhecidas doze espécies e subespécies. O gênero está confinado ao Novo Mundo. No Brasil são conhecidas, apenas, duas subespécies de *Tomicodon fasciatus*; não tendo sido constatado ne- nhum representante em águas doces.

Tomicodon fasciatus australis Briggs, 1955

D. 7-9; A. 7-9; P. 18-21; C.8

(fig. 3)

Corpo moderadamente deprimido, com a altura cabendo de 6,2 a 8,2 vezes no comprimento-padrão, assim como o seu comprimento de 3 a 3,4 vezes naquela medida. Focinho moderadamente baixo, com o

perfil arredondado e 3,4 a 4,0 na cabeça. Cabeça deprimida, com o comprimento cabendo 3,0 - 3,4 vezes no comprimento-padrão. Narinas posteriores frente à margem anterior dos olhos. Boca pequena com dentes incisivos, tricúspides na parte anterior da maxila e mandíbula. Os dentes maxilares são seguidos por dois caninos bem desenvolvidos e os da mandíbula por um a três caninos, de porte semelhante ao daqueles, sendo mais frequente dois. O maior diâmetro do olho cabe de 0,8 a 0,9 vezes no espaço interorbital e 3,8 a 4,9 na cabeça. Espinho subopercular pouco desenvolvido e oculto sob a pele. Maior diâmetro (longitudinal) do disco adesivo cabendo 3,5 a 3,9 vezes no comprimento-padrão. Orifício anal mais próximo da nadadeira anal do que da margem posterior do disco. Papilas dérmicas presentes em quatro fileiras na porção anterior do disco adesivo. Uma pequena e simples expansão dérmica partindo da margem da narina anterior e de comprimento cerca da metade do diâmetro da narina.

Tomicodon fasciatus fasciatus (Peters, 1860)

D. 7-9; A. 6-9; P. 20-22, C. 8

Da mesma forma que a anterior, o corpo se apresenta moderadamente deprimido com a altura cabendo de 6,6 a 8,4 vezes no comprimento-padrão, assim como a cabeça, que está contida 2,8 - 3,6 vezes no comprimento - padrão. Focinho baixo de contorno arredondado e cerca de 3,4 a 4,3 vezes na cabeça; narinas posteriores em frente à margem anterior da órbita, podendo serem encontradas acima ou, mais raramente, para trás, porém situadas bem próximas à margem anterior. Os dentes anteriores, tanto na maxila como na mandíbula, são incisiviformes, tricúspides e seguidos de cada lado por um ou dois caninos, sendo mais comum a presença de apenas um bem desenvolvido. Maior diâmetro ocular cabendo de 0,7 a 0,9 vezes no espaço interorbital. Espinho subopercular pouco desenvolvido e oculto sob a pele. Papilas dérmicas presentes em cinco fileiras na porção anterior do disco adesivo, o qual, tem o seu comprimento, contido cerca de 4,1 vezes no comprimento-padrão. Anus normalmente mais próximo da origem da nadadeira anal do que da margem posterior do disco.

Diferencia-se de *Tomicodon fasciatus australis*, principalmen-

te, pelo tamanho do disco, o qual, nesta subespécie, está contido 3,8 (3,5-3,9) vezes no comprimento-padrão e em *Tomicodon fasciatus fasciatus* 4,1 (4,0-4,5) vezes na referida medida.

Distinguem-se também, entre si, pelo tamanho da válvula nasal anterior, que em *T. fasciatus fasciatus* é rudimentar ou ausente e em *T. fasciatus australis*, embora pequena, acha-se sempre presente e é igual ao diâmetro da narina.

Gênero *Gobiesox* Lacépède, 1800

Corpo bastante largo e deprimido na parte anterior; aspecto subclaviforme; focinho contínuo com a cabeça. Cabeça grande arredondada na frente, bastante deprimida, comprimento 2,1 - 2,8 no comprimento-padrão. Narinas laterais, bastante separadas e tubulares (exceto em *G. potamius*, onde somente as anteriores são tubulares).

A boca é terminal sem dentes no vómer ou no palato. Os dentes da parte frontal da mandíbula são incisivos de pontas arredondadas, tricúspides ou pontiagudos; são seguidos de cada lado por uma fileira de caninos mais ou menos recurvados. Os dentes da parte frontal da maxila são normalmente mais ou menos cônicos, os maiores situados na frente. São irregulares quanto à disposição, formando uma espécie de banda.

As membranas branquiestegais acham-se unidas entre si, passando sobre o ístmo.

Nadadeiras dorsal, peitorais e anal relativamente pequenas. O número de raios principais da nadadeira caudal (os que possuem extremidade livre) é bastante constante, variando entre 9 e 13. O primeiro, o segundo e, mais raramente, o terceiro raios das nadadeiras dorsal e anal são reduzidos, não sendo facilmente perceptíveis.

O disco é relativamente grande, cabendo de 2,5 - 3,4 vezes no comprimento-padrão e apresentando um arranjo característico de papilas na sua parte ventral (fig. 4).

Nenhum dimorfismo sexual externo, obviamente marcado, foi observado.

O gênero está confinado ao Novo Mundo, sendo conhecidas 26 espécies.

No Brasil ocorre, apenas, a espécie *Gobiesox strumosus* Cope,

1870. nos étes, oito e oitenta e sete, que o comprimento padrão é de 2,6 a 2,9 vezes no comprimento da cauda (2,5-2,8) 2,2-2,3. *Gobiesox strumosus* Cope, 1870 figura (2,4-2,8) 1,8-2,2 D. 10-13; A. 9-11; P. 22-26; C. 11-13 (fig. 5)

De pequeno porte, sendo o maior comprimento-padrão conhecido igual a 69,3 mm.

A cabeça apresenta-se bastante deprimida chegando a caber cerca de 2,3 - 2,6 vezes no comprimento-padrão e com numerosas pregas dérmicas que existem, também, na margem do lábio superior. As narinas anteriores portam uma grande aba dérmica bilobada, que se estende a partir da margem posterior. As posteriores localizam-se bem acima da margem anterior da órbita. Seis a sete rastros branquiais.

Espinho subopercular bem desenvolvido, porém subcutâneo, maior diâmetro do disco cabendo de 2,5 a 2,9 vezes no comprimento-padrão. A extremidade livre posterior da nadadeira anal é recurvada e as pontas dos seus últimos raios atingem a vertical que passa pela base da caudal ou, mesmo, ultrapassando-a.

Origem da dorsal mais próxima da fenda opercular do que da base da caudal. Diâmetro orbital variando de 1,2 a 1,8 no espaço interorbital e 5,2 a 7,7 na cabeça.

A mandíbula apresenta os seus dentes distribuídos em duas fileiras, sendo os externos muito maiores do que os internos. Os anteriores são incisivos com pontas arredondadas, nos espécimes de maior porte. São seguidos de uma fileira de caninos proeminentes. Os dentes da região frontal da maxila são cônicos, irregulares na forma e na distribuição, dispostos, aproximadamente, numa banda seguida de cada lado por uma fileira de caninos ligeiramente curvos.

Gênero *Acyrtops* Schultz, 1951

O gênero possui apenas, duas espécies confinadas ao Novo Mundo e se caracteriza por apresentar, como no gênero anterior, o corpo moderadamente deprimido na porção anterior. A cabeça, de conformação deprimida, acha-se contida de 2,7 a 3,1 vezes no comprimento-padrão. Narinas tubulares, laterais e consideravelmente

separadas. O lábio superior é um tanto estreito, porém bem demarcado pela pré-maxilar.

Os dentes apresentam as seguintes características: os da parte frontal da maxila são incisiviformes e tem por trás outros pequenos e cônicos; os da mandíbula, também, são do tipo incisivo e grandes com a cúspide serrilhada; ocorrem por detrás deles outros menores e, também, cônicos. Seis a sete rastros largos, pontudos ou rombos, sobre o segundo arco branquial.

O primeiro raio das nadadeiras dorsal e anal é muito reduzido e só visível nos exemplares jovens, os quais possuem membrana interradial fina. As nadadeiras medianas são pequenas.

O disco é relativamente pequeno contido de 4,6 a 5,4 vezes no comprimento-padrão (fig. 6). O suporte do disco se caracteriza pela forma e posição dos ossos pós-cleito.

As espécies do gênero apresentam dimorfismo sexual no que se refere ao tamanho e forma da papila urogenital, sendo a do macho mais longa e mais delgada.

Os representantes deste gênero não ocorrem em águas doces.

A única espécie registrada para o Brasil é *Acyrtops beryllinus* (Hildebrand e Ginsburg, 1927).

Acyrtops beryllinus (Hildebrand e Ginsburg, 1927)

D. 2-6; A. 5-6; P. 20-22; C. 8

(fig. 7)

Espécie de porte pequeno, sendo que seu comprimento total e padrão máximos conhecidos são, respectivamente, 25mm e 20mm. Corpo moderadamente deprimido com a altura cabendo de 5,2 a 6,7 vezes no comprimento-padrão. O ânus está situado mais próximo do início da anal do que do bordo posterior do disco.

A cabeça é deprimida, cabendo 2,7 a 2,9 vezes no comprimento-padrão. Focinho muito baixo com o perfil arredondado, com cerca de 2,8 a 3,3 vezes na cabeça. As narinas posteriores localizam-se após a margem anterior dos olhos.

Os dentes centrais da maxila são cortantes, pontiagudos e comprimidos; por trás dos dentes principais há uma banda bem marcada de dentes menores e cônicos, ocorrendo o mesmo com aqueles centrais da mandíbula que, no caso, são em número de 8 a 10, fortes, incisiviformes e de bordo superior serrilhado com 2 a 6 cúspides.

pides.

O espinho supraocular é bem desenvolvido e, quando pressionado, mostra-se mais proeminente.

O disco adesivo possui várias fileiras de papilas achatadas e seu comprimento é igual a aproximadamente um quinto do comprimento-padrão.

SUMMARY

In this paper the authors presents a study with illustrations about the Brazilian Gobiesociformes.

This paper includes a brief considerations on the order and his family - Gobiesocidae - widely distributed on the world, key to the genera and species, mainly the Brazilian ones, with diagnosis, synonymy and figures.

BIBLIOGRAFIA

BOHKE, J.E. & ROBINS, C.R.

1970. A New Genus and Species of Deep-Dwelling Clingfish from the Lesser Antilles. *Notulae Naturae* (434):1-12 ilust.

BRIGGS, J.C.

1955. A Monograph of the Clingfishes (Order Xenopterygii). *Stanf. Ichthyol. Bull.* 6:1 -IV+I -224 ilust.

BRIGGS, J.C.

1960. A New Clingfish of the Genus *Gibiesox* from the Tres Marias Islands. *COPEIA* (3):215-217 ilust.

FIGUEIREDO, J.L. & MENEZES, N.A.

1978. Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil II. Teleostei. *Bol. Mus. Zool. USP*: 1-75 ilust.

GOULD, W.R.

1965. The Biology and Morphology of *Acyrtops beryllinus*, the Emerald Clingfish. *Bull. Mar. Sci.* 15(1):165-188 ilust.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- GREENWOOD, P.H. et alii
1966. Phyletic studies of Teleostean fishes, with a provisional classification of living forms. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 131(4):341-445 ilust.
- GREGORY, W.K.
1959. Fish Skulls: a study of the evolution of natural mechanisms. *Trans. Amer. Philos. Soc.* 23(2): VII+75-481 ilust.
- JORDAN, D.S. & EVERMANN, B.W.
1896. The fishes of North and Middle America. *Bull. U. S. Nat. Mus.* (47) (1-4):I-3313 ilust.
- RIBEIRO, A.M.
1912. Fauna Brasiliense. *Arq. Mus. Nac.* 17:395-680 ilust.
- SMITH-VANIZ, W.F.
1968. A New Clingfish, *Tomocodon rhabdotus*. Family Gobiesocidae from the Lesser Antilles. *Proc. Biol. Soc. Wash.* 81:473-478 ilust.
- SMITH-VANIZ, W.F.
1971. Another New Species of the Clingfish Genus *Derilissus* from the Western Atlantic (Pisces, Gobiesocidae). *COPEIA* (2):291-294 ilust.

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS

Fig. 1 - Desenho comparativo entre os discos adesivos de gobídeo e de gobiesocídeo.

Fig. 2 - Desenho do disco adesivo peculiar ao gênero *Tomicodon*.

Fig. 3 - Aspecto geral de *Tomicodon fasciatus fasciatus*.

Fig. 4 - Desenho do disco adesivo peculiar ao gênero *Gobiesox*.

Fig. 5 - Aspecto geral de *Gobiesox strumosus*.

Fig. 6 - Desenho do disco adesivo peculiar ao gênero *Acyrtops*.

Fig. 7 - Aspecto geral de *Acyrtops beryllinus*.

ANGUILLIFORMES BRASILEIROS - Subordem Anguilloidei
(Osteichthyes, Actinopterygii)
(com 26 figuras)

Victoria Brant*

Agostinho Clovis da Silva*

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra uma série que compreende o estudo taxonômico dos peixes de ocorrência no mar brasileiro.

Tal iniciativa visa contribuir para atualização dos conhecimentos sobre a nossa ictiofauna marinha, não só sob o aspecto acadêmico mas, também, o econômico. Em ambos os casos pretende-se atender o conhecimento científico, assim como a demanda didática, na carência de trabalhos que sirvam de instrumento na aprendizagem ictiológica.

MATERIAL E MÉTODOS

Na realização do presente estudo foram consultadas as coleções ictiológicas do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais e do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de abundante material procedente do litoral brasileiro. Foi, ainda, consultada extensa bibliografia, em particular, para aquelas espécies das quais não dispunhamos de material zoológico.

Objetivando uma mais perfeita identificação dos representantes em mãos, houve casos em que se tornou necessária a dissecção

* Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais.

de regiões anatômicas, chegando-se a utilizar técnicas histológicas de contraste mediante processos de coloração pela alizarina e toluidina.

Procurou-se fazer uma diagnose sucinta sobre a Ordem Anguilliformes, muito embora só nos ocupemos, no momento, da Subordem Anguilloidei, assim como das famílias ocorrentes em águas brasileiras. Além do mais, utilizou-se o mais possível a ilustração, buscando deste modo superar qualquer deficiência na descrição.

Ordem ANGUILLIFORMES

Esta ordem abrange peixes de corpo serpentiforme que, às vezes, atingem grande porte e quase sempre de corpo nu; as escamas, quando presentes, são pequenas e do tipo cicloide. Algumas famílias fogem um pouco da forma padrão, como as da subordem Sacco-pharingoidei, que se diferenciam, também, por outras características, tais como a falta dos ossos simplético, opercular e raios branquiestegais, além da ausência da bexiga natatória.

As nadadeiras são suportadas, apenas, por raios moles e podem sofrer reduções notáveis. As pélvicas, por exemplo, só se encontram presentes nas formas fósseis, as peitorais faltam em algumas famílias; a dorsal e anal são longas e, às vezes, confluentes com a caudal, que pode, em certos casos, faltar.

A abertura branquial é pequena e os ossos da série opercular são quase sempre reduzidos, enquanto o hiomandibular é bem desenvolvido. A boca é ampla, normalmente, faltando os premaxilares que, se presentes, são rudimentares; o etmóide e o vomer constituem um complexo ósseo. Os dentes são do tipo canino e bem desenvolvidos. Pelo menos um dos pares de narinas é tubular.

A bexiga natatória comunica-se com o tubo digestivo. As vértebras são numerosas, variando de 111 a 225.

Há espécies que sofrem metamorfose durante o seu desenvolvimento, apresentando uma larva de aspecto muito diferente do adulto - transparente, comprimida e em forma de folha, denominada leptocéfalo.

São abundantes nas regiões tropicais, existindo formas pelágicas e abissais e, muito embora, sejam bons nadadores, vivem, na sua maioria, alojados em tocas nos arrecifes ou entre algas e algumas se enterram no fundo. Carnívoros e, às vezes, bastante vo-

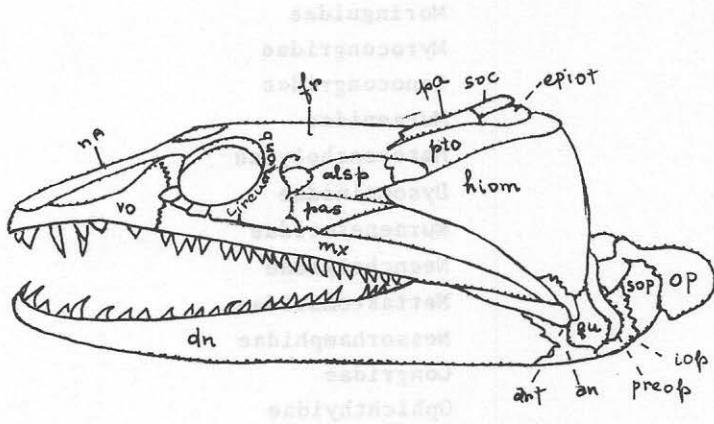


Fig. 1 - Representação esquemática da vista lateral dos ossos formadores do crânio e suas interrelações

razes, algumas espécies são consideradas venenosas, possuindo glândulas de veneno ligadas aos dentes. No entanto, são mais temidas pelo ferimento provocado pelos dentes aguçados e cortantes do que pelo veneno propriamente.

Normalmente são pescadas com anzol e a carne de algumas é bastante saborosa.

No Brasil são conhecidas por vários nomes vulgares: moréia, sangrador, congro, congoró, mororo, caramuru etc...

A ordem está registrada desde o Cretáceo superior e as formas recentes acham-se distribuídas, segundo Greenwood et alii (1966), em duas subordens e 26 famílias.

A maioria é marinha, existindo espécies estuarinas e dulciáquicas, como a conhecida enguia.

Neste trabalho tratamos das cinco famílias de ocorrência em águas brasileiras, todas integrantes da subordem Anguilloidei.

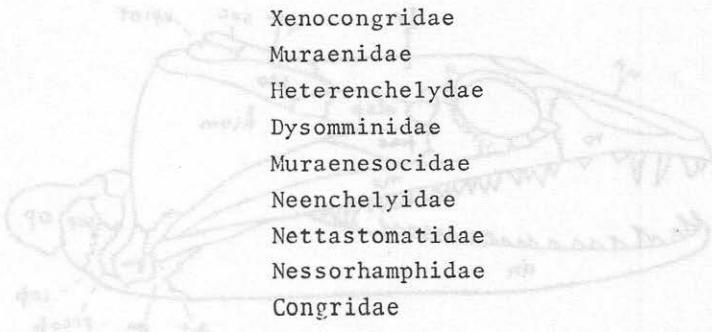
Arranjo sistemático, segundo Greenwood et alii (1966) –

Superordem Elopomorpha

Ordem Anguilliformes

Subordem Anguilloidei

Famílias Anguillidae

- 
- Moringuidae
 Myrocongridae
 Xenocongridae
 Muraenidae
 Heterenchelydae
 Dysomminidae
 Muraenesocidae
 Neenchelyidae
 Nettastomatidae
 Nessorhamphidae
 Congridae
 Ophichthyidae
 Todaridae
 Synaphobranchidae
 Simenchelyidae
 Dysommidae
 Derychthyidae
 Macrocephenchelyidae
 Serrivomeridae
 Nemochthyidae
 Cymidae
 Aoteidae
Subordem Saccopharyngoidei
 Famílias Saccopharyngidae
 Eurypharingidae
 Monognathidae
Chave para as famílias brasileiras
 - a. Narinas posteriores na parte externa ou interna do lábio superior..... c
 - aa. Narinas posteriores nunca no lábio superior... b
 - b. Nadadeiras peitorais ausentes..... Muraenidae
 - bb. Nadadeiras peitorais presentes ou rudimentares. d
 - c. Focinho recoberto por pequenas papilas, nadadeiras peitorais rudimentares..... Xenocongridae
 - cc. Focinho sem essas estruturas, nadadeira caudal quase sempre ausente..... Ophichthyidae

- d. Lábio inferior nunca formando dobra livre sobre a mandíbula..... Muraenesocidae
- dd. Lábio inferior sempre formando dobra livre sobre a mandíbula..... Congridae

Família MURAENIDAE

Esta família inclui as verdadeiras moréias, que se caracterizam por possuirem o corpo nu, nadadeiras peitorais e pélvicas ausentes; dorsal e anal com os raios raramente visíveis, reduzidos a rudimentos perto da cauda e ambas sempre confluentes com a caudal. A região occipital apresenta-se ligeiramente elevada, o que constitui uma característica própria. Narinas anteriores na ponta do focinho, as posteriores acima da porção anterior dos olhos ou um pouco adiante; às vezes, ambos os pares apresentam-se tubulares. Boca grande, muitas vezes atingindo bem além da margem orbital posterior e, com freqüência, não se fechando completamente. Dentição muito robusta do tipo molariforme ou caniniforme com os dentes se dispondo em uma ou mais séries na mandíbula e no vomer. Abertura branquial reduzida e arredondada.

Não há, propriamente, uma linha lateral, apenas possuem poros na cabeça e um ou dois na região branquial.

Vivem em todos os mares quentes entre as fendas dos arrecifes de coral ou rochosos. Muitas vezes atingem grande porte e são muito temidas pela sua voracidade e pelo fato de algumas espécies serem consideradas venenosas. São todas carnívoras, as pequenas presas são devoradas inteiras e as de maior porte dilaceradas.

Em algumas regiões comem-se moréias, como no litoral do Espírito Santo e Baía.

Chave para os gêneros brasileiros

- a. Dentes molariformes..... *Echidna*
- aa. Dentes não molariformes..... b
- b. Narinas anteriores e posteriores tubulares..... *Muraena*
- bb. Narinas anteriores tubulares, posteriores circulares, quando muito com as bordas tubulares..... c
- c. Pelo menos alguns dentes com bordo serrilhado.... *Gymnothorax*

- cc. Todos os dentes com bordo liso..... d
- d. Maxilas fortemente arqueadas de modo a deixar os dentes laterais expostos quando a boca se encontra fechada..... *Enchelycore*
- dd. Maxilas não muito arqueadas..... *Lycodontis*

Gênero *Echidna* Forster, 1778

Distingue-se dos outros gêneros pela forma dos dentes, que são molariformes. A nadadeira dorsal origina-se anterioremtnre à abertura opercular.

Ocorre em todos os mares tropicais, são peixes lerdos, fáceis de capturar, que vivem entre as pedras na região entremarés.

A espécie que ocorre em nosso litoral é *Echidna catenata* (Bloch, 1795).

Echidna catenata (Bloch, 1795) Jordan & Davis, 1888

Gymnothorax catenata Bloch, 1795

Muraena sordida Cuvier, 1817

Muraenophis catenula Lacépède, 1803

Muraenophis undulata Lacépède, 1803

Muraena alusis Bleeker, 1855

Echidna flavoscripta Poey, 1868

Muraena catenata Günther, 1870

Echidna catenata Jordan & Davis, 1888

São peixes de coloração escura, marrom com manchas claras irregulares, às vezes reticulados, ventre mais claro, olhos pequenos, cerca de 1,5 a 2 vezes no focinho. Podem atingir até 1 metro de comprimento.

Vivem em pequenas profundidades, entre pedras, onde se alimentam de pequenas presas.

Ocorrem em toda a costa brasileira.

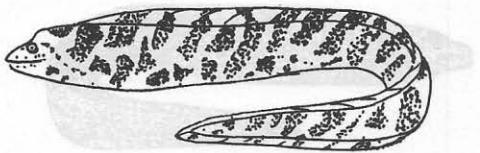


Fig. 2 - *Echidna catenata*

Gênero *Muraena* Linnaeus, 1758

Corpo alongado e comprimido. Os dois pares de narinas são tubulares. Dentes vomerinos e mandibulares apresentam-se semelhantes à presas, cônicos e robustos.

Vivem em rochas ou arrecifes de mares tropicais. A espécie que ocorre no Brasil é *Muraena miliaris* (Kaup, 1836).

Muraena miliaris (Kaup, 1836) Günther, 1870

Thrysoidea miliaris Kaup, 1836

Muraena multiocellata Poey, 1860

Gymnothorax scriptus Poey, 1868

Muraena miliaris Günther, 1870

Gymnothorax miliaris Jordan & Davis, 1888

Lycodontis miliaris Jordan & Evermann, 1896

Esta espécie pode atingir porte avantajado, cerca de 2 metros de comprimento, a coloração é escura e uniforme da cabeça à cauda, com pequenas máculas claras e arredondadas, menores na cabeça e cauda. Os dois pares de narinas são tubulares, sendo que o par posterior é menor.

São abundantes no Nordeste, onde vivem entre os arrecifes. Ao serem capturadas defendem-se com ferocidade e não raras vezes provocam acidentes por mordedura.

Não está assinalada para o sul do País.

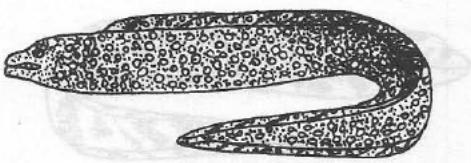


Fig. 3 - *Mureena miliaris*

Gênero *Gymnothorax* Bloch, 1795

Corpo alongado ligeiramente comprimido, narinas posteriores só com as margens tubulares. Dentes cônicos, alguns de margens serrilhadas.

Constitui um grupo de sistemática difícil, pois quase toda ela se baseia no padrão do colorido.

Chave para as espécies brasileiras

- a. Coloração marrom-escura dorsalmente e mais clara ventralmente, com máculas brancas arredondadas... *G. ocellatus*
- aa. Corpo escuro sem máculas ou com manchas escuras sobre fundo claro..... b
- b. Corpo oliváceo-escuro uniforme, boca não se fechando inteiramente..... *G. funebris*
- bb. Corpo maculado, de fundo claro, boca capaz de se fechar inteiramente..... c
- c. Coloração pardacenta clara com máculas um pouco mais escuras, de vários tons, difusa com relação à coloração básica do fundo..... *G. vicinus*
- cc. Coloração pardacenta com manchas muito mais escuras, quase negras, reticuladas, muito próximas umas das outras, dando ao animal aparência escura..... *G. moringa*

Gymnothorax ocellatus Agassiz, 1828

Priodonophis ocellatus Poey, 1868

Muraena ocellatus Günther, 1870

Lycodontis ocellatus Jordan & Evermann, 1896

Dentes em uma única série, grandes e fortes, os maiores apresentam-se serrilhados; dentes vomerinos normalmente pequenos. Boca quase se fechando inteiramente. Dorsalmente a coloração é mais escura; o corpo todo se apresenta recoberto de manchas claras, amareladas e arredondadas, de tamanho variado. Nadadeira dorsal com manchas escuras na margem, às vezes muito juntas formando uma barra escura; nadadeira anal também apresentando margem escura.

Vivem em baixas profundidades e chegam a medir 50 centímetros de comprimento.

Ocorrem em todo o litoral brasileiro.

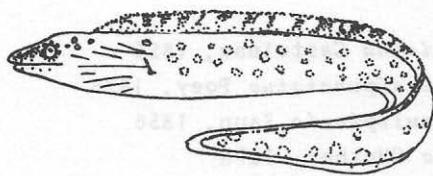


Fig. 4 - *Gymnothorax ocellatus*

Gymnothorax funebris Ranzani, 1840

Muraena lineopinnis Richardson, 1844

Taeniophis westphali Kaup, 1859

Thyrsoides aterrima Kaup, 1859

Muraena infernalis Poey, 1860

Thyrsoidea concolor Abbott, 1860

Muraena erebus Poey, 1860

Muraena castanea Poey, 1860

Muraena afra Jordan & Gilbert, 1882

Sidera funebris Bean & Dresel, 1884

Lycodontis funebris Jordan & Evermann, 1896

Cauda ligeiramente maior que a cabeça e tronco. Dentes em uma única série, os vomerinos em duas com os anteriores caniniformes.

Coloração verde-oliva escura e uniforme, nadadeiras dorsal e anal mais claras. A boca não se fecha completamente.

Vivem nas regiões coralinas, alcançando até 2 metros de comprimento.

São mais comuns no Nordeste brasileiro.

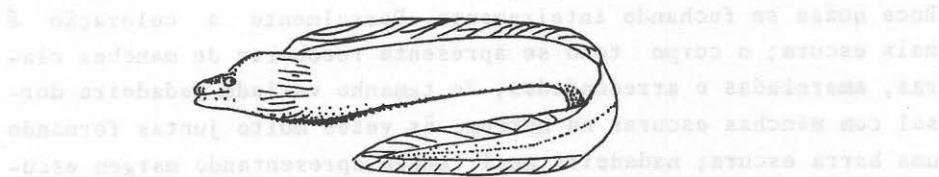


Fig. 5 - *Gymnothorax funebris* : vista lateral no movimento

Gymnothorax vicinus (Castelnau, 1855) Jordan, 1890

Muraenophis vicina Castelnau, 1855

Gymnothorax versipunctatus Poey, 1875

Thyrsoidea maculipinnis Kaup, 1856

Muraena vicina Günther, 1870

Muraena maculipinnis Günther, 1870

Gymnothorax vicinus Jordan, 1890

Thyrsoidea cormura Kaup, 1859

Thyrsoidea marginata Kaup, 1959

Lycodontis vicinus Jordan & Evermann, 1896

Olhos grandes contidos duas vezes no focinho, que se apresenta longo, estreito e pontudo. Dentes em uma única série com os caninos bem desenvolvidos. A boca é capaz de se fechar inteiramente.

O corpo acha-se recoberto por manchas não muito escuras, mais ou menos indiferenciadas do fundo claro; às vezes pode apresentar um colorido mais escuro, havendo sempre uma mancha escura no ângulo da boca, fato característico da espécie.

Preferem recifes rochosos aos coralinos. Ocorrem do Norte até o Sudeste do Brasil.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte 10:

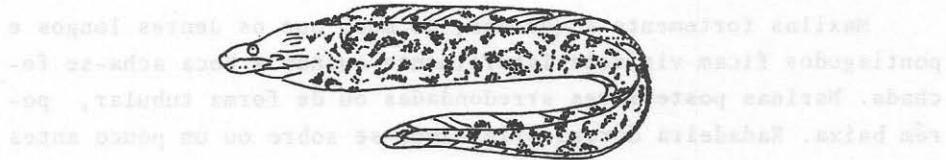


Fig. 6 - *Gymnothorax vicinus*

Gymnothorax moringa (Cuvier, 1829) Jordan & Davis, 1892

Muraena moringa Cuvier, 1829

Gymnothorax rostratus Agassiz, 1830

Muraena punctata Gronow, 1854

Muraenophis curvilineata Castelnau, 1855

Muraenophis caramura Castelnau, 1855

Gymnothorax flavoscriptus Poey, 1875

Gymnothorax picturatus Poey, 1880

Sidera moringa Jordan, 1884

Lycodontis moringa Jordan & Evermann, 1896

Dentes irregulares e em uma única série. No vomer aparecem dois dentes grandes anteriormente e uma fileira de pequenos dentes posteriores.

Numerosas manchas negras recobrem todo o corpo e algumas se fundem, dando ao corpo aparência muito escura; ventralmente são esbranquiçados. Nadadeiras dorsal e anal apresentam-se manchadas como o corpo.

Atingem 1 metro de comprimento. Em algumas regiões sua carne é apreciada. A espécie é bem comum em nosso litoral do Norte até o Sudeste, onde vivem junto às rochas.

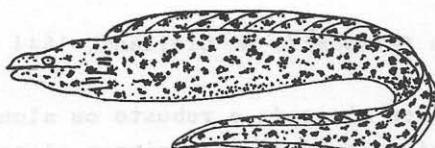


Fig. 7 - *Gymnothorax moringa*

Gênero *Enchelycore* Kaup, 1856

Maxilas fortemente arqueadas, de modo que os dentes longos e pontiagudos ficam visíveis lateralmente quando a boca acha-se fechada. Narinas posteriores arredondadas ou de forma tubular, porém baixa. Nadadeira dorsal originando-se sobre ou um pouco antes da abertura branquial.

A espécie que ocorre no Brasil é *Enchelycore carychroa* Böhlke & Böhlke, 1976.

Enchelycore carychroa Böhlke & Böhlke, 1976

Rabula longicauda Herre, 1942

Coloração castanha uniforme com os poros da cabeça e as narinas margeados de branco. Dentes de margem inteira, os maxilares em duas séries, sendo a interna com poucos dentes alongados e pontiagudos. Dentes vomerinos em uma ou duas séries, os do dentário acham-se dispostos em duas fileiras, sendo a interna formada de dentes de maior porte. Narinas anteriores tubulares e as posteriores circulares.

Vivem em pequenas profundidades junto às rochas.

Ocorrem no Nordeste do Brasil.

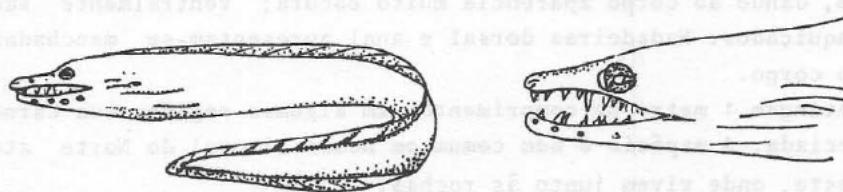


Fig. 8 - *Enchelycore carychroa*

Gênero *Lycodontis* Mc Clelland, 1844

Corpo moderadamente alongado e robusto ou alongado e fino, mais ou menos comprimido. Narinas posteriores planas ou de margem tubular. Nadadeiras dorsal e anal confluentes com a caudal. Os dentes são poderosos, alguns poucos como presas de margem lisa.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Algumas espécies atingem grande porte e são muito agressivas.

A única espécie até agora registrada para o Brasil é *Lycodontis guarapariensis* Pinto, 1975.

Lycodontis guarapariensis Pinto, 1975

Corpo nu, abertura branquial muito ampla, alcançando a metade da cabeça. Maxila mais desenvolvida que a mandíbula. Linha lateral constituída de 24 poros muito pequenos. Cor castanha mais escura dorsalmente com pigmentação olivácea clara.

Até o momento sua ocorrência limita-se ao litoral do Espírito Santo.

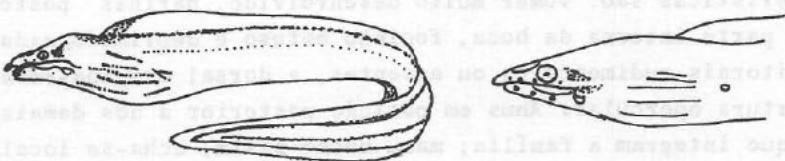


Fig. 9 - *Lycodontis guarapariensis*

Família XENOCONGRIDAE

Os xenocongrídeos são moréias de pequeno porte, pele nua, nadadeiras dorsal e anal contínuas com a caudal. Anus adiante do meio do corpo. Apresentam no focinho pequenas papilas que se acham presentes também na linha lateral. Os dentes vomerinos se distribuem em duas faixas; as narinas anteriores são tubulares e próximas à extremidade do focinho, as posteriores podem estar na parte externa ou interna do lábio superior. As nadadeiras peitorais podem ou não estar presentes; a abertura branquial é pequena e arredondada. A mandíbula não é pronunciada e a língua não se apresenta livre.

A família acha-se representada no Brasil por três espécies pertencentes a três diferentes gêneros: *Chloepis bicolor*, *Chilorhinus suensonii* e *Kaupichthys hyoproroides*.

Chave para os gêneros brasileiros

a. Lábio inferior sem dobra voltada para baixo ou

- ambos os lábios sem dobras; narinas posteriores na parte externa do lábio superior..... b
- aa. Lábio inferior com dobra bem desenvolvidas narinas posteriores na parte interna do lábio superior..... *Chilorhinus*
- b. Nadadeiras peitorais presentes..... *Kaupichthys*
- bb. Nadadeiras peitorais ausentes..... *Chlopsis*

Gênero *Chilorhinus* Lütken, 1852

O gênero abrange espécies de pequeno porte e suas principais características são: vomer muito desenvolvido, narinas posteriores na parte interna da boca, focinho obtuso e deprimido; nadadeiras peitorais rudimentares ou ausentes, a dorsal origina-se atrás da abertura opercular. Ânus em posição posterior a dos demais gêneros que integram a família; mas, mesmo assim, acha-se localizado antes da metade do corpo.

A espécie brasileira é *Chilorhinus suensonii* Lütken, 1852.

Chilorhinus suensonii Lütken, 1852

Chilorhinus suensonii Metzalaar, 1919

Rabula megalops Starks, 1913

São peixes de pequeno porte, atingindo cerca de 20 centímetros de comprimento. Nadadeiras peitorais com apenas alguns raios muito rudimentares, na maioria das vezes só evidenciados quando corados para exame. Os lábios inferiores apresentam margem livre formando uma aba bem desenvolvida. Narinas posteriores intraorais; dentes vomerinos em uma única série.

A espécie tem preferência por águas pouco profundas e fundo arenoso.

Ocorre no litoral Nordeste do Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte.

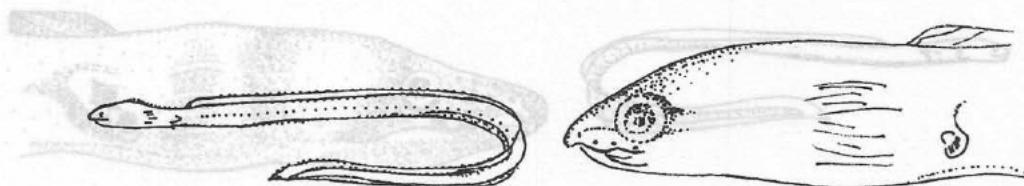


Fig. 10 - *Chilorhinus suensonii*

Gênero *Kaupichthys* Schultz, 1943

Corpo curto, nadadeiras peitorais bem desenvolvidas, lábios inferiores não formando abas livres, narinas posteriores situadas externamente no lábio superior.

No Brasil só ocorre uma espécie: *Kaupichthys hyoprorooides* (Strömann, 1896) Böhlke, 1968.

Kaupichthys hyoprorooides (Strömann, 1896) Böhlke, 1968

Leptocephalus hyoprorooides Strömann, 1856

Kaupichthys diodontus Schultz, 1943

Kaupichthys atlanticus Böhlke, 1956

Kaupichthys diodontus japonicus Matsubira & Asano, 1959

Narinas anteriores tubulares, as posteriores sobre o lábio superior com a abertura recoberta por uma prega dérmica. A língua acha-se presa ao assoalho da boca. Nos machos os dentes superiores são em três séries e os mandibulares em três ou quatro. Nas fêmeas os superiores são em mais de três séries. Os mandibulares não formam séries regulares, possivelmente, podem ser reunidos em cinco fileiras. A abertura branquial é aproximadamente circular e de margem pregueada. As nadadeiras peitorais são arredondadas e desenvolvidas. A linha lateral é formada por apenas um poro em ambos os lados da região branquial.

Vivem em regiões rochosas ou coralinas e são bastante agressivos.

Só ocorrem no Nordeste do Brasil.

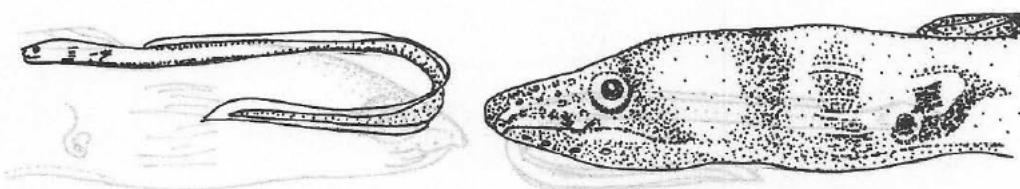


Fig. 11 - *Kaupichthys hyoproroides*

Gênero *Chlopsis* Rafinesque, 1810

O gênero caracteriza-se pelas narinas posteriores situadas externamente no lábio superior e recobertas lateralmente por uma aba como em *Kaupichthys*. Diferenciam-se, entretanto, deste gênero, principalmente, por não possuir nadadeiras peitorais.

A espécie ocorrente no Brasil é *Chlopsis bicolor* Rafinesque, 1810.

Chlopsis bicolor Rafinesque, 1810

Caracteriza-se, principalmente, pela abertura branquial pequena e ovalada; os lábios não formam dobras livres; os dentes vomerinos acham-se dispostos em duas séries e são arredondados. A linha lateral não possui poros na superfície (apenas alguns poros em ambos os lados da região branquial e outros na cabeça), há, entretanto, uma série de papilas ao longo do curso da linha lateral; essas papilas estão presentes, também, no focinho, mandíbula e espaço interorbital.

São de cor escura dorsalmente e na parte final do corpo; ventralmente são esbranquiçados.

Ocorre em todo o litoral brasileiro.



Fig. 12 - *Chlopsis bicolor*

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Família OPHICHTHIDAE

Muito embora a cauda se projete para além da dorsal e da anal, a maioria das espécies não apresenta nadadeira caudal; as peitorais se apresentam rudimentares ou desenvolvidas; narinas anteriores tubulares e as posteriores no lábio superior; língua mais ou menos adnata ao assoalho da boca.

A família abrange algumas espécies de grande porte e freqüenta habitats muito variados - algumas usam a cauda para se enterrar na areia, outras vivem junto aos arrecifes de coral e há, ainda as que vivem em águas profundas e aquelas que costumam freqüentar as águas estuarinas.

Chave para os gêneros brasileiros

- a. Nadadeira caudal ausente..... b
- aa. Nadadeira caudal presente..... c
- b. Olho mais próximo da extremidade do focinho do que do ângulo da boca..... *Echiopsis*
- bb. Olho situado na perpendicular baixada sobre o meio do ramo maxilar..... *Ophichthus*
- c. Nadadeiras peitorais presentes..... d
- cc. Nadadeiras peitorais ausentes, narinas anteriores não tubulares..... *Stictorhinus*
- d. Origem da dorsal anterior ao ânus..... *Myrophis*
- dd. Origem da dorsal sobre o ânus ou um pouco atrás. *Ahlia*

Gênero *Echiopsis* Kaup, 1856

Corpo recoberto de manchas negras irregulares, boca ampla com fortes dentes caninos, vomerinos pequenos e dispostos em 3 ou 4 séries. Chegam a atingir 1 metro de comprimento e vivem em pequena profundidade. Deste gênero ocorre no Brasil a espécie *Echiopsis intortus* (Richardson, 1944) Kaup, 1860.

Echiopsis intortus (Richardson, 1844) Kaup, 1860

Ophisurus intortus Richardson, 1844

* Exceto *Ophichthus parilis* (Richardson, 1844) Jordan & Davis, 1892

Ophisurus sugillatus Richardson, 1844

Crotalopsis punctifer Kaup, 1860

Echiopsis intertinctus Kaup, 1860

Conger mordax Poe, 1860

Ophichthys schneideri Steindachner, 1879

Macrodonophis mordax Poe, 1868

Ophichthys punctifer Günther, 1870

Ophichthys intertinctus Günther, 1870

Crotalopsis mordax Goode & Bean, 1879

Mystriophis intertinctus Jordan & Evermann, 1896

Corpo irregularmente maculado, mais escuro no dorso e na cabeça, nadadeiras dorsal, anal e peitorais de margem negra. Dentes vomerinos pequenos e fixos em uma ou três séries com alguns caninos, dentes mandibulares em duas séries com longos caninos anteriores. Olhos pequenos, cerca de duas vezes no focinho.

Ocorre em todo o litoral brasileiro, onde vive em águas pouco profundas.

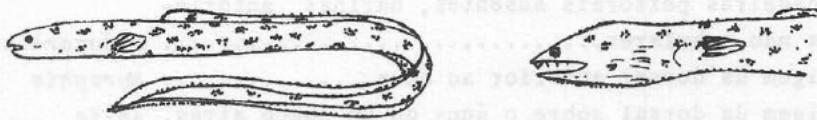


Fig. 13 - *Echiopsis intertinctus*

Gênero *Ophichthus* Thunberg & Ahl, 1789

Abrange espécies de dentes pontiagudos mais ou menos iguais; nadadeiras peitorais bem desenvolvidas, dorsal originando-se antes da abertura branquial; focinho cônico, mas não muito prolongado. O gênero possui numerosas espécies, algumas enterram-se na areia, outras freqüentam os estuários e existem aquelas de água doce.

Chave para as espécies brasileiras

- a. Narinas anteriores tubulares, com prolongamento filiforme..... b
- aa. Narinas anteriores tubulares, sem prolongamento filiforme..... *O. gomesii*
- b. Corpo com manchas negras grandes e ovaladas, as da cabeça menores..... *O. ophis*
- bb. Corpo sem manchas evidentes..... *O. parilis*

Ophichthus gomesii (Castelnau, 1855) Jordan & Davis, 1892

Ophisurus gomesii Castelnau, 1855

Ophisurus chrysops Poey, 1867

Oxydontichthys brachyurus Poey, 1868

Oxydontichthys limbatus Poey, 1880

Oxydontichthys macrurus Poey, 1880

Ophichthys gomesii Günther, 1870

Ophichthys chrysops Jordan & Gilbert, 1883

Ophichthus gomesii Jordan & Davis, 1892

Dentes vomerinos e mandibulares em duas séries subiguais, tubos nasais pequenos. Coloração olivácea escura dorsalmente e mais clara ventralmente, dorsal e anal de margem escura. Peitorais bem desenvolvidas e de topo afilado, dorsal e anal não confluentes, olhos grandes.

Vivem próximas à costa, em regiões arenosas. São comuns em todo o litoral brasileiro.



Fig. 14 - *Ophichthus gomesii*

Ophichthus parilis (Richardson, 1844) Jordan & Davis, 1892

Ophisurus parilis Richardson, 1844

Ophichthys pauciporus Poey, 1868

Ophichthys parilis Günther, 1870

Ophichthus parilis Jordan & Davis, 1892

Dentição semelhante a *O. gomesii*, assim como a coloração. Narinas anteriores tubulares apresentando prolongamento filiforme. Olhos pequenos cabendo 2,5 vezes no focinho; fêmeas com olhos maiores que os machos. Peitorais bem desenvolvidas. Dorsal e anal confluentes, porém curtas e arredondadas.

Costumam freqüentar estuários, porém preferem águas pouco profundas de fundo arenoso, embora sejam encontradas também em arrecifes.

São de porte médio, alcançando até 50 centímetros de comprimento.

Ocorre do Norte ao Sudeste do Brasil.



Fig. 15 - *Ophichthus parilis*

Ophichthus ophis (Linnaeus, 1758) Ahl, 1789

Muraena ophis Linnaeus, 1758

Ophichthus ophis Ahl, 1789

Muraena haunnensis Bloch & Schneider, 1801

Anguilla ophis Shaw, 1803

Ophisurus guttatus Cuvier, 1817

Herpetoichthys callisoma Abbott, 1860

Uranichthys havanensis Poey, 1867

Ophichthys havannensis Günther, 1870

Ophichthus triserialis Jordan & Davis, 1892

Ophichthus havannensis Jordan & Davis, 1892

Dentes vomerinos em série única, maxilares em duas séries, os do dentário, também em duas. Narinas anteriores tubulares com prolongamento filiforme. Dorsal e anal não confluentes com a caudal. Corpo recoberto de manchas ovaladas escuras, quase negras; as da cauda são menores. Nadadeiras, também pontilhadas de negro.

É comum no Nordeste brasileiro.



Fig. 16 - *Ophichthus ophis*

Gênero *Myrophis* Lütken, 1851

Corpo delgado subciliíndrico. Nadadeiras peitorais, às vezes, quase imperceptíveis, mas presentes. Nadadeiras dorsal e anal baixas e envolvendo a cauda. Dentes vomerinos anteriores em 2 ou 3 séries.

Espécies brasileiras

- a. Nadadeiras peitorais rudimentares..... *M. frio*
- aa. Nadadeiras peitorais um pouco maiores (facilmente identificável)..... *M. punctatus*

Myrophis frio Jordan & Davis, 1892

Nadadeiras peitorais menores que a abertura branquial, quase imperceptíveis, dentes maxilares em uma única série. Coloração pardacenta com minúsculos pontos mais escuros no dorso, nadadeiras mais claras. São de pequeno porte e preferem profundidades maiores.

Ocorre no Brasil, do Rio de Janeiro para o sul.

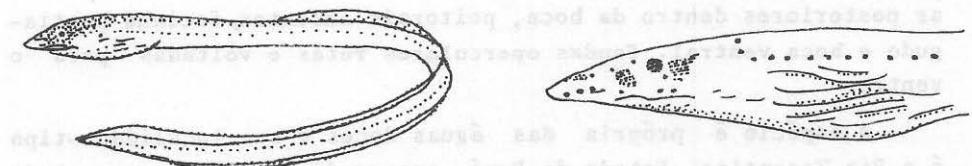


Fig. 17 - *Myrophis frio*

Myrophis punctatus Lütken, 1851

Myrophis longicellis Kaup, 1856

Myrophis microstigmus Poey, 1867

Myrophis lumbricus Jordan e Gilbert, 1883

Nadadeiras peitorais desenvolvidas, dentes vomerinos e mandibulares em uma única série, duas séries no maxilar. Coloração parda, de dorso pontilhado de escuro, ventre claro, um pouco mais escuro na altura das fendas operculares.

São de pequeno porte. Vivem em profundidades pequenas, costumam freqüentar águas estuarinas, sempre em locais de fundo arenoso.

Ocorre do Norte ao Sudeste do Brasil.



Fig. 18 - *Myrophis punctatus*

Gênero *Stictorhinus* Böhlke & McCosker, 1975

Nadadeiras peitorais ausentes, narinas anteriores não tubulares, dentes pontiagudos.

Stictorhinus potamius Böhlke & McCosker, 1975

Coloração escura dorsalmente com o focinho e as margens da nadadeira dorsal mais retintos. Narinas anteriores não tubulares, as posteriores dentro da boca, peitorais ausentes, focinho pontiagudo e boca ventral. Fendas operculares retas e voltadas para o ventre.

A espécie é própria das águas doces e sua localidade-tipo é o Rio Tocantins, Estado do Pará, ocorrendo, também, no estado da Bahia.



Fig. 19 - *Stictorhinus potamius*

Gênero *Ahlia* Jordan & Davis, 1892

Dentes vomerinos ausentes; nadadeira dorsal originando-se um pouco atrás do ânus. Cabeça moderadamente pontiaguda. Este gênero é muito semelhante a *Myrophis*, distinguindo-se, principalmente, pelas características acima citadas.

O colorido do corpo é variado - às vezes uniforme, claro ou escuro e, às vezes, com pontilhado esparsos.

A espécie que ocorre no Brasil é *Ahlia egmontis* (Jordan, 1884) Jordan & Davis, 1892.

Ahlia egmontis (Jordan, 1884) Jordan & Davis, 1892

Myrophis egmontis Jordan, 1884

Ahlia egmontis Jordan & Davis, 1892

Cabeça pequena e estreita, ligeiramente pontiaguda; narinas anteriores num pequeno tubo, as posteriores grandes e labiais. Boca ampla, ultrapassando a margem posterior dos olhos. Dorsal e anal aproximadamente do mesmo tamanho. Peitorais presentes, pequenas e arredondadas. Dentes subiguais em uma única série, os inferiores maiores do que os superiores. Dentes vomerinos ausentes. São de porte médio chegando a atingir cerca de 45 a 90 centímetros de comprimento. Apresentam-se pardacentos no dorso e mais claros no ventre.

São muito comuns do Norte ao Sudeste do Brasil.

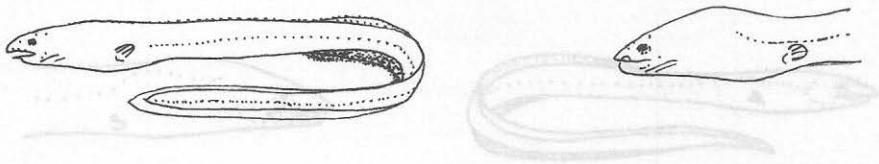


Fig. 20 - *Ahlia egmontis*

Família MURAENESOCIDAE

Anguiformes de corpo nu, aberturas branquiais e nadadeiras peitorais desenvolvidas; dorsal e anal confluentes com e caudal. Narinas posteriores não labiais e as anteriores tubulares; língua adnata, focinho não muito alongado, fenda bucal ampla, indo além dos olhos. Os lábios são grossos, mas sem dobras livres. Os dentes mandibulares e vomerinos são bem desenvolvidos, especialmente os do vomer, sendo os anteriores maiores que os posteriores.

Seus hábitos são semelhantes aos dos representantes da família Congridae.

No Brasil ocorrem dois gêneros: *Cynoponticus* e *Hoplunnis*.

- a. Dentes vomerinos em várias séries, a mediana com dentes maiores..... *Cynoponticus*
- aa. Dentes vomerinos em uma única série, caniniformes *Hoplunnis*

Gênero *Cynoponticus* Costa, 1848

Dorsal e anal bem desenvolvidas, boca ampla, ultrapassando um pouco a vertical traçada a partir da margem posterior da órbita. Dentes em mais de uma série, os da região mediana do vomer são caniniformes e muito robustos.

A única espécie brasileira é *Cynoponticus savanna* (Cuvier, 1829) Brancroft, 1831.

Cynoponticus savanna (Cuvier, 1829) Brancroft, 1831

Muraena savanna Cuvier, 1831

- Conger brasiliensis* Ranzani, 1838
Congrus curvidens Richardson, 1844
Cynoponticus ferox Costa, 1854
Conger limbatus Castelnau, 1855
Brachyconger savanna Bleeker, 1864
Muraenesox savanna Günther, 1870

Nadadeiras peitorais bem desenvolvidas com cerca de 17 raios, nadadeira dorsal muito longa, cerca de 1,5 vezes maior que a anal. Os dentes vomerinos que compõem a série mediana são tricúspides nos jovens, tornando-se inteiros nos adultos.

Atingem 1 metro de comprimento; são de coloração castanha escura dorsalmente, tornando-se mais clara à medida que se aproxima a região ventral; dorsal e anal de margens enegrecidas e peitorais pontilhadas de cor escura.

Vivem próximos da costa em profundidades variáveis. Ocorrem do Nordeste ao Rio de Janeiro.

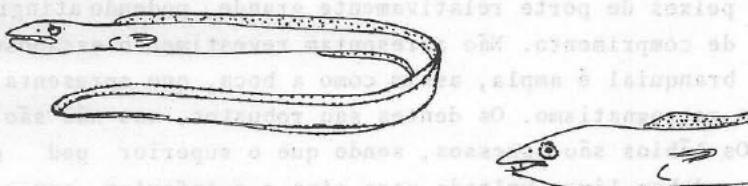


Fig. 21 - *Cynoponticus savanna* Bleeker visto a vista e

Gênero *Hoplunnis* Kaup, 1859

Este gênero se diferencia de *Cynoponticus*, principalmente pela dentição.

Nadadeiras dorsal e anal muito longas, confluentes coma caudal. Abertura branquial bem desenvolvida e as nadadeiras peitorais, embora desenvolvidas, são menores que em *Cynoponticus*.

A espécie que ocorre no Brasil é *Hoplunnis tenuis* Ginsburg, 1951.

Hoplunnis tenuis Ginsburg, 1951

Boca muito ampla, ultrapassando em cerca de um terço o bordo

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

orbital posterior. Lábios espessos. Abertura branquial bem desenvolvida, olhos contidos aproximadamente 4 vezes no focinho. Uma série de poros sensoriais na cabeça.

Seus hábitos não são, ainda, bem conhecidos.

Ocorre em todo o litoral brasileiro.

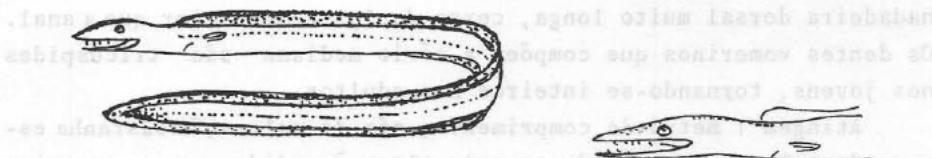


Fig. 22 - *Hoplunnis tenuis*
Família CONGRIDAE

São peixes de porte relativamente grande, podendo atingir até 3 metros de comprimento. Não apresentam revestimento escamoso; a abertura branquial é ampla, assim como a boca, que apresenta quase sempre retrognatismo. Os dentes são robustos, mas não são uniformes. Os lábios são espessos, sendo que o superior pode apresentar uma dobra livre voltada para cima e o inferior sempre apresenta a dobra voltada para baixo. As narinas anteriores são tubulares e as posteriores circulares situadas em frente aos olhos. As nadadeiras dorsal e anal são confluentes com a caudal. A dorsal inicia-se anteriormente, bem na frente, um pouco antes ou um pouco depois da base das peitorais, que estão sempre presentes.

Seus hábitos são noturnos e apresentam metamorfose, passando pela fase de leptocéfalo. As fêmeas crescem mais do que os machos.

A família é de distribuição ampla e, embora sejam freqüentes em águas pouco profundas, algumas formas penetram em maiores profundidades.

A carne da maioria das espécies é bastante saborosa. São peixes conhecidos vulgarmente por congro ou corongo.

Chave para os gêneros brasileiros

a. Boca apresentando um ligeiro retrognatismo, dentes su-

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

- periores não visíveis quando a boca acha-se fechada, lábios superior e inferior com dobra livre bem desenvolvida..... b
- aa. Boca com acentuado retrognatismo, alguns dentes superiores expostos quando a boca fechada, lábio superior sem dobra livre..... *Rhechias*
- b. Dentes superiores e inferiores em uma únicas série, dispostos juntos formando uma margem cortante..... *Conger*
- bb. Dentes superiores e inferiores em várias séries..... *Ariosoma*

Gênero *Rhechias* Jordan, 1921

São peixes de porte médio, atingindo aproximadamente 30 centímetros de comprimento. Não apresentam dobra livre no lábio superior, porém com acentuado retrognatismo.

A espécie brasileira é *Rhechias dubius* (Breder, 1927).

Rhechias dubius (Breder, 1927)

Apresenta coloração castanha dorsalmente, tornando-se mais claro ventralmente, sendo que a parte superior da cabeça é mais escura do que todo o restante do corpo e todas as nadadeiras apresentam-se claras. As nadadeiras peitorais são bem desenvolvidas e de forma aproximadamente triangular. A boca é ampla com uma dobra livre no lábio inferior; os dentes são visíveis quando a boca se acha fechada.

Ocorre em todo o litoral do Brasil e são encontradas em profundidades médias até 200 metros.

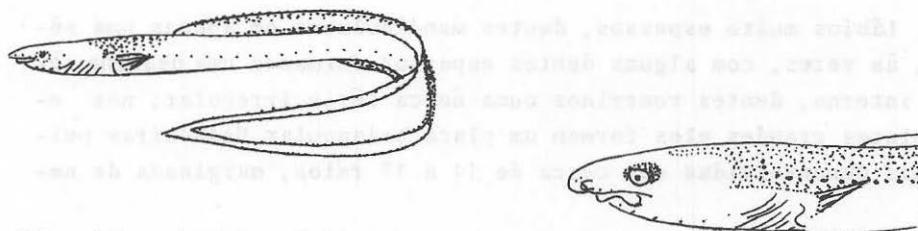


Fig. 23 - *Rhechias dubius*

Gênero *Conger* Oken, 1817

Os representantes do gênero *Conger* podem ser divididos em três grupos levando-se em conta a origem da nadadeira dorsal - 1) espécies em que a origem da dorsal é anterior ao topo da peitoral; 2) as de nadadeira dorsal originando-se posteriormente ao topo da peitoral; 3) espécies em que a dorsal origina-se na linha vertical que passa pela extremidade posterior da peitoral (Kanazawa, 1958).

O número de fileiras de dentes, o número de dentes comprimidos, e a forma dos dentes vomerinos, também, são características importantes para a distinção das espécies.

Uma ou duas fileiras de dentes podem ocorrer lateralmente. O número de dentes aumenta com a idade. A placa vomeriana é geralmente triangular. A boca é ampla atingindo normalmente a margem posterior da órbita.

Espécies brasileiras

- a. Três poros supratemporais, um ou dois pós-orbitais, quatro supraorbitais..... *C. triporiceps*
- aa. Um poro supratemporal, sem poros pós-orbitais, dois supraorbitais..... *C. orbignyanus*

Conger triporiceps Kanazawa, 1958

Conger brasiliensis Kaup, 1856

Conger occidentalis Kaup, 1856

Leptocephalus conger Nichols, 1921

Lábios muito espessos, dentes mandibulares em apenas uma série, às vezes, com alguns dentes esparsos formando uma pequena série interna, dentes vomerinos numa única série irregular; nos exemplares grandes eles formam um placa triangular. Nadadeiras peitorais desenvolvidas com cerca de 14 a 17 raios, marginada de negro.

Ocorre do Rio de Janeiro para o Sul do Brasil.

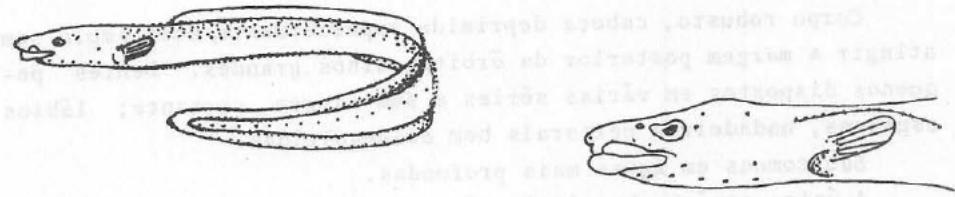


Fig. 24 - *Conger triporiceps*

Conger orbignyanus Valenciennes, 1847

Conger multidens Castelnau, 1855

Conger vulgaris Günther, 1870

Conger conger Günther, 1870

Leptocephalus conger Jordan & Davis, 1892

Leptocephalus orbignyanus Devicenzi, 1924

Placa dentária vomeriana de forma triangular, dentes mandibulares numerosos (51 - 59) e comprimidos. Nadadeiras peitorais desenvolvidas com cerca de 15 - 17 raios; a nadadeira dorsal origina-se na vertical que passa atrás da extremidade das peitorais. Apresenta coloração castanha escura ou cinzenta escura dorsalmente e ventre claro anteriormente e mais escuro posteriormente, os poros da linha lateral são claros, assim como as nadadeiras peitorais; as nadadeiras dorsal e anal possuem margem escura.

São de porte relativamente grande, atingindo cerca de 1 metro de comprimento. Sua carne é apreciada.

Sua distribuição geográfica no Brasil é semelhante à da espécie anterior.

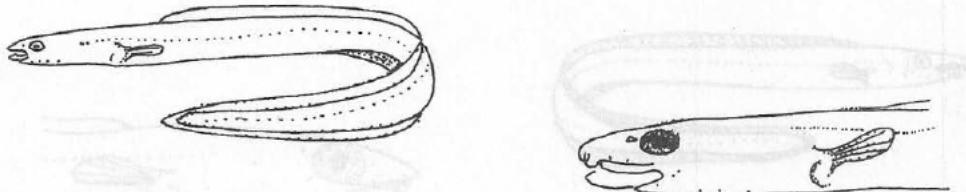


Fig. 25 - *Conger orbignyanus*

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

Gênero *Ariosoma* Swainson, 1838

Corpo robusto, cabeça deprimida superiormente, boca ampla sem atingir a margem posterior da órbita, olhos grandes. Dentes pequenos dispostos em várias séries e sem margem cortante; lábios espessos, nadadeiras peitorais bem desenvolvidas.

São comuns em águas mais profundas.

A única espécie brasileira é *Ariosoma opisthophthalma* (Ranzani, 1838).

Ariosoma opisthophthalma (Ranzani, 1838)

Muraena balearica De La Roche, 1809

Echelus ciuciara Rafinesque, 1810

Muraena cassini Risso, 1810

Conger opisthophthalma Ranzani, 1838

Ophisoma acuta Swainson, 1839

Conger microstomus Castelnau, 1855

Conger impressus Poey, 1860

Ophisoma analis Poey, 1866

Congermuraena balearica Günther, 1870

Ariosoma balearica Smith, 1965

Lábios espessos com dobras livres, olhos grandes de diâmetro aproximadamente igual ao comprimento do focinho. Dentes em várias séries não expostos quando a boca encontra-se fechada. Corpo escurto dorsalmente e mais claro ventralmente, o focinho apresenta uma mancha mais escura no seu topo; dorsal e anal de margem enegrecida e as peitorais são escuras.

No Brasil sua distribuição geográfica vai do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

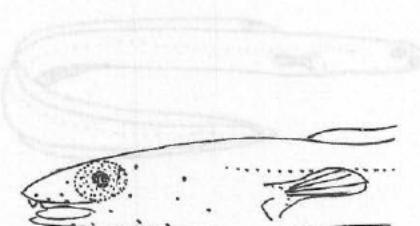
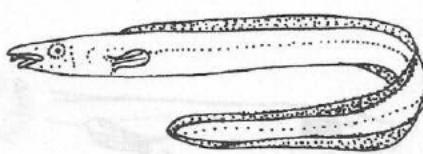


Fig. 26 - *Ariosoma opisthophthalma*

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

SUMMARY

In this paper the authors presents a list of the Brazilian species of eels with a brief description of them, as well as a revision of the group.

Generic diagnosis and notes of the habits are included with the geographical distribution of the species.

In this are presented artificial keys to the families, genera and species, with drawings.

BIBLIOGRAFIA

BÖHLKE, J.E.

1956. A small collection of eels from Western Porto Rico. *Notulae Naturae*. (289):1-13 ilustr.

BÖHLKE, J.E.

1956. A synopsys of the eels of the family Xenocongridae (including the Chlopsidae and Chilorhinidae). *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.*, 108:61-95 ilustr.

BÖHLKE, J.E.

1959. The characters and synonymy of Western Atlantic snail eel, *Ophichthus ophis* Linnaeus. *Notulae Naturae*. (320):1-9.

BÖHLKE, J.E.

1960. A new ophichthid eel of the genus *Pseudomyrophis* from the Gulf of Mexico. *Notulae Naturae*. (329):1-8 ilustr.

BÖHLKE, J.E.

1967. The descriptions of three new eels from the tropical West Atlantic. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.* 118(4):91-108 ilustr.

BÖHLKE, J.E. & BÖHLKE, E.B.

1976. The chestnut moray, *Enchelicore carychroa*, a new species from the West Atlantic. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.*, 127 (13):137-146 ilustr.

BÖHLKE, J.E. & MCCOSKER, J.E.

1975. The status of Ophichthid eel genera *Caecula* Vahl and *Sphagebranchus* Bloch, and the description of new genus and species from fresh waters of Brazil. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.*, 127(1):1-11 ilustr.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

BÖHLKE, J.E. & SMITH, D.G.

1967. A new Xenocongrid eel from the Western Indian and Western Atlantic Oceans. *Notulae Naturae*. (408):1-6 ilustr.

BÖHLKE, J.E. & SMITH, D.G.

1968. A new Xenocongrid eel from Bahamas, with notes on other species in the family. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.* 120 (2):25-43 ilustr.

BÜSSING, W.A.

1969. *Familias de peces marinos Costarricenses y de aguas continuas*. Fac. Cien. Letras. Univ. Costa Rica (Cienc. Nat.) (6): 1-39.

CARVALHO, J.P.

1943. Notas preliminares sobre a fauna ictiológica do litoral do estado de São Paulo. *Bol. Ind. Animal*. São Paulo. (150):27-81.

CASTLE, P.H.J.

1967. Toxonomic Notes on the eel, *Muraenesox cineraus* (Forskål, 1775), in the Western Indian Ocean. *Special Publ. Dept. Ichthyol. Rhodes Univ.*, (2):1-10 ilustr.

FIGUEIREDO, J.L. & MENEZES, N.A.

1978. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil*. II. Teleostei. Mus. Zool. Univ. S. Paulo: 1-75 ilustr.

GOVAN, Y.L.

1965. Catalogue Systematique des noms de genres de Poissons actuels. Maison Ed. Paris: 1-227.

GREENWOOD, P.H. et alii

1966. Phyletic studies of Teleostean fishes, with a provisional classification of living forms. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 131(4):341-445 ilustr.

GREGORY, W.K.

1959. Fish Skulls: a Study of the evolution of natural mechanisms. *Trans. Amer. Philos. Soc.* 23(2):VII+75-481 ilustr.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

JORDAN, D.S. & EVERMANN, B.W.

1896. The fishes of North and Middle America. Bull. U. S. Nat. Mus. (47) (1-4):1-3313 ilustr.

KANAZAWA, R.H.

1958. A revision of eels of genus Conger with description of four new species. Proc. U. S. Nat. Mus. 108(3400):219-267 ilustr.

PINTO, S.Y.

1975. *Lycocantis guarapariensis*, una nueva morena del Atlántico Occidental, Brasil (Actinopterygii, Anguilliformes, Muraenidae). Physis, 34(89):399-403, ilustr.

SMITH, J.L.B.

1962. The moray eels of the West Indian Ocean and the Red Sea. Ichthyol. Bull. Dept. Ichthyol. Rhodes Univ. (23):421 - 444 ilustr.

SMITH, J.L.B.

1962. Sand-dwelling eels of the Western Indian Ocean and Red Sea. Ichthyol. Bull. Dept. Ichthyol. Rhodes Univ. (24):446 - 466 ilustr.

SMITH, J.L.B.

1965. The sea fishes of Southern Africa. Central News Ag. S. Africa: V-XVI + 1-580 ilustr.

RESENHAS

DUBELAAR, C.N. 1986. The petroglyphs in the Guianas and adjacent areas of Brazil and Venezuela: An inventory with a comprehensive Bibliography of South American Petroglyphs. The Institut. of Calif., Los Angeles. *Monumenta Arqueológica*, 12; 326 p. 261 fig.

DUBELAAR, C.N.

1986. South American and Caribbean Petroglyphs. Foris Publ., Dordrecht/Riverton. 249 p.; 40 fig.; bibl. 31 p., Index. Caribbean Series, 3.

Recebemos, para resenha, duas obras do arqueólogo holandês C. N. Dubelaar, especialista da arqueologia do Caribe e das Antilhas.

A primeira, "The petroglyphs in Guianas and Adjacent Areas of Brazil and Venezuela" é basicamente um catálogo das obras rupestres levantadas (tanto pelo autor quanto por pesquisadores e naturalistas dos séculos XIX e XX), entre 0 - 8° N e 51 - 62° W. No total, são 92 sítios, reunindo cerca de 700 figuras, quase exclusivamente gravuras ("petróglifos").

Depois de uma exposição da metodologia de campo, a qual inclui um cuidadoso levantamento fotográfico, localização precisa e fichamento, o autor esboça uma tipologia dos tipos de traço (aplanamento, gravado picoteado ou polido, aproveitamento de relevos naturais, rebaixamento de superfície). Prossegue com o inventário dos sítios, por países: (pp. 17-229) Suriname, Guianas, áreas "vi-

zinhas" (Venezuela e Brasil, este último representado com 24 sítios).

Para cada país, apresenta-se a bibliografia específica, uma descrição dos sítios (com os textos antigos no caso de se tratar de sítio não documentado pelo autor), e uma ilustração de cada figura.

A obra termina com uma exaustiva bibliografia sobre os petróglifos de toda a América do Sul.

No seu conjunto, a obra responde perfeitamente ao seu objetivo documental, com uma excelente documentação em preto e branco, mapas e croquis de localização muito claros. A bibliografia final, que abrange a totalidade da América do Sul parece excepcionalmente completa, pelo menos até o ano de 1978, incluindo obras muito pouco divulgadas. Lamentamos apenas que, durante o decorrer da obra, o autor não tenha advertido mais claramente os leitores a respeito do cuidado com o qual devem ser interpretados os desenhos de A. Ramos. Para o leitor especialista em petróglifos do Brasil, falta, por outra parte, um relatório mimeografado de M. Parnes e A.M. de Souza "Relatório de pesquisas arqueológicas no Ceará" (Rio 1971), com levantamentos exaustivos de petróglifos cearenses. Assinalamos também a publicação recente (1986) das pesquisas de P. Mentz Ribeiro no estado de Roraima, e as microfichas das Lapas do Veadão e do Cabocho em Minas (N. Leite e M.A. Lima A. Prous, F. Paula e G. Silva, 1985).

Para o estudioso da arqueologia brasileira, fica uma frustação de ver excluída da obra uma parte da Amazônia sobre a qual se sabe muito pouco, e para a qual a erudição do autor teria certamente trazido informações de viajantes geralmente ignoradas.

Outra frustação, diante da massa e da qualidade da informação proposta, é a falta de um texto sintético que ordene os dados, embora isto não tenha sido a finalidade da obra. Um índice final teria sido também útil.

O segundo livro do mesmo autor, "South American and Caribbean Petroglyphs", preenche parcialmente estas falhas.

A primeira parte da obra (capítulos I - VIII) reúne, depois do histórico das pesquisas até agora realizadas no campo das gravuras rupestres, as informações presentes na bibliografia. Listam-se as observações sobre as técnicas de fabricação (cap. III),

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

os tipos de rôcha-suporte, a orientação das figuras, os métodos e as tentativas de datação (cap. IV - VII). No capítulo VIII, aborda-se as interpretações feitas por leigos e arqueólogos. A acumulação de dados apresentados e discutidos pelo autor é por vezes fastidiosa, mas é compensada pela visão de tudo quanto foi descrito sobre o assunto. Mencionaremos, por exemplo, a teoria segundo a qual teria sido utilizado o látex de certas plantas para desagregar as rochas, facilitando o seu trabalho; em relação ao Brasil, a lembrança de que os holandeses fizeram inscrições rupestres (Baerlaeus 1641). As interpretações fornecidas por grupos indígenas a respeito das gravuras são também enriquecedoras; a idéia de C. Dubelaar de que certas gravuras pouco elaboradas (depressões e riscos) corresponderiam não a intenção de representar alguma coisa mas ao desejo de penetrar a rocha (para entrar em comunicação com sua força?) é interessante.

O capítulo VIII (distribuição e classificação geográfica) é o mais importante. C. Dubelaar escolhe 19 temas ("pilot motif", equivalentes dos tradicionais "fósseis-guias" da arqueologia) cuja repartição permitiria delimitar "províncias" rupestres, numa volta aos métodos dos anos 30, evidentemente com base numa documentação bem mais rica. Embora não neguemos a utilidade dos mapas de repartição temática, acreditamos que a tentativa do autor dificilmente terá sucesso em certas regiões como o Brasil central, por várias razões:

A primeira, é que muitos "temas guias" têm uma repartição muito mais vasta que a que o autor menciona; deveria se analisar os conjuntos de temas e não temas isolados, e precisaria estudar separadamente as diferentes tradições presentes em cada região (cf Prous, Lanna e Paula 1981). Assim sendo, verificar-se-ia provavelmente que o motivo "vulvar" descartado como "guia" por C. Dubelaar por ser frequente em muitas regiões, está na verdade associado apenas a um conjunto rupestre (que chamamos em 1980 de "tradição geométrica central", numa obra ainda manuscrita). Em compensação, a maioria dos temas escolhidos como "pilot motif" por serem aparentemente limitados geograficamente aparecem casual ou frequentemente em quase todo o Brasil central, seja pintados, ou seja gravados (temas das figuras 12A, C; 13A, B; 14A, B, C, D;

15A, B, C, D; mais raros: 16C, e talvez uma forma relacionada com 16B, muito comum).

E aqui chegamos ao que acreditamos ser um ponto importante: se algumas "tradições" rupestres se manifestaram essencialmente através de gravuras (Trad. "Itacoatiara" por ex.), outras utilizam pinturas tanto quanto gravuras (Tradição São Francisco em Montalvânia por ex.), dependendo das regiões; assim sendo o mapeamento dos motivos apenas quando gravados pode mascarar a continuidade geográfica de suas manifestações. O método só seria válido se cada cultura pré-histórica tivesse se expressado apenas através de pinturas ou através de gravuras, o que não acreditamos.

Para finalizar, diremos que a primeira obra apresentada é um modelo que deve nos incentivar a apresentar a documentação de maneira sistematizada e aproveitável para os estudiosos. A segunda é preciosa por reunir uma farta documentação sobre as opiniões e teorias já publicadas, devidamente criticadas pelo autor; os quadros de repartição temática são úteis, embora fadados a serem logo ultrapassados. O ponto mais fraco é certamente a tentativa de estabelecer as regiões "petroglíficas". A propósito da excelente bibliografia, apenas lembraremos a existência de um mapa dos sítios rupestres brasileiros, que embora contenha várias imprecisões, tem relevância para o assunto (Albano 1979/80).

André Prous

Este documento não tem "partes separadas" sólidas, mas é dividido em seções de tópicos (assim como o seu e seu texto estão divididos entre diferentes autores) e, provavelmente, não é mais de utilidade. As seções são: 1) "Sítios rupestres e suas descrições"; 2) "Síntese das teorias e teorias críticas"; 3) "Bibliografia"; 4) "Mapa dos sítios rupestres brasileiros". No topo, há uma seção intitulada "Introdução", que é a única que não é dividida entre diferentes autores. Nesta seção, o autor faz uma breve introdução ao tema, abordando a origem das gravuras rupestres, sua classificação, sua cronologia, sua interpretação e sua função. Ele também menciona a existência de "tradições" rupestres, que são consideradas como aspectos culturais e sociais da cultura pré-histórica. Ele destaca a importância das gravuras rupestres para a compreensão da história e cultura dos povos pré-históricos do Brasil.

Bibliografia citada

ALBANO, Rosangela.

1979/80. Bibliografia sobre arte rupestre brasileira. *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, IV - V:185-88.
bibl. 1 mapa.

LEITE, N. & LIMA, M.A.

1985. L'Art rupestre de la Lapa do Veado, Januária/Montalvânia, Brésil (microfichas com pranchas a cores). Institut d'Ethnologie, Paris.

PARNES, M. & SOUZA, A.M. de.

1971. Relatório das pesquisas arqueológicas no Ceará. Rio de Janeiro, Centro de Investigação Arqueológica, 146p. il., mimeo.

PROUS, A.; LANNA, A.L. & PAULA, F.L. de.

1980. Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. *Pesquisas*; sér. antropologia, São Leopoldo, 37:121-46, 1 mapa, 5 pranchas, bibl. (Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira em homenagem de T.A. Rusins).

PROUS, A.; PAULA, F.L. & SILVA, G.R.

1985. La Lapa do Caboclo, Januária, Brésil. (microfichas com pranchas a cores), Institut. d'Ethnologie, Paris.

RIBEIRO, P.A.M.; RIBEIRO, C.T.; GUAPINDAIA, V.L.C.; PINTO, F. C. B. & FÉLIX, L.A.

1986. Projeto arqueológico de salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil - segunda etapa de campo (1985). Nota Prévia. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, 13:33-88. bibl., 55 fig.

Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:

ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UFMG

Destina-se este órgão à publicação de trabalhos científicos, sobre temas de ciência da natureza e do homem, arqueologia e ciências afins, elaborados por pesquisadores nacionais ou estrangeiros.

Todos os trabalhos encaminhados para publicação no "Arquivos do Museu de História Natural da UFMG" serão submetidos à aprovação dos membros do Corpo Editorial e de especialistas da área indicada pelo Presidente do Corpo Editorial. Os trabalhos aprovados serão publicados e os que necessitarem de revisão serão devolvidos ao autor principal ou a um de seus colaboradores, para que sejam consideradas as observações indicadas. Os trabalhos aceitos para publicação tornam-se propriedade do "Arquivos do Museu de História Natural da UFMG". Os autores são responsáveis pelos conceitos e informações neles contidos. É imprescindível originalidade e destinação restrita ao "Arquivos".

CARACTERÍSTICAS E NORMAS GERAIS

1. Apresentação em duas vias, em papel tipo ofício, com margens de 3 cm e espaço datilográfico duplo.
2. Redação de acordo com a lexicologia e sintaxe de língua utilizada. Serão aceitos textos redigidos em português, inglês, francês e espanhol.
3. Concisão sem sacrifício da clareza. Quando o original exceder a 15 páginas datilografadas, a publicação será condicionada ao consentimento do Corpo Editorial. Nesse caso não será obedecida a ordem de entrada dos trabalhos para publicação, ficando aguardando a melhor época para ser publicado.
4. Desenvolvimento de conformidade com a seguinte ordenação de itens:

4.1. TÍTULO

Em português e em inglês, este entre parênteses e logo abaixo daquele.

4.2. AUTOR E COLABORADOR (es)

Os nomes do autor e dos colaboradores por extenso virão depois do título, sendo o sobrenome grifado, seguidos de chamadas sob a forma de índice em algarismo árabe. A qualificação e o endereço dos autores serão colocados no rodapé da 1ª página, segundo a ordem das referidas chamadas.

4.3. RESUMO

Narrativa dos resultados e das conclusões, limitada a 200 palavras com apenas o parágrafo inicial, podendo conter informações sobre o material e os métodos caso a natureza do trabalho assim o exigir. Será em português, seguida da versão para o inglês (SUMMARY) ou francês (RÉSUMÉ).

4.4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A revista adota as normas ABNT-NB/66. A não ser no caso da arqueologia, onde a tradição já impõe no Brasil a norma utilizada no presente Arquivos.

4.4.1. Notas de Rodapé

a) Trabalho não consultado no original:

GICOVATE, M. Os Sambaquis. Rev. Nac. Educ., Rio de Janeiro, 9:71-8, 1933 apud GARCIA, C.D.R. & UCHÔA, D.P. Um Sambaqui do litoral do Estado de São Paulo. Rev. Préhist., São Paulo, 2:16, 1980.

b) Comunicação Pessoal:

MOREIRA, C.R. Comunicação pessoal. 1985. (Universidade Federal de Minas Gerais. Museu de História Natural. 30.000 - Belo Horizonte, MG, Brasil).

4.4.2. Citação no texto

Dispor-se-á a lista das referências em ordem alfabética. A citação no texto se fará segundo as circunstâncias, podendo o autor e a data serem citados entre parênteses ou somente a data: 1) autoria única: Exemplo (SILVA, 1971) ou SILVA (1971); ANUÁRIO (1973) ou (ANUÁRIO, 1973); 2) Dois autores: (LOPES & MORENO, 1974) ou LOPES & MORENO (1974); 3) Mais de dois autores: (FERGUSSEN et alii, 1979) ou FERGUSSEN et alii (1979); 4) Quando se tratar de mais de um trabalho citado, separar os autores por vírgula: DUNNE (1967), SILVA (1971) e FERGUSSEN et alii (1979) ou (DUNNE, 1967; SILVA, 1971; FERGUSSEN et alii, 1979).

5. ILUSTRAÇÕES

Os desenhos devem ser a nanquim, em papel vegetal e nas dimensões de 11,0 x 17,0 cm. As fotografias, bem nítidas e no tamanho 7,5 x 11,0 cm conterão no verso o nome do autor e os números correspondentes às legendas, por sua vez reunidas em folha à parte. No caso de os clichês ultrapassarem o equivalente a quatro páginas da revista, ou haver necessidade de impressão a cores, as despesas correrão por conta dos autores.

5.1. TABELAS

Sumariam os resultados numéricos. Serão construídas apenas com linhas horizontais de separação e sob a designação TABELA, seguida do número de ordem em algarismo romano e do respectivo título. No texto, a menção se fará pela indicação TAB. acompanhada do número de ordem.

5.2. GRÁFICOS

São desenhos de traços e pontos, com legendas sob os mesmos e precedidas da palavra GRÁFICO e do número de ordem em algarismo arábico. A citação no texto será pela indicação GRAF. acompanhada do número de ordem.

5.3. FIGURAS

O termo FIGURA designará desenhos, fotografias, e fotomicrografias, seguido de numeração em algarismo arábico e respectiva legenda disposta sob a ilustração. Será indicado no texto pela abreviatura FIG. acompanhada do número de ordem.

6. GRANDEZAS, UNIDADES, SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

Escritos de acordo com as normas internacionais ou, na ausência destas, as nacionais correspondentes.

7. AGRADECIMENTOS

Sob o título Agradecimento, em parágrafos anterior a REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, quando se referir a pessoas ou firmas.

8. DISPOSIÇÕES FINAIS

Os autores terão direito a 20 separatas. Os originais de trabalhos não aprovados serão devolvidos aos autores.

A reprodução e tradução de qualquer artigo, para fins comerciais, são proibidas. A transcrição em outras revistas científicas deve ser precedida de consulta ao editor.